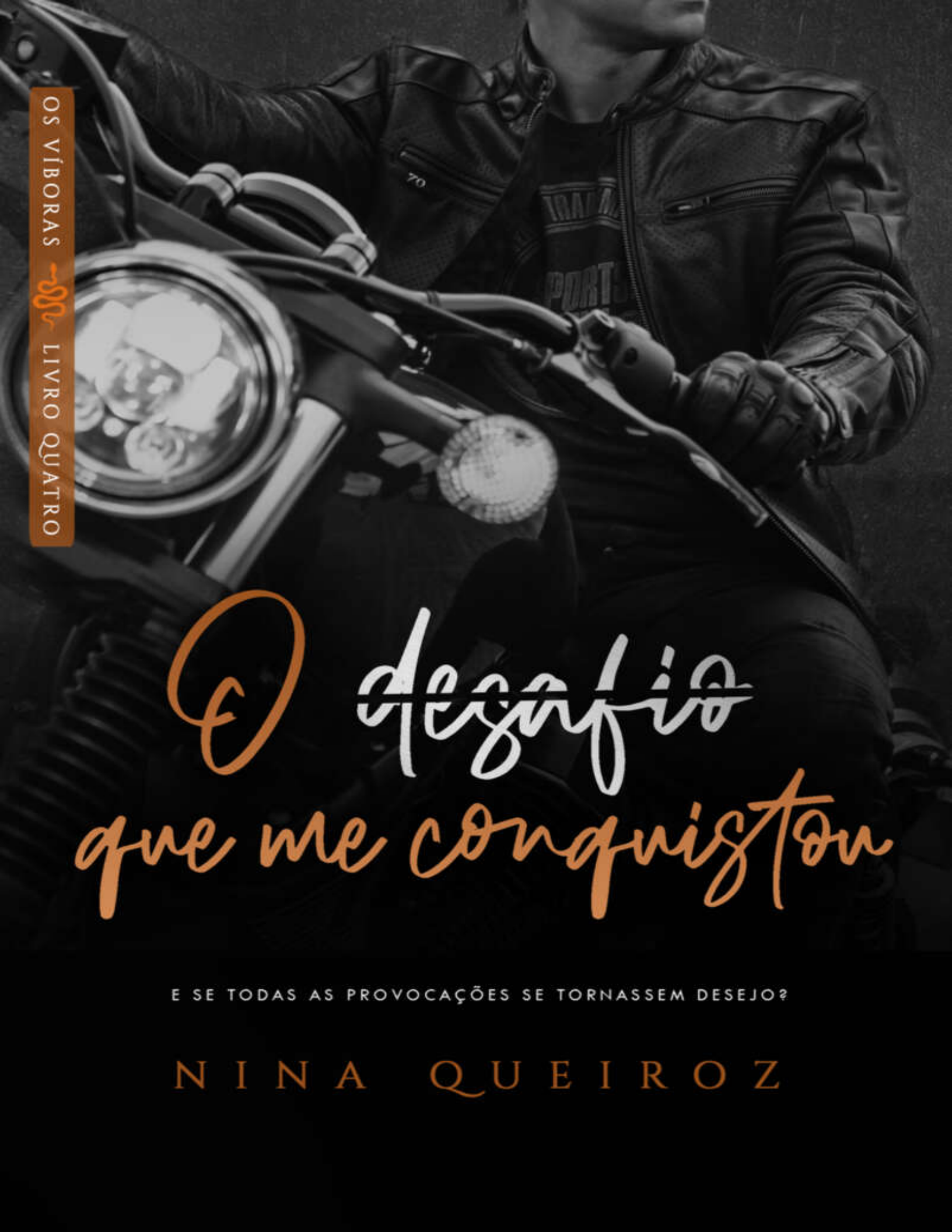

OS VÍBORAS
LIVRO QUATRO
O desafio
que me conquistou
E SE TODAS AS PROVOCAÇÕES SE TORNASSEM DESEJO?
NINA QUEIROZ

OS VÍBORAS

LIVRO QUATRO

O desafio que me conquistou

E SE TODAS AS PROVOCAÇÕES SE TORNASSEM DESEJO?

NINA QUEIROZ

OceanofPDF.com

Copyright © 2024, Nina Queiroz

O Desafio Que Me Conquistou

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: Larissa Chagas.

Diagramação: Nina Queiroz.

Revisão: Gabrielle Andrade e Amanda Mont'Alverne.

Betagem: Ani Marques, Andressa Rocha, Diana Burin, Judy Rodrigues e Marina Cardoso.

Ilustrações: Hanny (@Hdtarts).

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal. TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

OceanofPDF.com

SUMÁRIO

Playlist
Notas da Autora
Prólogo
Capítulo 01
Capítulo 02
Capítulo 03
Capítulo 04
Capítulo 05
Capítulo 06
Capítulo 07
Capítulo 08
Capítulo 09
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25

Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a Autora

OceanofPDF.com

PLAYLIST

OceanofPDF.com

NOTAS DA AUTORA

Oii, eu sou a Nina Queiroz, vulgo Nininha ou Nininha fofoqueira, e vim aqui humildemente dar três avisos para vocês!

Então, por favor, leiam até o fim. Prometo que dessa vez vou ser rápida e não irei tagarelar por vários parágrafos como sempre faço.

(Mereço até um prêmio por isso, ok? Muito difícil ser sucinta. Mas me disseram que quando as notas são grandes demais as pessoas pulam, por isso vim testar dessa forma).

Então, vamos lá.

O primeiro aviso sempre será o mais importante: os gatilhos! "**O Desafio Que Me Conquistou**" é um livro para **maiores de dezoito** e possui material sensível para **estresse pós-traumático**, **uso excessivo de álcool e drogas**, **violência** e **abuso psicológico**.

Logo, se você se sente desconfortável lendo algum desses temas, peço que abandone a leitura antes mesmo de começá-la. Sua saúde mental deve ser sempre priorizada e nenhum livro no mundo merece prejudicá-la.

O segundo aviso é que esse livro faz parte de uma série chamada **"Os Víboras"**. No entanto, não é obrigatória a leitura dos livros anteriores para a compreensão desse, uma vez que são **casais diferentes** e **histórias independentes**.

E por fim, mas não menos importante, todos os personagens dessa história são "humanos". O que significa que eles serão egoístas, interesseiros e que irão errar. Eles vão sentir raiva, solidão e culpa. Eles

foram criados dessa maneira de forma proposital e por isso, mesmo sendo falhos, espero que vocês consigam entendê-los.

No mais, desejo a todos uma ótima leitura e aguardo os surtos na minha DM, ok? Quero todo mundo obcecado pelo platinado engraçadinho e a megera mal-humorada.

Ps: Obrigada por ter lido até aqui!!

Ps 02: Se precisarem, ou quiserem, entrar em contato comigo, podem me chamar no direct @ninaqueirozautora.

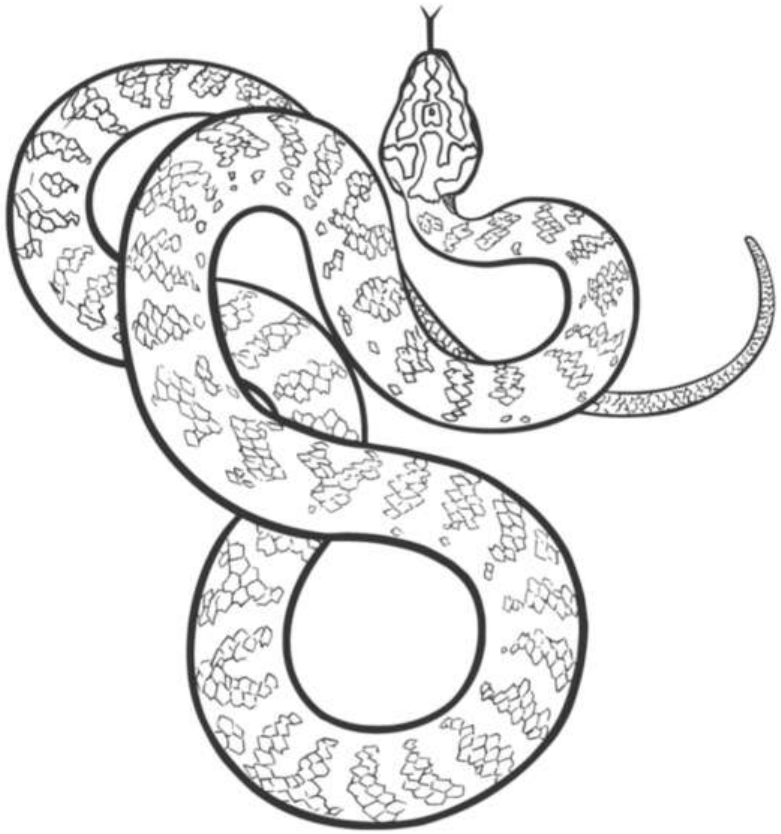
OceanofPDF.com

Para todos aqueles que escolheriam o engraçadinho, sem jamais imaginar o que está por trás de cada sorriso.

E para aqueles que nunca acreditaram no poder de um loiro com passado duvidoso, saibam que três anos de terapia ainda seria pouco para lidar com esse doido

OceanofPDF.com

Prólogo



"Eu prefiro qualquer tipo de morte do que um mundo vazio sem ela."

Nolan Jones

OceanofPDF.com

Ela era como um carro desenfreado, completamente sem rumo.
Eu era um viciado em velocidade, desesperado por adrenalina.

Normalmente, uma colisão entre nós seria inevitável.

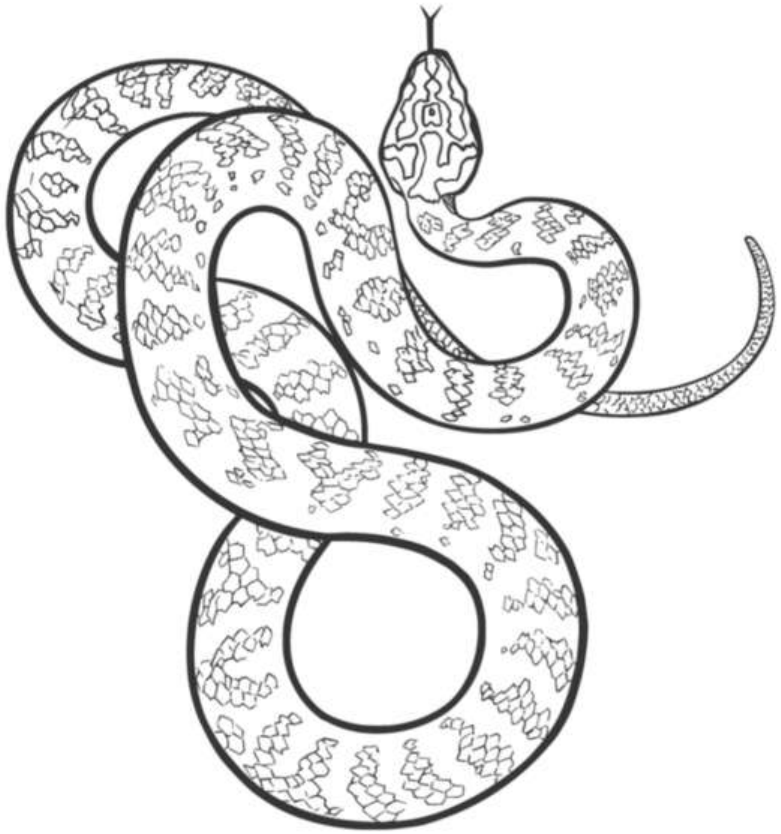
Afinal, um carro sem controle em algum momento acabaria destroçado.
E um motorista sem limites certamente machucaria alguém, isso é fato.

Mas, de alguma forma, eu desviei da linha de chegada antes de machucá-la.
E ela?
Bom, ela encontrou uma forma de frear sem sair afetada pela minha imprudência.

Ou melhor, era nisso que eu queria acreditar. Porém, não é a verdade.
Essa não é a história de como evitamos um acidente desastroso. Não, essa é a história de como dois inconsequentes sempre estiveram destinados à destruição fatal.

OceanofPDF.com

Capitulo 01



Eu não me sinto eufórico agora, me sinto vazio
Nova casa, carro novo, me sinto vazio
Você venceu, estrela de ouro, me sinto vazio
Sem pulmões, sem coração, me sinto vazio
EMPTY _ Chase Atlantic

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Bufo pela milésima vez e Aiden me encara, erguendo sua sobrancelha como se perguntasse se estou bem. Meneio o olhar até a enfermeira com um sorriso malicioso, fingindo interesse. Aiden revira os olhos e rio com um dar de ombros.

A mulher se aproxima de mim com a agulha gigantesca e, de modo automático, viro meu rosto para o lado, sem querer ver.

Merda.

Maldita seja Lauren Jones por me obrigar a fazer isso todos os meses.

— Você tem medo? — a mulher pergunta, solícita, amarrando o torniquete em meu braço.

Rio, olhando para ela de esguelha.

— Você já viu o tanto de tatuagens que tenho? Claro que eu não teria medo de uma agulha — zombo, mas no instante que ela aproxima aquela merda de mim, travo o maxilar e fecho os olhos.

Aiden deixa escapar uma risada que ecoa na sala de coleta e me pergunto por que diabos lhe pedi para vir comigo.

Com um amigo desses, antes chamar meu inimigo.

Ou talvez não, uma vez que a única pessoa que poderia ser atrelada a esse cargo está tendo seu primeiro dia na Kingly agora mesmo.

Droga, eu gostaria de estar lá. Adoraria ver Ravena Crawford completamente deslocada em nossa universidade. Desfrutaria da sensação de provocá-la até assistir o sorriso zombeteiro enfeitar seu rosto.

Aproveitaria, pela primeira vez, o peso e influência que a nossa fraternidade carrega.

Seria interessante, para dizer o mínimo.

Péssimo dia para os exames de rotina.

Me concentro na imagem da morena de olhos felinos em minha mente, e é bem mais fácil focar nisso do que na agulha que perfura meu corpo.

Para ser sincero, gosto da dor que causa, é quase como cócegas em minha pele. Então, não menti quando disse que não tenho medo disso. Meu verdadeiro e único problema aqui é o quanto odeio a visão do sangue.

Tenho imenso pavor e antes chegava até mesmo a desmaiar somente ao ver o líquido vermelho pegajoso. O cheiro de ferro sempre me deixa com vontade de vomitar e embrulha meu estômago.

É um terror.

Me acostumei um pouco depois que passei a conviver com Trent e Kian, ambos são lutadores ilegais e é inevitável os cortes e sangue em seus rostos sempre que voltam de uma luta. Quando faço uma tatuagem em alguém, também é comum sangrar, então isso me fez criar uma certa resistência.

Contudo, grandes quantidades como essa ainda me apavoram.

E, merda, por que diabos ela precisa de quatro tubos de sangue? O que ela sempre faz com tanto? Doação?

Sei que meu tipo sanguíneo é tão requisitado quanto eu, claro que seria, mas nunca me ofereci para esse tipo de atitude bondosa. Me mande para um serviço comunitário, me peça para fazer sopa para idosos fofinhos, porém, jamais me coloque para doar sangue.

Não que eu fosse poder fazer isso.

Quase rio em pensar na mera possibilidade, afinal, meu sangue é sujo. O tanto de bebida e drogas, lícitas e ilícitas, que ingiro seria facilmente um grande empecilho. Nem mesmo meu corpo suporta mais

todas essas minhas merdas e se vissem isso, talvez, ao invés de me mandarem para um hospital, eu fosse enviado direto para a cadeia.

O que não daria em nada. O pai de Aiden é o principal juiz do Canadá, sua mãe uma das melhores advogadas do país, então eu não passaria nem mesmo uma noite preso. Ele jamais deixaria, embora o laranja me caia muito bem, e é por isso que ele é o amor da minha vida.

Há momentos em que ser seu amigo é uma puta dádiva.

Entreabro os olhos rapidamente e o encaro, soprando um beijo em sua direção. Ele bufa e me fita como se eu fosse louco. Suas íris escuras deixam claro que ele não entende minha atitude aleatória e não o julgo, infelizmente, Aidenzinho ainda não está tão conectado comigo a ponto de conseguir ler meus pensamentos.

Rio.

Se Aiden ficasse dentro da minha cabeça por um dia, ou melhor, por algumas horas, ele provavelmente enlouqueceria. Diferente dele, de Kian e até mesmo Trent, eu não faço terapia.

Todos nós somos fodidos e precisamos disso, mas eu fui o único que escolhi largar essa merda. Era demais para mim. Hazel sempre queria voltar para o mesmo ponto, para o momento crucial onde minha vida mudou. Para o maldito ano em que as coisas ficaram desestabilizadas.

E eu sei que esse é o trabalho dela, mas o grande problema era justamente o fato de que esse é o único evento do qual eu não consigo falar. Ela dava voltas, mudava o assunto e me distraía, mas sempre retornávamos para aquele mesmo lugar.

Era irritante e estressante. Minha cabeça doía e eu me sentia cansado com suas perturbações.

De que adianta falar sobre algo que já aconteceu? Por um acaso, um evento passado irá ser modificado se for comentado sobre? Os culpados se tornarão inocentes e a forma de encarar a situação será alterada com uma conversa?

É patético, claro que não funciona assim.

Por esse motivo, larguei a terapia. Entretanto, jamais deixaria nenhum deles fazer o mesmo, porque nossos casos são diferentes. Eles precisam disso, eu não.

— Prontinho. — A voz suave da mulher ecoa outra vez e espero que ela coloque o curativo sobre o furo para eu poder abrir os olhos.

Quando ela faz isso, se afastando com os tubos de sangue, encaro Aiden.

— Ao menos dessa vez você não chorou — debocha, se aproximando da cadeira.

— Me esforcei muito para esse feito, está bem? Mereço até um prêmio. — Levo minha mão ao peito, demonstrando o quão difícil foi me manter firme.

Uns três meses atrás, enviaram um enfermeiro novo para tirar meu sangue. Não sei o que caralhos havia de errado naquele dia, não faço ideia se ele não tinha experiência ou se foi ódio gratuito — o que não faz sentido, porque até sorri largamente para ele —, mas ele acabou enfiando a agulha com muita força, sua mão era pesada e ele sequer pegou minha veia.

A dor e o espanto foram o suficiente para me fazer gritar assustado, e quando gritei, ele puxou a agulha com violência e vi meu braço sangrando. Para mim, isso foi quase uma tentativa de assassinato. Até hoje guardo essa recordação como o dia em que quase morri.

Claro que chorei, foi inevitável.

Chorei como um bebê e só piorou tudo quando vi o sangue manchando minha bela pele.

Foi uma tortura.

Aiden ficou desesperado na hora, ele sempre me acompanha nos meus exames e se não pode vir, algum dos outros Víboras o substitui, como Trent ou Nick, embora ninguém saiba o motivo pelo qual sempre quero companhia.

Depois que o caos inicial passou e fui prontamente salvo, ele começou a rir e falou sobre como eu chorava com facilidade. E, bom, não

acredito nessa droga que falam sobre homens não chorarem, porque eu choro e choro até demais.

Semana passada, Vic, a namorada de Kian e o membro recém-aceito da nossa fraternidade, me colocou para assistir a porra de um dorama que ela está maratonando. Aceitei somente porque ela disse que era uma coisa envolvendo fantasmas e me parecia interessante. Claro que eu deveria ter suspeitado, ela estava com um semblante assustadoramente animado e foi vaga demais sobre o enredo, contudo, fui burro e aceitei mesmo assim. Achei que fosse ter uma *vibe* parecida com os programas da *Disney*, envolvendo animação, mas aquela porra é extremamente triste e a loirinha estava se acabando de rir enquanto eu soluçava de chorar ao ver os fantasmas se despedindo dos seus parentes vivos.

Prometi a mim mesmo nunca mais assistir nada indicado por Victoria Stewart depois daquela tarde.

— Quando os resultados saírem, serão enviados por *e-mail* como sempre é feito — a mulher avisa ao retornar, agora sem as luvas de látex. — Se já tiver finalizado tudo na recepção, você está dispensado. — Ela meneia a cabeça em minha direção.

Seus olhos são suaves e reconheço o quão bonita ela é. Mesmo eu claramente nunca a tendo visto fora do hospital — ao menos acho que não —, consigo idealizar os cabelos castanhos soltos e o rosto redondo por detrás da máscara.

Se eu a encontrasse em uma festa, certamente ela me chamaria atenção e acabaria em minha cama antes que a noite chegasse ao fim.

Por aquelas poucas horas, eu a recompensaria por todo o cuidado que ela teve na minha coleta de sangue. *Eu definitivamente a recompensaria muito bem.*

Pisco algumas vezes para afastar os pensamentos e estico minha mão em direção a Aiden.

— O quê? — resmunga, me encarando com mau humor evidente.

— Eu estou fraco, perdi muito sangue — dramatizo.

— Vai se foder, foram só quatro tubos.

— Você vai mesmo se recusar a me ajudar? — Estalo a língua. — Você é um péssimo amigo, acho que irei ligar para a Nini me levar até em casa, não me sinto bem o bastante. — Guio minha mão ao coração enquanto uso a outra para tatear em meu bolso, procurando pelo celular.

Seu semblante rapidamente muda com a menção à sua namorada, Aiden tende a ser um pau-mandado ciumento. E mesmo ele tendo ciência de que eu jamais me envolveria com Nicolly, ainda age como um brutamontes possessivo sempre que o provoco.

— Vamos logo, você está me fazendo perder tempo. — Ele me puxa pelo braço, me ajudando a levantar, e rio, me divertindo com sua atitude.

— Não seja grosso com o seu favorito, você tem sorte de eu não ter pedido para me carregar nas costas.

Ele bufa e a enfermeira parece se entreter conosco.

Minha relação com Aiden é diferente da que tenho com os outros. Quero dizer, eu faria de tudo por cada um da nossa fraternidade. E isso é muito, significa que oito pessoas possuem poder sobre mim. Oito malditas pessoas me fariam comer o pão que o diabo amassou, oito pessoas possuem o poder de me fazer ser preso para protegê-los, me envolver em brigas e até mesmo ameaçar os outros, quando odeio todas essas possibilidades.

Por eles, eu faria absolutamente qualquer coisa. Mas Aiden… ele é o único que sabe. E mesmo que nossa aproximação tenha começado unicamente por mim, mesmo que ele fosse irritante no começo, hoje possuímos o tipo de relação que deixaria muitos com inveja.

Afinal, todos os outros são a minha família, mas Aiden é como se fosse um irmão mais velho que me salva quando preciso e fico perdido.

Paro em frente à mulher e Aiden me fita, esperando para ver o que farei.

— Obrigado por ter sido a deusa da gentileza, cara enfermeira. Serei eternamente grato por suas mãos angelicais. — Seguro os seus dedos delicados com cuidado e pisco sedutoramente em sua direção.

Ela pigarreia, sorrindo constrangida, e o canto da minha boca se ergue de modo malicioso.

— Não há de quê. Se precisar de alguma coisa, pode procurar por mim no nosso laboratório.

— Não esquecerei disso.

A mulher coça a garganta me observando, e a encaro de cima a baixo uma última vez antes de me afastar. Aiden bufa ao meu lado.

— Isso é irritante — rosna assim que chegamos no corredor.

— Isso o quê, Aidenzinho? — Pisco inocentemente em sua direção, entrelaçando meu braço no seu.

Ele me empurra e rio.

— Você não pode foder com a enfermeira — ralha.

— Por quê? — pergunto, já tendo ciência disso, mas querendo estender o assunto para esquecer que estamos no corredor de um hospital.

Meu corpo inteiro se arrepia com as paredes brancas e o cheiro absurdo de limpeza.

Merda, odeio mesmo hospitais.

— Porque ela nitidamente trabalha bem e não perfura você no lugar errado.

— Mas o papel de perfurar algum lugar nesse caso seria meu. — O tom que uso é intencionalmente provocativo e ele acerta um tapa em minha cabeça.

— Você é um idiota.

— Porra, é por isso que Lauren me manda fazer tantos exames. Vocês vão acabar deslocando meu cérebro e me deixando doente desse jeito. — Esfrego meus cabelos platinados.

Para que essa violência? Alex deveria proibir o uso exacerbado dessas agressões.

— Suponhamos que você foda com ela igual faz com todos os outros, mas que as coisas terminem mal. Ela ficaria irritada e poderia espalhar boatos sobre você. Ou talvez, sempre conseguir ser escalada para vir retirar o seu sangue e não pegar sua veia de propósito? — murmura,

pensativo. — Já pensou se todos agem como aquele enfermeiro depois disso? Quem sabe ele até fez aquilo de propósito porque vocês transaram e você se esqueceu dele — provoca, e arregalo os olhos com a possibilidade.

Eu, de fato, não lembro de nem mesmo um terço das pessoas que já fodi. Mas…

— Será? — soo assustado, e Aiden me lança um sorriso de lado, dando de ombros.

— Faça o teste com a enfermeira e descubra.

Balanço a cabeça em uma negativa firme com a mera ideia.

— Eu estava zoando, ela sequer faz meu tipo. — Descarto com um gesto de mãos.

— Que milagre, existe mesmo alguém que não faça seu tipo?

— São casos raros e escassos, mas infelizmente sim. — Solto um suspiro triste. — Queria que existissem cópias minhas espalhadas pelo mundo, isso seria mais justo com os outros seres humanos, uma vez que somente eu não dou conta de todos sozinho. — Forço uma expressão triste e ele revira os olhos.

— E exatamente quem não faz seu tipo? Além de Morgana, Nick, Victoria e Alex? — questiona, e nego.

— Por que você as citou? Elas fazem totalmente meu tipo — falo seriamente para provocá-lo. — Exceto Alex, porque a Alex me assusta. — Simulo um arrepio ao pensar na garota de olhos cinzentos que engana todos fingindo ser um homem, quando, na verdade, é quem comanda nossa fraternidade com maestria.

— Diga novamente que Nick é seu tipo e sou eu quem irei assustá-lo.

— Cadê sua autoconfiança, Aidenzinho? — Pisco de forma inocente. — Juro solenemente ser fiel a você.

— Vai se foder — ralha, mas seu tom é bem-humorado, e sorrio, satisfeito por já estarmos perto do estacionamento quando o silêncio nos atinge.

Mais uma vez, escapei dessa merda ileso.

É reconfortante.

Enquanto ele segue em direção à sua moto e faço o mesmo, indo até a minha, acabo pensando na sua pergunta sobre quem não faz meu tipo.

Não sou exatamente exigente, só não me envolvo com três tipos de pessoas. Primeiro: aquelas que me são úteis, como enfermeiras e professores, porque as chances das coisas acabarem mal são grandes. Segundo: aquelas de quem sou próximo – como as meninas da fraternidade – ou que podem acabar desenvolvendo algum tipo de sentimento por mim depois de uma foda insignificante – por isso costumo evitar todas as "Maria Motor" que me parecem complicadas. E por fim, o terceiro: Ravena Crawford.

Ela não se encaixa em nenhum dos dois primeiros grupos, mas eu nunca poderia me envolver com alguém como ela. Ravena me deixa inquieto e incomodado, sua presença tem sido constante e irritante desde a primeira vez que ela apareceu para correr e me venceu. Seu modo de falar é debochado e suas provocações me fazem ranger os dentes.

Tudo nela me tira do sério, mas o motivo que verdadeiramente me mantém distante são seus olhos. Ravena possui insanidade dançando no olhar, e reconhecer em outra pessoa a mesma loucura que vejo nas minhas íris todas as manhãs, é perigoso.

Porque se Ravena for minimamente parecida comigo, eu realmente não posso estar perto dela.

OceanofPDF.com

Capitulo 02

É assim que eu sou
Uma pílula amarga
Eu realmente não me importo
Como meu silêncio mata
Born Without a Heart _ Faouzia

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Hunter Roux, o segundo no comando depois de Alex, meneia sua cabeça na minha direção, me desejando boas-vindas. Ou melhor, desejando isso a todos nós.

Todos aqueles que foram transferidos de Conhard para cá depois do incêndio que deixou a nossa universidade em estado crítico.

Reviro os olhos, quase entediada com o espetáculo que eles fazem em cima disso. Quero dizer, por que diabos eles precisam vir juntos como um batalhão pronto para uma guerra?

Quanto exagero.

E os semblantes, então? Droga, eles combinaram de esboçar a mesma expressão azeda de quem comeu algo e não gostou? Qual é? As pessoas aqui temem mesmo isso?

Aparentemente, sim.

Porque todos, até mesmo aqueles que vieram comigo, parecem intimidados com a presença deles. E embora eu saiba que esse é o intuito, uma vez que são eles que comandam tudo, me incomoda.

Por que diabos vir dar boas-vindas se nenhum parece solícito?

Hunter, o filho do prefeito da cidade, está ao lado da garota loira – que é sua namorada. Ele me fita como se eu fosse insignificante e torço muito para que ele saiba o quanto a recíproca é verdadeira.

Que saco.

Bufo, encarando Trent Hill e Morgana Watson, eles também me olham com indiferença. Sei que a garota ruiva é filha do reitor da Kingly e

que o seu namorado é o herdeiro da maior empresa de tecnologia do país.

No lado oposto ao deles estão Kian Reid e Victoria Stewart, os vi poucas vezes até agora, a garota principalmente. Até onde sei, ela é a única que não tem pais influentes, mas que mesmo assim se tornou extremamente temida e poderosa por ter entrado para os Víboras.

Afinal, isso é um feito e tanto, já que eles são seletivos. Uma fraternidade que possui apenas nove participantes, onde oito deles são filhos das pessoas mais importantes do Canadá, certamente é desejada por todos. E ela, ainda assim, entrou.

Observo a garota que só começou a frequentar as corridas há poucas semanas. Ela é a única que não parece se encaixar ali. Seus olhos são gentis e quando percebe minha atenção, ela sorri. Me pergunto como ela foi acabar envolvida com Kian, o garoto com a grande cicatriz no rosto aparenta ser cruel e sombrio, mas ela claramente discorda disso. Os dois, na verdade, me parecem completamente opostos e acho quase fascinante.

Meneio a cabeça em sua direção, sem querer ser rude quando ela é a única disposta a me oferecer simpatia.

Ou melhor, ela é quase a única. Porque Nicolly LeBlanc, perto de Morgana, também me encara com simpatia no olhar. Já competi contra ela uma vez e admito que foi interessante, a morena corre bem. Mas, normalmente, quem disputa comigo é Aiden Parker, seu namorado. Eles obviamente também são filhos de pessoas influentes. Se não me engano, os pais dela são médicos e os dele juízes, ou alguma merda do tipo. Não me importo o suficiente para prestar atenção no que falam sobre os Víboras. Já tenho coisas demais na minha cabeça para perder meu tempo decorando a profissão dos meus rivais e seus familiares.

Para ser sincera, eu não os considero importantes o bastante para serem nem mesmo meus rivais. Porém, na pista, quando a noite cai e a largada é dada, é exatamente isso que eles se tornam.

E é irônico que justamente os dois corredores ilegais dos Víboras não estejam aqui hoje.

Aiden Parker e Nolan Jones não estão à vista em lugar nenhum.

Eu deveria agradecer por isso, certo? A presença de Aiden não faria diferença alguma, mas a de Nolan me incomoda ao extremo.

Suas piadas são irritantes e seu ego é maior do que ele mesmo. Além de que ele tem a profundidade de uma porta e sempre aparenta estar bem com absolutamente tudo.

É exasperante.

Pessoas como Jones são as que mais me tiram do sério.

— Se precisarem de algo, a sala do reitor fica lá em cima e Elijah certamente designará alguém para guiá-los — Hunter decreta por fim e aceno, cansada de toda essa ladainha.

Ameaço me afastar, porém, Jake segura meu pulso com força, me impedindo de fazer isso. Encaro o gesto, irritada por ter seus dedos sobre minha pele e o idiota me lança um sorriso nervoso.

Franzo o cenho sem entender o que diabos ele quer e essa nossa pequena interação é tempo o bastante para que os Víboras se dissipem, saindo pelo mesmo caminho enquanto ignoram todos à sua volta.

— O que você acha que está fazendo? — ralho, puxando meu braço para longe dele.

Encaro a pele em meu pulso e perco alguns segundos admirando a beleza das tatuagens ali.

Nossa, elas são mesmo incríveis.

Me pergunto se ainda consigo colocar mais alguma nessa região, contudo, para minha tristeza, tenho começado a ficar com pouco espaço livre em meu próprio corpo.

— Essa é a merda do território deles e não queremos brigar com os Víboras logo no primeiro dia — Jake fala, trazendo minha atenção de volta à realidade.

— O quê?

— Por isso segurei seu pulso — esclarece. — Aqui devemos evitar as provocações, Rav.

Sorrio de modo sarcástico.

— Como me afastar poderia ser considerado uma provocação? — Inclino a cabeça para o lado, fingindo não saber sobre o que ele está falando.

Jake revira os olhos.

— Nunca sei se elogio o seu talento para se fazer de desentendida ou se me assusto com ele. — Bufa e estalo a língua.

Jake tem razão, não seria apenas sobre me afastar. Eu estaria fazendo uma cena desnecessária ao dar as costas para os Víboras quando eles são "solícitos" em nos oferecer boas-vindas.

Fomos transferidos e a Kingly não se opôs em momento algum a isso. Na verdade, eles até mesmo se deram ao trabalho de vir nos receber. E embora o intuito por trás disso claramente não seja sobre ser amistoso e sim sobre esbanjar poder, embora estejamos pagando o valor exorbitante da mensalidade da mesma forma que os outros, ainda assim eu estaria sendo uma filha da puta em apenas me afastar.

Que irritante.

Esses momentos em que preciso agir com polidez e educação sempre me travam. Não sou exatamente a melhor pessoa nesse quesito.

E tudo bem que eu não me importo com os Víboras ou com o poder que eles possuem, mas Jake foi minimamente sensato em me prender no lugar. Acho que para o primeiro dia essa foi realmente a atitude correta.

Mas só porque foi o primeiro dia.

— Obrigada — murmuro por fim.

— *O-o* quê? — Jake pisca, sempre tendo a mesma reação surpresa ao me ouvir usar essa palavra.

Reviro os olhos.

— Vou para a aula — falo, sem me dar ao trabalho de repetir.

Meu ombro esbarra no seu de modo proposital quando me afasto e ouço-o resmungar, ficando para trás. Sorrio levemente.

Sou amiga de Jake há quase três anos, nos conhecemos em uma das corridas e foi questão de pouco tempo para ele sair da posição de meu rival para se tornar minha dupla.

Até hoje não sei explicar como isso aconteceu, nunca fui considerada alguém fácil de cultivar amizades. Porque ou acabo transando com as pessoas à minha volta ou fodendo com as coisas ao me cansar de suas personalidades.

É sempre assim.

Enjoo das pessoas com a mesma facilidade que enjoo de um programa ou uma comida. Ninguém é interessante o suficiente para capturar minha atenção por muito tempo e normalmente prefiro ficar sozinha, porque minha própria companhia já é boa o bastante.

Contudo, com Jake é diferente. Eu nunca ultrapassei o limite com ele. Quero dizer, já o beijei uma ou duas vezes antes e depois de algumas corridas e muitos pensam que temos algum tipo de relacionamento por isso. No entanto, todos os beijos não passaram de uma brincadeira, isso nunca teve um grande significado ou mudou nossa relação.

Eu até poderia dizer que o vejo como um irmão, mas falar isso levando em conta que sua língua já esteve compartilhando saliva com a minha seria estranho para um cacete, por isso não externo esse pensamento. Então prefiro dizer que ele é como um animal de estimação do qual me sinto compadecida e tenho algum afeto.

Eu nunca o afasto porque ele nunca se aproxima a ponto de me sufocar. Sua presença é útil e ele até que é bom amigo.

Verdadeiramente gosto de Jake, e isso é raro.

Passo pelo corredor, procurando pela sala B e sinto os olhares recaírem sobre mim. As pessoas que assistem as corridas certamente me reconhecem e tento ignorá-las. Não tenho problema nenhum em chamar atenção, mas me incomoda estar fazendo isso enquanto uso esse uniforme ridículo.

Ajeito a saia xadrez e continuo andando com a cabeça erguida. Meus passos são determinados e me obrigo a esquecer que existem pessoas à minha volta. Era mais fácil fazer isso em *Conhard*. Lá tudo era diferente.

Lá, a minha presença era temida. Ninguém me olhava e eu já tinha a fama da “megera dos Alpha”. E se for para ser sincera, não faço ideia de como ganhei esse apelido.

Me pergunto se o fato de morar sozinha, ao invés de ficar com os outros membros, teve influência. Mas a verdade é que nunca me dei ao trabalho de rebater, ou perguntar o motivo, porque não me importo.

Eu gostava de ser tachada como megera, dessa forma ninguém tentaria saber mais sobre mim ou me incomodaria. Assim ninguém perceberia que o sobrenome Crawford pertence a Steven Crawford Lawrence, o maior diretor de cinema da atualidade. E muito menos suspeitariam que a filha misteriosa que o homem tem com Emma Crawford Lawrence, a atriz famosa com cinco indicações ao Oscar, sou eu.

Até hoje, ninguém suspeita.

Me pergunto se o fato deles usarem o sobrenome Lawrence ao invés do Crawford ajuda ou se apenas sou muito boa me escondendo.

Na verdade, nos Estados Unidos há boatos de que morri. Outros dizem que sou louca e fui mandada para o famoso internato da Suíça, e há aqueles que apostam que fui enviada para um orfanato ainda quando criança. Afinal, isso explicaria o fato de que sumi das mídias há mais de dez anos.

No exato período em que meus pais decidiram que o mundo de Hollywood não me faria bem. Eu tinha onze anos na época e achava uma tortura sempre estar acompanhada dos *paparazzi* e dos seguranças. Odiava não ser normal, detestava o estudo em casa e repugnava o fato de que todos os meus amigos sempre vinham me visitar acompanhados dos seus pais, desesperados por um autógrafo dos meus.

Um dia, eu comecei a chorar porque ouvi minha melhor amiga dizendo que eu era chata e não queria mais ficar na minha casa, mas sua mãe insistiu, contando que isso era uma amizade vantajosa para o futuro. A Ravena de onze anos impôs sua voz aos seguranças e os mandou expulsarem-nas com raiva cega, mas depois subiu correndo para o seu quarto e chorou a tarde inteira.

Quando minha mãe chegou e viu meus olhos inchados, ela perguntou se eu queria me mudar para um lugar onde isso tudo acabaria. Aceitei imediatamente, sem me dar conta de que ficar fora do mundo deles significava ficar sem eles.

Os primeiros meses morando só com a governanta, fazendo ligações e tendo escassas visitas foram terríveis. Mas depois me acostumei. Com o passar do tempo, o contato com meus pais foi diminuído e, de fato, não os culpo. A agenda dos dois é agitada, para dizer o mínimo, e eu realmente não me importo de ficar só.

Me acostumei a ser assim.

Aos dezesseis anos, decidi morar sozinha e tenho me virado bem desde então.

— Você vai na festa deles amanhã? — Maggie pergunta ao meu lado.

Viro meu rosto em sua direção e franzo o cenho, sem fazer a menor ideia de quando foi que ela se aproximou ou do motivo pelo qual fez isso. Não somos próximas, embora eu já tenha trocado uma ou outra palavra com ela por fazermos parte da Alpha.

Talvez ela queira me provocar ou só esteja se sentindo sozinha. Apenas ela, Jake, Ronie e eu fomos transferidos para Kingly, o restante da nossa fraternidade foi dividido entre outras faculdades do Canadá. E os outros alunos que vieram de *Conhard* para cá não faziam parte dos Alphas e sequer tínhamos contato.

— Por que eles darão uma festa em plena terça-feira? — rebato, encarando as mechas roxas e azuis em seus cabelos pretos. Por um instante, sinto saudades das minhas, mas então lembro que era trabalhoso ao extremo manter a cor viva e o pensamento se dissipa tão rápido quanto a saudade.

— Não sei. — Ela dá de ombros, parecendo bem mais confortável com o ambiente e uniforme do que eu. — A Alpha também dará uma no mesmo horário. Fiquei curiosa para saber qual das duas você escolheria ir. — O tom é curioso, mas possui uma pontada de acidez.

Ela fala como se me lembrasse que nunca faço nenhuma escolha certa. Seus olhos praticamente imploram para que eu seja uma megera e

fale que os deixarei mais uma vez.

Maggie não aceita o fato de que tenho o privilégio de morar fora da Alpha, quando qualquer um deles seria expulso se fizesse o mesmo. Ela não entende por que saio ilesa cada vez que desafio nosso líder. Ninguém sabe por que tenho tantas “regalias”.

E se pensar bem, talvez isso também influencie no motivo pelo qual eles me consideram uma megera.

Tanto faz.

— E então, para qual das festas você irá? A da nossa fraternidade, certo? — insiste.

Suspiro, entediada, cruzando meus braços.

— A minha escolha mudará algo na sua vida? — Meu tom é puramente sarcástico e suas íris vacilam sob o meu olhar.

— Não.

— Exato, então não se meta onde não foi chamada. O que faço ou deixo de fazer não é da sua conta.

— Não faz sentido você ir para o ninho de Víboras, eles sequer querem sua presença — ralha e reviro os olhos, deixando que ela fale sozinha.

Eles não querem minha presença? É claro que não, aposto que não me queriam nem mesmo aqui, mas é isso que torna as coisas divertidas.

Se os Víboras não querem que eu vá, farei questão de ser a primeira a chegar. Porque tudo o que é proibido é mais interessante. Porque tudo o que eu não posso e não devo fazer se torna mais atrativo.

E, principalmente, porque eu nunca me importei de ir contra as regras para conseguir aquilo o que quero. E no momento, eu quero que eles lembrem que estou por perto e que não dou a mínima para o que eles pensam.

OceanofPDF.com

Capitulo 03

Eu amo isso, eu amo isso

Caramba eu amo isso

Então eu vou continuar bebendo porque eu amo essa merda

E eu vou continuar fumando porque eu amo essa merda

I Luv This Shit _ August Alsina

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Encaro a tela do meu celular e reviro os olhos quando vejo o nome de Jake brilhando nela. Meu dedo vai até o botão de desligar e encerro a chamada pela terceira vez seguida.

Mas então, quando ele liga uma quarta, mostrando o quão irritante pode ser, opto por atender.

— O que você quer? — questiono, segurando o aparelho contra minha orelha.

— *Onde você está?* — ralha ao invés de responder minha pergunta.

Estalo a língua.

— Dentro do carro.

Ouço sua risada debochada do outro lado da linha e consigo imaginar o seu semblante irritado.

— *Por que você pegou o meu* Maserati *para ir em uma festa dos Víboras?*

— Estava na minha garagem. — Dou de ombros com indiferença e ajeito minha franja, encarando meu reflexo pelo espelho retrovisor.

— *Tem dezenove carros na sua garagem, por que você pegou justo o meu, porra?*

— Não achei a chave da *Lamborghini*, nem do *Audi* e os outros não gosto de dirigir se não for para correr — assumo. — Escolha um deles para você de presente, amanhã devolvo o *Maserati*.

Ele bufa.

— Amanhã? Por quê? Você pretende ficar a noite inteira aí?

Se algo aqui for interessante o bastante para eu querer passar a noite, então sim.

Ergo levemente o canto dos meus lábios em um meio sorriso, embora ele não possa ver, e desligo a chamada sem lhe dar nenhuma resposta.

Confiro meu reflexo uma última vez antes de descer do carro e sair. O barulho da festa pode ser escutado mesmo eu estando a duas ruas de distância e uma onda de adrenalina me atinge à medida que me aproximo.

Sinto a ponta dos meus dedos formigarem em animação e o cheiro da fumaça é algo tão familiar que me faz sorrir.

É assustador e preocupante que eu me sinta melhor em ambientes como esse do que em casa. Mas se for para ser sincera, não me importo muito com o que isso significa, porque sequer sei se tem um significado.

Gosto de festas, gosto de sexo, gosto de cigarro, gosto de drogas, gosto de artes e de corridas.

Todas essas coisas me estimulam. As festas quebram a monotonia do dia a dia e me permitem aproveitar tudo o que quero, sem nenhuma restrição. O sexo me leva ao ápice e é prazeroso pra caralho. O cigarro enche meu corpo de nicotina e me faz relaxar. As drogas me deixam fora de mim. A arte me permite expressar o que sinto quando acho isso extremamente difícil. E as corridas… bom, as corridas injetam tanta adrenalina em minhas veias que sinto como se eu fosse morrer.

Quando estou na pista, meu coração dispara e fica tão rápido quanto o carro que estou dirigindo. Os pneus cantam e saber que aquilo é perigoso, que eu poderia realmente morrer, torna tudo mais divertido.

A linha da vida pode ser extremamente longa e tediosa, então faço de tudo para tentar torná-la mais interessante.

Se a morte é o destino de todos, por que eu deveria me privar do que gosto para evitá-la?

Não faz sentido viver uma vida apavorada.

Quando passo pela porta de entrada, o cheiro de maconha misturado com álcool me atinge. Alguém sopra fumaça em cima de mim e dou um sorriso de lado. A sensação é, de fato, excitante.

"*Into It*", do *Chase Atlantic*, toca em um volume absurdo e o som que ecoa das caixas para a sala lotada faz meu corpo se arrepiar.

Eu poderia ficar chapada somente com isso.

Olho em volta, não reconhecendo nenhum rosto de imediato e por um momento esqueço que minha vinda foi somente por rebeldia. Realmente não consigo lembrar o motivo que me trouxe até aqui, não quando avisto os barris de cerveja e vejo alguns saquinhos transparentes sendo distribuídos.

Não me surpreendo, Hunter vende drogas em todas as suas festas e esse é um conhecimento quase público. Exceto para os policiais, claro que eles ignoram esse fato e fingem ignorância.

Afinal, quem seria louco a ponto de chamar o filho do prefeito de traficante?

Quase rio da possibilidade.

— Você não é pescoço, mas mexeu com a minha cabeça. — Escuto a voz masculina vindo de trás de mim e viro meu rosto, encarando o ruivo desconhecido.

Ele dá um sorriso malicioso, seus olhos azuis são baixos e ele cheira à bebida barata.

— Hum. — Estalo a língua enquanto o encaro, minhas íris passeiam por todo seu corpo e faço uma careta inevitável.

— O que você está fazendo? — questiona, confuso.

— Analisando se você é atraente.

Ele dá um sorriso malicioso.

— E então? Qual o veredito? — Seu tom é quase sensual e reviro os olhos.

— Talvez depois da décima dose você se torne aceitável — respondo por fim, e ele ri, mas seu semblante se fecha no instante que nota

minha expressão fechada.

Bufo e me viro para pegar a bebida, mas assim que faço isso, meu corpo tromba com o de alguém e piso em falso, me agarrando no braço da pessoa para evitar cair.

— Obrigada — murmuro, levantando a cabeça e dando de cara com ninguém menos que Nolan Jones.

As íris verdes me encaram e ele pisca lentamente, um leve sorriso se forma no canto da sua boca.

— Não me agradeça, eu ia deixar você cair.

Me endireito, deixando escapar um grunhido debochado.

— Se queria ver minha queda, deveria ter se afastado.

— Você se agarrou em mim como uma sanguessuga antes que eu pudesse fazer algo.

— É mesmo? — Dou um passo para frente e aproximo meu rosto do seu. Suas pupilas dilatadas desviam para minha boca e o sorriso zombeteiro enfeita seus lábios. — Isso significa que sou rápida ou que você é lento?

Ele ri.

— Se quiser descobrir, posso empurrar você. — Dá de ombros.

Faço um gesto de indiferença.

— Passo, só gosto que toquem em mim se for para causar prazer.

— Certeza? — sussurra, e sinto o cheiro da maconha misturado com o da nicotina e do álcool. Entretanto, ele ainda não parece bêbado ou chapado. — Ouvi dizer que você gostava de um pouco de dor.

— É uma pena que você não vai poder descobrir. — Passo por ele, esbarrando meu ombro no seu de modo proposital.

Nolan não me deixa ir tão fácil e noto alguns olhares curiosos sobre nós.

— Você não me deu seu veredito — comenta, segurando meu pulso.

— Veredito de quê?

— Sobre quão atraente eu sou.

Pisco, me dando conta de que ele ouviu minha conversa com o ruivo.

— E então? — insiste.

Levo minha mão até seu rosto e deslizo minha unha afiada em sua bochecha, encarando-o atentamente.

— Que avaliação minuciosa — debocha.

Avalio seu corpo de cima a baixo e torço meus lábios.

— Você nem mesmo depois de dez doses ficaria interessante.

Ele umedece a boca, passando sua língua lentamente por cima do lábio inferior.

— Que mentirosa, nós dois sabemos que sou gostoso pra caralho.

— É isso o que você repete para si mesmo em frente ao espelho?

— Não, é isso que escuto gemerem enquanto estou fodendo.

Deixo escapar uma risada, sem conseguir evitar.

— Que irônico.

— O quê? — Ele une as sobrancelhas por um instante.

— Você fazer alguém gemer enquanto fode — zombo. — Fiquei curiosa, você consegue ir até o fim? Digo, seu histórico não é dos melhores, ao menos comigo não foi.

Nolan trava o maxilar, lembrando daquela noite. Nós dois estávamos bêbados e chapados pra caralho, sequer sei como acabamos dentro daquele carro ou o motivo pelo qual aceitei ter sua mão explorando meu corpo.

Verdadeiramente não lembro de nada, ia ser só mais uma foda e alguns momentos de prazer. Mas terminou antes de realmente começar e nos separamos com a mesma velocidade que nos aproximamos.

Nem lembro como cheguei em casa ou o que foi dito, a única coisa que recordo daquele dia é o modo como seus olhos estavam nublados e

confusos e a forma que a sua mão me segurava com força.

Seu toque queimou minha pele de tal forma que o senti por dois dias. Ou talvez eu ainda estivesse chapada, com álcool em minhas veias, substituindo meu sangue.

— Não se culpe tanto, disfunção erétil não é algo para sentir vergonha. — Dou dois tapinhas consoladores em seu ombro e tento me afastar de novo.

Porém, Nolan vem atrás de mim.

— Eu não brochei, porra.

— Mas também não me fodeu, certo? — provoco em um tom alto, mas a música abafa nossa voz.

— Você parece chateada com isso. — Seu olhar vagueia o decote em meu corpo. — Já falei que posso resolver esse problema, garanto que dessa vez a experiência será tão boa que irá pedir por mais.

Reviro os olhos.

— Você fala demais, Jones — cantarolo e deixo-o para trás. Dessa vez, ele não tenta me impedir.

"*Good for you*" ecoa na sala e passo pelas pessoas suadas, assistindo enquanto algumas dançam e outras se agarram. Provavelmente algumas fodem e tenho quase certeza de que a garota morena de coque está dedando a outra perto do barril de cerveja.

Finjo não perceber para não interromper a foda alheia e pego um copo, enchendo-o. Viro o líquido de uma única vez e repito o processo três vezes seguidas, até me sentir um pouco mais leve com o álcool entrando em meu sistema.

Meu corpo começa a se movimentar no ritmo da música e deslizo uma das minhas mãos em meu pescoço, desfrutando do toque suave e da batida excitante. A ponta dos meus dedos formiga em êxtase e pego um cigarro do meu bolso para aumentar a fumaça que permeia o ar.

Alcanço o isqueiro com facilidade e admiro a chama por alguns segundos, antes de acender o cigarro e dar a primeira baforada. Sopro anéis

de fumaça para cima e aproveito o gosto mentolado que fica em minha boca.

Verdadeiramente gosto de cigarro mentolado.

Minha cabeça balança junto com a batida e me permito ser guiada por isso. Algumas pessoas se aproximam de mim, os olhares desejosos passeiam pelo meu corpo e o calor começa a se acumular em meu abdômen.

O desejo por mais.

Caminho em direção ao jardim, jogando a bituca na grama. A parte externa está mais cheia do que a interna, mas ninguém está na enorme piscina, como se ela tivesse sido proibida durante essa noite.

Ter ciência disso faz com que a vontade de pular nela me atinja em cheio.

Droga, não se pode colocar um doce na frente de uma criança e simplesmente pedir para que ela não queira.

Acendo outro cigarro para compensar e dou um trago, sentindo a frustração se dissipar com a nicotina liberando substâncias químicas para minha corrente sanguínea.

Uma mão segura minha cintura e olho por cima do ombro, fitando o homem alto atrás de mim. Ele é musculoso e tem um sorriso de lado que promete foder com sua vida.

Esse tipo sempre é o mais interessante.

Seu olhar silencioso pergunta se aceito o toque e deslizo meu corpo contra o seu de forma sensual em resposta.

Ouço um grunhido escapar dele com o consentimento dado e observo a forma que sua mão imensa cobre meu abdômen quase por completo. A pele retinta contrasta com a minha e danço contra ele, usando o seu corpo de apoio.

Minhas costas ficam apoiadas em seu peitoral e aproveito a sensação do seu toque, misturado com a nicotina do cigarro e a batida da música.

Por um minuto, fecho os olhos e me permito apenas aproveitar. Seus dedos apertam minha cintura, sinto sua respiração pesada contra o meu ouvido e sua língua desliza por cima da veia pulsante em meu pescoço.

Suspiro pesadamente com meu corpo se arrepiando, porém, a sensação incômoda de que estou sendo observada me faz abrir os olhos.

Encontro o olhar cinzento de Lexie sobre mim e bufo ao vê-la se aproximar.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta com uma altivez absurda para alguém que não passa da namorada troféu de um deles.

— Achei que a festa era pública. — Sorrio em deboche e o cara ameaça se afastar, como se estivesse intimidado pela presença da loira que faz parte dos Víboras. Contudo, seguro sua mão em volta da minha cintura, o impedindo.

Agora decidi que o quero durante essa noite, não corte o meu barato.

— E eu achei que a Alpha também estivesse dando uma festa hoje.

Faço um gesto de indiferença.

— Vim atrás de algo diferente.

— Encontrou? — Seu tom é frio, tão gélido que qualquer um acreditaria que ela é a líder dos Víboras e que está marcando seu território.

— Sim, mas agora você está me atrapalhando.

Seu olhar me escrutina. Me pergunto o que ela faz e de quem é filha. Isso é algo que não faço a menor ideia e nunca ouvi ninguém comentar sobre. Mas se tivesse que chutar, pela maneira que se comporta como se fosse dona do mundo, diria que ela pertence aos Cassano.

A máfia italiana que recentemente causou um incêndio e matou mais de cem pessoas, mas ninguém ousou fazer nada. Apenas aceitaram as desculpas sobre ter sido um acidente e acobertaram tudo com medo do que eles poderiam fazer caso contrário.

A garota se encaixaria bem no papel de mafiosa, até mesmo já tem um namorado que vende drogas e provavelmente faz o mesmo.

— Você tem algo útil para falar ou vai apenas continuar sendo uma empata-foda? — Meu semblante é entediado.

Ela ergue o canto dos seus lábios em um ínfimo sorriso.

— Como você disse, a festa é pública e eu fico onde eu quiser, certo?

— Isso me parece um flerte, você está interessada em mim, Lexie? — Estalo a língua. — Hunter se importaria se tivéssemos um momento à sós? — tento provocá-la, mas a garota não se intimida.

As íris cinzentas são vazias, mas sua resposta é rápida:

— Não, ele pediria para assistir. Mas você daria conta?

Rio.

— Sabia que você estava mesmo interessada em mim, pena que essa noite já estou acompanhada. — Suspiro pesadamente, como se isso fosse um grande fardo. — A menos que você queira se juntar — sugiro com um sorriso malicioso e ela revira os olhos.

— Refaça o convite em outra noite, talvez você tenha sorte.

— Não se engane, você que seria a sortuda, Lexie — devolvo. — Agora se me der licença, não estou disposta a lhe oferecer um show gratuitamente.

Puxo a mão do homem que sequer sei o nome e ele me acompanha sem hesitar. Já encontrei uma diversão para hoje e já marquei minha presença, eu diria que a noite foi proveitosa.

— Para onde estamos indo? — ele questiona com a voz rouca, forçando seu tom pela música.

— Para qualquer lugar onde você possa me foder. — Meu tom é indiferente e a única coisa que me interessa é o prazer, não importa o lugar onde isso irá acontecer.

Ele não faz nenhuma outra pergunta e apenas vem atrás de mim, sem que eu precise puxá-lo. Eu lidero o caminho e ele me segue prontamente.

Quando chegamos na cozinha, vejo algumas pessoas em volta do balcão e a curiosidade me faz tentar descobrir o que está acontecendo.

Alguns gritos animados tomam conta do ambiente e identifico uma garota deitada sobre o mármore, sem blusa. O seu sutiã parece de renda, mas o que faz a cozinha deles se tornar um caos é o fato de Nolan abaixar seu corpo na altura da clavícula dela e cheirar algo.

Claro que Nolan Jones está envolvido.

Ele levanta sua cabeça, limpando o pó branco do seu nariz e sorri largamente para as pessoas à sua volta, como se as cumprimentasse. Seu cabelo platinado está caído sobre sua testa e aparenta estar molhado ou suado.

Seu corpo parece totalmente eufórico e mesmo de longe, mesmo se não o tivesse visto cheirando pó, saberia dizer que ele está drogado. Uma garota o puxa, já colando suas bocas e ele retribui o beijo com força.

Assisto uma outra menina puxá-lo e ele coloca um braço na cintura de cada uma, alternando entre beijá-las. Sua cabeça parece pesada e a cada vez que ele se afasta para recuperar o ar, um sorriso safado ocupa seu rosto.

— Esse é o Nolan Jones, ele é conhecido como *o colecionador*.

Viro meu rosto para encarar o homem atrás de mim e preciso segurar o riso por ele achar mesmo que eu não saberia quem é Nolan Jones.

Isso significa que ele não sabe quem sou e não sabe das corridas. Então ou ele é novato por aqui, ou é certinho demais.

Avalio-o mais uma vez, tudo em seu corpo definitivamente parece pecaminoso, com certeza não é a segunda opção.

— Colecionador? — questiono por fim, arqueando uma sobrancelha.

— É, colecionador de boceta. Dizem que todo dia ele transa com uma, duas ou três garotas diferentes.

Reviro os olhos, entediada com as pessoas desocupadas que monitoram a vida sexual alheia.

Quão entediante a sua tem que ser para reparar na dos outros?

Que patético.

Olho para Nolan uma última vez e vejo quando um cara corpulento se aproxima dele, o platinado não recua e continua beijando as duas garotas. Seu olhar encontra o meu como se ele sentisse que está sendo observado e ele as beija de olhos abertos. Suas íris são zombeteiras e provocativas.

Meneio a cabeça em sua direção, retribuindo seu deboche.

— Não é apenas boceta que ele coleciona — murmuro, porque todos sabem que Nolan não se opõe a transar com ninguém, independente do sexo.

Não o julgo, também acho que a vida é mais divertida se você aproveita o melhor dos dois mundos.

Quebro nosso contato visual, uma vez que ele não o faz, e saio, deixando a festa para trás. Esbarro em algumas pessoas até chegar do lado de fora e não preciso checar para saber que o homem me acompanha.

Penso em perguntar seu nome, somente para ter uma forma de chamá-lo, mas na verdade não me importo o bastante para isso.

Ele me segue até avistar o *Maserati* na rua de trás e ouço seu assobio.

— Quer que eu dirija? — oferece, solícito, e rio.

Como se eu fosse ceder e deixar alguém dirigir para mim.

Como se eu fosse abrir mão do volante para alguém.

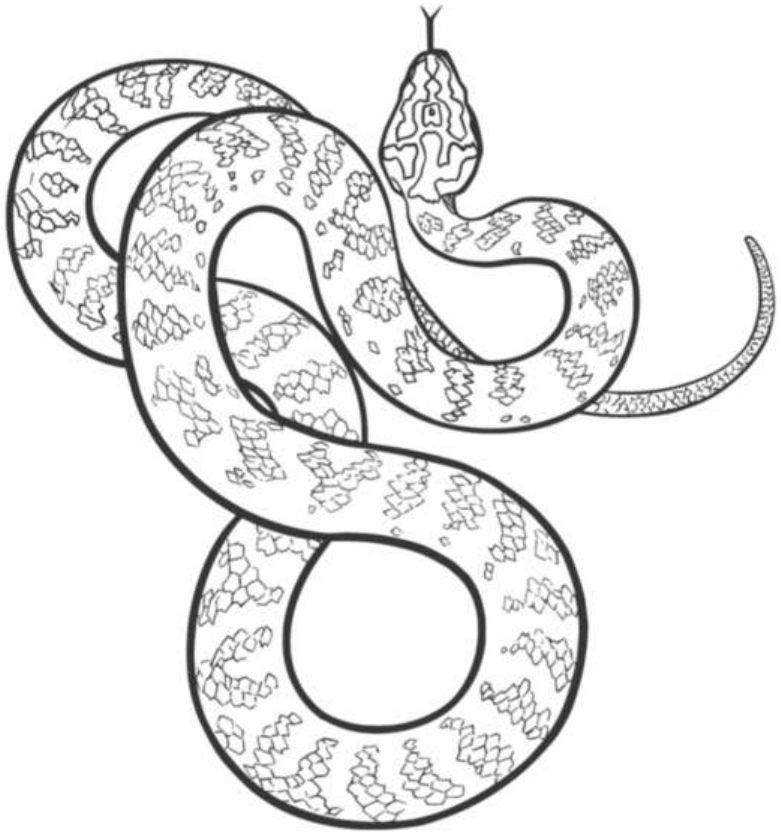
— Você só tem uma função essa noite, não faça eu me arrepender da minha escolha — falo e vejo seu sorriso malicioso antes de entrar no carro.

Quando ele coloca o cinto, piso no acelerador como uma maníaca, desesperada por adrenalina.

É isso, vamos tornar a noite prazerosa, me deixe nas alturas e faça meu precioso tempo valer a pena.

OceanofPDF.com

Capitulo 04



Te olhei do outro lado do ambiente
Um corpinho lindo dançando como uma profissional
E você é inesquecível
Preciso ficar a sós com você
Ooh, por que não?

Unforgettable _ French Montana (feat. Swae Lee)

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Minha cabeça lateja para um caralho e me pergunto se o motivo para isso foi a noite de ontem ou todos os cálculos que já fiz hoje. Porra, se eu soubesse que o senhor Harriet passaria um teste voltado para o cálculo diferencial e integral, eu certamente teria faltado.

Não que eu não saiba fazer, é fácil, mas tudo o que eu não queria era forçar meu cérebro hoje.

Por que diabos ele voltou a falar de um assunto visto no quarto semestre?

Se ele tivesse focado em ensinar sobre as estruturas de aço e não tivesse passado nenhuma prova, como deveria, com certeza minha cabeça não estaria latejando tanto.

Ou talvez estivesse.

Lembrar do quanto bebi na noite passada me faz abrir um sorriso involuntário. Fui dormir depois das três, eu acho. Para ser sincero, não lembro o que aconteceu depois do quarto orgasmo, sequer sei em que momento aqueles três saíram do meu quarto. Tudo o que tenho conhecimento é que quando meu despertador tocou, eu já estava sozinho.

Não que isso seja novidade, todos com que transo acabam saindo de esgueira, antes do restante dos Víboras acordarem. Afinal, ninguém quer passar pela caminhada da vergonha na frente deles.

Seria um evento traumático, até mesmo eu acho aterrorizante acordar dando de cara com aqueles semblantes fechados e mal-humorados. Ainda bem que agora ao menos temos Vic. Sua felicidade é contagiante e ela sempre sorri — exceto quando está com sono. Nesses momentos, evito

ficar perto dela, porque a garota doce e suave se transforma em uma verdadeira cascavel.

Lembro perfeitamente da minha surpresa quando a vi resmungar vários palavrões com Kian. Acho que o semblante de todos foi o mesmo, exceto o do seu namorado. Kian agiu naturalmente enquanto a ouvia ralhar coisas como “tarde é o caralho”.

E isso seria uma frase comum para qualquer um de nós, mas era a Vic. A garota *sunshine* parecia possuída e por isso fiquei abrindo e fechando a boca várias vezes, em completo choque. Já Alex parecia se divertir.

E por falar nela, a culpa da minha dor de cabeça pode ser atrelada a Watson. Por que diabos ela decidiu colocar a festa em plena terça-feira? Não que eu seja contra festas no meio da semana, mas sou contra precisar vir para faculdade no dia seguinte quando isso acontece.

Maldita seja, Alex Watson.

Maldito seja, senhor Harriet.

Maldita seja, engenharia civil.

Antes eu faltava com mais frequência, mas agora que estamos no último ano, não é tão simples. O conteúdo se torna mais difícil a cada dia, são inúmeros detalhes e minha presença é essencial.

E nem fodendo que vou repetir.

Minha vaga na empresa *Jones Construction* já está garantida assim que eu concluir a faculdade, daqui a alguns meses, e não quero desperdiçar meu tempo tendo que refazer nem mesmo uma única prova.

Na verdade, não posso fazer isso.

Eles não merecem mais uma decepção vindo de mim.

Lauren e Eden merecem bem mais do que um filho como eu, mas já que não posso lhes oferecer algo melhor do que isso, ao menos virei para a merda da faculdade e passarei por todos os exames sem cometer nenhum outro erro.

Porém, isso não significa que deixarei de aproveitar cada uma das festas. Eu não conseguiria nem se tentasse, porque a vida sem aquilo, a vida

sem o prazer me deixando tonto, a adrenalina preenchendo minhas artérias e o êxtase me fazendo sorrir, seria insuportável.

O simples fardo de estar vivo seria pesado demais para eu conseguir lidar.

E o grande problema foi que prometi viver.

Porra.

Massageio minhas têmporas, amaldiçoando o senhor Harriet enquanto ando pelos corredores. As poucas pessoas que passam por mim me olham com estranheza e lanço sorrisos provocativos em suas direções.

Não me importo com o que acham de mim, embora eu deva parecer um louco praguejando enquanto caminho.

A gravata do uniforme me sufoca e puxo o tecido para baixo, afrouxando-a. Normalmente não a uso, porém, hoje não achei meu blazer e vir sem ele, e ainda ficar sem a gravata, seria demais. Então me obriguei a colocar essa merda irritante, mas agora que até mesmo já fiz um teste surpresa, não preciso dela.

Estou desfazendo o nó para tirá-la quando ela aparece no meu campo de visão.

Ravena Crawford.

O que você está fazendo aqui?

Uno as sobrancelhas e, por um segundo, fico confuso. Até agora eu não havia visto-a na Kingly, então esqueci da sua transferência. Por um nanossegundo, esqueci que todos lhe deram boas-vindas e que ela está em nosso território, assim como esteve ontem à noite.

Ela ameaça passar por mim, ignorando minha presença por completo, mas me coloco em sua frente.

— Assim você me magoa, Rav. — Uso o apelido como se eu tivesse intimidade e ela revira seus olhos.

O gesto lhe é tão característico que me pergunto se houve alguma conversa nossa onde a garota não fizesse isso.

E, inevitavelmente, reparo todas as vezes. Os olhos de Ravena são hipnóticos, talvez por realmente parecerem com os de um felino.

Mas seria injusto comparar seus olhos com os de uma gata, quando Ravena mais parece uma pantera, prestes a lhe devorar vivo se você se colocar em seu caminho.

E talvez, inconscientemente, meu desejo pela morte seja maior do que imagino, porque sempre me coloco na sua frente, nunca perdendo a oportunidade de provocá-la.

— O que você quer agora? — ela bufa.

Dou de ombros.

— Você se divertiu na noite passada? — questiono, lembrando com clareza de vê-la sair, sendo seguida de perto por Ronny.

Ele é um veterano da *Southfield* e sequer sei o que estava fazendo na nossa festa. Os alunos de lá normalmente não se misturam tanto com os Víboras, para eles somos temidos.

Uma vez um estudante deles ficou devendo Hunter e Trent foi ajudar a resolver essa dívida pendente. Os boatos sobre a surra que o tal Ryan levou se espalhou e isso aumentou nossa fama ruim.

Então, sequer imagino o que Ronny pensa sobre nós. A única coisa que sei é que ele saiu acompanhado de Ravena. Claro que ela não sairia sozinha, ela nunca sai.

O imbecil caminhava atrás dela assim como um cachorro segue seu dono. Ela não olhou para trás em momento algum, tendo total confiança de que ele a seguiria, e ele o fez sem hesitar.

Até porque, quem em sã consciência hesitaria?

Balanço a cabeça, Ravena não parece o tipo de pessoa que esperaria alguém decidir se a quer ou não. Se ele não tivesse ido, ela certamente encontraria uma outra pessoa para substituí-lo.

— Sua demora em responder me faz questionar se a noite não valeu à pena. — Meu tom é provocativo.

Ela ri.

— Acredite, não é isso que está me fazendo demorar.

— Então qual é o motivo? — Arqueio a sobrancelha, curioso.

Ravena dá um meio sorriso.

— Estou tentando decidir qual parte contar a você. Devo falar sobre como ele me chupou de quatro no banco do *Maserati*, da forma que ele me fodeu com seu pau ou de quantos orgasmos eu tive? — As íris azuis brilham, como se me desafiasse a pedir mais detalhes.

Ela tenta me intimidar usando o sexo, mas o assunto para mim é tão comum que é quase como se ela falasse sobre o tempo.

Sorrio de forma sarcástica.

— Você pode me dar todos os detalhes que quiser.

— Não sou muito de falar, prefiro fazer.

— Isso é um convite?

— Não seja tão esperançoso.

— Não é esperança, é confiança. Você ainda vai acabar na minha cama, gritando meu nome enquanto implora por mais.

Ela ri, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. Seu corpo se aproxima do meu e ela fica na ponta dos pés, aproximando sua boca do meu ouvido.

— Eu não gritaria seu nome nem mesmo para pedir socorro.

Passo meu braço em volta da sua cintura, puxando-a para mais perto de mim. Ela se endireita, mas não recua. Seu nariz quase toca o meu e seu hálito quente sopra contra meu rosto.

— Não fale com tanta determinação, assim só será mais humilhante quando você pagar com a língua. — Dou um meio sorriso. — *Literalmente*.

Ela revira os olhos entendendo o duplo sentido da frase com agilidade.

— Se eu acabasse na sua cama, Nolan Jones, seria você quem imploraria por mais no final. — Suas íris desviam até minha boca e ela se

afasta um pouco.

Não saber o que ela fará ou dirá a seguir é inquietante. Ravena é sempre imprevisível.

— Não se esqueça de que eu também tenho um nome e que pode ser você que acabe gritando por ele. — Seu indicador desliza até meus lábios e ela delineia o formato da minha boca com suavidade.

— Não duvido das suas habilidades.

— É uma pena eu não poder dizer o mesmo — ela provoca, se livrando do meu aperto ao dar um passo para trás.

Desgraçada.

Até hoje ela usa aquela maldita noite contra mim.

Se ela soubesse que uma das suas tatuagens foi o motivo para eu ter me afastado, me acharia mais patético ou entenderia?

— O fato de você não superar essa noite só me deixa mais convicto de que sou mesmo inesquecível — cantarolo.

Ela faz um gesto de indiferença com sua mão.

— Eventos traumáticos não são facilmente superados — devolve e sua fala me faz engolir em seco.

Por um segundo, não estou mais na Kingly, não, minha mente me leva para a sala branca com cheiro irritante de lavanda. A mulher com olhos felinos na minha frente se transforma na psiquiatra ruiva e as palavras que escapam de sua boca são exatamente as mesmas.

Eventos traumáticos não são facilmente superados, Nolan. Você precisa de tratamento ou viverá com a culpa para o resto da vida.

Pisco algumas vezes para afastar o pensamento.

Não aguento mais reviver essas merdas, de que serve a porra dos remédios e as drogas se não me deixam esquecer?

Ravena me encara com atenção e curiosidade brilha em suas íris. Sorrio de modo provocativo, retribuindo seu olhar.

— Se continuar me encarando dessa forma, os outros acreditarão que está apaixonada por mim — sussurro, como se desse um conselho.

Ela olha ao redor, como se só agora percebesse que há outras pessoas na faculdade além de nós dois. Não a julgo por ter esquecido, eu mesmo não me lembrei disso.

Não quando a presença de todos é tão insignificante.

Ravena parece ter o mesmo pensamento que eu, porque dá de ombros com indiferença.

— Acho que você nos transformou em um espetáculo — comenta.

— Eu? — Encaro seu corpo de cima a baixo, fitando o uniforme modificado.

Desde o instante que a vi, percebi que ela havia feito algo nele, mas só agora consigo parar e observar.

A saia está um pouco mais curta do que o normal, a blusa está meio amassada e também está menor, como se tivesse sido cortada. Uma pequena faixa de pele está exposta entre as duas vestimentas. Contudo, as tatuagens em seu abdômen não são identificáveis, não com tão pouco à mostra.

A gravata em seu pescoço está amarrada de qualquer jeito e o nó é frouxo, desleixado. Ela parece não ter se dado ao trabalho de prendê-la direito. Suas pernas estão cobertas por uma meia-calça preta e ao invés de usar sapatos normais, ela está com uma bota que alcança seu joelho.

Ravena se destacaria sem modificar nada, mas dessa forma… Ela faz todos virarem a cabeça para encará-la.

— Tem certeza de que eu quem chamei atenção para nós? — insisto, indicando seu uniforme com o olhar.

Ela sorri, passando a mão em seu próprio corpo, como se admirasse seu feito.

— Ficou bonito, não é mesmo? — externa o pensamento em voz alta e a pergunta nitidamente não é destinada a mim. Mas, mesmo assim, respondo:

— Não, você está horrível. Parece que acabou de ser atropelada — murmuro, ainda encarando-a.

Ela ri.

— Ah, então é por esse motivo que você não tira os olhos de mim.

— Sim — minto. — Ficou ridículo, acho que você deveria comprar um novo uniforme.

Porque esse me deixa desconcentrado.

— Bom, então que sorte a minha não me importar com o que você acha. — Pisca em minha direção. — Agora se me der licença…

Ela passa por mim e a deixo ir, assistindo enquanto ela se afasta. Sua postura é arrogante e ela caminha com confiança, como se o território fosse seu e ela tivesse algum poder aqui.

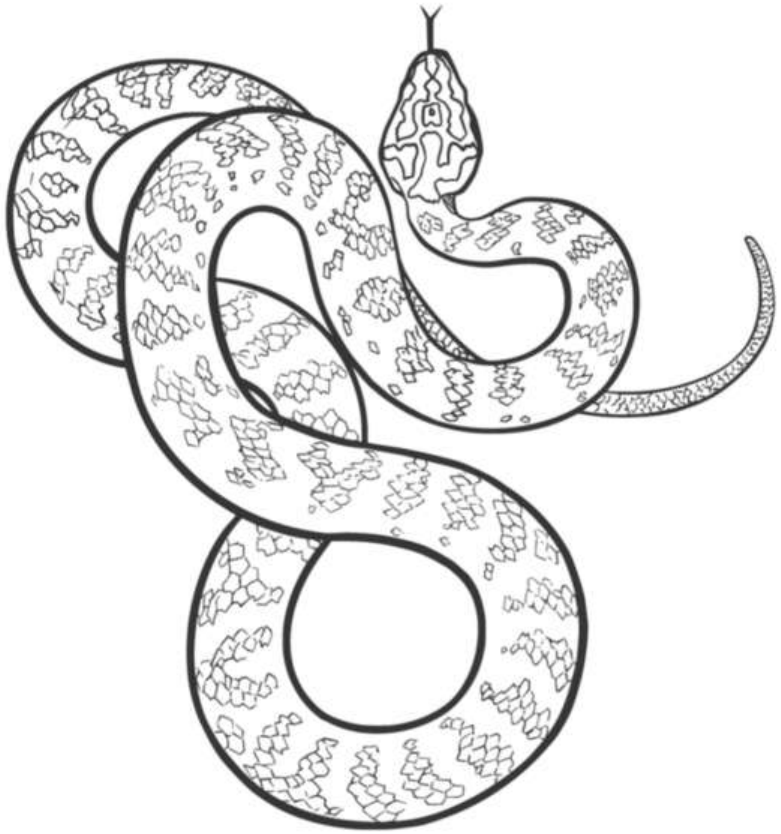
Alex não gostará dessa arrogância.

Continuo fitando-a até ela sair do meu campo de visão e quando isso acontece, sorrio. Balanço a cabeça, passando minha mão no queixo.

Você ainda vai gritar meu nome, Ravena Crawford, isso é uma promessa.

OceanofPDF.com

Capitulo 05



Mamãe, desculpe, a realidade é entediante
Corto e engulo tudo com um litro de bebida
Eu provavelmente não vou cheirar
Minha cabeça está distorcida
Eu tento ignorar, eu tento ignorar
Drugs & Money _ Chase Atlantic

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Abro a gaveta da minha mesa de cabeceira, pegando o outro cigarro eletrônico. Contudo, antes de levá-lo à boca, meu celular toca em cima do travesseiro ao meu lado.

Encaro a tela de soslaio, sem ter certeza se quero falar com alguém. Porém, no instante em que vejo o nome da minha mãe, atendo de imediato.

— Boa noite, meu amor — murmuro em um tom falsamente sedutor e ouço sua risada do outro lado da linha.

— *Boa noite, Don Juan. Como foi seu dia?*

— O mesmo de sempre. — Suspiro, jogando meu corpo para trás. O colchão macio deixa minhas costas relaxadas. — E o seu? Nada interessante dessa vez?

— *Não, ainda estou presa naquela última investigação* — comenta, sem entrar em detalhes.

Ela nunca entra, ao menos não comigo.

Não sei se ela faz isso para me preservar, como se quisesse manter seu filho longe dos detalhes da sua vida como perita criminal ou se apenas não gosta de falar de trabalho estando fora dele. Independentemente do motivo, não me importo com suas respostas rasas.

— Tenho certeza de que rapidamente você terminará essa e estará envolvida em uma nova — falo, confiante, e ela concorda, consigo ouvir o sorriso em seu tom e imagino a expressão tranquila que ela deve estar agora.

— *Você estava ocupado?* — questiona e encaro a máquina de tatuagem na ponta da cama.

Eu pretendia retocar as duas cobras em minha barriga, mas não estou com pressa.

— Não, por quê?

— *Por nada, só não queria estar atrapalhando.*

— Você nunca me atrapalha — falo com toda a sinceridade que possuo. Na verdade, me preocupo com Lauren constantemente.

Por isso todos os dias falo com ela, nem que seja apenas uma mensagem. A preocupação é inevitável. O pavor de também perdê-la ameaça me consumir e às vezes tenho pesadelos onde ela é machucada no seu trabalho — como já aconteceu.

Também me sinto dessa forma em relação ao meu pai. E mesmo o seu emprego sendo mais seguro, temo que alguma construção desabe quando ele estiver trabalhando ou até mesmo inspecionando um novo prédio.

A sensação de medo é terrível, mas constante.

— *Mentiroso. Em alguns momentos, atrapalho sim* — ela comenta com bom humor evidente e sorrio.

— De fato, especialmente quando insiste nos exames frequentes — resmungo. Porém, mesmo detestando cada segundo e amaldiçoando o mundo inteiro todas as vezes que preciso ir ao hospital, entendo o motivo.

É perfeitamente plausível.

— *Por falar neles, os resultados saíram.* — Seu tom é de alívio e mesmo sem ter visto, sei que não apresentaram nada.

Nenhuma alteração.

— Que bom, mas eu falei que estou bem.

— *Não seja irritante, sabe que os exames me tranquilizam.*

Bufo.

— Sei, e é apenas por isso que os faço. Caso contrário, já teria me deserdado por ter que passar pela humilhação de ser sempre perfurado.

— *Até parece, você se perfura sozinho o tempo inteiro com esse tanto de tatuagem! Não me surpreenderia se já tivesse até tatuado o seu…* — ela corta o assunto na mesma hora e rio.

Minha mãe não é contra minhas tatuagens, ela até gosta e me pediu para tatuá-la uma vez. Mas depois que sentiu "a dor" — que é inexistente — fica horrorizada a cada vez que me vê com uma nova.

— Ainda não tenho nenhuma tatuagem no meu pau — revelo com um tom risonho.

— *Nolan Jones, eu sou sua mãe. Pelo amor de Deus, não quero saber se você tem ou não tatuagem no pau* — fala rapidamente. — *Inclusive, se um dia fizer, não tenho interesse em saber sobre.*

— Mas você sempre me escuta falar sobre minhas tatuagens — provoco para irritá-la.

— *Nolan.* — Seu tom é quase desesperado.

— Está bem, não falarei sobre isso. Mas se um dia eu pedir opiniões sobre o touro mais bonito, já saiba.

— *Acho que criei você errado*. — Ela deixa escapar um tom sofrido. — *E por que diabos um touro?*

— Você queria que eu tatuasse o quê? Uma borboleta?

Lauren ri.

— *Não sei, não me surpreenderia. Aiden disse que você já tem uma estrela na bunda.*

— É diferente — resmungo, mas não entro em detalhes.

Claro que não vou falar para minha mãe que meu pau é bonito demais para eu tatuá-lo e tirar o foco de toda sua maestria.

Coloquei o *piercing* porque ouvi dizer que era mais prazeroso e também porque deu um charme extra no que já era naturalmente perfeito.

— *Sei.* — Sua entonação deixa claro que ela não acredita. — *Mas de qualquer forma, não liguei para isso.*

Solto um suspiro exagerado.

— E eu achando que era sua prioridade.

— *Não seja dramático. Seu pai me pediu para perguntar se você já conseguiu a autorização da construção.*

Encaro o teto.

— Por que ele mesmo não me ligou?

— *Ele foi chamado para um projeto de última hora. O arquiteto tem tirado toda a paz e o tempo dele.*

— Ele não está em casa?

— *Não, mas provavelmente chegará logo* — revela. — *E então? A autorização saiu?*

— Ainda não. No entanto, acredito que até semana que vem eu já esteja com ela, então irei visitar vocês e entregá-la.

— *Vou levar isso como uma promessa e estarei esperando você.*

Rio.

— Que assim seja.

— *Agora vou desligar, acho que minha lasanha queimou. Amo você, querido. Boa noite e, por favor, se cuide.*

— Também amo você — murmuro e ela encerra a ligação.

Encaro o celular por incontáveis minutos.

“Por favor, se cuide”.

Fito o cigarro eletrônico jogado na cama e olho de esguelha para a gaveta aberta. Cinco maços de cigarro estão ali dentro, fora os três *vapes* e o *narguilé* largado no chão.

Eu fumo pra caralho.

O saquinho de pó branco, cheio de cocaína, e os dois cigarros de maconha junto aos outros parecem zombar de mim. Passo minha mão nas minhas têmporas, esfregando o local.

A verdade é que eu não uso tanta droga quanto os outros acham, nem tanto quanto faço parecer. Noventa por cento do tempo acham que estou chapado, quando minhas pupilas dilatam por outro motivo e a maioria das vezes em que roubo os saquinhos de Alex, jogo fora.

É praticamente uma punição.

Tenho a droga comigo, sei que ela vai me fazer esquecer, tenho ciência de que se eu a usar, durante aquele momento, me sentirei melhor. Mas mesmo quando quero usá-la, me obrigo a jogar o pó fora.

Não sou um viciado do caralho.

Eu não poderia ser nem se quisesse. Lauren nunca se perdoaria, ela se culparia caso eu morresse com uma overdose ou destruísse minha vida.

Eu não posso fazê-la passar por isso.

Lembrar é o meu castigo.

Viver com a culpa é o meu fardo.

E estar vivo é minha penitência.

Travo o maxilar, ignorando as drogas guardadas. Eu só as uso quando os *flashbacks* se tornam insuportáveis. Nos momentos em que consigo ouvir sua voz perfeitamente e sou capaz de ver as lágrimas rolando enquanto fingíamos estar tudo bem.

Droga, não preciso dessa merda agora.

Caminho até o banheiro, trancando a porta atrás de mim e encaro meu reflexo no espelho. Meu rosto está pálido e sempre fico com essa expressão vazia quando as memórias voltam para me assombrar.

Abro a torneira e sinto a água gelada contra minha pele. As gotas parecem lâminas e levo minha mão molhada até meu pescoço, respirando fundo algumas vezes.

Está tudo bem, Nolan.

Está tudo bem.

As íris sem vida que vejo no espelho me encaram de volta, como se zombassem de mim. *Vamos, faça algo que o deixe no limite. Vamos, encontre mais alguma coisa que desperte adrenalina em você. Vamos, corra em alta velocidade ou transe com a primeira pessoa que encontrar. Faça alguma coisa que o lembre que você está vivo.*

Bufo, me abaixando até alcançar o fundo falso do armário. Empurro o botão secreto e pego os dois frascos que guardo ali dentro. Os antidepressivos e ansiolíticos também parecem zombar da minha cara, me lembrando do quanto preciso deles.

Pego um comprimido de cada e coloco em minha boca, me abaixando na altura da torneira para engoli-los com um pouco de água.

Molho meu rosto e suspiro algumas vezes seguidas antes de abrir a porta e voltar para o meu quarto.

— Você demorou — Morg resmunga, sentada na cama. Seu olhar curioso abandona a máquina de tatuagem e foca em mim.

Pisco, sorrindo maliciosamente em direção à garota.

— Deveria ter batido na porta, eu teria aberto se soubesse que era você — provoco com um tom arteiro e Morg revira os olhos.

Ela não se afeta com minhas cantadas baratas, Morg sabe que a vejo como minha família e que jamais sentiria desejo por ela.

Nem por Nick, que sorri em minha direção — sentada na cadeira. Ou Vic, que acabou de passar pela porta segurando um copo de suco.

— O que vocês estão fazendo aqui? — pergunto, curioso. Não me surpreendo com a presença delas, aparentemente depois do quarto de ouro, o meu quarto é o lugar favorito para todos se reunirem.

Por isso, sempre que vou ao banheiro tomar os comprimidos, tranco a porta. Nunca se sabe quando vão invadir dessa maneira.

Não que eu ache ruim.

As lembranças e os pensamentos ruins só me atingem quando estou sozinho, só retornam quando minha mente fica vazia. Por isso, aceito a

presença deles a qualquer hora. Por isso gosto de ficar sempre acompanhado.

Eles sequer fazem ideia de como são capazes de afastar todos os meus demônios sem esforço algum.

— Por que você está sem camisa? — Vic pergunta ao invés de me responder. Seu olhar vai até o meu abdômen.

— Não me importo se você quiser olhar ou tocar, Viczinha. Mas Kian vai acabar me esfolando vivo se souber que a *Sunshine* dele tem desejos por outro homem. — Levo a mão ao peito dramaticamente. — Mas por você aceito esse sacrifício.

— Não estava desejando, só comparando com o abdômen do Kian e lembrando de como o dele é melhor — ela diz com uma sinceridade tão grande que se eu não tivesse uma excelente autoestima, poderia ficar ofendido.

— Não fale assim, é cruel.

— Acho que o do Aiden é o mais definido — Nick comenta, me ignorando e atraindo a atenção das outras para si.

— Não, definitivamente o do Trent é mais — Morg defende seu namorado, se juntando à conversa.

As três se entreolham e todas compartilham o mesmo olhar pensativo, como se nesse momento avaliassem o abdômen deles em suas respectivas mentes.

Pigarreio.

— Vocês estão diante disso tudo… — Aponto para o meu corpo, a calça está com a braguilha aberta, as tatuagens espalhadas por mim são quase como uma segunda pele e meu abdômen é definido o bastante para ser digno de atenção. — E ainda assim pensam neles?

— Sim. — A resposta em uníssono me faz revirar os olhos.

— Ingênuas — murmuro, sem, de fato, me importar. — Mas tudo bem, vocês que estão perdendo a verdadeira felicidade.

— Claro — Nick debocha e as outras duas riem.

— Alex está nos chamando para o quarto de ouro, ela quer falar da próxima corrida. Por isso estamos aqui — Morg esclarece, como se tivesse uma única missão e ela fosse justamente me levar até Alex.

Dou de ombros e caminho até o guarda-roupa, pegando o primeiro moletom que encontro. Elas se acomodam e começam a falar algo sobre a última luta, me ignorando enquanto esperam.

Fico aliviado com o fato de não estar mais sozinho e satisfeito por, de um jeito meio torto, elas terem se encaixado na nossa fraternidade.

Claro que eu gostava de como as coisas eram antes, gostava das orgias e de como todos nós estávamos na mesma sintonia. Porém, vi cada um deles se apaixonando e acompanhei suas quedas de camarote. Fiz apostas sobre quanto tempo demoraria para eles perceberem e até quão irritada a Alex ficaria com cada escândalo.

No começo, achei estranho me adaptar às mudanças sutis. Achei que ficaria mais tempo sozinho e que isso acabaria comigo. Só que nunca externei esse pensamento porque eles mereciam a felicidade.

Eu ficaria bem sem ninguém, se eles estivessem felizes.

Mas então, criei um laço com cada uma delas e se me perguntassem agora mesmo o que prefiro, dentre o passado e o presente, eu certamente escolheria o presente. A presença delas se tornou tão essencial quanto a deles.

— O que você está fazendo? — Morg pergunta e encaro-a.

— Do que você está falando? — Soo inocente, terminando de me vestir.

— Desse seu olhar brilhoso — Vic acusa. — Suas pupilas estão dilatadas? — Ela inclina a cabeça para o lado.

Pisco algumas vezes.

Os antidepressivos às vezes deixam minhas pupilas assim, mas todos acham que são as drogas.

Dou um meio sorriso, deixando a dúvida pairar no ar. Nick me conhece há mais tempo e me fita com atenção. Morg e Vic também parecem

curiosas, mas reviro os olhos, rindo.

— Vocês me olham dessa maneira e ainda querem que eu acredite que não sou o favorito? — zombo, cantarolando. — Agora, vamos lá, preciso falar da próxima corrida que vou vencer — murmuro convencido e me viro, ouvindo a risada delas vindo atrás de mim.

É um ótimo momento para ter uma corrida.

Eu preciso disso, preciso da adrenalina para lembrar que ainda estou vivo, por mais que às vezes eu não queira estar.

E preciso ver o semblante de Ravena Crawford quando ela perder mais uma para mim.

OceanofPDF.com

Capitulo 06

Bonnie e Clyde
Você sabe que eu carrego uma faca
Você deveria estar com medo de perder sua vida
Você sabe que eu não jogo limpo
OHMAMI _ Chase Atlantic (feat. Maggie Lindemann)

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

— Você já está aqui há muito tempo? — Jake bate a porta do seu carro, vindo até mim.

Encaro a pista que iremos competir hoje e dou de ombros.

— Talvez uma ou duas horas — confesso.

— Por que dessa vez você veio tão cedo? As pessoas só começaram a chegar agora. — Indica os carros estacionando e continuo sentada no capô do meu *Porsche 911*.

— Não sei, só estava entediada em casa. — Meu tom é indiferente.

— Deveria ter me chamado para vir junto, poderíamos ter aquecido os motores em uma partida.

Rio.

— Você acha mesmo que eu já não fiz isso? — debocho, minhas pernas balançam no ar e masco meu chiclete de menta com tranquilidade. — Inclusive, se quer um conselho, a segunda curva é apertada demais e a quarta está escorregadia, meu carro quase derrapou — comento.

— Droga. — Ele encara os pneus do seu *Rolls-Royce Ghost*, como se checasse se eles serão capazes de aguentar a corrida da noite.

Jake participa disso por diversão, não porque precisa da adrenalina ou do dinheiro que ganhamos. Por esse motivo, vez ou outra ele não se dá ao trabalho de vir. E não se empenha o bastante para ganhar.

Diferente de mim, que sempre quero ganhar.

Não me importo com o dinheiro, cinquenta por cento dele nem mesmo fica comigo e não é como se eu precisasse. Mas a sensação da vitória é muito mais excitante do que tudo que poderiam me oferecer.

— Se não quiser competir desta vez, é bom ir embora antes dos Víboras chegarem. Só faltam eles para a escalação da noite ser feita — comento, porém, como se eles sentissem, vejo os cinco carros se aproximando.

Quanta ironia.

Pisco e dou um meio sorriso, encarando Jake.

— Tarde demais — cantarolo, dando um tapinha consolador em seu ombro enquanto observo os veículos estacionando.

O primeiro a chegar, que levanta poeira vindo com uma velocidade exagerada, é o *Nissan* de Nolan. Ele estaciona o carro bem atrás do meu e por muito pouco seu capô não bate na minha traseira.

Sorrio com a provocação.

Ele desce sozinho e mesmo que ainda não saibamos quem serão os primeiros corredores da noite, ele deixa o *Nissan* próximo ao meu *Porsche*, como se tivesse certeza de que iniciará com nós dois.

Confiante ou esperançoso?

Nunca me importo muito com quem irei competir primeiro, afinal, é algo sorteado e não temos como prever. A cada partida, onde dois ou três de nós correm, apenas um passa para a próxima fase.

As apostas aumentam à medida que somos eliminados, até chegar na competição final entre dois corredores e o melhor vence.

Nolan me encara, passeando os olhos pelo meu corpo antes de menear a cabeça em um cumprimento zombeteiro. Rio.

Não me provoque tanto, platinado.

O *Audi R8* de Aiden é o próximo a estacionar e ele para seu carro ao lado do seu amigo. Assisto a cena que eles fazem sem me alterar.

Reconheço a caminhonete de Trent, o *Jeep* de Kian e o *Bugatti* de Hunter — que quem dirige normalmente é a sua namorada, Lexie.

Todos eles saem do carro ao mesmo tempo, como se estivessem em uma cena de filme. Cada um está acompanhado de sua respectiva namorada, exceto Nolan, que é o único sozinho e sai na frente.

Reviro os olhos com o espetáculo e fico horrorizada ao ver o semblante admirado das pessoas, como se desejassem fazer parte daquilo.

Aparentemente sou a única a achar a situação ridícula.

Eles se dispersam, indo cada um para um lado. Hunter e Lexie se afastam para falar com os outros dois organizadores da corrida desta noite.

Seis participantes irão competir.

Assisto a interação da garota loira com interesse. Ela sempre me chama atenção por ter uma aura dominante. Sua presença quase ofusca a do seu namorado e em momentos como esse, quando a vejo lado a lado na liderança, acabo me questionando se ela não é a verdadeira líder.

Quero dizer, Alex nunca é visto e tudo o que já ouvi a respeito dele eram boatos sobre pessoas que ele já ficou ou festas que participou. Mas por que, quando os Víboras precisam da sua presença nas corridas, ele nunca está?

Não faz sentido.

Alex e Lexie são nomes parecidos o bastante para poderem ser a mesma pessoa e isso explicaria muita coisa. Dou de ombros, não é como a identidade do líder ou da líder fizesse diferença na minha vida.

Eu só acho curioso que eu não o tenha visto uma única vez, em mais de três anos.

Curioso e suspeito, mas igualmente irrelevante.

Jake conversa com Cody e acredito já ter visto o garoto umas três ou quatro vezes por aqui, ele é um corredor novo e embora seja rápido, não tem experiência. Ele dá muita margem para os outros e o seu carro já derrapou para fora da pista duas vezes por causa disso.

Mas ele é bonito. O que falta de experiência, compensa na aparência.

— Você parece interessada demais no novato. — A voz debochada de Nolan me faz encará-lo.

Sequer sei quando ele se aproximou, mas dou um meio sorriso.

— Talvez eu esteja — admito, verdadeiramente cogitando beijá-lo para dar sorte.

Afinal, esse é o *meu* ritual. Eu sempre beijo alguém antes e depois de cada corrida e eu definitivamente não me oporia a fazer isso com Cody essa noite.

Desvio meu olhar em sua direção outra vez e ele percebe, me fitando com interesse.

Touché.

Ergo o canto dos meus lábios de maneira provocativa, mas antes que eu possa pensar em qualquer outra coisa, a maldita assombração, vulgo Nolan Jones, ocupa todo o meu campo de visão.

— Você está me atrapalhando — resmungo.

— Que bom, essa sempre é minha intenção. — As íris esverdeadas cintilam com uma insanidade que reconheço como se fosse minha.

Seus olhos sempre ficam dessa maneira quando vamos correr, quase como se ele vivesse somente por aquilo.

Não o julgo, noites como essa são as que mais me fazem sentir viva.

— Que merda você quer agora? Veio me implorar para deixá-lo ganhar? — questiono, arqueando minha sobrancelha.

Ele ri com ironia.

— Como se eu precisasse disso.

Nolan se aproxima e ameaça apoiar sua mão no meu *Porsche*, porém, impeço o movimento, segurando seu pulso em reflexo.

— Você não pode tocar em nada que me pertence — rosno. — Já falamos sobre isso, Jones. Você tem algum problema de memória ou o quê?

— Só posso olhar, certo? — desdenha, fitando meu corpo minuciosamente.

— Isso, olhe e deseje aquilo que você nunca poderá ter — sussurro, e sua expressão está fechada. O sorriso que normalmente enfeita seu rosto, nesse momento, é inexistente.

Seus olhos seguram os meus por vários segundos e nenhum de nós cede.

— Está bem, então assista enquanto eu conquisto tudo o que desejo. — A pretensão escorre de suas palavras e é nítido que Nolan só me provoca dessa maneira porque sou um desafio que ele se diverte tentando conquistar. Ou talvez seu ego seja fraco e ele insista tanto porque quer compensar aquela noite.

Não sei e não me importo.

Minha opinião segue sendo a mesma, ele não tem nada a oferecer além disso. Provocações, drogas e sexo. Ele não tem profundidade, não tem utilidade ou conteúdo que me faça achá-lo minimamente interessante.

Eu não preciso das suas merdas, quando o meu mundo já é cheio de todas essas coisas.

Eu fico bem sozinha.

Contudo, embora eu tenha esse pensamento enraizado desde que nos conhecemos, gosto das nossas apostas. E talvez goste da tensão que permeia o ar todas as vezes, torna as corridas ainda mais excitantes.

Deslizo meu polegar por cima da tatuagem em sua mão. Admiro a tinta preta pigmentada na pele branca e ergo meu olhar até encontrar o seu.

— Continue tentando, talvez você tenha sorte — murmuro com um sorriso de canto.

E não sei quanto tempo perdemos nessa pequena interação, mas foi o bastante para o lugar encher, a música em um dos carros ser posta às alturas e o sorteio ser feito.

Um dos organizadores fala a escalação de hoje e bufo, incrédula, ao ouvir o meu nome, o de Nolan e o de Cody sendo anunciados logo na primeira corrida.

Dos três, apenas quem der as seis voltas primeiro irá competir pelo restante da noite.

— A sorte está mesmo ao meu favor — Nolan cantarola e reviro os olhos.

Não gosto de começar correndo contra ele, é mais emocionante quando nos encontramos na última partida e o resultado é decisivo.

— Acho que estamos destinados, Ravzinha. Ou melhor, acho que você está destinada a perder.

Deixo escapar um grunhido, mas a adrenalina já corre por minhas veias antes mesmo de começarmos.

— E então, o que você irá apostar hoje? — questiono, sabendo que dessa vez ele quem escolhe qual aposta faremos.

Esse é o *nosso* ritual.

Sempre competimos por algo que apenas nós dois temos conhecimento.

— A Alpha está dando uma festa essa noite, não está?

Estalo a língua, porque eu não pretendia ir para lá dessa vez.

— Sim — confesso.

— Ótimo, os Víboras também darão uma assim que a corrida acabar. Quem perder, irá para o território rival — decreta.

— Só isso? — Arqueio a sobrancelha, nunca costuma ser tão simples.

— Sob uma condição. — Seu sorriso é malicioso. — Quem vencer terá poder sobre o perdedor durante a noite inteira. Então quando eu ganhar, farei você…

Coloco meu dedo sobre sua boca, calando-o.

— Não desperdice seu tempo pensando em algo que não chegará a acontecer. — Pisco em sua direção e desço do capô, passando por ele para me preparar.

Nolan ri e me observa por alguns segundos, antes de caminhar até seu carro. Jake se aproxima de mim quando Cody também começa sua preparação.

— Pronta? — pergunta enquanto as pessoas registram suas apostas e aceno, puxando a gola da sua camisa para perto de mim. Ele ri, notando minha intenção. — Serei seu amuleto da sorte mais uma vez? — Seu tom é sarcástico.

Rio e colo sua boca na minha, levando a mão até sua nuca. O gosto de menta do meu chiclete se mistura com o de cerveja em seus lábios e nossas línguas se entrelaçam em um beijo rápido.

Sinto o leve apertão em minha cintura e nos afasto, erguendo meus lábios em sua direção.

— Obrigada por me ser útil — agradeço, e Jake faz uma referência ridícula.

— Sempre ao seu dispor — garante. — Boa corrida.

— Me espere no fim da pista, talvez eu precise de você outra vez — comento.

Ou talvez Cody receba um prêmio de consolação.

Entro no carro e respiro fundo, sentindo o cheiro de limpeza e de couro preencherem minhas narinas. Minhas costas relaxam contra o banco e a excitação deixa a ponta dos meus dedos dormentes.

Aperto o volante com força, inspirando o ar puro aqui dentro.

A música que ecoa lá fora é abafada pelas janelas fechadas e guio minha mão até o painel, colocando *The Weeknd* para tocar.

A batida sensual preenche o lugar e fecho os olhos em completo êxtase. A sensação é absurdamente prazerosa.

Meu pé vai até o acelerador, mas infelizmente não posso arrancar com toda a velocidade como gostaria. Não, primeiro preciso posicionar o

carro e esperar que a largada seja dada.

O ar enche meus pulmões quando coloco o *Porsche* no ponto de partida. Meu carro fica bem no meio dos outros e olho para os lados de relance, mas foco na minha esquerda, onde o *Nissan* de Nolan está.

Ele desce o vidro da sua janela e dá um meio sorriso em minha direção. Suas íris brilham com a mesma animação e euforia que sinto correr dentro de mim.

Devolvo o sorriso, porque nesse momento é inevitável, mas o novo fumê que coloquei em meu carro certamente o impede de ver minha reação.

Meus dedos tremem e minha perna balança em pura ansiedade pelo momento da largada.

Assisto a garota com saltos altos e blusa curta caminhar até onde estamos posicionados. Ela para bem na minha frente e sorrio.

Certamente ela é corajosa.

Eu poderia afundar meu pé no acelerador e atropelá-la com facilidade.

Não que eu tenha motivos para isso, mas poderia se quisesse. E o fato dela confiar em mim quando sou completamente inconsequente é admirável.

Ou idiota.

Meu sorriso se alarga, "*Dark Times*" chega em seu refrão e me controlo para não pegar um cigarro. O clima definitivamente é propício.

A fumaça embaçando o vidro, a nicotina misturada com a adrenalina, a música sensual embalando meu corpo e o motor roncando embaixo de mim.

Porra.

Isso seria fodidamente bom.

Minha música está alta a ponto de eu não conseguir ouvir a euforia do lado de fora, embora eu tenha certeza de que as pessoas gritem.

A garota pergunta para eles se estão prontos, recebendo a confirmação em forma de aceno.

Minha pele queima.

Ela me encara, tentando ver através do vidro escuro, então ameaço dar partida no carro, lhe dando a resposta que ela quer. Seus olhos se arregalam levemente e sorrio.

A ansiedade me consome.

A garota sai da frente do meu carro e puxa duas bandeiras presas no seu short.

Meu coração martela em meu peito, batendo tão rápido que quase o escuto.

Ela se inclina para trás.

Meu pé fica em cima do acelerador.

A largada é dada e um tiro com bala de festim ecoa.

Arranco com o carro.

Meu corpo inteiro formiga e solto uma risada, olhando para o velocímetro.

Em menos de cinco segundos, chego a cem quilômetros por hora. A mudança brusca do *Porsche*, antes parado, para agora em alta velocidade, sempre me deixa zonza.

Afundo minha bota no pedal e sinto o motor rangendo. O prazer nubla minha vista e tenho certeza de que não existe sensação melhor do que essa.

Droga, estou nas alturas.

Nada e nem ninguém pode me parar.

Olho para a esquerda, o carro de Nolan está disputando espaço com o meu e estamos lado a lado, ao passo que vejo o de Cody pelo espelho retrovisor, atrás de nós.

A adrenalina me faz apertar o volante, a poeira é levantada por onde passamos e *“OHMAMI”*, do *Chase Atlantic*, compete pela minha atenção junto com o ronco do motor em meus pés.

Me sinto fora de mim.

A vontade que sinto é de apenas acelerar, sem me importar com o que pode acontecer.

Quero acelerar.

Mais. Mais. Mais.

O que tenho não é o bastante.

Não quero me importar com as consequências, não quero me importar com o limite, nem com as outras pessoas que apostam em nós.

Eu só quero mais dessa adrenalina que me deixa desnorteada.

Sem controle.

Desgovernada.

Vejo Nolan tentando me ultrapassar e não hesito ao jogar meu carro de encontro ao seu. Vejo o sorriso brilhar em seu rosto.

Dentre todos os corredores, ele é o único que nunca se incomoda com os meus jogos sujos. Nolan se diverte com eles e eu nunca tento me conter. Na pista, não me importo com os outros participantes, tudo o que importa é a minha vitória, o meu *Porsche* e eu mesma.

Nada além disso e da adrenalina que me preenche de dentro para fora importa.

Cento e noventa brilha no velocímetro quando me aproximo da primeira curva. Minha mente foca unicamente na estrada que se torna pequena para qualquer um além de mim.

Os nós dos meus dedos ficam brancos com a força que seguro o volante e piso ainda mais fundo, chegando a duzentos e vinte.

Cacete, isso não deveria ser tão bom.

Essa porra é muito melhor do que qualquer droga que já experimentei.

Nem mesmo a epinefrina injetada direto em minhas veias é capaz de superar a sensação que sinto nesse momento.

Duzentos e trinta.

Jogo meu carro na frente do de Nolan e sinto o impacto na minha traseira, quando ele bate contra mim de modo proposital.

Giro o volante com rapidez, tirando o pé do acelerador por alguns segundos para conseguir controlar a velocidade. As dianteiras ficam opostas à curva e deslizo com facilidade em um *drift* perfeito.

Infelizmente, não sou a única a conseguir esse feito.

E embora eu tenha assumido a liderança, ela dura míseros segundos até Nolan encostar outra vez. Tento cortá-lo, mas a cada vez que faço isso, seu capô bate contra minha traseira.

O Nissan GT-R *contra meu* Porsche 911 *modificado.*

A competitividade me faz tremer.

Jogo meu carro para a esquerda para bloquear sua passagem e ficamos nessa disputa até a segunda curva se aproximar.

Duzentos e setenta.

Empurro meu pé ainda mais fundo, querendo mais do que apenas isso.

Se meu carro chega até quatrocentos e vinte quilômetros por hora, por que ainda estou tão devagar?

Rosno, amaldiçoando as pessoas por perto. Eu não teria que me controlar se estivesse sozinha, não precisaria me conter com medo de matar alguém.

As curvas também são um problema, essa segunda é a mais apertada e me preparo para ultrapassá-la, contudo, estou tão focada no carro de Nolan que esqueci o de Cody.

Relaxei na presença de um motorista inexperiente.

Ele aumenta sua velocidade de uma forma desproporcional e consigo prever perfeitamente o que vai acontecer.

Nós vamos colidir.

A curva é estreita, nossos carros não vão passar nessa velocidade — ao mesmo tempo —, mas ele também não vai conseguir evitar o acidente.

Porra. Porra. Porra.

Maldito seja.

Por um segundo, cogito a ideia de continuar mesmo assim, mas merda, se os dois carros se chocarem nessa velocidade, podem explodir e vamos morrer.

Caralho.

Olho para o carro de Nolan e tomo minha decisão.

Tudo acontece muito rápido.

Solto o pé do acelerador e giro o volante para a direita na intenção de evitar a colisão com Nolan do lado esquerdo. Ambos me ultrapassam e perco o controle do carro por alguns instantes.

As rodas derrapam para fora da pista e o carro gira, com os pneus chiando. O motor range quando puxo o freio bruscamente e aperto meu pé contra o pedal, sendo arremessada para frente com o solavanco que o *Porsche* dá.

Meu corpo fica seguro por conta do cinto, mas minha cabeça acerta o volante com força.

Droga.

Rosno com a dor e permaneço de olhos fechados, praguejando o fodido amador que sequer sabe o que está fazendo.

Desgraçado do caralho.

As batidas no vidro me assustam porque não tem como ninguém ter chegado tão rápido e quando viro o rosto para o lado, me surpreendo ao ver Nolan com um semblante preocupado.

Pisco e a surpresa é tão grande que destravo a porta no automático.

— Que porra, Ravena — ralha, praticamente se enfiando dentro do meu carro.

Sua reação é tão inesperada e a preocupação em suas íris é tão genuína que não reajo.

Sinto seu toque em minha bochecha e ele analisa minha testa atentamente. Seu semblante é sofrido e ele parece angustiado ou com nojo. Não consigo definir.

Levo a mão ao local para ver se está sangrando e passo meu dedo por cima, sentindo um pequeno corte.

— Não faça isso, pode infeccionar, caralho. — Ele não aparenta gostar da visão do sangue, mesmo sendo ínfima. — Além da sua cabeça, alguma parte sua está doendo? — Sua inspeção é minuciosa e ele solta meu cinto, me ajudando a sair do carro.

Pisco. Pisco. Pisco.

Sem reação.

— Alguma coisa está doendo? — insiste, como se saber disso fosse realmente importante.

Nego.

— Não, nem mesmo minha cabeça dói — falo com indiferença, e isso parece aliviá-lo.

Ele passa a mão em seus cabelos platinados e respira profundamente, como se só permitisse que o ar entrasse em seus pulmões agora.

— Por que diabos você fez essa merda? — questiona e essa é a primeira vez que escuto esse tom vindo dele.

— Os carros iam colidir, só evitei um acidente.

Ele solta uma risada ácida no meio da pista vazia.

— Muito bem, Crawford. Certamente é mais coerente você se acidentar sozinha.

Bufo.

— Por que você está tão irritado? — rosno. — Eu que saí da corrida, você não deveria ter vindo atrás de mim, sequer sei por que fez isso. Foi burrice entregar a disputa nas mãos daquele imbecil.

— O quê? — Ele ri e o deboche é visível em cada um dos seus poros. — Eu fiquei preocupado que você tivesse se machucado e você considera burrice? — zomba.

— Sim. Você foi burro — decreto, e ele passa a mão em seu rosto, exasperado.

— Não ouse questionar minhas atitudes quando você não conhece o motivo por trás delas — ladra. — E eu teria feito isso por literalmente qualquer um, não se ache tão especial.

Deixo escapar um murmúrio sarcástico.

— Então você é mais idiota do que parece, porque eu não teria parado para checar se você está bem. — Soo grosseira porque me incomoda que ele tenha se preocupado.

Me irrita que ele demonstre um lado humano que eu não consiga expressar com tanta facilidade.

— Não me importo — diz com indiferença. — Se você é uma filha da puta egoísta, não é da minha conta.

— Mas mesmo eu sendo uma desgraçada egoísta, você parou por mim.

— Somente porque eu me culparia se não o fizesse. Somente porque eu jamais deixaria alguém perto de mim se machucar. Somente porque independentemente da pessoa, eu teria parado.

— Quanto drama, por que você está agindo como um mártir?

Ele bufa, seus olhos estão nublados.

— Você tem razão, foi burrice. Da próxima vez, não pararei por você. — É tudo o que diz antes de se afastar.

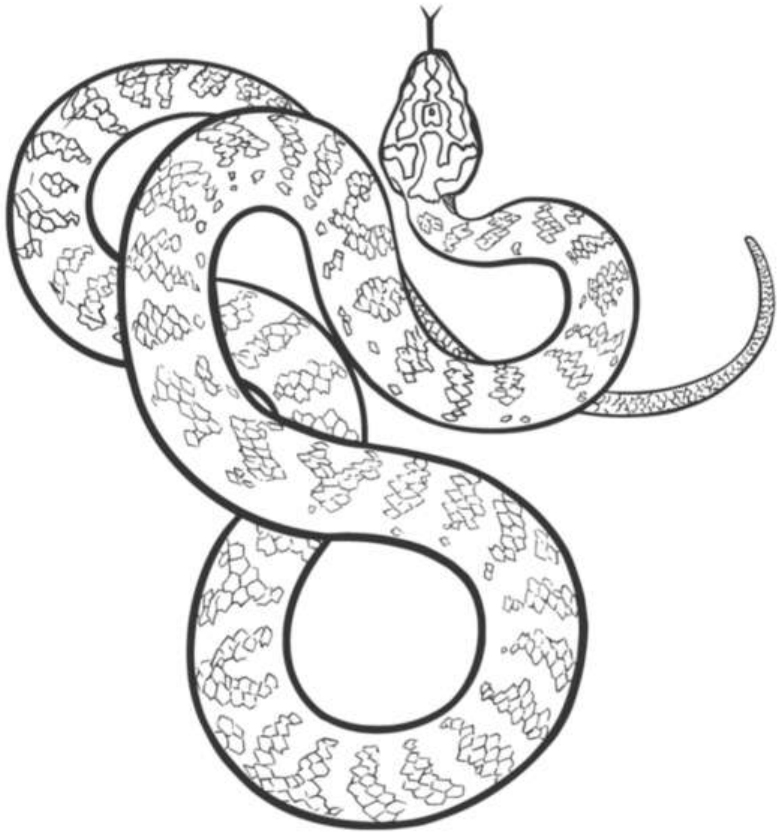
Engulo em seco enquanto vejo suas costas se distanciando. Seu carro está estacionado de qualquer jeito, a porta está aberta e ele parece ter vindo o mais rápido possível.

Ele entra no veículo e fecha a porta com força, ao passo que continuo sem me mexer, apenas analisando seu comportamento.

Não consigo evitar o pensamento de que essa foi a primeira vez, desde que o conheci, que Nolan demonstrou algum tipo de reação que não fosse superficial.

OceanofPDF.com

Capitulo 07



Me diga que você vai matar qualquer um por mim
Seja a garota safada que eu quero ver
Pistas diferentes nas palavras que você fala
Nós nos aprofundamos
Love Overdose _ Daniel Di Angelo

OceanofPDF.com

Nolan Jones

— Achei que você tivesse dito que a odiava — Vic murmura ao meu lado, enquanto Nick e Morg assistem a corrida final de Aiden contra Cody.

O vencedor é óbvio, então não foco tanto na pista e sim na garota loira perto de mim.

— E odeio.

— Então por que agiu como um personagem de dorama, voltando para resgatar a protagonista indefesa?

Rio.

— Eu seria um dos CEOs ricos? — questiono para mudar o assunto.

— Não, seria o lesado que nunca assume o que sente. — Sua resposta é sincera e levo minha mão ao peito, como se estivesse ofendido.

— Você é cruel, Viczinha. Estou começando a achar que a pose de garota boazinha sempre foi apenas uma farsa para acolhermos você.

Ela ri.

— Compensou perder a corrida por ela? — Soa curiosa.

Nego na mesma hora com um aceno.

— Nem fodendo — rosno, fingindo um arrepio ao lembrar de alguns minutos atrás. Vic ri.

Mas eu não conseguiria ignorá-la. Eu não teria ignorado se fosse Cody, Jake ou Raphael.

Eu precisava garantir que estava tudo bem, ainda mais que era o *meu* carro que estava batendo contra o seu e que ela derrapou para fora da pista na intenção de não bater *contra mim*.

Se algo tivesse acontecido, se Ravena tivesse ficado gravemente ferida ou pior… Eu não posso lidar com isso, não posso carregar mais sangue em minhas mãos. Não posso ter o peso de mais uma morte sobre meus ombros, quando deveria ser eu.

E se eu não posso morrer, quem dá o direito daquela desgraçada ignorante fazer isso? Ninguém.

E foi por isso que voltei.

— Ela parece irritada — comenta, e meu olhar vagueia até a morena gesticulando para um dos organizadores.

Estou longe o bastante para não ouvi-la, mas consigo imaginar o que ela diz. Aposto que fala sobre o absurdo que é Cody competir sem sequer ser capaz de fazer uma curva.

Sua postura é ameaçadora e Jake está perto dela como um fiel escudeiro. Consigo ver o sorriso debochado tomar conta do seu semblante e vejo seu revirar de olhos.

Sinto a atenção de Alex sobre mim e só então reparo na sua presença perto do organizador, que esclarece as coisas para Ravena. Abro um sorriso provocativo em direção à loira de olhos cinzentos e quase consigo ouvir seu suspiro.

— Cody poderia mesmo ter causado um acidente com a sua imprudência, mas essa merda toda é ilegal. Não temos regras ou leis, então não tem motivo para Ravena reclamar. — Dou de ombros com indiferença e foco na pista, vendo o *Audi R8* de Aiden na liderança.

É prazeroso ver Cody comendo poeira, afinal, por sua culpa não ganhei nossa aposta.

Idiota.

Kian se aproxima de nós e volta carregando uma bolsa feminina em seu ombro, sem se abalar. Ele sequer tenta esconder que é um pau-mandado

da sua mulher. Vic repara na presença dele e abre um largo sorriso em sua direção.

O fato de eu estar ao seu lado é facilmente esquecido quando ela olha para ele e o semblante fechado, que é quase uma característica registrada de Kian, se desfaz em questão de segundos. O mundo inteiro se torna *insignificante* quando ela está por perto.

Na verdade, Kian transformaria todas as pessoas em cinzas insignificantes por Vic.

É bonito e assustador. Ao menos para mim.

Imagino que ter esse tipo de sentimento por outra pessoa seja aterrador.

Trent vem atrás dele, e por um segundo me questiono o que eles foram fazer, mas a curiosidade não é grande o bastante para que eu pergunte. Ele também olha para Morgana como se ela fosse seu mundo e acho que por ela, Trent até mesmo se converteria e entraria para a igreja.

Então, como? Apenas *como* eu posso dar esse tipo de poder para alguém? Como eu poderia transformar outra pessoa no meu mundo, quando o simples fato de eu estar vivo é um cruel castigo?

Sem contar que seria entediante ter apenas uma boceta pelo resto da vida. As pessoas seriam tristes se perdessem uma joia tão rara e boa no que faz, como eu.

Minhas noites de sexo se tornariam todas iguais e a monotonia me atingiria tão rápido que eu precisaria ficar chapado o tempo inteiro.

Totalmente tedioso.

Aiden ultrapassa a linha de chegada, vencendo, e as pessoas gritam eufóricas. Aquelas que apostaram nele, ainda mais.

Nick se joga em seus braços e ele ri abertamente, segurando sua namorada com facilidade. Eu sempre soube que eles terminariam juntos, ou melhor, eu torcia para que isso acontecesse.

Aiden merece ser feliz e a única pessoa capaz de proporcionar isso a ele, é Nick. Admiro quão forte o amor dos dois é, mas não sei se eu

suportaria passar por toda a dor que eles suportaram até ficarem juntos.

Uma voz irritante na minha cabeça sussurra que sim.

Eu aguentaria três anos de puro martírio para que seu coração voltasse a bater? Sim, droga, eu aguentaria até mais.

Eu daria de tudo para trocarmos de lugar.

Droga, não queria ter pensado nessa merda.

Todos se aproximam de Aiden, inclusive Alex e Hunter, e encaro o lugar onde a loira estava há alguns minutos, procurando por Ravena. No entanto, sua presença já não está mais à vista em lugar nenhum, nem o seu carro.

Tanto faz.

Caminho até onde Aiden está e me junto aos outros para comemorar mais uma das nossas vitórias.

Eu não sei por que vim.

Disse a mim mesmo que a nossa festa estava tediosa e que eu já tinha transado com todos que despertavam meu interesse. Repeti durante todo o caminho que estou procurando uma nova pessoa para foder, uma que ainda não tenha tido a sorte de transar comigo.

E até mesmo agora, enquanto passo pela porta, entrando na festa da Alpha, falo mentalmente que o único motivo que me trouxe até aqui foi a ânsia por algo novo.

Só quero me divertir, porra.

Apenas isso.

Sinto o olhar de Pietro, um dos membros no comando, sobre mim e sorrio em sua direção. Ele não tenta me impedir de entrar.

Já o conheço há algum tempo e embora eu esteja fora do meu território e tenha desviado o caminho para chegar aqui, essa não é a primeira vez que dou o deleite da minha presença. Então, não sou um estranho.

E não é como se eles fossem causar um espetáculo somente por um membro dos Víboras estar em sua festa. Na verdade, Dylan — o líder — deveria me mimar, para que eu tivesse vontade de voltar mais vezes.

Afinal, todos sabem da minha reputação e não é desconhecido o fato de que minha presença acaba atraindo muitas pessoas para perto.

Sempre foi assim.

Uma música eletrônica toca nas caixas embutidas na parede. A festa se concentra na sala, que é facilmente do tamanho de uma casa normal. Fumaça colorida, vinda de alguns pequenos bastões no chão, se mistura com a da maconha e do cigarro.

Sei que eles não vendem drogas e que aqueles que cheiram e consomem provavelmente já compraram de nós.

Meus dedos coçam e o êxtase do ambiente começa a se infiltrar pelos meus poros. A animação das pessoas dançando é fodidamente contagiante.

Uma asiática de cabelo curto se aproxima de mim, estendendo um copo em minha direção. Sorrio de modo galanteador, aceitando a bebida e virando em um único gole.

Se não irei ficar chapado essa noite, ao menos ficarei bêbado e transarei para caralho.

— Minah. — Ela estende sua mão em minha direção e dou um meio sorriso, pegando os dedos delicados ao aproximar a boca do seu ouvido.

— Minha? — sussurro, fazendo um trocadilho com o seu nome.

Ouço sua risada.

— Se você quiser… — oferece, provocativa, e rio, puxando sua cintura para colar nossos corpos.

Observo seus olhos e embora ela tenha uma postura confiante, não parece do tipo que aceitaria foder aqui embaixo na frente dos outros.

Eu, verdadeiramente, não me importo com o lugar, mas se ela ficará mais confortável em um banheiro ou um quarto qualquer, farei dessa maneira. Eu prezo sempre por deixá-los confortáveis, porque o prazer só preenche minhas veias quando é mútuo.

Porra.

Ouvir os gemidos de quando imploram por mais me deixa extasiado.

— Acho que estamos perdendo tempo. — Meu polegar desliza na pele exposta da sua cintura e ela morde o lábio.

— Você sequer me disse seu nome.

Rio.

— Acredite, quando você estiver com as pernas tremendo de prazer e a cabeça pesada, não conseguirá lembrar o meu nome. — Mordisco o lóbulo da sua orelha. — Mas garanto que não esquecerá da experiência ou da minha aparência.

Os poucos pelos em seu corpo se arrepiam e resvalo meus lábios contra os seus, deslizando minha língua por cima deles.

Sua mão segura a minha e ela me guia em direção às escadas, como se estivesse acostumada com o lugar. Me pergunto se ela é um membro novo da Alpha ou se apenas participa das festas que eles dão com frequência.

Não que seja relevante.

Meus passos são lentos e fico perto do seu corpo, analisando-o com atenção enquanto sou guiado por ela.

Demorarei em você, mas não acho que apenas seu corpo seja o bastante essa noite.

Provavelmente procurarei por mais.

Olho por cima do ombro e encaro as pessoas atrás de mim, opção definitivamente não é o que me falta.

Sorrio, acompanhando-a de perto. Quando chegamos no segundo andar, ela caminha para o lado esquerdo e empurra a quarta porta à direita.

Não espero que o cômodo esteja vazio, estou acostumado com as festas o bastante para saber que se um lugar está destrancado, isso será visto como um passe livre e alguém estará transando ali.

Contudo, ela não parece pensar da mesma forma, porque solta um murmúrio surpreso. Sigo seu olhar até a cama e entreabro meus lábios, tendo uma reação parecida com a dela.

Mas não por ver duas pessoas transando. Não, minha surpresa é ver Ravena fazendo isso.

Seus olhos felinos focam em mim e ela abre um sorriso debochado, porém, não para de cavalgar no colo do homem.

Minhas íris se prendem em seu rosto e não consigo focar na mulher ao meu lado, muito menos no fodido que tem o pau entalado em sua boceta.

— Desculpa… — a garota murmura, puxando minha mão para sairmos.

Não me mexo e Ravena ri.

— Se quiserem ficar, eu não me importo. — Seu tom é *sexy* e é seguido de um gemido baixo.

Pisco, erguendo o canto da minha boca ao perceber que ela ainda está vestida. Ravena segue com a mesma blusa de manga transparente e decote longo e a mesma saia preta. As botas que vão até seus joelhos também seguem em suas pernas e ela é claramente quem está no comando.

Ela quem está fodendo esse imbecil e não o contrário.

Não falo nada e isso parece ser uma boa resposta para a minha distração de hoje que fecha a porta com nós quatro aqui dentro.

O cheiro de sexo preenche o ar e o cômodo se torna abafado.

A garota segura meu rosto entre suas mãos e ataca minha boca em um beijo apressado, como se ela estivesse esperando por isso há uma eternidade. Sua língua se enfia por entre meus lábios e o gosto cítrico em sua boca se espalha pela minha.

É prazeroso.

É prazeroso para caralho ver Ravena rebolando dessa maneira, porra.

Mirah, ou seja lá qual for seu nome, me empurra contra a parede, colando seu corpo no meu. Ela não desgruda nossas bocas e seu beijo é desesperado demais.

Não consigo desfrutar.

Ou talvez o motivo seja outro.

Meus olhos se recusam a fechar, na verdade, eles não querem nem mesmo piscar. Toda minha atenção fica sobre Ravena e isso parece diverti-la, ela gosta de ter meus olhos sobre seu corpo enquanto quem está me beijando não recebe um único grama da minha concentração.

As íris felinas estão recaídas sobre mim quando ela se posiciona melhor, abrindo suas pernas e subindo a saia até a altura de sua barriga.

Gemo, e o homem sentado na cama, que não faz porra nenhuma além de segurar sua cintura, faz o mesmo.

Ravena está em seu colo, virada de costas para ele e de frente para mim, e por isso, por essa posição do caralho, tenho a vista perfeita dela fodendo.

Porra.

A língua da garota desliza contra a minha e ela grunhe como se estivesse aproveitando o momento.

É, eu também estou aproveitando.

Meu olhar fica fixo na boceta vermelha engolindo o pau do imbecil de uma maneira faminta. Ravena rebola contra ele com força e de modo ritmado. Sua boceta se estica para acomodá-lo e imaginar o quão quente e doce ela deve ser deixa meu pau tão duro que dói.

Merda. Merda. Merda.

A garota percebe minha excitação e sorri, me encarando com animação. Me obrigo a fitá-la e isso lhe serve como incentivo, porque seus dedos vão até o botão da minha calça e ela o desabotoa, se ajoelhando na minha frente sem que eu precise pedir.

Ravena ri, gemendo com o pau atolado dentro dela. A perversidade brilha em seus olhos, como se tivesse plena convicção de que foi a responsável pelo meu estado de desejo atual.

Mirna deixa escapar um som estrangulado quando puxa meu pau para fora da cueca. Todo meu comprimento e minha glória se excitam sob seu olhar desejoso com uma pontada de assombro.

O *piercing* prateado brilha e atravessa a borda estriada da cabeça do meu pau. Suas íris duplicam de tamanho ao encará-lo e assisto a reação de Ravena.

O olhar felino recai sobre minha glande e ela engole em seco, com fome e desejo. Quase rio, mas estou excitado demais para fazer isso.

Nesse momento, eu lhe daria meu pau e deixaria que ela fizesse tudo o que tivesse vontade.

— Você também pode se ajoelhar para mim, se quiser — ofereço sem o menor pudor, e a garota aos meus pés não parece gostar, mas não me importo.

Ravena sorri.

— Passo, não tenho interesse. — A mentira escorre dos seus lábios facilmente, diferente dos seus olhos, que não mentem.

Escoro minha cabeça na parede e fecho os olhos por um segundo, com o prazer me atingindo no instante que Milah me aperta com seus dedos quentes.

Grunho com a masturbação lenta, mas basta que eu a encare para perceber que ela está ansiosa por uma aprovação.

Droga.

Dou um meio sorriso para ela e coloco minha mão por cima da sua, fazendo com que ela deixe o aperto ao meu redor maior.

Queria que fosse tão apertado quanto Ravena parece ser.

Porra.

A garota faz como pedi e deixo-a no comando, voltando meu olhar para a morena com deboche evidente até mesmo enquanto transa.

Assim que seus olhos se concentram nos meus, ela aumenta a intensidade da sua cavalgada, rebolando com mais impetuosidade em cima do filho da puta inútil.

Me pergunto se ele é mesmo tão ruim de cama ou se Ravena quem não se permite ser tocada. Porque essa é a única explicação plausível para sua falta de atitude.

Encaro o homem embaixo dela e ele evita meu olhar. Uma de suas mãos está apoiada no colchão e a outra segura sua cintura.

Ele grunhe e aproxima sua boca do ouvido dela, mas isso é tudo.

Travo o maxilar, irritado.

Se eu estivesse em seu lugar, amarraria suas mãos e brincaria com sua boceta enquanto alternaria as investidas entre seus dois buracos.

Ravena me sentiria tão profundamente que eu deixaria meu pau marcado para sempre em sua boceta e seu cu.

Ela jamais esqueceria.

A garota lambe da minha base até minha glande, e estremeço quando me abocanha, com o calor de sua boca me dando boas-vindas.

Cacete.

Cerro o punho, o prazer me faz grunhir e seu gemido ecoa ao mesmo tempo do meu. Seguro um punhado dos cabelos da garota ajoelhada, fazendo sua boca pequena ir mais fundo. Só que o máximo que ela consegue abocanhar é a minha glande.

Não me importo, nesse momento isso é o bastante.

O ambiente fica cada vez mais quente e sinto o suor escorrendo nas minhas costas. O cheiro de sexo se torna maior e o barulho molhado do boquete e das investidas se misturam. Assim como os gemidos e as respirações pesadas.

A maldita, diabólica para um caralho, captura meu olhar ao levar dois dos seus dedos até sua boca, chupando-os. Sua língua desliza lentamente pela pele do seu indicador e a amaldiçoo.

Ela quem deveria estar ajoelhada aqui, caralho. Essa língua afiada deveria estar deslizando pelo meu pau e não pelos seus dedos. *Que desperdício de saliva.*

Me arrepio por completo quando ela guia os dedos melados até sua boceta e começa a brincar com seu clitóris. O pau do filho da puta estica seus lábios sempre que ela se senta nele, engolindo-o até o talo.

A região avermelhada e encharcada deixa minha boca seca e tudo que eu queria era me afogar na sua boceta. Eu me afogaria nela e a chuparia até que ela gozasse, desmaiando sem forças.

Travo o maxilar com o pensamento e preciso me controlar para não afastar a garota aos meus pés e me ajoelhar para chupá-la, sem me importar com o pau que a empala.

Minhas mãos tremem com o desejo e Ravena não deixa o gesto passar despercebido.

Ela tenta sorrir, mas o prazer é a única coisa que domina sua expressão. Suas cavalgadas contra o homem aumentam significativamente e seus olhos seguram os meus, me proibindo de desviar.

Tenho literalmente a porra de uma mulher ajoelhada na minha frente, me chupando, mas meu foco pertence unicamente a ela. E Ravena tem um pau atolado dentro da sua boceta, ela rebola contra o colo de um homem, mas o seu olhar desejoso está em meu rosto e ela nem mesmo pisca.

Talvez sejamos dois filhos da puta.

Mas quer saber? Que se foda.

Seus gemidos ficam mais altos e ela grita quando chega ao ápice. Seu corpo inteiro treme e mesmo meu pau recebendo atenção, está longe de ser o que ele quer.

Aumento o aperto nos fios curtos da garota e guio seu boquete, assumindo o controle na tentativa de conseguir alcançar o prazer.

Me obrigo a focar nela e ignorar Ravena, porque não quero ver o modo que sua boceta se contrai ao gozar. Tudo o que já vi foi o suficiente.

Por isso, foco na garota e me concentro na sua boca quente babando meu pau. Isso é bom. Sua língua brinca com minha glande e empurro sua cabeça mais fundo, querendo sentir sua garganta. Ela tenta acompanhar o ritmo.

Sinto a presença e o calor de Ravena e me surpreendo ao levantar o olhar e vê-la na minha frente. A morena ergue seus lábios e pisca em minha direção. O machucado em sua testa está com um curativo, a sua saia está no lugar e ela dá um tapinha em meu ombro, passando por mim com um maldito sorriso provocativo e postura arrogante.

A porta é fechada quando ela nos deixa e pisco algumas vezes.

Então Ravena é do tipo que vai embora depois de ter o que quer.

Não me surpreende.

Encaro o idiota sentado com a calça baixa, o pau meia-bomba, ainda se recuperando, e uma cara de tacho.

Que patético.

O barulho da garota engasgando me faz fitá-la e mesmo que o prazer de ter minha glande batendo em sua garganta seja indescritível, faço com que ela se afaste.

Seus olhos encaram os meus e minha promessa silenciosa de que a farei gritar de prazer é a única coisa que importa agora. É tudo o que deveria ter importado desde o começo.

Vou foder seu corpo até que ela esqueça seu próprio nome, mesmo que — por essa noite — minha mente esteja focada em um outro lugar.

OceanofPDF.com

Capitulo 08

Você não é meu dono
Não sou mais um de seus brinquedinhos
Você não é meu dono
Não diga que não posso sair com outros garotos
You Don't Own Me (feat. G-Eazy) _ SAYGRACE

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Todos os membros da Alpha olham para mim no instante que passo pela porta. *Que se foda.*

Minha cabeça está erguida e cada passo meu demonstra pura indiferença. O olhar de Dylan vagueia até o cigarro entre meus dedos e reviro os olhos, jogando a bituca no chão para apagá-la.

— Você está bem? Soube que se machucou na corrida de ontem — o líder pergunta quando piso sobre o cigarro, deixando as cinzas debaixo da minha bota.

Suas íris desviam até o curativo em minha testa e bufo.

— Se ela estivesse machucada, não teria vindo para trepar na festa — Marie se intromete e viro meu pescoço até o canto da sala para encará-la.

— A pergunta de Dylan foi destinada a você ou a mim?

Ela engole em seco, rangendo seus dentes.

— Você. — Seu tom é baixo e ela só responde por não querer abaixar sua cabeça como uma covarde e ficar calada sobre o olhar de todos.

— Então se coloque em seu lugar e não tente se enfiar onde sua presença insignificante não cabe. — Fito seu corpo com desdém, um leve sorriso debochado se ergue em meus lábios. — E se quer um conselho, não seja tão amarga. Isso só deixa claro que é você mal-comida — acrescento um pouco mais baixo e ela grunhe.

Algumas pessoas riem.

— E então, se machucou ou não? — Dylan insiste, trazendo a atenção para si outra vez. Seu olhar está fixo no curativo em minha testa.

— Não, aquilo não foi nada — descarto prontamente.

— Está bem. Quando é a próxima corrida? — pergunta, com isso sendo a única coisa que verdadeiramente o interessa.

— Eu, por um acaso, sou uma das organizadoras? — A rudez em minha voz é utilizada até mesmo com ele e isso é uma das coisas que mais irrita os outros.

— Não.

— Exato, e ainda assim você está me fazendo perder tempo com perguntas sem sentido — murmuro, estalando minha língua.

Suas íris flamejam, mas ele não me repreende. Esse não é o nosso acordo.

Não, eu não faço parte dos Alphas para agradá-lo. Meu papel aqui é apenas um: dar o cinquenta por cento de todo o dinheiro que eu receber das apostas.

Não preciso obedecê-lo, não tenho que lhe dar satisfações, não sou obrigada a morar com os outros e faço tudo o que quero. Tenho todas as regalias de fazer parte de uma fraternidade, recebo passe livre em todas as festas e posso participar de *todas* as corridas com a ajuda de Dylan, que é próximo de um dos organizadores.

Na verdade, eu *preciso* participar das corridas. Não há acordos envolvendo essa parte. Ou eu participo, ou estou fora. Isso e a metade do dinheiro, é o preço que eu pago. Essas são as únicas duas condições que ele exige em troca.

E, bom, eu diria que saio ganhando, uma vez que tenho dinheiro até demais e necessito da adrenalina que apenas as noites na pista proporcionam.

Sinto o olhar dos outros sobre mim e me irrita que eles não saibam desse nosso acordo. Não me importo se eles acham que sou uma megera que desafia o líder, uma vadia que abre as pernas para qualquer um ou até mesmo uma louca suicida que corre na intenção de se matar. Verdadeiramente não dou a mínima para o que eles pensam.

No entanto, o que me estressa é o olhar de julgamento que nunca é externado por conta da covardia.

Isso sim me tira do sério.

Ameaço me afastar, já cansada da interação.

— Você não veio para ficar? — ele questiona, curioso.

— Não, só vim pegar meu celular que esqueci ontem. — Meneio minha cabeça em um aceno. — Se me der licença… — murmuro, já me afastando.

Ninguém tenta me impedir e o ar parece suspenso durante esse momento em que caminho até a saída.

Levo meu olhar até Jake, ele está escorado na parede e suas íris zombeteiras me repreendem. Quase consigo ouvir sua voz falando que causei uma cena desnecessária.

Dou um meio sorriso em sua direção e os deixo para trás. Diferente de mim, Jake não tem nenhum acordo com Dylan e por isso ele mora com os outros e recebe o mesmo tipo de tratamento.

Acho que ninguém suspeita que o líder da Alpha receba algo de mim justamente por isso. Porque Jake corre e não tem nenhuma regalia especial, como eu. Logo, é mais fácil pensar que fodo com ele e que sou privilegiada por isso.

E por mais absurdo e irritante que seja, nunca me dou ao trabalho de explicar.

Porque, no final do dia, não faz diferença.

Encaro a lua por alguns segundos, ela está cheia e brilhosa. Sua luz reflete na parede grafitada e tomo algum tempo apenas admirando meu trabalho.

Nada mal, Rav.

As máscaras pintadas expressam diferentes emoções e o corpo delineado da garota as encara, como se escolhesse qual deve usar agora. Acima da sua cabeça, uma mão com diversas cordas segura um coração, fazendo-o de marionete.

Usei somente a cor preta porque seria impossível colocar alguma outra quando a confusão, tristeza e manipulação são os sentimentos que se sobressaem na arte.

Pisco, focando minuciosamente nos detalhes, sendo extremamente crítica em relação a eles.

O que sequer faz sentido, porque esse é só um prédio abandonado com uma parede descascando.

É impossível deixar perfeito com essas condições.

Então, tendo isso em mente, assobio minimamente satisfeita.

De fato, nada mal.

Estalo meu pescoço e sinto a tensão muscular em minhas costas por ter ficado tanto tempo com o braço levantado pichando. No entanto, ao invés de parar um pouco para descansar, largo a lata de *spray* vazia no chão e me abaixo na altura da bolsa para pegar mais uma, na intenção de acrescentar outra máscara, dessa vez uma sorridente.

Acredito que dentre todas as facetas que nós, seres humanos, utilizamos, essa deve ser a mais usada.

Quero dizer, se a mentira mais contada do mundo é “eu estou bem”, faz sentido que a máscara mais usada seja a da falsa felicidade.

Rio.

O que caralhos é felicidade no final das contas?

Por que todas as pessoas se esforçam tanto para consegui-la? Se tudo o que temos hoje é fruto de algo que já perdemos um dia, qual sacrifício é preciso ser feito para tê-la?

Vale a pena? Não sei.

Deixo os pensamentos de lado e me concentro, agitando o *spray* antes de voltar a grafitar. Estou tão focada na parede à minha frente que me assusto com a voz masculina tão perto de mim:

— Isso é crime — cantarola.

Ergo minha mão em um movimento automático e acerto um tapa forte em seu rosto, só me dando conta de que a voz pertence a Nolan quando suas íris esverdeadas me encaram com repleto choque.

— Qual é a porra do seu problema? — rosno e ele pisca algumas vezes, acariciando sua bochecha.

— O meu problema? — zomba. — Cacete, sua mão é de aço.

Reviro os olhos.

— Quanto drama.

— Estou falando sério, tenho certeza que você arrancou meu siso. — Ele faz uma careta de dor. — Porra, sua mão pesa mais do que todo o meu corpo.

— Você está me irritando.

— E você está negando socorro a alguém necessitado. Isso já totaliza como o seu quarto crime.

Franzo o cenho.

— Quê?

O desgraçado rapidamente se recompõe, somente para enumerar meus delitos.

— Primeiro: invasão. Segundo: deterioração de propriedade privada. Terceiro: agressão. — Ele ergue um dedo por vez, nitidamente se divertindo ao fazer isso. — E agora, por fim, omissão de socorro.

Bufo.

— Se for assim, você também está invadindo.

Ele abre e fecha sua boca algumas vezes, antes de dar um meio sorriso.

— Independentemente disso, meu crime seria ínfimo comparado aos seus.

Grunho, erguendo o *spray* em sua direção com verdadeira vontade de arremessar em sua cabeça, assim ao menos ele teria um real motivo para prestar queixa alegando agressão.

Seus dedos vão até meu pulso, segurando-o.

— Você é nervosinha demais, Rav. — Seu tom é provocativo e ele se aproxima de mim, ficando a apenas um passo de distância. — Se quiser, conheço uma ótima forma de aliviar o estresse — sussurra.

Seu olhar pousa sobre minha boca e o gesto faz com que eu foque em seu rosto. Porém, ao fazer isso, uno as sobrancelhas, encarando-o.

— Suas pupilas estão dilatadas — observo com curiosidade. Nolan não parece estar drogado e nem mesmo tem cheiro de bebida.

Ele aparenta estar cem por cento lúcido e sóbrio. Mas, mesmo assim, suas pupilas estão três ou quatro vezes maiores do que o normal.

— E daí? — Ri com indiferença. — Irá me culpar por desejá-la? — zomba, umedecendo seus lábios como se quisesse provar seu ponto.

Só que nunca vi uma pupila ficar dilatada dessa maneira por conta de desejo. Muito menos por estar em um ambiente com pouca iluminação.

A curiosidade ameaça me dominar. No entanto, dou de ombros, afastando o pensamento.

Nolan está certo: e daí que suas pupilas estão dilatadas? Não é da minha conta.

Puxo meu braço porque ele não parece disposto a soltá-lo e Nolan ri, dando um passo para trás. Aliso a pele em meu pulso, mesmo que em momento algum ele tenha me machucado.

Seu olhar observa o gesto e ele foca no cenário à nossa volta. As latas vazias de *spray* estão jogadas no chão enquanto a bolsa aberta esbanja as outras novas com tintas coloridas.

Um brilho indecifrável cintila em seus olhos.

— O que você quer? — questiono, ansiando pelo momento que voltarei a ficar sozinha outra vez.

— Eu? — Seu tom é debochado e ele cruza os braços. — É a primeira vez que a vejo nesse prédio — comenta ao invés de me responder.

— Eu poderia dizer o mesmo — rebato, porque estive completamente sozinha nas últimas semanas, sem ter nem mesmo um resquício da presença de Nolan.

Ele sorri.

— Isso significa que você vem aqui com frequência?

— Pode-se dizer que sim. — Faço um gesto de indiferença e ele acena, voltando seu olhar para a parede, onde minha máscara de felicidade está inacabada.

— Então era mesmo você. — Assobia, e inclino minha cabeça para o lado, sem saber do que ele está falando.

— Eu o quê?

— A responsável por todos os grafites nos outros andares — esclarece. — Não achei que fosse a mesma pessoa, porque todos expressam um sentimento diferente e apareciam em tempos diferentes. Mas era você, não era?

Dou de ombros.

Nolan não precisa saber que cada arte posta nas paredes do primeiro, segundo, terceiro e quarto andar representam algum tipo de sentimento meu que tive naquele momento, mas que fui incapaz de dizer em palavras.

— Sou uma artista e tanto, huh? — provoco para que ele foque nisso e seu olhar recai no grafite que fiz hoje, como se só agora ele parasse para realmente analisar.

Não costumo me importar que outras pessoas vejam o que faço, no entanto, enquanto observam, gosto de analisar seus semblantes. Exatamente como faço agora.

Assisto sua expressão e vejo o momento em que ele engole em seco. Seus lábios se entreabrem, mas nenhuma palavra escapa deles e se tivesse que chutar, diria que o leve franzir em suas sobrancelhas demonstra desconforto.

Por quê?

Cruzo os braços.

— Você está impressionado com o meu talento ou chocado por ter se identificado? — provoco e estou tão focada na sua expressão que noto a leve travada em seu maxilar, antes dele sorrir maliciosamente.

Quase como se colocasse uma máscara para esconder sua verdadeira face e sentimento.

Uno as sobrancelhas quando o pensamento me atinge.

Você realmente se identificou, Jones?

O preço de sorrir dessa forma nesse momento é alto? Você precisa se esforçar para conseguir demonstrar apenas indiferença e zombaria?

Quão difícil é colocar uma máscara e se esconder nesse exato segundo? Você, de fato, tem algo a esconder?

— Acho que estou preocupado, na verdade — responde por fim, passando a mão em seu queixo como se analisasse o cenário.

— Preocupado? — indago, confusa.

— Sim. Afinal, se a sua máscara é desse jeito, a verdadeira Ravena deve ser realmente assustadora. — Ele treme, como se tivesse medo somente em pensar. — Deus, por favor não me deixe conhecê-la ou ela me devorará vivo e sou novo demais para morrer.

Rio.

— Não dê tanta importância para isso. — Aponto para a garota desenhada. — Eu só estava entediada. Mas você… se continuar se

preocupando dessa maneira, as pessoas podem acreditar que está apaixonado por mim.

Nolan parece aliviado com o rumo da conversa, seus ombros relaxam e ele aparenta estar tranquilo com o território conhecido.

— Ninguém pensaria isso, todos sabem que eu jamais entregaria meu puro coração nas mãos de uma pantera faminta. Você o quebraria em pedaços.

Reviro os olhos com o drama.

— Como se eu quisesse esse órgão inútil — zombo.

— Ele realmente é inútil — assume com olhos vazios. — Mas se você quiser, posso oferecer um outro órgão meu bem mais vantajoso. — Umedece seus lábios com malícia.

— Posso escolher o órgão? Acho que você seguirá bem sem o seu rim. — Minhas íris brilham em uma falsa animação para provocá-lo.

— Por que você iria querer meu rim? — Ele dá um passo para trás, levando a mão até suas costelas, como se quisesse proteger aquela região e acabo rindo. — Você parece uma maníaca.

— Pensei que você fosse dizer canibal, acho que saí no lucro.

Seus olhos se arregalam, como se ele sequer tivesse pensado nessa possibilidade.

— Retiro o que eu disse, você *é* maníaca. Não apenas parece. — Ele leva a mão até sua cabeça e toca em sua têmpora com o indicador. — É bem aqui, exatamente aqui que você tem problemas.

Sua reação exagerada me faz soltar outra risada.

Nolan é irritante.

Seus ombros parecem relaxados e ele aparenta ficar na sua zona de conforto quando está sendo dramático ou exagerando a respeito de algo.

— O que você está olhando? Perdeu alguma coisa? — questiono quando ele apenas se cala, deixando seus olhos fixos em mim.

— Não, só estava reparando em como seu sorriso é feio — diz de modo impassível, pegando um cigarro.

Bufo.

— E o meu corpo?

— Também.

— E ainda assim você tenta me levar para sua cama.

— Tenho gostos peculiares. — Ele dá um meio sorriso, com o cigarro preso entre seus lábios. E mesmo não gostando de admitir, isso o deixa *sexy.*

Reviro os olhos, decidindo ignorá-lo. Minha atenção retorna para os *sprays* e o balanço outra vez, antes de voltar a grafitar.

Sinto o olhar de Nolan queimar minhas costas a todo momento e quando olho por cima do ombro, ele não tenta disfarçar. Seu corpo está apoiado contra a parede e ele fuma tranquilamente, soprando a fumaça para o ar.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, mas tenho ciência de que é o bastante para que ele já esteja no seu terceiro cigarro seguido.

— Você sabe que isso é crime, certo? — Nolan quebra o silêncio entre nós e arqueio me sobrancelha.

— E você tem insistido muito nisso, desde quando você se importa tanto com as leis?

— Eu não me importo.

— Então fique calado e apenas aproveite que essa noite seremos dois criminosos.

Ouço sua risada.

— Por que eu estou sendo incluído?

— Porque eu não estou aqui sozinha, embora quisesse.

— Minha presença incomoda você?

— Você ainda pergunta? — Meu olhar captura o seu, mas ele não fica com raiva da minha resposta.

Não, suas íris brilham com diversão.

— Você mente tão bem que até parece verdade.

— Porque é — afirmo, e ele começa a cantarolar, me ignorando como se eu não tivesse falado nada e sequer estivesse na sua frente.

Volto a focar na parede, escondendo o sorriso que dou com sua atitude idiota.

— Você quer um cigarro? — pergunta, e penso em aceitar, mas isso me faria parar, então recuso.

— Não.

Ele não insiste e fico concentrada por algum tempo, até que o barulho das sirenes me faz olhar assustada para trás.

Pisco.

Uma viatura da polícia se aproxima do prédio, mas aqui normalmente não tem patrulha e é uma rua pacata demais. Então o que eles fazem aqui?

O carro diminui sua velocidade.

Pisco outra vez.

Que porra é essa?

— Eles até que demoraram — Nolan comenta e olho em sua direção, arregalando os olhos.

— Você me denunciou? — Meu tom é incrédulo, fico completa e totalmente chocada.

Quando ele citou meus delitos mais cedo, não achei que fosse chamar a polícia por eles, porra.

Merda. Merda.

Nolan dá um meio sorriso diabólico, se aproximando de mim. Meu cérebro só então se dá conta de que realmente estamos cometendo um crime

em uma propriedade privada e me abaixo, começando a juntar as latas rapidamente.

Meu problema não é ser presa, mas sim a comoção que isso provavelmente traria quando vissem os nomes dos meus pais na identidade.

Se uma única pessoa souber, os boatos se espalham e a minha paz acaba.

Não preciso dessa porra.

Meu cabelo cai sobre meu rosto e passo a mão em minha bochecha para empurrá-lo para trás. Vejo a viatura estacionando e os pensamentos que rondam minha mente são rápidos.

A onda de adrenalina que dispara em minhas veias é boa e vagueio meus olhos até a lateral do prédio, cogitando a distância para pular.

— Que porra você acha que está fazendo? — Ele para bem na minha frente, com o cigarro acesso entre seus dedos.

— Fugindo. — Ergo a cabeça, desafiando-o a me deter.

Nolan trava seu maxilar e a raiva em sua expressão é nítida.

— Não seja uma idiota, assim você vai acabar se matando — rosna e estende sua mão livre na minha direção.

Pisco, surpresa.

Essa é a segunda vez que Nolan tem um rompante e age de forma inesperada, a segunda vez que uma atitude sua me pega desprevenida e não o entendo.

E é a segunda vez que fico sem reação e sem saber o que pensar na sua presença.

Em um ato de reflexo, ou talvez imprudência, aceito a ajuda para levantar, sem entender porque ele está com raiva, quando foi ele quem me denunciou.

Quando fico de pé, meu corpo fica próximo ao seu. Sua mão vai até minha bochecha e me assusto com o toque suave. Quase recuo quando sinto seu polegar frio deslizando contra minha pele quente.

— O que você está fazendo? — Minha voz sai inexplicavelmente baixa e encaro seus olhos com raiva, mas as íris verdes estão completamente fixas em mim e ele não responde.

O toque deve durar no máximo cinco segundos, mas durante essa curta passagem de tempo, não penso em nada.

Seu olhar me impede.

— Você se sujou — explica. Suas pupilas ainda estão dilatadas e, nesse momento, seguem focadas unicamente em mim. — Não fuja, apenas fique aí por quanto tempo quiser. Eles não irão subir — garante e dá o meio sorriso que lhe é característico, se afastando sem dizer mais nada.

Pisco algumas vezes, confusa.

Se ele me denunciou, por que está ajudando a me esconder? E como ele explicará o fato de também ter invadido?

Não que para eles seja difícil, sua mãe trabalha na delegacia e os Víboras com certeza têm todo tipo de passe livre.

Mas, mesmo assim, a curiosidade sobre o que ele falará me faz segui-lo.

Espero algum tempo até que ele esteja distante e passo pela porta do terraço, descendo os quatro lances de escadas até chegar no primeiro andar.

Escuto as vozes vindo do lado de fora e me aproximo, ficando escondida atrás da pilastra.

— Mas você disse que… — A voz do homem desconhecido é grossa, porém, ele é interrompido por Nolan, que estala sua língua.

— Quando cheguei, vi que a porta estava entreaberta. Tenho vindo checar o prédio com frequência porque tenho pensado sobre o que farei com ele e como já tinha achado que estava sendo invadido há algumas semanas, acreditei que se tratasse disso — esclarece e prendo a respiração.

O prédio é do Nolan?

Se sim, por que ele não me impediu? Por que não disse antes?

— E não era o caso?

Nolan bufa.

— Definitivamente não, Matt — fala, zombando, como se tivesse intimidade com o policial. — Eu só esqueci que tinha contratado uma artista para ela fazer alguns trabalhos para mim. A garota não fez nada de errado e só estava agindo de acordo com o que combinamos. O erro foi meu.

— Eu nunca deveria ter permitido que Vic passasse meu contato pessoal para você — o homem resmunga e ouço a risada de Nolan.

— Achei que estivéssemos criando um vínculo — reclama, com uma falsa chateação. — Mas está tudo bem, eu supero.

O homem ri e fala alguma coisa que não consigo entender, porque aparentemente eles começam a se afastar.

Solto o ar que estava prendendo e fico alguns segundos parada no mesmo lugar, permitindo que a tensão se dissipe junto com a adrenalina.

Estou para me afastar, acreditando que Nolan foi junto com eles, quando escuto os passos voltando.

Não me mexo.

Não respiro.

Ele não subiria todos esses lances para nada. Então, sequer saberá que desci até aqui como uma criminosa sorrateira.

Prendo o suspiro aliviado ao chegar nessa conclusão.

— Eles já foram, não precisa se esconder. — A voz ecoa no espaço vazio e o tom possui uma pontada de diversão.

Droga.

Fecho os olhos, irritada por ter sido pega em flagrante.

— Venha sempre que quiser, Crawford. Mas é bom você não fazer nenhuma pintura horrível, do contrário, realmente irei entregá-la da próxima vez. — Segue falando e saio de trás da pilastra, fingindo indiferença.

Ele me encara com um sorriso encapetado.

— Por que você me deixou pichar o seu prédio? — pergunto, verdadeiramente incomodada com isso.

Ele dá de ombros, me analisando de cima a baixo.

— Gostei da arte, mesmo não tendo tanto apreço pela artista — afirma, contudo, seus olhos percorrem meu corpo e o canto esquerdo da sua boca se ergue em um sorriso provocativo, antes de se virar e me deixar sozinha.

Sem dizer nenhuma outra palavra.

Pisco, observando seu corpo se afastar. Ele não olha para trás em momento algum e seu modo de andar é quase zombeteiro.

Nolan exagera todas suas emoções e isso sempre foi nítido para mim. Mas além de exagerar, quantas ele finge e esconde?

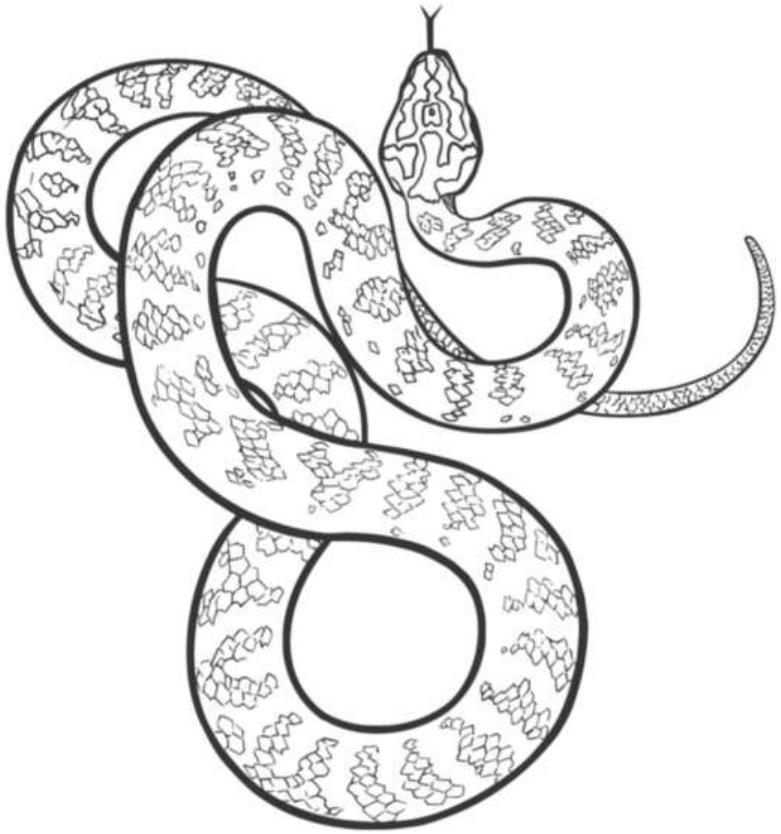
Penso em como ele travou seu maxilar e em como pareceu afetado por uma fração de segundo. Penso no modo que ele ficou com raiva ao notar que eu iria pular e fugir.

Definitivamente há algo nele que me incomoda.

Estalo o pescoço outra vez. No final das contas, Nolan Jones talvez tenha mais profundidade do que uma porta, mas não estou interessada ou intrigada o suficiente para descobrir por que ele se esforça tanto para fingir o contrário.

OceanofPDF.com

Capitulo 09



Ficando tão alterado que eu acho que eu poderia morrer
E eu não daria a mínima pra isso
Acordado a noite toda, o maldito céu está claro
Mas minha cabeça está super nublada
Triggered _ Chase Atlantic

OceanofPDF.com

Nolan Jones

A sensação de nostalgia sempre me atinge quando volto para casa, mas o único momento em que o sentimento ruim invade minha garganta, deixando minha boca com gosto amargo, é quando entro no meu antigo quarto.

Exatamente como faço agora.

Engulo em seco, encarando as paredes pretas, totalmente contrastante com os pôsteres de princesas da *Disney* colados nelas. Tenho ao menos um de cada princesa, porém, o que se destaca são os de *"Enrolados"*.

Devo ter pelo menos uns sete desses.

Sorrio fitando um onde a Rapunzel está pendurada nas costas do Flynn Ryder enquanto segura a frigideira, assustada, e o Pascal fica em seu ombro. Eu poderia dizer que essa é uma das minhas cenas favoritas, mas seria mentira, porque o filme inteiro leva esse título.

Eu seria incapaz de escolher apenas um momento como preferido, quando todos são fodidamente bons.

Não é à toa que já assisti mais de duzentas vezes e sei todas as falas decoradas.

Eu poderia interpretar facilmente o Flynn em um *live action*. Sequer precisaria aprender o roteiro.

Só a parte de atuar, claro.

E mesmo que eu nunca tenha tentado fazer isso, tenho certeza de que eu me sairia bem. Viczinha poderia me ensinar um ou outro truque. Ela

poderia até interpretar a Rapunzel.

Isso se eu quisesse que Kian me matasse.

Rio sozinho com o pensamento e, como se alguém quisesse me lembrar de que não mereço nenhum tipo de felicidade quando estou aqui, o pôster de *"A Pequena Sereia"* descola e cai em cima da colcha preta.

Travo meu maxilar e me obrigo a dar mais um passo para dentro do cômodo. Nunca me distancio da porta, porque o ar aqui é sufocante demais e tenho medo de ser engolido por ele. Mas neste momento, faço isso.

Entro completamente no lugar que um dia foi o porto seguro de outra pessoa.

Tudo está exatamente igual a como deixei depois de entrar para os Víboras. Meus pais nunca tiveram coragem de mexer em nenhum dos quartos. Quase como se esperassem a nossa volta.

Nós não vamos voltar, mãe.

Sinto muito, pai.

Você deveria estar viva, Liz.

Pisco quando seu nome brilha em minha mente e só percebo que minhas mãos estão tremendo quando seguro o papel gráfico com a sereia ruiva na minha frente.

Droga.

Sequer percebi que já tinha me aproximado tanto ou notei quando meus dedos seguraram o pôster.

Ninguém sabe, mas às vezes me sinto fora de mim. Quase como se minha mente quisesse reprimir as lembranças e acabasse bloqueando tudo — todos os meus sentidos — então apenas ajo no automático e só me dou conta do que fiz segundos ou minutos depois.

Sinto quase como se estivesse alucinando.

Prendo a respiração e ergo meus braços acima da cabeceira, na tentativa de colar o pôster de volta. Mas minha mente me trai.

— Assim está bom? — pergunto, deixando propositalmente torto ao fitá-la.

Ela encara a parede e faz uma careta, me olhando com um semblante absurdamente sério para alguém da sua idade.

— O quê? Não está bom?

— Será que você é vesgo, Nunu? — questiona, cruzando os braços. — Acho que a mamãe precisa marcar o médico para você.

Solto uma risada com seu biquinho preocupado e finjo ajeitar o papel, deixando ainda mais torto.

— E agora?

— Meu pai amado! — ela exclama como se estivesse horrorizada e gargalho da sua expressão. — Acho melhor a gente não ter quarto combinando, Nunu.

— Por quê? — indago, apertando meus lábios para segurar o riso. Ela parece tão focada e preocupada que é fofo.

Liz morde o canto da boca na sua nova mania.

— O seu tá ficando muito feio. O papai é melhor que você nisso.

— Ei, eu sou bom em tudo, ok? — reclamo, e ela dá um sorrisinho, apertando seus olhos como se duvidasse disso. — Estou falando sério!

— Se você tá dizendo… — ela deixa a frase morrer no ar como uma pestinha encapetada e aceito sua fala como um desafio, alinhando o pôster com perfeição.

Me viro para ela com um semblante convencido e Liz ergue seus dois pequenos polegares em minha direção.

— Agora só faltam mais vinte e cinco! — fala com pura animação e me pergunto por que aceitei encher meu quarto com pôsteres de princesa se é ela quem gosta e não eu.

Mas basta que eu encare seus olhos brilhando em animação para que eu lembre o motivo.

Ela é minha irmã, eu faria absolutamente qualquer coisa para ver mais dessa sua felicidade.

Eu morreria só para ter mais um segundo desse seu sorriso.

Seus passos são rápidos ao correr até a escrivaninha e pegar o próximo pôster. Ela encara todos e leva seu dedo até a bochecha, pensando em qual é o que devo colocar agora.

Admiro sua concentração com um sorriso no rosto, ela está crescendo rápido demais. Se bobear, em alguns anos estará mais alta que eu e ainda me lembrarei dela como o primeiro bebê que segurei no colo, troquei fraldas e deixei de dormir para fazê-la parar de chorar.

— Você está demorando muito — cantarolo, e ela me olha com raiva.

— Calma, Nunu! Tem que ficar igual ao meu — reclama e passa mais uns cinco segundos encarando as opções antes de pegar uma.

Quando se aproxima, vejo a sereia ruiva no papel e seguro o pôster da Ariel, colocando-o na parede com facilidade.

— E agora?

— Faltam só vinte e quatro! — A animação é a mesma todas as vezes e ela ergue seus polegares de novo.

Rio ao vê-la agir exatamente da mesma forma e a chamo enquanto assisto-a escolher o próximo.

— Liz?

— Hum?

— Seja sempre minha irmãzinha, está bem?

Ela me olha com estranheza e sei que ela não entende que, na verdade, o que quero dizer com isso é:

Não cresça rápido demais.

Apenas continue sendo você, pura, engraçada e adorável.

Dou um passo para trás, deixando o pôster cair no chão com a lembrança tão fresca. Quase consigo sentir a dor em meus braços por ter ficado tanto tempo com eles para cima, enquanto esperava pacientemente ela me trazer cada papel.

Merda.

Meus olhos queimam com a ardência e por mais que eu tente conter, uma lágrima escorre.

Se eu soubesse…

Se eu soubesse que ela sequer teria a chance de crescer, jamais teria pedido para ela continuar sendo sempre daquele jeito.

Teria implorado para ela ser forte e para crescer muito. Teria caído aos seus pés e pedido para que ela desfrutasse por si só cada experiência que a vida pode oferecer. Teria rezado para todos os anjos até perder minha voz. Teria aproveitado mais tempo ao seu lado.

Mas por que me deram tão pouco? Sequer tive sete anos ao seu lado.

O que fiz de errado? Não fui um irmão bom o bastante? Não fui merecedor de um amor tão puro quanto o seu?

Mas se for assim, por que ela e não eu?

Por quê, porra?

Ouço passos se aproximando e limpo meu rosto, afastando as lágrimas rapidamente.

— O que você está fazendo? — meu pai pergunta, e olho para os lados, inventando uma história com facilidade.

— Fiquei entediado enquanto esperava você checar o documento e entrei para ver isso aqui. — Aponto para a luminária de sol de *Enrolados*. — Não encontro uma dessa para vender em lugar nenhum, acho que foi um lançamento daquela época.

— Você quer levar para casa? — Soa solícito, e sorrio largamente em sua direção.

— Você não é um pai, é um anjo. — Sopro um beijo em sua direção e agarro a luminária que eu sequer precisava.

Ele ri e fico aliviado ao vê-lo fazer isso.

Há alguns anos, ver essa expressão no rosto dele e da minha mãe era impossível. Então, precisei me esforçar ao máximo para ser forte por eles e encontrar formas de fazê-los sorrir. E até hoje não permito que eles vejam a profunda tristeza que a morte de Liz deixou em mim.

Eu escondo de todos o peso que é estar vivo.

— E então, tudo certo com a autorização? — questiono, e ele aquiesce.

— Sim — confirma. — Na verdade, há mais uma coisa que preciso. Já temos todas as papeladas necessárias, mas precisamos de uma confirmação assinada daquele lar adotivo para finalmente iniciar.

Pisco.

— Você pode conseguir?

— Sim.

— Certeza? — Arqueia a sobrancelha e rio, dando um tapinha em seu ombro ao passar por ele.

— Pode confiar em mim, velho.

— Ah, seu pirralho… — rosna e saio do quarto, finalmente conseguindo respirar ar fresco.

Um peso parece ter sido retirado dos meus ombros e forçar um sorriso se torna mais fácil.

Meu pai fecha a porta atrás de nós e não viro para ver as iniciais L + N gravadas na madeira. Assim como passo direto pelo quarto dela, sem sequer olhar para o lado.

Estou na metade do corredor quando a voz do meu pai me para:

— Filho.

— Sim?

— Você está bem? — pergunta, preocupado.

Não, eu não estou.

E é tão cansativo fingir o contrário.

— Claramente estou melhor do que você — zombo com uma risada, apontando para o meu corpo perfeitamente esculpido pelas mãos de Deus.

As íris verdes que são idênticas às minhas me analisam, e quando sua suspeita se torna inexistente, ele ri.

Desço as escadas correndo como uma criança arteira e abraço minha mãe por trás, dando um beijo no topo da sua cabeça.

— Você me assust… — começa a falar, mas se interrompe. — O que é isso? — pergunta.

Olho para a luminária e dou de ombros.

— O papai me deixou levá-la. É de uma coleção rara e eu não consegui comprar em canto nenhum — explico, recebendo um olhar horrorizado de Aiden, que estava conversando com Lauren antes de eu chegar.

Ele sabe que tenho uma exatamente igual.

E sabe disso porque transformei a busca por essa luminária em uma missão conjunta. Ele, Kian, Trent, Hunter e até mesmo Alex ficaram um dia

inteiro comigo rodando cada lugarzinho da internet até encontrá-la para vender.

Alex até mesmo procurou na *Deep Web*, o que me deixou assustado por saber que ela tem meios para entrar naquela merda.

E depois de todos eles se estressarem com minha insistência e com a demora, encontramos o anúncio em um site de procedência duvidosa. Uma garota estava pedindo mais de mil dólares na maldita luminária e Alex ofereceu o dobro se pudesse ir buscar no mesmo dia.

Óbvio que a garota aceitou, mas quando chegamos — cinco carros diferentes e seis pessoas para pegar uma única luminária —, ela nos olhou completamente apavorada e quase saiu sem receber o dinheiro, só querendo se afastar o mais rápido possível.

Me pergunto o que ela achou que faríamos.

Se fosse eu em seu lugar, certamente gritaria dizendo que era um sequestro e teria fugido no instante que visse a cara de Kian, Hunter e Alex.

Na minha cabeça, eles são os mais assustadores. Embora haja quem diga que Aidenzinho também é, mas discordo.

Inclusive, nesse momento balanço a cabeça em sua direção para que ele se mantenha calado em relação à luminária e ele entende, revirando os olhos.

— Que bom então que você tem mais um item colecionável — Lauren fala, satisfeita, e dou um beijo exageradamente estalado em sua bochecha.

— De fato. E sobre o que vocês estavam falando?

— Nick — Aiden responde na mesma hora e os seus olhos brilham.

Minha mãe suspira.

— Viu só como o rosto dele se ilumina só de falar o nome dela? — Soa orgulhosa e Aiden sorri carinhosamente, como se fizesse de propósito para me irritar.

Bufo.

— Ele é uma luminária ou o quê? — resmungo.

Aiden ri e minha mãe me olha feio.

— Estou falando sério. Isso se ilumina. — Ergo o objeto, colocando bem na frente do seu rosto. — Agora isso? — Indico a cara dele. — É só perda de tempo.

— O amor não é uma perda de tempo, seu insolente. Você ainda vai quebrar sua cara — minha mãe fala, quase como se profetizasse, e Aiden acena prontamente.

— Acredita que também estou na torcida por isso, senhora Jones? Mas infelizmente ele é incapaz de manter seu pau dentro das calças.

Travo o maxilar com vontade de arremessar a luminária na cabeça de Aiden para que ele cale sua boca e só não o faço porque esse é realmente um item de colecionador.

— Eu acho que seria injusto ficar com um pau tão majestoso parado para uma só pessoa. Quero dizer, injusto com os outros.

Meu pai balança a cabeça como se eu fosse um caso perdido, mas ele parece se divertir. E minha mãe, bom, ela me dá um leve tapa no ombro.

— Você é um cafajeste.

— Eu sou o amor da vida de uma só mulher — afirmo e seus olhos brilham.

— Quem?

— Você, óbvio. É a única sortuda digna do meu amor.

Ela rosna, me olhando com desdém.

— Quando você fez dezoito anos, eu deveria ter lhe dado um cinto da castidade e não ensinado sobre camisinhas.

— Eu já sabia e usava camisinhas antes disso — falo no automático, sem sequer me dar conta das palavras que escapam da minha boca.

Aiden ri abertamente e meu pai também, agora minha mãe me olha com terror e faz um gesto de cruz em minha direção, como se me benzesse.

— Você precisa é de oração, não de sexo.

Rio.

— Estou falando sério, filho. Isso é quase uma doença, sabia que existe a Satiríase? Também é conhecida como ninfomania masculina e é um termo que usam para descrever o transtorno hipersexual — ela explica, como se eu não soubesse e a encaro ultrajado.

— Não tenho compulsão por sexo — me defendo.

Só acho que o prazer é uma maneira eficaz de esquecer todas as outras merdas em minha mente.

— Então fique um mês sem transar — Aiden fala, se intrometendo onde não foi chamado.

Minha cabeça gira em sua direção tão rápido que me sinto em um filme de possessão. Meus olhos se arregalam e rosno para ele.

— Isso, ótima ideia — minha mãe concorda. — Você consegue, né?

Se eu disser que não, ela vai mesmo achar que tenho Satiríase.

Porra, Aiden.

— Claro que sim — murmuro com o maxilar travado.

De qualquer forma, não tem como ela saber se realmente cumpri ou não.

— Você promete me avisar se o vir com alguém, Aiden querido? — ela pergunta seriamente para Aiden, e o maldito, que tem olhos brilhando em diversão, acena.

Ele realmente concorda.

Traíra do caralho.

Merda.

— É só um mês, querido. Até eu consigo passar um mês assim — minha mãe fala e arregalo meus olhos em sua direção, fitando meu pai com horror. Ele desvia o olhar.

— Você deveria ser pura — murmuro, apavorado.

— *Puff*, quem você acha que puxou? E como diabos acha que nasceu? — Sua fala é direta e pisco algumas vezes.

— Eu preferia acreditar na cegonha.

— Um cavalo talvez fosse um animal melhor… — diz, pensativa, e levo minha mão livre para cima, tapando um dos meus ouvidos.

— Não quero saber. Não quero saber. Não quero saber — cantarolo e sopro um beijo para eles, saindo de casa correndo como um louco.

Quando estou na segurança da calçada e longe das perversões de Lauren Jones, suspiro fundo, relaxando ao acender um cigarro.

Aiden também sai alguns minutos depois, com um sorriso debochado no rosto.

— Seu pai pediu para você não esquecer do orfanato e sua mãe disse que não ia sair porque ia desfrutar do alazão que tem disponível. E ambos mandaram um beijo — fala, e travo o maxilar.

Alazão é o caralho.

— Você não vai mesmo me dedurar para Lauren, certo? — Pisco inocentemente em sua direção.

— Claro que vou. Sabe como é, talvez eu esteja vivendo sob o mesmo teto que um maníaco por sexo.

— Desgraçado — ralho, ameaçando me aproximar dele.

Contudo, Aiden ri e escapa até sua moto.

— Quem chegar primeiro vence — avisa. — E fica tranquilo, é só um mês, Nolanzinho — debocha e sobe na moto, como um grande filho da puta.

“É só um mês.”

Zombo.

Nem fodendo.

— Até parece, você não consegue ficar uma única semana sem transar, quem dirá um mês — Trent fala, deitado na minha cama.

Reviro os olhos.

Ele, Kian e Hunter vieram para cá assim que chegamos. Morg e Alex estão em um jantar com Elijah enquanto Nick e Vic saíram para fazer compras.

Ou seja, estamos sozinhos e é claro que eles escolhem o meu quarto para se reunirem.

Sinto que minha cama é abençoada, essa é a única justificativa plausível.

— Acho que se fosse uma semana, talvez você conseguisse — Hunter opina.

— Você acredita demais no Nolan, se Alex estivesse aqui, diria que ele não duraria nem mesmo três dias. — Kian se junta aos outros e Aiden apenas ri.

Olho em sua direção.

— Você é um desgraçado. — Aperto meus olhos em sua direção. — Maldita hora em que decidi ajudá-lo com Nick, eu jamais teria desperdiçado meus sábios conselhos se soubesse que você me trairia dessa maneira — rosno, guardando minha luminária de *Enrolados* na caixa de colecionáveis.

Devo ter pelo menos umas cinco cheias e embora eu compre noventa por cento dos itens, sempre que um deles sai e vê algo relacionado à *Disney*, ou princesas em si, me dá de presente.

Até mesmo Alex, com sua fachada durona, já chegou toda desconfiada me entregando um porta-chaves da Branca de Neve.

Seu semblante desconfortável foi impagável.

— Você deveria me agradecer, eu poderia ter falado que um mês era muito pouco — Aiden se defende e os outros riem.

Olho em sua direção.

— Você está realmente falando sério? Vai mesmo me obrigar a passar um mês sem transar? — insisto, porque ainda me recuso a acreditar.

— Sim. Você não consegue? — provoca, me desafiando. — Quero dizer, não estamos lhe obrigando a nada…

O desafio e o fato de não querer que minha mãe pense que sou um louco do caralho me instigam.

Mas, merda… um mês?

Trinta dias é tempo pra caralho.

Se eu não tiver o prazer de nenhuma forma, o que farei? Me tornarei um viciado do caralho como todos já acreditam?

— Qual é? Você já ficou mais tempo que isso quando colocou o *piercing* — Hunter diz, tentando ser esperançoso.

Meus olhos brilham e encaro Aiden com malícia. Na mesma hora, ele entende o que se passa em minha mente.

— Você sabe que sexo oral ainda é sexo, porra — ralha. — Sem chupada, sem boquete, sem dedada e toda merda que você conseguir pensar. O máximo que você tem direito é a velha punheta.

— Caralho, Aiden. — Passo a mão no pescoço e todos parecem se divertir com minha situação.

— Você não precisa aceitar, é só dizer para Lauren que não consegue — Kian fala com um sorriso de canto.

— Isso, aí ela vai levá-lo para um psiquiatra na intenção de descobrir se você tem Satiríase — Aiden zomba.

Mas ela não faria isso, certo?

Penso na minha mãe e em como ela é irredutível cem por cento do tempo… certo, provavelmente ela faria sim.

Cacete.

— Porra — rosno, passando a mão no rosto. — Como meu amado pau sobreviverá a tal castigo? — Meu tom é extremamente sofrido. — Sabe, eu deveria chamar as meninas para me apoiarem, certeza que elas aceitariam — cogito.

— Como se a Alex conseguisse passar esse tempo todo — Hunter murmura somente para si.

— Não tenha tanta fé na bondade da Vic. — Kian ri, afirmando, e não pergunto o motivo.

Não quero descobrir que a loirinha, que jurei ser pura, é uma grande safada. Alex eu já sabia, não me surpreende. Mas Vic? Não preciso de detalhes.

Aiden e Trent se entreolham levemente assustados com a possibilidade, como se não estivessem tão confiantes quanto Kian e Hunter.

Rio.

— Se liberarmos uma boceta para você, se tornará mais fácil? — Trent pergunta por fim.

— Eu posso foder com ela? — pergunto com um meio sorriso.

— Você pode fazer o que quiser — Aiden afirma. — Mas essa é a única exceção. Qualquer outra mulher ou homem estará fora de questão. Se você beijar, dedar, chupar ou trepar com outra pessoa, Lauren saberá na mesma hora.

Uma boceta é melhor do que nada.

Eu nunca precisei repetir nenhuma foda, mas posso fazer isso por Lauren.

— Está bem, aceito.

Aiden ri.

— Ok. Se você trepar com alguém além de Ravena Crawford, terá perdido — fala, e a maldade, pura perversidade, brilha nas íris de todos eles.

Porra.

Nem fodendo.

Rio, incrédulo.

Ravena preferiria foder com um maldito boneco do que comigo.

— Vai se foder, Aiden Parker. Todos vocês na verdade.

— Já está desistindo? — Trent zomba.

— Aposto quinhentos dólares que ele desiste em uma semana — Aiden afirma, e o encaro ultrajado.

— Minha castidade só vale isso? Além de traíra, ainda é mão de vaca — resmungo, cruzando os braços.

— Acrescento mil dólares, mas acho que ele desiste em duas — Hunter se junta à aposta.

— Dou dois mil porque ele sequer vai durar três dias — Trent diz e Kian acrescenta:

— Vou colocar mais dois e aposto em cinco dias.

Reviro os olhos.

— Quando as meninas se juntarem nessa aposta ridícula, ficarei feliz de receber todo o dinheiro no momento em que eu ganhar — falo, determinado a vencer somente pelo desafio.

Eles riem, parecendo certos de que falharei.

E se for para ser sincero, eu também não estou confiante. Se depender de Ravena, meu pau volta a ser virgem e cai por falta de uso. E se depender do meu autocontrole, estou mesmo fodido e minha derrota está garantida.

OceanofPDF.com

Capitulo 10

Muita merda na minha cabeça
Não hesite, estou aqui dentro
Não hesite, estou esperando
Você arruinar minha vida
Some Time _ Daniel Di Angelo

OceanofPDF.com

Nolan Jones

A aposta foi feita há apenas dois dias e já me sinto inquieto. Alex, Morg, Nick e Vic se juntaram a eles. Não sei exatamente quanto cada uma colocou, mas o total da aposta ficou em doze mil dólares.

Ninguém apostou que eu conseguiria.

A mais confiante foi Vic, que disse que eu aguentaria até a última semana, mas já estaria em um estado tão surtado sem o prazer que me renderia faltando poucos dias.

Todas ficaram animadas para ver o resultado da aposta, mas Alex… não sei, ela parecia quase incomodada com a exceção envolvendo Ravena.

Eu poderia ter dito que isso sequer era uma possibilidade, porque Ravena jamais se envolveria comigo, mas eu não queria assumir meu fracasso tão abertamente.

Por isso me mantive calado e deixei que ela se preocupasse como punição por não ter acreditado em mim e sequer ter aceitado o desafio de também ficar sem sexo por uma semana. Na verdade, a maldita foi a primeira a recusar com seu semblante absurdamente indiferente, garantindo que aquilo jamais aconteceria.

Vic pediu desculpas e disse, *abertamente*, que tinha um atraso de anos para compensar. Nick estava inclinada a me apoiar e eu teria me divertido muito se Aiden ficasse um mês sem sexo como castigo por ser um traidor, mas aparentemente os semelhantes se atraem, porque ela também foi uma traidora e usou a mesma desculpa de Vic, dizendo que ficou três anos longe dele e que precisava compensar.

Olhei para Morg como se ela fosse meu único bote salva-vidas em um mar repleto de tubarões. A ruiva sorriu de forma solidária e me diverti com o desespero no semblante de Trent. Tenho certeza de que ela aceitaria, mas então o maldito rosnou um *"Ocean"* no tom mais *sexy* — e forçado — que conseguiu e ela pediu desculpas com uma risada, indo para perto do seu namorado.

Safadas.

São todas umas safadas do caralho.

Eu queria que todos fossem obrigados a usar um cinto de castidade.

Droga.

Estou mesmo sozinho nessa.

E é claro que eu poderia foder alguém escondido, agora mesmo não estou à vista de nenhum deles. Mas tenho um maldito problema chamado "caráter".

E mesmo que ele esteja ausente noventa por cento do tempo, nunca minto em uma aposta. Se eu transar com alguém, serei sincero e assumirei que perdi e sou um fodido viciado em sexo.

Necessitado do êxtase que ele causa e de como consegue afastar meus pensamentos sombrios.

Mas enquanto não perdi, irei procurar outras formas de me manter são, preso à realidade e não aos *flashbacks*.

Por isso estou aqui hoje, por esse exato motivo encaro o globo da morte com cinco motociclistas dentro.

Pisco, eles quase se batem em alta velocidade, e me pergunto se haverá algum acidente dessa vez.

Não seria surpresa.

Afinal, as únicas coisas que Cardan exige é que saibamos como pilotar uma moto, e que apenas cinco motoqueiros entrem por vez. Ele não se importa se a pessoa tem habilidade ou não para participar dessa porra e tudo o que vale para ele é o dinheiro que recebe daqueles que assistem e dos que competem. Porque sim, para entrarmos no globo, pagamos.

E é insano pagar para praticamente morrer.

No entanto, acontece mais do que deveria. Cardan só libera o globo duas vezes por mês e até onde sei, sempre está cheio, mesmo as pessoas cientes de que já ocorreram dois acidentes e que um resultou em coma e o outro em morte.

A polícia não sabe e, se sabe, ignora. Os dois casos foram solucionados como um simples acidente de moto. Ninguém jamais mencionou nada relacionado à insanidade que é o globo.

Só participei duas vezes e, em ambas, vim sem nenhum dos Víboras saberem. Alex gosta das corridas, mesmo sendo arriscadas, porém, isso aqui… Ela considera demais.

Alex jamais permitiria que Aiden ou eu competíssemos nessa merda por dinheiro. Independentemente da quantia.

Mas como não é isso que estou procurando. Como minha única e verdadeira intenção é encontrar o prazer da adrenalina, venho quando estou no extremo.

E eu diria que agora é um ótimo momento.

Meneio a cabeça em direção a Cardan no instante que avisto o homem alto, com seus cabelos presos em um rabo de cavalo e a barba por fazer.

— Você voltou — fala com um cumprimento e rio, estendendo-lhe o dinheiro.

— Um bom motoqueiro à casa torna — zombo.

— Gosto da sua praticidade. — Ele sorri. — Pode se juntar aos outros que vão participar — diz, indicando o local à esquerda do globo.

Aceno e pego minha moto, abrindo caminho até lá de modo despretensioso. Sinto a excitação do momento somente em passar por entre as pessoas, que gritam animadas com o espetáculo.

Respiro fundo, desfrutando da sensação, até que eu avisto os motoqueiros e meus passos se detêm.

Que porra?

Pisco ao ver Ravena parada, toda de preto, ao lado de uma moto roxa e com o capacete sendo segurado de modo despretensioso. Ela encara o globo com fascínio e engulo em seco.

Ravena não deveria estar aqui.

Sequer percebo o que estou fazendo, todos os meus movimentos se tornam automáticos e só me dou conta deles quando paro ao seu lado.

— Correr com os carros e invadir estabelecimentos privados já não lhe causam adrenalina o suficiente? — rosno, segurando seu pulso.

Ela se vira para me encarar e o seu semblante passa por inúmeras emoções.

Primeiro: raiva. Segundo: surpresa. Terceiro: confusão. E quarto: irritação.

Raiva por alguém ousar lhe segurar.

Surpresa por me reconhecer.

Confusão por eu estar aqui.

Irritação com a minha atitude inesperada.

E raiva outra vez por eu questionar uma atitude sua.

Não a julgo por isso, nem mesmo eu sei o que estou fazendo.

— Achei que você fosse menos hipócrita — ela rosna, se soltando do meu aperto.

Travo o maxilar, irritado comigo mesmo.

Eu não deveria ligar se ela se joga na frente de um carro ou se pula de uma ponte. E para ser sincero, eu não ligo.

Desde que a maldita não faça isso na minha frente.

Desde que eu não veja alguém próximo a mim morrer bem diante dos meus olhos.

Desde que a culpa não vá me perseguir no dia seguinte.

Droga.

— O que você veio fazer aqui? — questiono, encarando os olhos felinos que brilham enfurecidos.

Ela ri de modo debochado.

— O que será que vim fazer aqui, né? Devo ter vindo fazer compras. — Seu tom é extremamente ignorante.

Dou um meio sorriso, sem me incomodar com sua acidez.

— Acho que seria mil vezes melhor se você fosse mesmo fazer isso — falo sinceramente, e ela revira os olhos.

— Você é entediante.

— Estou falando sério, Crawford. Essa merda é perigosa.

Ela me fita dos pés à cabeça.

— Você acha que se eu estivesse procurando segurança, estaria aqui?

— Você não se importa mesmo se morrer? — rosno, lembrando da frase tatuada em seu corpo.

Life doesn't matter.

Ela acha mesmo que a vida não importa? Porra, Ravena não pode ter tão pouco valor à sua vida, quando existem tantas pessoas que dariam de tudo para ter mais tempo antes do último suspiro.

Isso é cruel.

É injusto.

Ela não se importa com o peso que as outras pessoas podem carregar? Não liga para a culpa esmagadora que alguém pode sentir, sempre se perguntando por que não foi levado em seu lugar?

Porra.

Sinto raiva e inveja de Ravena na mesma proporção. Tenho o anseio e a obrigação de viver ao mesmo tempo que almejo e tenho medo de morrer. Minha mente é uma bagunça o tempo inteiro e não preciso das suas atitudes irresponsáveis e impulsivas me deixando ainda mais confuso.

— Não — ela responde por fim, mas seus olhos analisadores recaem sobre os meus.

— Se a vida realmente não importa, por que todos recebemos o castigo de estarmos vivos? — deixo a pergunta em minha mente escapar inconscientemente pelos meus lábios.

Ela une as sobrancelhas.

— Castigo? — rebate na mesma hora.

Desvio o olhar e Ravena solta uma risada seca.

— Que irônico.

— O quê?

— Às vezes você parece ter medo da morte, mas ainda assim está aqui prestes a entrar em um globo desses comigo, quase como se a desejasse indiretamente — acusa. Seus olhos seguram os meus e ela me desafia a desviar.

As pessoas gritam à nossa volta e as palmas explodem, ninguém nos dá atenção. E, nesse instante, eu me recuso a olhar em outra direção que não seja a do seu rosto.

Por uma fração de segundo, só me mantenho parado, fitando-a.

Ravena dá um meio sorriso quando anunciam que o globo está vazio e quebra nosso contato visual. Vejo de esguelha os outros se afastarem para subir, mas quando ela ameaça fazer o mesmo, seguro seu pulso outra vez.

— Não vá — peço, engolindo em seco.

Ela não tenta se afastar, seu olhar apenas encara o ponto onde meus dedos a seguram.

— O quê? — questiona em um tom baixo.

— Não entre no maldito globo com todos os outros. Se quer tanto entrar, vá apenas comigo — explico, praticamente implorando por isso.

E talvez algo em minha expressão denuncie o quanto a ideia dela ir me incomoda, porque Ravena não se solta.

— Me dê um motivo plausível para isso e não irei — murmura e espera pela minha resposta.

Encaro suas íris curiosas.

— Se for com eles, você pode morrer. Alguém pode ser tão ruim quanto Cody na última corrida e você pode acabar ferida. — Fito o lugar em sua testa, onde ela não usa mais o curativo. — Mas eu… Eu deixaria minha moto capotar e me acidentaria de propósito antes de machucar você.

Entenda, Crawford.

Entenda que existe algo por trás da minha atitude, entenda que a morte me assusta e que o risco também. Entenda que não posso deixá-la ir, porque o medo de que se machuque me causa náuseas e me traz memórias ruins.

Porque se algo acontecer, a culpa cairá sobre os meus ombros e me esmagará para sempre.

Eu não pude fazer nada por Liz, mas me deixe ao menos fazer por você.

— Isso é mesmo tão importante? — ela pergunta.

— Sim — falo com toda a sinceridade que possuo.

A última chamada para entrar no globo é feita e ela olha para trás, dando de ombros. Sua atitude muda.

— Está bem, que assim seja. Eu vou apenas com você no globo, mas tenho uma condição. Ou melhor, duas.

— Eu aceito.

— Você não quer saber quais são elas? — zomba. Seu sorriso é diabólico e a insanidade brilha nas íris claras.

Aceitar isso sem sequer saber o que ela quer, definitivamente, é algo perigoso. Mas não me importo.

Não dou a mínima.

— Isso. — Meu tom é determinado.

— Ótimo, então vamos lá — murmura e deixa sua moto em ponto morto, saindo até Cardan para falar algo com o homem.

Quando me aproximo, eles já estão concordando com algo e ela avisa que sou eu quem pagarei. Não sei o que ela fala para que o preço seja triplicado, mas aceito sem questionar.

Eu quem escolhi isso, de qualquer forma.

Ela volta para o lugar onde estava e vou mais uma vez atrás dela, como um cachorro que segue o seu dono.

É patético.

Nós dois ficamos em silêncio, encarando o globo com fascínio mútuo. Ansiando pelo nosso momento.

As pessoas gritam à nossa volta e a animação generalizada só me deixa mais ansioso para acelerar minha moto contra o aço.

Não sei quanto tempo se passa, mas no momento em que eles saem, sem causar nenhum acidente, pego minha moto para entrar.

Espero que Ravena faça o mesmo, mas a garota deixa seu capacete e sua *Ducati* para trás e entra sem absolutamente nada.

Pisco, confuso.

Ela me encara e meneia a cabeça com um sorriso malicioso.

Empurro minha moto para dentro da superfície esférica e a deixo parada, ao me aproximar dela.

— O que você está fazendo? — rosno entredentes em um tom baixo o bastante para que só ela escute. A música tocando ajuda a abafar nossas vozes.

— Me transformei em um peão e fiz de você a atração principal.

— O quê?

— Você vai correr e eu não, é simples — explica.

— Ravena.

Seu olhar está preso ao meu e um brilho indecifrável cintila nas íris azuis.

— Essa é a primeira condição. Você disse que não me machucaria, então faça isso. Me mostre do que é capaz.

Ela se afasta e fica bem no centro do globo, ignorando minha presença enquanto espera que eu me posicione.

Maldita.

Travo o maxilar, sentindo a atenção de todos sobre nós. O globo é fechado com nós dois dentro e não tenho outra opção, porque ela está irredutível.

Droga. Droga. Droga.

Está tudo bem, Nolan.

Você sabe correr nessa merda.

Coloco o capacete com irritação e Ravena me olha por cima do seu ombro, piscando em minha direção como se me encorajasse ou debochasse, o que é bem mais provável.

Rosno, subindo na moto. Um apito soa avisando que podemos começar o espetáculo e me posiciono. Minhas mãos vão para os guidões, meu corpo se inclina para frente e aciono a embreagem, dando partida.

Sinto o ronco do motor quando passo bem ao seu lado, começando a subir no círculo de aço. Os cabelos de Ravena voam quando passo minha moto raspando por ela para provocá-la, mas a garota sequer pisca.

Ela, na verdade, aparenta se divertir com a possibilidade de minha moto atingi-la.

Cacete.

Encaro o velocímetro e ajusto a velocidade até chegar em setenta quilômetros por hora, estabilizando-a nessa constância.

Porque, sim, esse é o grande segredo do globo da morte.

É simples, na verdade, é física pura. Assim que acelero a moto na velocidade constante, a força centrípeta e inércia mantêm as rodas coladas

no globo. Por isso, quem tem esse tipo de conhecimento, dificilmente corre algum risco.

Mas essa é a primeira vez que faço isso com alguém dentro sem uma moto.

Aperto minha mão com força contra o guidão, estou sem luvas porque Ravena me desconcentrou a ponto de eu esquecer de colocá-las.

Maldita seja.

Minha moto passa rapidamente à sua volta, o motor ronca e a música é abafada pelo meu capacete. Na verdade, o fumê dele faz com que eu não consiga ver seu semblante com tanta clareza.

E eu quero.

Quero ver a insanidade perigosa que brilha em seus olhos e é excitante para cacete. Quase tanto quanto a adrenalina que corre em minhas veias nesse exato instante.

Levanto o visor do meu capacete para encará-la e Ravena sorri quando me vê fazer isso. Passo por ela em mais uma volta e escuto quando ela grita: *isso é tudo o que você pode fazer?*

O desafio me faz rir e inclino meu corpo para o lado no instante que a música chega no refrão. Solto uma das minhas mãos do guidão e estico meu braço até ela, raspando a ponta dos meus dedos na sua cintura.

Ravena ergue seus braços para cima da sua cabeça, deixando uma faixa de pele exposta em sua cintura. Meus dedos a tocam de leve, a cada vez que a moto roda à sua volta em alta velocidade.

A constância faz com que meus dedos estejam sempre a tocando e seu olhar encontra o meu a cada vez que minha moto passa na sua frente.

É intenso.

A confiança que ela tem de que não irei machucá-la, a insanidade em seu olhar, a adrenalina do momento, os gritos ao nosso redor e a batida da música quase em sincronia com meu motor deixam tudo ainda mais intenso.

Sorrio, sem conseguir evitar.

Minha cabeça fica leve e essa merda é boa para caralho.

Minha moto roda, roda e roda. Sem nunca cair, perder o controle ou colocar sua vida em risco.

Ravena aproveita o momento tanto quanto eu e por uma fração de segundo ela fecha os olhos, movendo sua cabeça como se estalasse seu pescoço. Ela sequer faz ideia de quão *sexy* fica fazendo isso, muito menos do quanto eu gostaria de lembrar desse fodido movimento para sempre.

Porra.

Não sei quanto tempo ficamos assim, mas, por mim, se durasse a noite toda, ainda seria pouco.

Eu poderia eternizar esse fodido momento e essa sensação de êxtase.

Eu gostaria de poder fazer isso.

Porém, tudo o que é bom dura pouco. E essa conexão que criamos e a insanidade do momento é desfeita com mais velocidade do que a que uso em minha moto.

Droga.

Foi rápido demais.

Consigo parar a moto e sigo sentado sobre ela, encarando a garota de preto. Ela devolve meu olhar e reconheço a luxúria nas íris azuladas.

Esse é o único sentimento que sempre consigo reconhecer de imediato.

Meus lábios se curvam de um jeito zombeteiro e tiro meu capacete, ajeitando os fios platinados em minha cabeça.

— Você gosta do que vê? — Meu tom é rouco.

— Não — mente descaradamente, e rio.

Todos sabem que sou gostoso para caralho, sequer posso julgá-la por me desejar.

— E da minha forma de pilotar? Disso você gosta?

Ela me olha de cima a baixo, e o canto esquerdo da sua boca sobe.

— Nada mal, Jones. Nada mal — Ravena cantarola, dando um tapinha em meu ombro.

— Eu já disse que sou bom em tudo. — Soo confiante, dando um meio sorriso em sua direção.

Ela ri e pisca maliciosamente, se afastando de mim. Seus passos para sair do globo são mais rápidos que os meus — que preciso levar a moto comigo —, e quando saio da esfera pelo painel de aço, que funciona como um alçapão, procuro por ela do lado de fora.

No entanto, tudo o que vejo é seu corpo se inclinando na moto roxa e ela disparando em alta velocidade na pista.

Sorrio.

É, nada mal, Ravena Crawford.

Definitivamente nada mal.

OceanofPDF.com

Capitulo 11

Um: Não atenda o telefone

Você sabe que ele só está ligando porque está bêbado e sozinho

Dois: Não o deixe entrar

Você vai ter que expulsá-lo novamente

Três: Não seja amiga dele

Você sabe que acordará na cama dele pela manhã

New Rules _ Dua Lipa

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Reprimo o bocejo para que Jake não perceba que estou detestando o filme. Afinal, não preciso que jogue na minha cara o fato de que fui eu quem insisti nesse.

E, bom, a culpa não é minha se eles prometeram algo emocionante no *trailer* e me entregaram essa merda entediante.

Que saco.

Detesto quando minhas expectativas são quebradas.

Olho de esguelha em sua direção e me surpreendo ao ver que seus olhos estão vidrados na tela, como se ele estivesse adorando o que vê. Inevitavelmente, faço uma careta.

Sério mesmo? É possível gostar disso?

Às vezes me pergunto se sou mais crítica do que deveria nesse quesito devido aos meus pais. Quero dizer, o fato do meu pai ser um diretor aclamado e minha mãe uma atriz perfeita me fez ser exigente.

Sempre quero assistir algo que esteja no nível deles e acabo quebrando minha cara.

E para piorar, gosto mais de documentários do que de filmes em si. Eu poderia facilmente ter colocado algum documentário criminal para passar e estaria me divertindo bem mais do que assistindo a isso.

Não que eu vá falar algo.

Me acomodo melhor na cadeira confortável e apoio meu queixo na minha mão. *Ao menos o ambiente é agradável.*

Estamos na sala de cinema da minha casa e além das poltronas reclináveis — que podem virar uma cama, se eu quiser —, a iluminação é perfeita, o clima e a pipoca também.

Tudo seria perfeito, se não fosse o maldito filme tenebroso.

Que saco.

A mulher decide sair no meio da neve congelante só com um casaco e reviro os olhos, entediada com sua atitude tão burra.

Batuco os dedos, mentalmente contando os segundos para que acabe. Ou para que em algum momento se torne interessante. Jake não dá uma única palavra, cem por cento concentrado, e decido pegar o celular discretamente.

Deito minha poltrona para que ele não veja e seguro o aparelho, desbloqueando-o. Seus olhos seguem fixos no telão gigante à nossa frente, ao passo que os meus vão para a tela brilhosa.

Uno as sobrancelhas com a quantidade de mensagens que recebi enquanto assistia. Sempre deixo meu celular no silencioso, mas me surpreende que eu não tenha visto-o vibrar com esse absurdo de notificações.

Eu tenho literalmente setenta mensagens.

Setenta.

E todas do mesmo número desconhecido.

Clico no contato para ler o que foi enviado e arregalo os olhos ao ver a imensa variedade de figurinhas. Mas não de qualquer tema, não. Todas elas são da *Disney* e eu sequer sabia que havia tantas figurinhas de princesas.

Existem algumas que eu sequer conheço.

Que merda é essa?

Subo até o topo da conversa e são literalmente apenas figurinhas. Não há uma única mensagem útil.

Desconhecido: Você finalmente visualizou.

Eu: Quem é você?

Digito de modo automático, mas quando olho para a foto de perfil, não me surpreendo ao ver o rosto de Nolan.

Reviro os olhos.

Eu: O que você quer?

Desconhecido: Então, você já descobriu quem eu sou.

Desconhecido: Droga, sequer pude mandar uma foto do meu corpo majestoso para que você lembrasse.

Eu: Como você conseguiu meu número?

Desconhecido: Esse não é o foco, Crawford.

Desconhecido: Tenho um problema grave.

Eu: O que aconteceu?

Mordo o canto da boca e balanço meu pé ansiosamente enquanto espero sua resposta.

Desconhecido: Estou há cinco dias sem transar.

Princesa sereia chorando

Princesa de cabelo cacheado chorando

Pisco algumas vezes, registrando sua resposta e me irritando comigo mesma por ter ousado prender a respiração enquanto o esperava digitar.

Porra.

Eu não me importo se Nolan tem um problema grave, só me incomoda que eu esteja em dívida no quesito preocupação. Quero dizer, se alguém se preocupa comigo é instintivo fazer o mesmo.

É o certo.

Eu: E daí? Você está querendo um parabéns?

Desconhecido: Claro que não, porra.

Desconhecido: Isso é uma tortura.

Eu: Tanto faz, isso é um problema seu. Então por que você está me incomodando?

Desconhecido: Porque o problema, de fato, é meu. Mas você é a minha solução.

Desconhecido: Quase como um anjo capaz de salvar vidas.

Franzo o cenho, sem ter a menor ideia do que diabos ele está falando. Mas sem interesse o suficiente para descobrir.

Penso na possibilidade de ignorá-lo, mas ele manda uma nova figurinha e fico com medo de que mais setenta cheguem logo em seguida.

Encaro a Rapunzel com as mãos no rosto, tendo um olhar apaixonado.

Desconhecido: Você é minha última esperança.

Eu: Sinto informar que se depender de mim, você já está morto.

Ele visualiza no mesmo segundo, mas não responde de imediato. E quase consigo imaginar seu semblante ultrajado com a minha resposta.

Desconhecido: Não seja tão cruel comigo, Ravzinha.

Desconhecido: Eu dou o que você quiser.

Eu: Não sou uma prostituta.

Desconhecido: E eu não estou oferecendo dinheiro.

Desconhecido: Mas você não consegue ver? Isso é o grito do desespero.

Desconhecido: Eu aceito tudo.

Desconhecido: Pode ser onde você quiser. No mar, na rua, na cama, com algema, sem. De quatro, em pé, de lado, com vibrador ou dedada no cu.

Desconhecido: Aceito qualquer coisa.

Abro um sorriso involuntário.

Eu: Por que eu iria querer dedar seu cu?

Desconhecido: Eu nunca falei que a dedada seria no meu…

Mordo o canto da boca para evitar rir.

Eu: Não tenho interesse.

Desconhecido: Por que tanta maldade?

Desconhecido: Pelo amor de Deus, prometo o melhor sexo da sua vida.

Desconhecido: Apenas salve essa pobre alma do inferno.

Eu: Por que eu o salvaria, se seria mais divertido empurrá-lo até lá?

Desconhecido: Maldita.

Eu: Você me chamou de maldita querendo um favor?

Desconhecido: Claro que não, minha doce rainha das trevas.

Desconhecido: Eu jamais faria isso.

Desconhecido: Digitei “minha vida”

Eu: Claro.

Desconhecido: Você vai mesmo me deixar na profunda escuridão do inferno para morrer?

Desconhecido: Se meu pau murchar, eu definitivamente estarei morto.

Eu: Ele já murchou na minha frente e você segue vivo.

Desconhecido: Não foi bem assim.

Desconhecido: Você é cruel.

Eu: E você está me atrapalhando.

Desconhecido: Preciso transaaaaar.

Eu: Então encontre outra pessoa.

Desconhecido: Não pode, tem que ser você.

Eu: Não tenho nada a ver com isso.

Desconhecido: Como um bom ser humano, você deveria se oferecer para resolver meu problema.

Eu: Por que eu faria isso? E quem disse que eu sou boa?

Desconhecido: Seja minha salvadora nesse momento tão difícil.

Rio com o drama absurdo e isso faz Jake virar sua cabeça para me encarar.

— O que você está fazendo?

Solto um suspiro.

— Sinceramente?

— Sempre.

— Estou tentando não dormir, porque esse filme é uma merda.

Jake ri.

— Quanto exagero. Até que já vi piores.

Faço uma careta.

— Então você se odeia, porque considero esse tipo de coisa um verdadeiro castigo — falo, e o celular vibrando em minha mão me faz encarar a tela no automático.

As mensagens começam a entrar e vejo pela barra de notificação que ele envia mais figurinhas. Pensar nas setenta que agora tenho, se eu quiser, me fazem sorrir.

— Com quem você está falando?

Dou de ombros com indiferença.

— Jones.

— Claro — ele desdenha e ignora o filme, me analisando atentamente. Sua inspeção é tão minuciosa que me irrita.

— O que é? — questiono, inquieta, detestando quando as pessoas pisam em ovos ao invés de irem direto ao ponto.

— Posso fazer uma pergunta?

Finalmente.

Aceno.

— Vá em frente, só não garanto ser sincera. — Meu tom é desdenhoso, e ele ri.

Seus olhos encaram os meus.

— Se você desgosta tanto da presença de Nolan, por que nunca o afastou? — A curiosidade é evidente e travo o maxilar.

— O quê? — murmuro, sem entender o que ele realmente quer saber.

— Você é a pessoa mais ácida e grosseira que já conheci — diz sem rodeios.

Dou um meio sorriso.

— Obrigada?

— Não é um elogio. Você é surtada, assustadora e às vezes age de forma repugnante. E estou tentando dizer que se você quisesse, já poderia tê-lo afastado, mas o manteve por perto durante todos esses anos.

— Eu não fiz nada.

— Exato, ele dá em cima de você descaradamente, assim como faz com noventa e nove por cento da população mundial. No entanto, você transa mais em um mês do que eu em um ano. Então se ele só queria transar, por que você não fez logo isso e o deixou ir?

— Eu…

— Você certamente o acha atraente, até eu acho e sou hétero — me corta, e bufo, estalando a língua.

— Sua pergunta é tão idiota quanto esse filme — murmuro. — Gosto de correr contra Nolan, sempre é divertido vê-lo perder. Isso é tudo. E eu não tenho motivos para afastá-lo mais do que já o faço.

— Certeza?

Reviro os olhos e sequer me dou ao trabalho de respondê-lo.

Que idiotice.

Largo o celular de qualquer jeito e foco na porcaria do filme, voltando a contar os segundos para ver se passa mais rápido. Jake também foca no telão, contudo, sua voz segue em minha cabeça

Por que nunca afastei Nolan como fiz a vida inteira com todos os outros?

Por quê? Por quê? Por quê?

Porque no momento que eu fizer isso, as provocações, brincadeiras e apostas secretas acabam. E eu perco algo que verdadeiramente gosto.

Gosto de não saber qual cantada virá a seguir ou quão absurda será a sua próxima fala. Isso sempre foi instigante. Sua presença em si é. E pensar em afastá-lo, sabendo que eu perderia tudo isso, não é algo que me pareça vantajoso.

Não é algo que eu queira fazer.

Não quero afastá-lo e perder a relação esquisita que temos.

Na verdade, não quero perder sua presença constante e irritante.

Isso seria algo tedioso e por isso não o afasto.

OceanofPDF.com

Capitulo 12

Ela me liga, mas eu disse para ela: Sou um solitário
Mas ela gosta do meu relógio, e do meu carro conversível, e da minha persona
Caímos na estrada, 1-5-5, afundando meu pé no acelerador
Ela está no meu ouvido, ela não tem medo algum, ela não poderia se importar menos se batêssemos

The Color Violet _ Tory Lanez

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Batuco meus dedos inquietamente e embora isso atraia o olhar de um ou outro Víbora, ninguém fala nada. Todos sabem que sempre fico ansioso antes de cada corrida, almejando o momento em que a largada será dada.

No entanto, dessa vez o motivo para minha ansiedade não tem nada a ver com a minha hora de correr. Não, a justificativa pelo qual meu olhar está tão vidrado nos dois carros disputando a última volta acirradamente é porque Aiden precisa vencer.

Ele precisa fazer isso por mim.

Eu praticamente o implorei para ganhar de Ravena nessa corrida.

Mordo meu polegar quando o *Porsche* dispara na frente do *Audi R8* e sinto meu último resquício de esperança se esvair quando o carro de Ravena cruza a pista de chegada.

Porra. Porra. Porra.

Os gritos explodem e todo o meu corpo murcha, sabendo que a próxima disputa é entre eu e ela. Eu normalmente ficaria animado com isso, é divertido quando chegamos na corrida final juntos.

É emocionante.

Mas não hoje. Por que caralhos, justo essa noite, Aiden foi incapaz de vencer?

Droga, eu deveria ter pedido para Nick ser uma boa amiga e usar seu corpo de incentivo.

Assisto quando ele sai do carro irritado e Nick se joga em seus braços, da exata forma que faz quando ele vence. Porém, minha atenção rapidamente é roubada pela morena maldita.

Seu sorriso é diabólico e ela desce do carro, me fazendo uma reverência zombeteira. Inúmeros imbecis correm até ela, já cientes da sua mania ridícula, na esperança de ser aquele que ela beijará dessa vez.

E Ravena, de fato, não faz nenhuma pré-seleção antes de puxar o brasileiro e colar seus lábios contra os dele.

Maldita.

— Você deveria correr até lá como um fã apaixonado, talvez assim ela o beijasse por acidente — Trent zomba, seguindo o meu olhar até ela.

— Vai se foder — ralho, já sofrendo antecipadamente.

O idiota ri.

— Seria uma boa para acabar com sua seca — Kian murmura, se aproximando pensativo. — Já se passaram quantos dias? Quatro?

— Uma semana — rosno entredentes. — Uma fodida semana inteira.

E talvez por isso eu esteja tão irritado com essa merda.

— Já foi mais do que achei que seria — Trent admite, com Kian acenando em concordância.

E embora eu nunca vá admitir, também não achei que aguentaria tanto. Não sei quando foi a última vez que fiquei tanto tempo sem trepar. Mesmo na cicatrização do *piercing*, eu pagava boquete e chupava inúmeras bocetas. Mas agora? Tudo o que me restou foi minha mão.

Que humilhante ter meu pau sendo reduzido a isso.

Nem na adolescência eu precisava recorrer à punheta.

Aiden se aproxima com Nick, Morg, Vic, Alex e Hunter em seu encalço. Os olhares se voltam para ele.

— Você é um maldito — rosno por conta da sua derrota, e ele ri.

— Acho que ela modificou os motores outra vez — é tudo o que diz, e suspiro pesadamente.

Sinto o olhar de Alex recair sobre mim e sorrio de modo desconfiado. Ela puxa o ar e o solta, já me conhecendo bem o bastante para saber que tem algo por trás da minha reação.

— O que você apostou dessa vez? — Os olhos cinzentos me estudam e embora ela só tenha tido conhecimento de umas cinco apostas nossas até hoje, já espera que eu o faça.

Entreabro meus lábios para lhe contar, só que a morena grita meu nome, atraindo minha atenção para ela.

Na verdade, a atenção de todos.

Acho que, nesse momento, não há uma única pessoa que não olhe em sua direção. Ravena está descalça e seus pés estão sobre o capô do seu *Porsche*. Ela sorri maliciosamente, sem se incomodar com o fato de todos estarem olhando.

Seu foco está unicamente na minha pessoa e ela espera por mim, usando seu indicador em um chamado silencioso. Sua outra mão segura os saltos pretos e pisco, aceitando meu cruel destino.

— Que porra você fez dessa vez? — Aiden ralha, horrorizado, e encaro Alex, dando o sorriso mais psicótico que sou capaz.

Não sei se peço desculpas ou imploro para ela me esconder.

Suas íris cinzentas me analisam friamente, e quase consigo ouvir sua mente pensando nas possibilidades.

— Prometo voltar com vida, minha amada mãe — dramatizo, dando um tapinha no ombro de Alex ao me afastar, como se isso fosse minha despedida.

Os Víboras me deixam ir sem sequer se oporem, e os amaldiçoo mentalmente por isso.

Eles poderiam ao menos fingir que se importam antes de me entregarem para essa pantera faminta.

Os olhos felinos esbanjam insanidade, e ela sorri como uma maníaca, pulando de cima do capô para o chão.

— Eu falei que iria vencer. — Seu tom é puramente convencido e ela empurra os saltos em minha direção.

Desgraçada.

— Você deu sorte — rosno, sentindo a atenção de absolutamente todas as pessoas sobre nós.

E, por incrível que pareça, o olhar que mais queima minha nuca é o da loira de olhos cinzentos. Sei que ela espera para ver o que fiz dessa vez.

Ravena dá um passo para frente, deixando nossos corpos próximos e o seu hálito quente batendo contra o meu rosto.

— Quero ver você usar a desculpa sobre ser sorte quando eu o vencer — debocha, e mesmo sendo mais baixa do que eu, sua postura é tão altiva que ela parece maior.

Bufo.

— Essa merda é mesmo necessária? — Indico seus saltos e ela sorri largamente. Tão largamente que nesse momento poderia ser confundida com o Coringa.

— Sim — fala, e a sua determinação é tão grande que simplesmente sei que não há nada que a faça mudar de ideia.

A diversão cintila em suas íris.

— Eu deveria tê-la deixado correr naquele maldito globo — rosno e me amaldiçoo por não ter nem mesmo perguntado quais eram as suas duas condições.

Eu não pensei que sua mente fosse tão demoníaca e jamais imaginei que ela me faria usar seus saltos em uma corrida, muito menos que diria para trocarmos de carro na disputa final.

Mas foi exatamente isso que ela fez.

No instante que venci contra o corredor novo, Ravena se aproximou e disse que quando ganhasse de Aiden e fossemos nós dois na final, isso

aconteceria.

Fodida boca amaldiçoada.

— Você tem razão, não deveria ter me impedido de entrar no globo contra os outros — murmura, pensativa, baixo o bastante para que somente eu a escute. — E se tivesse acontecido o pior, deveria ter comemorado minha morte. — Sua voz demonstra tanta indiferença que engulo em seco.

Maldita seja ela por brincar tanto com essas palavras.

Maldita seja por ser tão indiferente.

Maldita seja por confundir minha mente e me deixar preocupado a cada vez que faz isso.

Cacete.

— Vamos logo com essa, porra. Você está me fazendo perder tempo — rosno, puxando os saltos de sua mão.

Ela ergue o canto dos seus lábios, sem se intimidar com o meu tom. Para ser sincero, uma fagulha de curiosidade se destaca na imensidão azulada em seu olhar.

Travo o maxilar e lhe estendo a chave do meu *Nissan GT-R* com pesar. A surpresa das pessoas à nossa volta é facilmente escutada.

Droga.

Ravena gargalha e sai desfilando com os pés descalços, sua postura é invejável e ela roda a chave em seu indicador, com claro divertimento.

Apoio meu corpo no seu *Porsche*, tirando os meus sapatos para colocar os seus saltos. Alex se aproxima sozinha, enquanto Hunter vai falar algo com os organizadores — provavelmente sobre o fato de mudarmos de carro — e os outros me observam à distância, esperando por Alex.

— Você vai perder — é a primeira coisa que Alex diz quando para em minha frente.

Levo minha mão ao coração, como se tivesse sido atingido.

— Achei que você tivesse fé em mim.

Ela dá um meio sorriso.

— Fizeram uma aposta que você nem mesmo chega na última curva com esse carro. Eu ainda estou sendo mais confiante ao dizer que você irá apenas perder.

Bufo.

— Talvez eu ganhe. — Tento soar confiante, mas a verdade é que o carro de Ravena é todo modificado.

Todos sabem disso e até o seu painel é diferente de um *Porsche 911* comum. Assim como a velocidade que ela consegue alcançar é superior ao que deveria ser possível.

E para piorar, tem os malditos saltos.

— Nem mesmo você acredita nisso. — Alex revira os olhos cinzentos.

— O que vale é a tentativa, ok? — insisto, e ela dá um leve sorriso. — Você não está irritada?

Alex suspira, enquanto enfio meu pé na tortura que Ravena chama de salto. Ele é todo aberto, porém, tem uma pequena faixa, ou sei lá que merda é essa, para eu enfiar meus dedos. Mas claramente não cabe e apenas piso em cima, amarrando — com muita dificuldade — a presilha no meu tornozelo.

— Mudará algo se eu estiver irritada? — ela pergunta por fim, quase se divertindo com meu claro sofrimento.

— Não.

— Então apenas se concentre em não sofrer nenhum acidente com essa merda — diz, e sei que essa é sua forma de me desejar boa sorte e demonstrar preocupação.

— Farei o possível — zombo, com um sorriso de lado, e embora ela jamais vá demonstrar, sei que isso a tranquiliza.

Alex meneia sua cabeça em um cumprimento e decide se afastar no exato segundo que Ravena se aproxima com o carro, freando bruscamente em cima da loira.

Ao invés de descer de imediato, ela continua dentro do carro, com o motor roncando e seus dedos fixos no volante. Elas se encaram através do vidro e enquanto uma esbanja frieza, a outra se diverte com sua própria loucura.

Porra.

Por um momento, travo o maxilar, sabendo que Ravena é insana o bastante para passar por cima, enquanto Alex é orgulhosa o suficiente para não sair. *Elas poderiam se matar antes de alguma recuar.*

Ameaço dar um passo para frente, pronto para puxar Alex dali, no entanto, o salto em um dos meus pés faz com que eu quase caia.

Isso chama atenção de Ravena, que revira os olhos com minha atitude e desce do carro, batendo minha preciosa porta com força.

Maldita. Maldita. Maldita.

Ela desfila, ainda descalça. Seus passos são determinados e ela se posiciona bem em frente aos faróis ligados. Alex ainda não se moveu.

— Se eu convidá-la dessa vez, você irá aceitar? — Ravena sussurra com um sorriso debochado, seu olhar é destinado à loira e ela parece não se importar com o fato de que há umas cem pessoas no mesmo ambiente.

Os olhos frios de Alex a observam e seus lábios se erguem levemente, dando um passo para mais perto da morena. A altura das duas é quase a mesma, embora Alex seja levemente maior. No entanto, isso passa despercebido se suas posturas forem analisadas.

Não faço ideia a que tipo de convite Ravena se refere, mas Alex parece entendê-la bem.

— Você pode tentar — a loira devolve, se aproximando ainda mais. Os lábios das duas quase se tocam e nenhuma parece disposta a recuar.

Que porra é essa?

Ravena sorri, levando sua unha afiada até o rosto de Alex. Seu indicador desliza na bochecha da loira e eu não respiro.

Que merda está acontecendo?

A interação delas me deixa tenso e me pergunto se alguém aqui teria coragem o bastante para se colocar entre elas.

— Quando a noite acabar, talvez eu a procure. — Ravena pisca, deixando sua frase morrer no ar ao passar pela loira com indiferença.

Nunca vi alguém ser tão confiante quanto Ravena. Acho que nem mesmo Hunter é tão indiferente à presença de Alex, porque seus olhos cinzentos são aterrorizantes.

Mas Ravena não se importa nem mesmo com a morte, então por que temeria Alex Watson?

Engulo em seco quando ela se aproxima e Alex segue em frente, sem designar um último olhar em sua direção.

Droga.

A morena avalia meus pés e revira os olhos, se abaixando bem na minha frente. Pigarreio ao ver sua cabeça na altura do meu pau e os meus pensamentos envolvendo as duas coisas são rapidamente interrompidos.

— *O-o* que você está fazendo? — gaguejo, e todo o meu sangue desce para o meu membro, que entende a situação errado e se anima em vão.

Quase consigo ouvir o pobre coitado sussurrar um: finalmente.

— Não se iluda — ralha, desviando o seu olhar até a grande elevação marcada em minha calça antes de me encarar. — Só estou tentando ganhar tempo, você é muito lento.

Ela pega o salto de mim e me apoio no carro, praticamente sentando no capô quando ela aproxima o sapato do meu pé descalço.

Pisco.

— Isso me parece a história da Cinderela — falo em voz alta, e ela bufa.

— Onde você claramente seria a Anastasia — rosna para si mesma. — Porra, você irá estragá-lo por completo e olha que ainda peguei o maior que tinha.

Rio.

— Esse é o meu defeito, sabe? Tudo em mim é assim. Quero dizer, não é só o meu pé que é grande.

— Ah, eu sei. Seu ego também é — murmura, apertando a presilha em meu outro tornozelo.

— Sabe, você não precisa fingir que esqueceu o tamanho impressionante do meu pau.

Ela se levanta, limpando suas mãos uma na outra ao me encarar.

— Sinto muito se ele não me impressionou. — Seu tom é puramente provocativo, e ela analisa meus pés.

Balanço minhas pernas, exibindo os saltos nada perfeitos, que machucam para cacete. Ela ri.

— Pode ficar de pé — anuncia, e faço isso de imediato, verdadeiramente acreditando que conseguiria me equilibrar com facilidade.

No entanto, me agarro em seu braço com minhas pernas tremendo. Me sentindo o Bambi recém-nascido, incapaz de andar.

Porra.

Minhas panturrilhas doem.

— Você não consegue? — Ravena provoca, e eu gostaria muito de dizer que dou um sorriso de lado, exibindo maestria ao andar com essa merda.

Porém, na verdade, me agarro mais em seu braço, tentando me equilibrar.

— Preciso mesmo usar essa porra? — rosno, ouvindo várias risadas. Contudo, meu foco pertence unicamente a ela.

Seus olhos encontram os meus e ela vacila, mas então a maldita malícia volta a preencher suas íris com ainda mais força que antes.

— Deixe seu abdômen comprimido, lhe dará mais equilíbrio, e entre no carro sem cair. Quando estiver sentado, sequer sentirá que está com ele em seus pés — avisa, como se desse uma dica.

Ok.

Abdômen contraído.

Posso fazer isso, só preciso dar três passos até entrar no carro sem cair.

Ela me analisa uma última vez e tira a chave presa em seu short, me estendendo.

— Não bata o meu carro. — Soa como uma ordem, e algo brilha em seus olhos, como se tivesse alguma coisa por trás das suas palavras. Mas Ravena não se dá ao trabalho de dizer e apenas se vira, entrando no meu *Nissan*.

Puxo o ar, contraindo o abdômen na intenção de chegar vivo até a maldita porta do *Porsche*.

Você consegue, Nolan.

Você consegue.

Minhas pernas tremem, meu tornozelo dói e o fato dos meus dedos não estarem dentro da faixa própria para segurá-los faz com que o salto fique solto na parte da frente e eu quase caia.

Mas depois de muito esforço, muito mesmo, me enfio no banco de couro.

Sinto sua atenção sobre mim e ela meneia a cabeça, deixando o *Nissan* parado ao meu lado. Seu olhar insano encontra o meu e um leve sorriso enfeita seus lábios.

Vamos lá.

Se Ravena consegue, eu também consigo.

Encaro o painel, de fato modificado, enquanto nos preparamos para a largada. O cheiro do seu perfume atinge minhas narinas, me deixando tonto, e os saltos incomodam na hora de posicionar meus pés nos pedais.

Porra.

Três.

Dois.

Um.

A largada é dada e nossos carros disparam. Ravena, na verdade, avança antes de mim.

Ela não tem a porra de um salto e um carro modificado a impedindo.

Seu carro arranca, chegando a quase duzentos quilômetros por hora em míseros segundos. A velocidade embrulha meu estômago com a excitação prazerosa do risco e meus dedos apertam o volante com força.

Eu posso controlar essa merda.

Posso dirigir seu carro, da mesma forma que ela faz com o meu.

O motor range embaixo de mim e a adrenalina me deixa tonto. Ela está na minha frente e o *Nissan* levanta poeira por onde passa, em alta velocidade. Abaixo um pouco o vidro da janela, querendo a sensação do vento batendo contra meu rosto, torcendo para que isso me ajude a respirar e afaste o cheiro sufocante dela espalhado por todo lado.

Funciona.

Encaro os nós brancos dos meus dedos e travo o maxilar com o prazer surreal dessa porra. Meu corpo inteiro relaxa contra o banco de couro e deixo de me importar.

Não me importo se ela ganhar a corrida.

Não me importo se o seu cheiro ficar no meu corpo.

Não me importo com os sapatos dolorosos ou com a dificuldade que eles causam.

Não me importo com a porra das apostas e com as pessoas nos assistindo.

Não me importo com qual carro estou dirigindo.

Não me importo com nada.

Porra. Porra. Porra.

Duzentos e noventa brilha no velocímetro.

Eu preciso de mais.

Preciso de tanto a ponto de esquecer que estou vivo.

Trezentos e dez.

Meu carro encosta no seu, mas ela me corta, não me deixando passar na sua frente. Não me importo.

A única coisa que quero desse momento é mais dessa sensação estonteante pela qual eu morreria para ter mais.

Eu gostaria de poder morrer.

Às vezes sonho com isso, com o meu pé pisando no acelerador sem nunca precisar parar. Sem me importar em diminuir a velocidade ou frear.

É prazeroso pra caralho.

Mas então, quando o carro capota e acho que encontrarei a paz, acordo assustado e percebo que foi só um sonho bom.

Um sonho onde eu me livrava do peso de viver por nós dois. Um sonho onde a culpa sairia dos meus ombros e eu poderia respirar aliviado.

Porém, eu não tenho esse direito. Eu não mereço esse suspiro.

Eu jamais poderia almejar por ele.

Na única vez que tentei ser egoísta, na única vez onde sofri um acidente que quase me matou, Lauren se recusou a sair do hospital. Vi o desespero em seu semblante e percebi que ela não aguentaria perder nós dois.

Percebi que estava quebrando minha própria promessa.

Então nunca mais ousei ser egoísta e acabei criando o hábito de fumar ou cheirar algo antes de correr. Vez ou outra, quando apenas desejo pisar no acelerador e nunca frear, isso ajuda.

Trezentos e trinta.

A buzina do meu *Nissan* faz com que eu me assuste e só então me dê conta de que estou quase batendo contra ela.

Porra.

Pisco para me concentrar e aperto o volante com mais força, jogando o carro para o lado.

Minhas veias queimam com a adrenalina tão pura correndo por elas.

Meu coração dispara de forma ainda mais rápida que o seu *Porsche*.

Por que o risco é tão fodidamente bom?

Pisco.

E por que diabos ela *tem que ser tão boa?*

Ravena parece estar brincando com o meu *Nissan* enquanto me deixa para trás e inevitavelmente sorrio.

Ela é insana pra caralho.

A primeira curva se aproxima e na pista da noite só tem duas para serem feitas, mas percebo que não conseguirei fazer nenhuma com a porra desse salto me atrapalhando. Ao menos não com essa velocidade.

Por isso, tiro meu pé do acelerador e deixo que ela tome ainda mais vantagem. Que se foda, essa merda já está perdida mesmo.

Faço um *drift* perfeito na primeira e repito o mesmo na segunda — que vem logo em seguida. Os pneus cantam, quase derrapando e subindo poeira por onde passo. O som do motor potente é muito mais excitante do que uma música jamais poderia ser.

No entanto, a perfeição não é o que importa em corridas como essa, e sim a velocidade.

E é exatamente com a velocidade do meu carro que ela atravessa a pista e se torna a vencedora.

Maldita.

Travo o maxilar, chegando atrás dela. *Ninguém parece se surpreender com isso.*

Suspiro sem sair do carro, soltando o volante aos poucos. Minha cabeça está apoiada contra o seu banco e os gritos vindo do lado de fora

alcançam meus ouvidos pela fresta da janela.

Ravena faz a mesma porra inútil de sempre e se agarra com o primeiro cara que aparece na sua frente, fazendo com que eu trave meu maxilar.

Irritante.

É isso que ela é.

Ameaço desviar para tirar a porra dos saltos e sair do *Porsche* sufocante, mas seus olhos encontram os meus antes que eu possa fazer isso.

Sei que a distância e o fumê não permitem que ela saiba o que estou fazendo. Porém, mesmo assim, ela parece me encarar.

Engulo em seco.

Porra, preciso mesmo transar.

O quanto antes. Porque, do contrário, acho que irei enlouquecer. Ou talvez, eu já esteja fazendo isso.

Afinal, essa é única justificativa que encontro para explicar o quanto anseio estar no lugar do fodido ruivo nesse exato instante e o quanto o odeio por ter algo que desejo.

OceanofPDF.com

Capitulo 13

A medicação me deixou mais alto do que o céu, mas, Deus, eu sou o melhor (ay)
Eu tenho cicatrizes do reino dos mortos, tô tomando pílulas como se estivesse doente (ay)
Eu só existo para cair, hábitos como o fantasma de Deus
Eu apenas ando pela terra até eu ir embora

DEVILISH _ Chase Atlantic

OceanofPDF.com

Nolan Jones

— E esse? Toy Story *é um clássico — insisto e Liz nega firmemente, balançando sua cabeça.*

— Quero ver Enrolados*, Nunu.*

— Mas essa já é a quinta vez essa semana — falo, quase desesperado. Liz ri.

— Eu sei, mas é meu filme favorito! — afirma, me fazendo bufar.

— Se você só assistir ao mesmo filme, nunca terá um novo favorito.

— Não preciso ter outro favorito, posso ficar só com Enrolados *mesmo — garante, tirando o controle da minha mão.*

— Mas por quê? — choramingo, virando sua cabeça para frente na intenção de facilitar meu trabalho aqui atrás.

— Porque a história é bonita. Porque o Flynn ama ela e cortou o cabelo dela, mesmo isso tendo poder. Porque o Pascal é fofo. Porque ela é linda e engraçada… — Liz começa a enumerar todas as justificativas para insistir sempre no mesmo filme e solto um suspiro, sem poder fazer nada mediante os seus argumentos.

Para ser sincero, eu não faria nada mesmo se ela não me desse nenhum.

— Então você é a Rapunzel? — pergunto, concentrado em entrelaçar as mechas que separei do seu cabelo.

— Nãooo! Eu sou o Pascal e você é o Flynn Rider.

Rio.

— Por que eu seria o Flynn Rider?

— Porque sim! Agora você precisa encontrar uma Rapunzel pra você e ela tem que me vestir com roupinhas fofas e me levar para todo lugar, igual no filme!

Bufo, estalando a língua.

— Posso chamar minha moto de Rapunzel por enquanto?

— Objeto sim. Mas você só pode chamar de Rapunzel a terceira mulher que você mais amar no mundo todo. — Ela gesticula com os braços, fazendo um imenso círculo ao se referir ao mundo.

— Terceira?

— Dã. A primeira sempre tem que ser eu, né, Nunu?! A segunda a mamãe e a Rapunzel a terceira. — Ela me encara por cima dos seus ombros e meneio a cabeça.

— Tudo bem, você sempre será minha número um.

Eu nunca nem mesmo pensei em outra possibilidade.

— Promete?

— Aham — falo, convicto. — Agora se concentra no filme, senão a trança vai ficar feia.

— Não pode! Tem que ficar igual a da Rapunzel.

Sorrio, focando nos longos fios castanhos à minha frente. Ontem devo ter visto ao menos uns cinco tutoriais sobre como fazer isso.

Eu consigo.

Por Liz, e pelo sorriso em seu rosto, eu faria qualquer coisa.

Acordo com falta de ar.

A escuridão do quarto me recebe, as lágrimas escorrem em meu rosto e respirar é uma tarefa tão impossível que tateio minha mão na colcha, procurando pela bombinha de ar.

Eu não consigo respirar.

Não consigo.

O suor molha minhas costas e minhas mãos tremem tanto que quase não consigo segurar o pequeno objeto.

Você vai sufocar, Nolan.

Você não pode sufocar.

Trago a bombinha até meus lábios, pressiono e respiro fundo, enchendo os meus pulmões de ar. A sensação angustiante do sufocamento diminui um pouco e meu coração se esforça para bater em um ritmo normal outra vez.

Droga.

Abro e fecho a mão algumas vezes, largando a bombinha. Estou tão cansado dessa merda.

Bato em minha cabeça, desejando esquecer todas essas fodidas memórias. Mas me odiando por desejar isso, tendo repúdio de mim por ansiar apagá-la de minha mente.

Liz não merece ser apagada.

Ela tem que ser lembrada, sempre.

Levo minha mão até a boca para abafar o choro, na falha tentativa que isso também amenize a dor.

Merda. Merda. Merda.

Coloquei isolamento acústico há algum tempo, porque não queria incomodar as meninas com os barulhos provocados em meu quarto. Mas estou tão acostumado a abafar meu choro e deixar as lágrimas rolarem em silêncio, que é exatamente isso que faço agora.

A memória é tão fresca que quase sinto a maciez dos seus cabelos na ponta dos meus dedos. Consigo ouvir sua gargalhada quando a Rapunzel acerta a frigideira no Flynn e até mesmo vejo seus olhos brilhando ao encarar a trança malfeita.

Droga, Liz.

Você era tão nova.

Por que caralhos teve que me deixar? Por que logo ela ficou doente? Por que meu corpo inútil não poderia ter pegado isso para si? Por que fui deixado para trás com o fardo de viver repleto de lembranças? Por que elas doem tanto e me sufocam dessa maneira?

Se eu soubesse que o nosso tempo era restrito, se eu soubesse que ela me deixaria, se eu soubesse que ficaria sozinho, teria aproveitado mais.

Eu nunca teria reclamado de assistir *Enrolados* com ela, eu jamais teria dito que brincaríamos mais tarde, eu teria largado a porra do Ensino Médio para ficar mais tempo ao seu lado.

Eu teria feito tantas coisas.

Droga.

O arrependimento é um castigo muito pior do que a morte e a culpa é a sensação mais dolorosa do mundo.

Por que caralhos ela e não eu?

Por quê, porra?

Eu implorei tanto para ficar no seu lugar. Rezei para que a salvassem. Ela era só uma criança.

Merda.

Bato em minha cabeça inúmeras vezes, querendo afastar essa droga de mim. A bombinha sobre a cama quase zomba da minha cara, mostrando que não sou capaz de fazer nada sem suporte.

Nem mesmo respirar.

Levanto, caminhando lentamente em direção ao banheiro. Meus passos são arrastados e toda a confiança que esbanjo, nesse momento é

reduzida a nada. As lágrimas ainda molham minhas bochechas quando entro debaixo do chuveiro, com roupa e tudo.

Preciso de mais do que isso.

A água gelada cai sobre minha pele de forma cortante e embora todo meu corpo trema, passo pelo menos quinze minutos sentindo a frieza machucar meus ossos.

Está tudo bem, Nolan.

Foi só uma lembrança.

Me agarro a isso, tentando levar meus pensamentos para qualquer outro lugar. No entanto, quando percebo que não funcionará, pego a primeira roupa que encontro, a chave da minha moto e um maço de cigarro.

Tento ser discreto ao sair, na intenção de que nenhum deles acorde. Porém, meus passos se detêm ao ver Nick, Morg e Vic na cozinha.

Forço um sorriso quando os olhares desviam para mim ao mesmo tempo.

— O que vocês estão fazendo? E por que não fui convidado? — Meu tom é ofendido, e se eu não estivesse tão abalado, estaria acusando-as de traição.

— Não seja dramático, nos encontramos aqui por coincidência.

Estalo a língua.

— Fingirei que acredito para que o meu pobre coração não sofra um baque tão grande em ter sido deixado de lado. — Levo a mão ao peito, aproveitando para massagear o local, que realmente estava doendo pra caralho há alguns minutos.

Elas não precisam saber disso, mesmo que suas respectivas presenças deixem o ar um pouco mais limpo e mais fácil de respirar.

— Kian teve um pesadelo, vim buscar água com açúcar — Vic admite, apontando para a caneca de vidro com a colher dentro.

— Aiden estava com uma crise de ansiedade, então fiquei conversando e o acalmando até que ele dormiu. Desci com sede depois

disso e encontrei as duas aqui — Nick acrescenta, erguendo o seu copo cheio de água.

Olho em direção à Morg, e a ruiva sorri, exibindo sua fatia de pizza.

— Eu já estava aqui antes. Fiquei com fome e desci para comer algo — afirma, e sorrio.

O brilho em seu olhar é reconfortante, saber que ela se sente à vontade de comer o que quer, mesmo durante a madrugada — quando antes era punida por gula se fizesse isso —, é realmente muito bom.

E a preocupação das outras duas me deixa tranquilo. Mas também me causa uma pontada ínfima de inveja.

Eu queria ter alguém que cuidasse de mim da mesma maneira. Alguém que visse através do caos em minha mente e conseguisse ler além das minhas palavras falsas. Alguém que não me deixasse ir se eu dissesse estar bem e que não acreditasse sempre nas minhas piadas. Alguém que me visse chorando e que eu não precisasse usar uma máscara.

E eu sei que elas fariam isso por mim, sem hesitar ou pensar. Sei que Alex e os meninos estariam ao meu lado a todo momento que eu quisesse. Mas… é diferente.

Eu não serei ainda mais fodido do que pareço.

Não serei um problema para nenhum deles.

— Nolan? — Nick chama, e pisco, só agora me dando conta que ela se aproximou.

— Hum?

— Está tudo bem? Para onde você está indo? — Os olhos verdes brilham em preocupação, e rio, deixando um beijo estalado em sua bochecha.

— Preciso resolver uma coisa — minto, sem conseguir pensar em nada para dizer. Eu normalmente falaria que estava indo foder alguém, mas não posso usar essa desculpa com a maldita aposta rolando.

— Em plena madrugada? — Morg questiona, desconfiada. Vic também me olha com estranheza.

Reviro os olhos.

Droga, por que elas precisam ser tão complicadas e atentas? Quero dizer, nesse quesito era mais fácil quando Alex era a única mulher.

Porque embora a loira seja inteligente para um caralho, o fato de ser diagnosticada com TPE deixava situações como essa mais fácil. Ela se distanciava, antes que eu precisasse fazê-lo.

— Gosto de atividades noturnas — provoco com malícia e pisco. — Mas prometo que não irei transar, já sou quase um virgem agora.

Sopro um beijo no ar para todas e saio, sem acrescentar nenhuma outra palavra.

Elas não tentam me impedir.

Pego a moto e parto em disparada, na intenção de ir até meu prédio. Sempre vou para lá quando preciso fumar e ficar sozinho — como agora.

A ausência do capacete faz com que o vento sopre contra meu rosto e a adrenalina corra em minhas veias, mas nem mesmo ela me deixa em êxtase quando a memória segue se repetindo com clareza na minha cabeça.

É irritante.

Meus dedos tremem querendo o cigarro e estaciono de qualquer jeito. Estou tão aéreo, preso em meus próprios pensamentos, que só me dou conta de que tinha uma *Lamborghini* parada lá embaixo quando vejo sua dona no terraço.

Ravena está sentada, bem em cima do parapeito. Por um instante, paraliso. Tenho medo de fazer algum movimento brusco e ela acabar caindo, então não me movo. Não respiro. Não faço nada.

Mas, ainda assim, ela sente minha presença e vira sua cabeça para me encarar.

— Você demorou para subir. — Seus lábios se curvam levemente e ela meneia a cabeça para que eu me aproxime.

Seu tom é suave e ela parece tranquila como o céu estrelado.

— Eu… — Minha frase morre no ar, porque não sei o que dizer. Quando fico dessa maneira, não preciso conversar com ninguém. Eu sempre me isolo.

Ravena estica sua mão em minha direção, como se esperasse algo.

— O quê?

— Da última vez você me ofereceu um cigarro, estou aceitando agora.

Bufo, me aproximando dela. Seus olhos brilham com algo não identificável e isso desperta meu interesse, fazendo com que minha mente se distraia por alguns segundos.

— Qual foi a pintura da vez? — questiono, estendendo-lhe um cigarro.

Ela o coloca entre seus lábios e inclina a cabeça em minha direção, esperando que eu o acenda. Dou um meio sorriso debochado, aproximando o isqueiro da boca dela.

Ravena dá um trago e sopra a fumaça para o ar, deixando que ela se dissipe.

— Não sei se estou inspirada essa noite — admite, balançando suas pernas com indiferença.

Seu corpo inteiro está suspenso nesse parapeito e se ela quisesse, bastava se jogar para frente e pronto. Sua vida teria um fim.

O pensamento me deixa desconfortável.

— Então o que você veio fazer aqui? — pergunto, acendendo um cigarro para mim.

Meu corpo fica próximo ao seu e compartilho do mesmo risco que ela.

Poderíamos cair.

— Não sei, só estava entediada em casa — assume, me encarando. — E você? Por que decidiu vir para cá tão tarde?

Não consegui dormir, estava sufocando em silêncio.

— Estava procurando um pouco de diversão, mas nada parecia atrativo o suficiente… — Avalio seu corpo, dando um sorriso malicioso somente para provocá-la e distraí-la. — Até agora.

Ravena revira os olhos, soprando a fumaça para o ar. Ela não se dá ao trabalho de me responder e dou um trago, inalando a nicotina para dentro de mim.

Gosto que ela não faça perguntas ou me encare como se suspeitasse. Ela apenas não se importa e não percebe que minha mente, nesse segundo, está uma bagunça.

Sinto o celular vibrando em meu bolso com a chamada de Aiden e deslizo o dedo para recusá-la, me surpreendendo com as mensagens que sequer havia visto.

Amor da minha vida: Para onde você foi? Quer que eu vá encontrá-lo? Nick disse que você saiu e que algo parecia estranho.

Kianzinho *moonshine*: Você está bem?

Trentinho meu e da Morg: Aconteceu alguma coisa?

Bufo, claro que elas foram contar.

Fofoqueiras do caralho.

Mando a mesma mensagem falando que estou bem para cada um deles, no entanto, Aiden me liga outra vez.

Ravena encara a tela do celular, vendo o nome do contato. Ela ergue seus lábios em um sorriso zombeteiro.

— É por esse motivo que você está agindo estranho?

Faço um gesto de indiferença.

— Não estou estranho. E é apenas Aiden — explico, mesmo que não tenha motivos para tal.

— Atenda ou fale que está trepando com alguém, isso sempre funciona.

— Já disse que não posso trepar com ninguém além de você — zombo de forma depreciativa, e Ravena estende sua mão, em um pedido

silencioso para que eu lhe entregue o celular.

Quando faço isso, ela recusa a chamada dele e entra na nossa conversa, me surpreendendo ao tirar uma foto sua.

Pisco confuso quando ela devolve o aparelho.

— Se eu sou sua solução, me use e diga que está ocupado comigo. Assim talvez ele pare de encher seu saco.

Uno as sobrancelhas.

— Por que você está fazendo isso?

Por que nem mesmo pergunta o motivo de eu estar proibido de trepar com outras pessoas?

— Eu disse que estou entediada. — Dá de ombros. Seus olhos desviam para as minhas mãos e não envio a foto para Aiden, porém, deixo-a salva na galeria.

Ele visualiza minha mensagem falando que estou bem e pede para que eu o ligue, caso precise. Envio uma figurinha da Rapunzel no automático, mas ver a princesa me faz travar o maxilar.

Droga.

— Eu gosto das suas tatuagens — Ravena comenta, quando ameaço ficar perdido em minha própria mente outra vez. — Todas foram você que fez?

Sua pergunta me pega desprevenido.

— Como você sabe que eu tatuo?

— Já o vi trabalhar no estúdio vez ou outra. — Descarta meu questionamento com um gesto de mão, soprando anéis de fumaça no ar.

— Ah. — O vento frio bate contra meu rosto, a atmosfera é diferente daquela que normalmente nos rodeia.

Não sei definir o motivo.

— E então? — Meneia sua cabeça em direção às tatuagens.

— Não fiz todas, só as mais bonitas — falo de modo convencido, e ela ri, me analisando.

Seus olhos passeiam pelo meu pescoço tatuado e descem até chegar em meus pés, com os sapatos pretos.

— Existe algum lugar do seu corpo que não tenha uma tatuagem? — A curiosidade dança no olhar felino.

— Meu pau — respondo de imediato. — Quer conferir?

Ela dá um meio sorriso e o divertimento ilumina seu semblante.

— Passo — descarta e fica momentaneamente pensativa. — Acho que você deveria tatuar um elefante nele — opina, e levo minha mão ao peito, horrorizado.

O quê?

Do que diabos ela está falando?

— Por que um elefante? Meu pau é grosso, mas não é gordo, está bem?

Ravena franze o cenho, me encarando confusa.

— Eu não estava falando disso.

— Então por que um elefante?

— Não é óbvio? Seu pau seria a tromba — explica e demoro alguns segundos para idealizar a imagem. E quando consigo, a ideia me parece tão absurda que me faz rir.

Ela relaxa, soprando a fumaça com um sorriso discreto.

— Você seria uma péssima tatuadora e talvez até fosse presa por ter uma ideia tão absurda.

Ravena estala a língua, apagando o cigarro contra o parapeito. Seu corpo se inclina para perto do meu rosto e seus lábios resvalam contra meu ouvido.

— Eu não sou péssima em absolutamente nada, Jones — sussurra com convencimento e se afasta, capturando meu olhar. — Agora vamos lá.

Pisco quando ela fica de pé e pula para dentro do terraço, estendendo a mão em minha direção.

— Não vou lhe dar outro cigarro — ralho, e ela revira os olhos.

— Não quero seu cigarro, quero você.

Dou um sorriso malicioso.

— Vivi pelo momento que ouviria você dizendo isso. Mas não tenho tanta certeza se estou no clima — desdenho, ainda com o sentimento amargo em minha boca.

Agora não tão forte quanto antes.

— Não estou te chamando para transar comigo, só quero que me acompanhe.

— Para onde? — Arqueio a sobrancelha.

— Vamos jogar um jogo essa noite. Se você vier comigo e me vencer, fico lhe devendo algo.

Rio.

— Tudo isso pelo tédio?

— Sim. — Soa como uma mentira, mas não me importo.

Se Ravena está querendo me usar para algo, farei o mesmo com ela. Durante essa noite, a usarei como uma muleta de esquecimento.

Seus olhos brilham com insanidade e estou pouco me fodendo para o lugar que ela me levará ou qual jogo irá querer jogar, eu apenas aceito sua mão estendida e a sigo para onde for.

E é dessa forma, sem hesitar, que aceito o convite para dançar com a demônia de olhos felinos, sem ter a menor ideia de que, ao fazer isso, ela me afastaria de todos aqueles que vivem em minha mente.

OceanofPDF.com

Capitulo 14

Você está sempre lutando contra algo
Você nunca para de correr
Você nem se incomoda em tentar manter seu sorriso
Deixe-me te levar de volta, garoto, deixe-me tentar
Nós podemos ficar bem

Apple Juice _ Jessie Reyez

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Eu percebi que tinha algo errado no instante em que ele estacionou sua moto. Foi por isso que fiquei inquieta, por isso falei coisas aleatórias como, por exemplo, o fato dele tatuar um elefante no pau. Por isso o chamei para vir comigo e aceitei fazer mais uma aposta.

Eu sabia que tinha algo errado.

E eu normalmente não me importaria com isso, mas Nolan parecia tão alheio ao mundo que eu fiquei irritada. E quando o vi forçar um sorriso barato, aquilo me tirou do sério, tanto que só consegui relaxar um pouco quando o vi realmente rindo.

E foi nesse momento que tomei a imbecil decisão de chamá-lo para vir comigo.

Porra.

Eu deveria estar em casa e não em um bar, jogando sinuca com Nolan Jones. Eu não deveria ter apostado que seria capaz de vencê-lo, quando eu sequer sou boa nessa merda. Eu não deveria me incomodar com o fato de todos os funcionários terem o reconhecido quando entramos, mas sim com o modo que ele pagou para que o lugar fosse fechado somente para nós dois.

Porém, a linha entre o que devo ou não fazer neste momento está embaçada e a única coisa que realmente importa é a bola que acerto.

Droga.

A maldita rola por cima do material sintético e como se zombasse da minha cara, desvia totalmente o rumo que mentalmente destinei para ela.

Bufo e ouço a risada de Nolan.

— Achei que você tivesse dito que era boa — provoca, com um sorriso de lado.

— Vai se foder, você que está me dando azar.

— Se quiser, posso ajudá-la — oferece, se aproximando.

Aponto meu taco em sua direção.

— Dê mais um passo que acerto isso em sua cabeça — ameaço, cerrando os olhos para ele.

— Tão violenta — cantarola, erguendo seus braços com uma risada.

E embora eu fique aliviada com a clara mudança em seu humor, meu espírito competitivo faz com que eu me irrite por estar perdendo.

— Você deveria ter dito que era bom — reclamo, observando o modo que ele segura o taco e se posiciona para poder imitá-lo.

— E acabar com a minha diversão? Nunca! Seu semblante foi impagável.

— Eu considero isso trapaça.

— Quanto exagero, ainda fui bondoso e fechei o lugar para que sua humilhação não fosse pública.

Estalo a língua.

— Não acredito que você seja tão benevolente — zombo, e Nolan ergue seu olhar para me encarar.

Seu corpo está inclinado, seu braço segura o taco perfeitamente posicionado para encaçapar uma outra bola e sua mão tatuada contrasta contra o veludo verde da mesa de bilhar.

Mas são seus olhos passeando pelo meu corpo que deixam a cena com um quê sexual.

Pisco para afastar o pensamento e Nolan acerta a bola, mesmo sem tirar seus olhos de cima de mim.

— Que droga, você definitivamente está roubando — rosno, e ele ri.

— Sou bom com buracos. — Dá de ombros e o duplo sentido em sua fala me faz sorrir.

— Você é patético — desdenho com desprezo, mas Nolan não se incomoda.

Ele é uma das únicas pessoas que nunca se ofende com os meus insultos. Como se soubesse que tudo é dito da boca para fora — ao menos na maioria das vezes.

— E você irá perder — afirma.

Tanto faz.

Meu objetivo nessa noite não era ganhar mesmo.

Tudo o que eu queria era que Nolan agisse como ele mesmo, não gostei de como suas íris pareciam distantes e pode-se dizer que retribuí um favor, mesmo que ele não saiba disso.

Esse foi o meu pagamento por ele ter desistido da vitória e tê-la entregado de bandeja para Cody, somente porque achou que eu pudesse ter me machucado.

Eu só não queria ficar com a sensação de que o devia.

— Vem aqui — pede, meneando a cabeça para que eu me aproxime. E mesmo que seu tom seja suave, algo no seu semblante dá a impressão de que é uma ordem.

Estalo a língua.

— Por que eu deveria?

Nolan me analisa, seus olhos encaram meu rosto e desviam até o restante do meu corpo. Não fico desconfortável com a sua inspeção, na verdade, por algum motivo, espero que ele olhe mais.

Me deseje, Nolan Jones.

Isso alimenta meu ego.

— Vamos aumentar nossa aposta — diz em um tom malicioso, e me aproximo dele, revirando os olhos.

Nolan me estende sua cerveja e aceito, tomando um gole. Seus lábios se curvam em um sorriso satisfeito e ele bebe depois de mim, apoiando a garrafa de vidro na ponta da mesa de bilhar.

O que você irá fazer agora?

Suas íris cintilam, e, sem que eu espere, Nolan se posiciona atrás de mim. Engulo em seco com sua atitude me pegando desprevenida.

— Achei que você tivesse dito que iríamos aumentar a aposta — murmuro, o fitando por cima do ombro.

Ele aproxima seu rosto do meu, seu peitoral está colado em minhas costas e sua boca fica perto do meu ouvido.

— E vamos — sussurra. — Agora mantenha os olhos na bola — ordena, colocando seu taco na minha mão e me ajudando a posicioná-lo sobre a mesa.

Sua respiração quente sopra contra meu pescoço e focar na maldita bola se torna uma tarefa um tanto quanto difícil.

— Você está me atrapalhando — ralho, porém, não o afasto.

— Não tem como você ser pior do que já é.

— Vai se foder.

— Se concentre — diz, posicionando o taco a alguns centímetros de distância da bola branca.

Suas mãos ficam por cima das minhas e a sua respiração bate contra mim.

Droga.

— É difícil me concentrar quando seu pau fica roçando contra minha bunda — rosno, e a batida sensual da música tocando começa a me irritar por me deixar excitada.

Nolan dá um passo para trás e viro para encará-lo. Seus lábios estão diabolicamente curvados.

— Apenas aumente logo a aposta — ladro, e ele alcança a garrafa de cerveja com a mão livre, tomando um gole lento.

Por que diabos reparo no movimento que sua garganta faz quando ele engole em seco?

— Está bem. — Ele larga a bebida e se aproxima. — A cada bola que eu acertar, você tira uma peça de roupa. E a cada bola que você errar, eu quem tiro.

Rio.

— Isso é muita pretensão, até mesmo para você.

— Por quê?

Estalo a língua.

— Se quer tanto me ver pelada, não é mais fácil só pedir?

Nolan enrola seu dedo em uma mecha do meu cabelo e seu olhar se fixa em minha boca.

— Se eu for tão direto, não será divertido — provoca, e detesto o modo que minha mente concorda com ele.

A noite não deveria ter esse propósito, então por que simplesmente não sou ácida, assim como faço todas as vezes?

Droga.

— Que seja. — Pego o taco de sua mão e esbarro em seu ombro, replicando exatamente o mesmo movimento que ele fez há alguns minutos.

Entretanto, como se a bola brincasse comigo, ela rola para o lado oposto.

Porra.

— Isso é uma maldita conspiração.

Ouço sua risada.

— Devo tirar qual peça, Rav? A cueca? — questiona, já desabotoando a braguilha da sua calça.

— Isso seria pular muitas etapas, huh?

Nolan bufa e tira os sapatos. *Se eu estivesse apressada para vê-lo nu, poderia alegar que isso não conta.*

O maldito empurra os tênis pretos para longe e pega seu taco de volta ao se aproximar da mesa. Ele levanta seu olhar para me encarar, antes de focar na bola branca e acertar duas de uma única vez, se exibindo. Suas íris brilham em puro convencimento.

— Isso deve contar como dois, certo? — provoca, e ao invés de fazer como ele, puxo o *cropped* branco em meu corpo, exibindo o sutiã rendado.

Nolan arregala levemente os olhos, deixando claro que não esperava que eu tirasse a blusa primeiro. Suas pupilas dilatam e seus olhos percorrem cada centímetro de pele exposta.

Ele engole em seco.

— E então, o que devo tirar agora? — cantarolo, repetindo sua pergunta com deboche.

Ele para na minha frente, o calor do seu corpo irradia para o meu. E talvez seja a música, as três garrafas de cerveja que tomei quando cheguei ou o cheiro do seu perfume impregnado no ambiente. Talvez seja a forma que ele me olha, transbordando desejo ou talvez seja apenas o quão perto de mim seu corpo está. Não sei, mas independentemente do motivo, a adrenalina dispara em minhas veias.

A ponta do seu dedo resvala pela minha clavícula e seu indicador brinca com a alça do sutiã. *Me arrepio.*

— Essa é uma boa peça a ser descartada — sussurra, com suas pálpebras pesadas, como se fosse incapaz de controlá-las.

Não me olhe dessa forma.

Não me encare como se fosse devorar cada centímetro do meu corpo, porque posso ficar gananciosa e desejar que você faça exatamente isso.

Não me deixe criar expectativas porque sou exigente e talvez você não dê conta.

Não se aproxime, porque posso realmente agarrá-lo se eu decidir que o quero por essa noite.

— Você está demorando demais para decidir, Ravzinha — ele murmura, deslizando uma das alças até meu ombro.

Porém, Nolan não ousa descê-la.

— E você está apressado, me pergunto se é dessa forma que funcionam as coisas com você — provoco. — Três minutos é o bastante? — Minha sobrancelha está arqueada.

Nolan ri.

— Para fazer você gozar e implorar? — Seu polegar ergue meu queixo e seus lábios raspam contra os meus. — Se for, então sim. E se quiser descobrir, é só abrir suas pernas para mim.

Umedeço minha boca e minha língua resvala contra seu lábio inferior, ele grunhe. O som é faminto.

Desesperado por mais.

Não escondo o sorriso debochado ao me afastar. Nolan assiste enquanto caminho para longe dele. O cenho franzido em seu rosto deixa claro sua confusão, *ele não sabe o que farei agora.*

Impulsiono meu corpo para cima e me sento sobre a mesa de bilhar.

— O que…

— Escolhi a outra peça que quero tirar — comento, cortando sua fala. — Você pode me ajudar? — Indico os tênis em meus pés e Nolan meneia a cabeça, ajoelhando na minha frente.

A sensação de vê-lo nessa posição é prazerosa.

Nolan Jones, o famigerado colecionador, cai na minha frente somente porque o pedi para fazer isso.

Minha boceta lateja quando sinto seus dedos deslizarem em meu tornozelo e amaldiçoo a maldita por ficar molhada por ele. *Pelo seu toque.*

Porra.

Talvez eu realmente o queira essa noite.

Meu clitóris concorda com o pensamento e encaro Nolan, decidindo o que farei. Seu olhar está focado no cadarço do meu tênis e seus dedos o desamarram diligentemente. No entanto, as pupilas dilatadas e a calça marcada indicam o seu desejo.

Ele quer isso tanto quanto eu, então por que não cedo àquilo que meu corpo implora nesse exato instante?

Eu nunca fui do tipo que deixava para depois, então por que não pego logo o que quero e vou embora depois do prazer?

Nolan só precisa me fazer gozar e depois disso sua presença voltará a ser tão irrelevante quanto antes.

Ele tira um dos tênis e foca no outro. Aproveito sua distração para esticar meu braço sobre a mesa e pegar a garrafa de bebida ali.

— Pronto — Nolan avisa, levantando seu olhar para me encarar.

Estalo a língua.

— Acho que ainda não — murmuro, virando o gargalo em meu abdômen. A cerveja escorre contra a pele tatuada. — Ainda preciso de ajuda...

Suas pupilas ficam maiores e Nolan se levanta, apoiando uma mão em cada lado do meu corpo.

— O que você está fazendo? — Seu tom é rouco e, para ser sincera, acho que nunca ouvi sua voz tão grossa quanto agora.

Fito suas mãos, reparando os nós brancos em seus dedos com a força que ele usa.

Nolan está se corroendo de desejo e isso me deixa mais excitada.

— Uma espécie diferente de *body shot*, então vá em frente.

O maldito sequer espera que eu termine de falar, antes de tirar a garrafa da minha mão e assumir o controle.

— Se você realmente quer um *body shot*, tem que fazer essa merda direito. — Seus dedos sobem pela minha nuca e ele agarra um punhado dos

meus cabelos, puxando-os levemente. — Eu não faço nada pela metade — sussurra e derrama um pouco da bebida em meu pescoço.

A cerveja gelada contrasta com a pele quente e me remexo, soltando uma respiração pesada com a sensação. Nolan sopra uma risada que me faz arrepiar e sua língua desliza no ponto sensível perto da minha orelha.

Desgraçado.

Tento conter o gemido baixo, mas ele acaba escapando pelos meus lábios sem que eu consiga evitar. Nolan grunhe e aumenta o aperto nos fios enrolados em sua mão.

Sua língua brinca contra o meu pescoço e ele lambe cada gota da bebida, chupando a região de uma forma que com certeza deixará marcas.

Quase consigo visualizar meu pescoço roxo e o seu sorriso convencido ao saber que ele foi o responsável por isso.

Maldito.

Ele morde bem em cima do lugar onde minha veia pulsa e gemo, com minha boceta latejando. Secretamente desejando que a mordida seja no ponto sensível entre minhas pernas.

— Você é do tipo barulhenta, Rav? Devo aumentar a música? — sopra contra meu ouvido, brincando com o lóbulo da minha orelha.

— Depende. Você é do tipo que conseguiria me fazer gritar de prazer?

Nolan ri e volta com a cerveja para perto de mim, dessa vez derramando-a em cima do meu sutiã.

Pigarreio e entreabro meus lábios para falar algo, contudo, engasgo assim que ele captura o mamilo por cima do tecido.

Caralho.

Porra, Jones.

Nós dois gememos, ele provavelmente em surpresa. Seu olhar procura o meu, as pálpebras pesadas quase se fecham, mas suas íris estão

nubladas com luxúria. Por alguns segundos, Nolan apenas me encara com seus lábios entreabertos e sua respiração fora de ritmo.

— Um *piercing*? — Sua voz sai arrastada e dou um meio sorriso.

— Dois.

Nolan engole em seco.

— Porra, e eu achava que não tinha como você ficar mais gostosa — ladra, e com uma habilidade impressionante, desabotoa meu sutiã, permitindo que o tecido caia em meu colo.

Meus peitos empinados parecem convidativos até mesmo para mim e os *piercings* prateados em meus mamilos brilham.

Nolan pragueja e seu olhar é tão intenso que me deixa inquieta.

Minha boceta não gosta de esperar, eu também não.

— Se você for ficar só olhando, acho melhor eu mesma fazer todo o trabalho.

— Vai se foder — rosna, sua mão segura um dos meus pulsos. — Não ouse cortar meu barato, porra.

Dou um sorriso debochado, me livrando do seu aperto.

Ele vira o gargalo contra meus seios e a bebida percorre o caminho perfeito dos meus mamilos até meu abdômen. Pendo minha cabeça para trás no instante que ele captura o mamilo com os dentes.

Cacete.

Minhas mãos vão até seus cabelos e puxo os fios platinados com força. Sua língua brinca com o *piercing* e choramingo.

A sensibilidade nos meus seios é gigante e Nolan sabe exatamente como provocá-los.

Você não deveria ser tão habilidoso com a língua, pode acabar me fazendo ficar mais exigente.

Aperto minhas coxas, ou tento, já que Nolan está entre elas e dificulta meu objetivo. Droga, minha boceta lateja de uma forma incômoda.

Que maldita preliminar irritante.

E prazerosa.

Me contorço com sua língua sugando o bico e deslizando ao redor da aréola. Seus dentes capturam o metal e ele puxa levemente, causando uma pontada de dor.

Grito, jogando minha cabeça para trás, sem forças. Nolan ri e o som reverbera contra a pele sensível.

— Eu falei que você gritaria por mim — sussurra, com suas pupilas maiores até mesmo do que quando ele fica drogado.

— Não estou gritando por você, apenas pelo prazer — devolvo e tento deslizar minha mão para o meio das minhas pernas.

No entanto, Nolan me impede.

— Ainda não — rosna.

Seu olhar segura o meu e assisto quando ele acumula saliva e a deixa cair bem em cima do outro mamilo, que até então não tinha recebido sua atenção.

Engulo em seco e verdadeiramente acho que nunca precisei esperar tanto para ser chupada. Meu clitóris implora por atenção, mas permito que ele guie.

Estou curiosa para saber se sua fama compensa.

Nolan espalha saliva pelo mamilo inchado e aperta o bico, causando ondas de dor e prazer na mesma intensidade.

Seus dedos brincam com um, enquanto sua boca captura o outro, alternando entre mordidas e sugadas fortes.

O prazer me deixa tonta.

Juro por tudo que minha cabeça realmente fica pesada.

Sua mão segura meu rosto e ele me obriga a fitá-lo. Seu olhar desvia até minha boca e antes que Nolan tenha a chance de fazer algo, puxo a gola da sua camisa para beijá-lo.

Até agora não havíamos feito isso e eu quero.

Quero que sua língua me invada e me deixe desesperada por mais enquanto sequer consigo trazer o ar para os meus pulmões.

Por essa noite e durante esse momento, só quero sentir Nolan.

Quero sua língua, suas mãos, seus olhos, sua boca, seus dedos e seu corpo sobre mim.

Quero tudo e Nolan me dá ainda mais do que silenciosamente peço.

Ele entende o quão gananciosa sou e atende meus pedidos.

Porra.

A língua com gosto de cerveja desliza contra a minha cheia de fome. A dança que ela faz em minha boca é sensual e perigosa. Ele me atrai para uma armadilha e caio nela de forma proposital, apenas aproveitando a sensação de ser capturada.

Sua mão esquerda aperta minha cintura com força, e a direita desliza contra minha coxa, ameaçando subir até minha boceta.

Nesse momento, me odeio por estar usando uma calça. E me odeio ainda mais por não ter aproveitado a oportunidade de tirá-la antes.

Seria tão mais prático.

Seus dedos contra minha pele clara certamente deixarão uma marca e me pergunto se Nolan faz isso com todos aqueles que fode ou se apenas decidiu me usar para tal, como uma punição por todas as provocações.

Qual é a sua intenção? Ele quer que eu lembre no dia seguinte? Nolan quer deixar minha pele marcada para que eu não esqueça do momento em que ele me tocou e que gritei de prazer?

Se for assim, deveria tatuar a marca da sua mão em minha bunda. Seria uma forma eternamente eficaz de me fazer lembrar.

Sua língua brinca com a minha e ele castiga meus lábios por um motivo que eu sequer sei definir, mas que definitivamente gosto.

Gosto mais do que deveria.

Nolan se enfia ainda mais entre minhas pernas, sua mão em minha cintura me puxa para mais perto e, por um segundo, verdadeiramente acredito que ele está tentando desafiar as leis da física e fazer dois corpos ocuparem o mesmo lugar no espaço. Essa é a única explicação plausível que justifica o quanto ele tenta nos fundir agora mesmo.

A blusa em seu peitoral roça contra meus mamilos expostos e o atrito me faz gemer, fincando minhas unhas em seu pescoço com força, tanta que talvez corte sua pele. Nolan grunhe com a dor, puxando meu lábio inferior com os dentes em punição.

Minha boceta lateja e sinto o gosto amargo do sangue se misturar com o sabor da cerveja. Sua língua acaricia o lugar machucado com cuidado e o beijo selvagem, por um momento, se torna suave.

Droga.

Não sei qual dessas formas é mais perigosa.

Aumento o aperto em sua nuca, deixando o beijo bruto outra vez. Nossas línguas duelam pelo controle e cada toque parece mais desesperado que o anterior.

O modo que Nolan me beija é quase algo primitivo.

Indomável.

Afasto-o quando não consigo mais respirar, minha cabeça está pesada e meu coração martelando contra meu peito. A adrenalina que corre em minhas artérias é tão prazerosa quanto a que sinto durante as corridas.

Droga.

Ele encara meus lábios e inevitavelmente faço o mesmo com os dele, observando o modo que estão inchados e avermelhados. Sei que os meus estão da mesma forma e que meu corpo está acesso.

Me sinto como pólvora, pronta para entrar em combustão a qualquer momento. Apenas esperando para explodir.

Me incendeie, Nolan.

Toque em meu corpo e me deixe em chamas.

Minha respiração está descompassada e meu peito sobe e desce rapidamente a cada vez que puxo o ar. Seu olhar vai até os mamilos e desliza até minha calça.

Entreabro minhas pernas o máximo que consigo.

— O que você está fazendo? — Ele dá um sorriso sacana, deslizando seu polegar em meu joelho.

— Você disse que eu deveria abrir minhas pernas para você — explico. — Elas estão abertas o suficiente para você me comer?

Nolan estala a língua, suas íris cintilam e ele prende meu olhar enquanto desabotoa o botão da minha calça.

— Acho que era você a apressada, no final das contas — provoca, descendo minha calça com uma puxada forte.

Meu quadril, apoiado contra a mesa de bilhar, não apresenta nenhuma objeção quando o tecido é brutalmente puxado.

Nolan joga a peça no chão, sem sequer se dar conta do que está fazendo. Seu olhar está totalmente focado na calcinha preta, que neste momento está completamente encharcada e colada em minha boceta.

Mantenho minhas pernas abertas, e Nolan cai de joelhos na minha frente, como se realmente me venerasse.

Suas pupilas estão dilatadas de tal forma que os olhos verdes se tornam quase inteiramente pretos. O desejo em seu semblante é tão grande que ameaça me consumir.

E mesmo se ele fosse a pior pessoa do mundo, nesse momento, eu ainda iria pedir para que ele me comesse.

A forma como ele me olha é tão intensa e cheia de luxúria, que Nolan não precisa nem mesmo me tocar para que eu sinta as descargas elétricas se espalharem pelo meu corpo.

É a sensação mais fodidamente estranha e prazerosa que já senti.

Nesse segundo, ele me venera como se eu fosse uma deusa que ele cultuasse há muito tempo.

— Você vai apenas olhar?

— Cale a boca, Rav. Estou registrando.

Ergo levemente os lábios.

— Minha boceta? — debocho.

— Não, o momento que você a ofereceu para mim, depois de jurar que não o faria.

— Não me provoque, posso facilmente mudar de ideia — cantorolo com a voz rouca e ameaço fechar minhas pernas.

Minha boceta se contrai e Nolan ralha um palavrão, praticamente se rastejando no chão para me impedir.

Nolan não tem masculinidade frágil ou se importa em se ajoelhar e rastejar em nome do prazer. Me pergunto qual é o seu limite e o quão longe ele iria em nome disso.

— Cacete — rosna, só agora se dando conta de que o interior das minhas coxas também está melado. — Se eu soubesse que você estava tão desesperada por mim, não teria… — Sua frase morre no ar e ele engole em seco. — Que se foda, eu teria feito exatamente a mesma coisa e teria chupado sua língua e seus peitos com a mesma fome de antes, apenas guardando o melhor para o final — rosna, esfregando seu dedo por cima do tecido da calcinha.

Gemo com o atrito e minha boceta lateja em agradecimento pela atenção e desespero por mais.

Muito mais.

Nesse momento, aceitaria até mesmo se ele quisesse enfiar o maldito taco de bilhar dentro de mim ou esfregar as bolas em toda minha extensão.

Cacete, aceito tudo.

— Eu sempre guardo o melhor para o final — sussurra, aproximando sua boca de mim.

O calor do seu hálito faz com que eu me contorça e no exato instante que Nolan empurra minha calcinha para o lado, expondo minha boceta, gemo. Ele puxa a renda de forma lenta, deixando que ela raspe contra meu clitóris. Todo meu corpo se arrepia com o contato.

Caralho. Caralho. Caralho.

Ele engole em seco com tanta força que eu mesma escuto. O grunhido que escapa dos seus lábios é o mais *sexy* que já ouvi e suas pálpebras exibem tanto desejo que quase fecham.

— Você parece estar chapado — zombo, e Nolan desliza seu indicador lentamente por toda minha abertura. Seus olhos me encaram com tanto fascínio que parece estar quase hipnotizado.

— Eu poderia ficar. — Ele inala, como se estivesse guardando o cheiro da minha boceta. — Você poderia me deixar chapado se quisesse — murmura e sem que espere, Nolan me abocanha.

Eu poderia usar outra palavra para descrever isso, mas não seria justo quando sua boca literalmente devora minha boceta.

Porra. Porra. Porra.

Sua língua desliza do meu clitóris até meu cu em uma lambida longa e firme. Meu corpo treme e ameaço fechar as pernas, mas suas mãos apertam minhas coxas com força e ele me obriga a mantê-las abertas.

Seus dedos certamente marcam a pele.

O desgraçado repete exatamente a mesma coisa antes de capturar meu clitóris com os dentes e sugá-lo. Gemo.

— Eu quero você gritando, Rav — ordena em um tom rouco, sua boca está tão perto de mim que seus lábios resvalam contra minha excitação.

— É só isso que você quer? — debocho, esfregando minha boceta contra seu rosto. O ato, que deveria ser provocativo, só me deixa mais excitada.

Seu nariz roça contra meu clitóris e sinto seu sorriso se formar contra a minha pele sensível.

— Eu quero tantas coisas, Rav — sussurra, se afastando para me encarar. Sua boca brilha com minha umidade e estou tão fodidamente molhada, que mesmo ele sugando e me chupando, sinto a excitação escorrer entre minhas pernas. — Eu quero ouvir você implorando por mais.

Seu polegar pressiona contra o meu clitóris, os olhos esverdeados seguram os meus.

— Eu quero atolar meu pau na sua boceta — continua e, dessa vez, desliza um dedo para dentro de mim.

Minha respiração engata e ele rosna um palavrão, parecendo perder o foco por um momento.

Eu também perco o foco, Jones.

Um dedo é pouco, enfie mais.

Me foda com sua língua e com seu pau.

Apenas me faça gozar, droga.

Ele estoca seu indicador para dentro e para fora lentamente. Arqueio minhas costas, meus seios ficam pesados de prazer.

— Eu quero chupar seu cu e também me enfiar dentro dele, quero descobrir se ele é tão doce e apertado quanto sua boceta — sussurra, deslizando mais um dedo para dentro de mim.

Agora, seu dedo médio se junta ao indicador, enquanto seu polegar segue pressionando meu clitóris. A habilidade com que ele usa os três dedos, sem perder o ritmo ou deixar de me tocar, é impressionante.

As íris esverdeadas, praticamente dominadas por suas pupilas dilatadas, me obrigam a fitá-lo.

— Eu quero colocar você de quatro e bater em sua bunda empinada que sempre se exibe com arrogância — continua, e a cada vez que fala, sua voz sai mais rouca e mais pesada.

Minha boceta se contrai em todo momento e fico mais excitada a todo instante.

Cacete, você não deveria mesmo ser tão bom.

Não deveria estar manejando meu corpo como se o conhecesse tão bem.

Não deveria estar me tocando como um maestro exemplar que domina seu instrumento perfeitamente.

Porra.

Sua fama realmente não é em vão.

— Eu quero tantas coisas, Rav. Mas, neste momento, irei me contentar em tê-la gozando para mim.

— Ainda acho que você fala demais e faz de menos — cantarolo, sendo uma mentirosa do caralho.

Ele ri.

— Famigeradas últimas palavras — debocha. — Quando você gozar e esquecer seu próprio nome, garantirei que você não se esqueça o meu. — Soa como uma promessa.

Nolan tira seus dois dedos de dentro de mim e os leva até sua boca, chupando-os. Seu olhar não abandona o meu em momento algum e ele quer que eu veja.

Quer que eu lembre.

— Garantirei que você saiba exatamente quem deixou suas pernas bambas e a deixou zonza — diz, e esse é o começo da minha queda.

Eu não deveria ter sido tão arrogante e não deveria ter duvidado da sua capacidade.

Droga.

Eu tinha que ter acreditado em tudo o que dizem. Nolan não é considerado o colecionador em vão.

Sua língua volta a brincar com minha abertura e ele alterna entre enfiá-la em minha boceta e o meu cu. A saliva se mistura com minha excitação e meus gritos se tornam uma constância que não consigo evitar.

Maldito seja.

Nolan esfrega seus dois dedos em meu clitóris e acumula minha umidade na ponta deles. Espero para ver o que ele fará e o desgraçado dá um meio sorriso, umedecendo meu buraco, antes de enfiar um dedo dentro dele.

Meu cu se aperta ao seu redor e o prazer de ser invadida por trás e estimulada em minhas duas entradas é surreal.

Caralho.

Porra.

Cacete.

Fecho os olhos, sem conseguir evitar. O tremor em minhas pernas começa e o calor se acumula em meu abdômen. Minhas pálpebras pesam e ouço sua risada.

— Mantenha os olhos abertos, Rav. Quero que você me encare enquanto como sua boceta — ladra e raspa seus dentes em meu clitóris uma última vez, antes de começar a me foder com sua língua.

Seus dedos estimulam meu cu e sua língua invade minha boceta.

Merda. Merda. Merda.

Sinto o suor escorrer em minhas costas, meus peitos doem com o prazer intenso, minha cabeça pesa, minha boceta lateja mesmo sendo invadida e meu cu se comprime, mastigando seus dedos.

Droga, Jones.

Pensar se torna uma tarefa impossível, e quando tento me afastar, ele me mantém firmemente presa. Sua boca me devora sem chance de escapatória. Seus dedos marcam minha pele.

Esfrego minha boceta contra seu rosto e não sei dizer se faço isso almejando mais ou ansiando para conseguir sair.

Minhas pernas tremem contra seus ombros, minhas costas arqueiam e os meus gemidos se transformam em gritos.

Sinto a cabeça pesar mais e minha boceta lateja com o esguicho forte. Nolan se afasta, deixando que meu *squirt* mele sua blusa. Ele parece

fascinado e não desvia seu olhar em momento algum, nitidamente desfrutando a vista.

Seus dois dedos continuam em meu cu e ele engole em seco, assistindo meu corpo tremer por completo.

Nolan não espera que eu me recupere. O maldito não acha o suficiente ter minha boceta esguichando em sua cara e meu cu acomodando seus dedos.

Ele quer mais.

— O que…? — tento perguntar, mas minha boca não acompanha meu pensamento e minha respiração ofegante me impede de puxar o ar com normalidade.

Mesmo assim, ele entende o que quero dizer.

— Na próxima vez, esguiche em minha boca mesmo que isso me sufoque e grite meu nome até sua garganta doer — ordena, e seus olhos não abandonam os meus até que eu concorde com um menear, que é tudo o que sou capaz de fazer nesse momento.

Nolan raspa seus dentes em meu clitóris outra vez e usa sua mão livre para acertar um forte tapa bem em cima do ponto sensível. Tremo com a descarga elétrica que me atinge, cada ponto onde ele toca parece queimar e minha cabeça está tão pesada que não sei como a mantenho firme.

Você definitivamente não irá esquecer, Ravena.

Fecho os olhos quando se torna impossível mantê-los abertos e ele enfia sua língua em minha abertura, ao mesmo tempo que seus dedos alcançam um ponto sensível em meu cu.

Não consigo aguentar dessa vez.

— *Nolan* — grito, assim como ele ordenou. Minhas mãos apertam meus peitos com força e ele me mantém parada, realmente esperando meu *squirt.*

Não me controlo.

O esguicho é tão forte como o da primeira vez e minhas pernas tremem incontrolavelmente. Ele não se afasta e engole toda minha

ejaculação, deixando que ela mele seu rosto e sua roupa sem se importar.

Meu cheiro provavelmente está impregnado em cada centímetro da sua pele, mas ele desfruta como se espalhasse um perfume.

O maldito umedece os lábios, dando uma última chupada em meu clitóris. Não tenho forças para falar nada ou me mover. Minha respiração está descompassada e o suor escorre em meu corpo.

— Sua boceta é doce demais para alguém tão rude — cantarola, lambendo seus dois dedos.

A blusa preta está colada em seu peitoral e desisto de fingir indiferença, inclinando meu corpo para trás e apoiando meus braços na mesa.

— Nada mal, Jones — murmuro, provocativa.

— Espero que você se lembre disso da próxima vez — avisa, se levantando do chão. Seu olhar percorre meu corpo e minha nudez não me incomoda nem um pouco.

— Não haverá uma próxima vez — aviso, e Nolan ri.

Suas íris verdes me analisam por um instante, antes dele pegar minha blusa e minha calça, colocando sobre a mesa.

— Haverá sim, e nela eu cravarei dentro de você tão fundo que o pau de nenhum outro homem será bom o bastante para preenchê-la outra vez.

— Você é convencido demais.

Ele abre um sorriso sacana.

— Eu já disse que não é convencimento, é confiança. — Ele pisca e caminha até o bar vazio, me deixando sozinha para que eu possa me vestir.

No entanto, fico mais alguns segundos parada, me recuperando. *Meu corpo ainda treme.*

Levo meu olhar até ele e assisto quando Nolan se inclina sobre o balcão, pegando o abridor para abrir a cerveja em sua mão. Em momento

algum ele demonstra estar incomodado com minha ejaculação espalhada por seu corpo e, na verdade, parece satisfeito somente com o meu prazer.

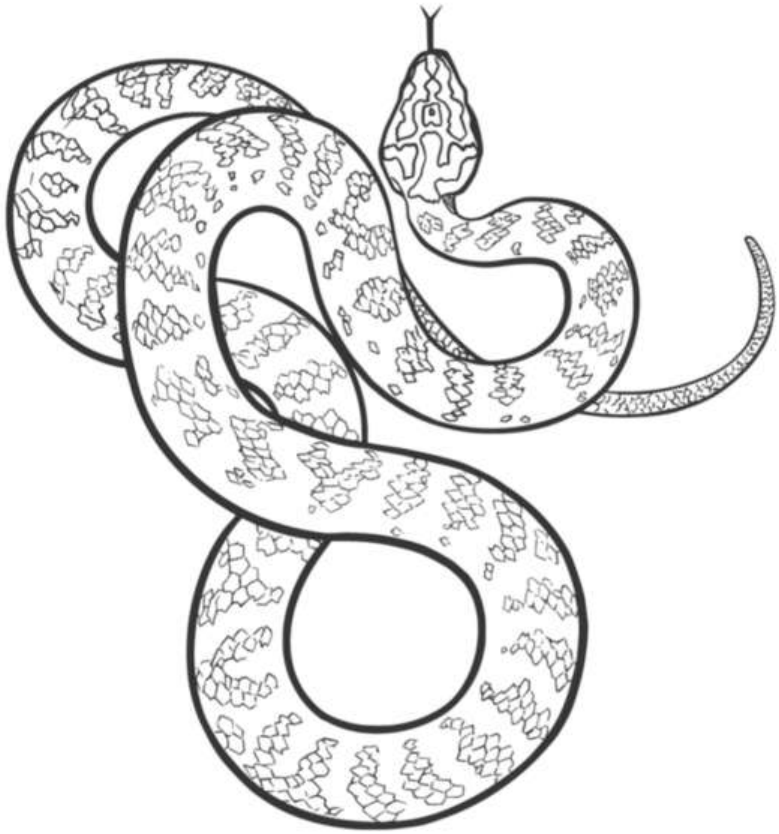
Que droga.

Você definitivamente merece a fama que tem, Jones.

E por mais que eu odeie admitir, com certeza tem um ótimo motivo para ser tão confiante.

OceanofPDF.com

Capitulo 15



Me mate, minta pra mim, me amaldiçoe
Faça mais uma vez
Me beba, me assuste, me odeie
Como nunca antes
Me ame, ore para mim, me quebre
Drink Me _Michele Morrone

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Todos os Víboras acham que eu perdi a aposta naquela noite. Eu saí no meio da madrugada, não falei com quem ou onde estava e quando voltei, o cheiro de sexo estava exalando mais do que os meus perfumes caros.

Então, é claro que eles acham que eu perdi.

E eu poderia ter dito que não. Poderia ter falado que a responsável pelo cheiro de boceta em minha blusa era Ravena. Poderia até mesmo ter provado com a sua foto na minha galeria. Porém, por algum motivo, eu optei por ficar calado.

Eu não queria que todos soubessem.

Não quando nem mesmo cheguei a enfiar meu pau em sua boceta.

Por isso, apenas deixei que eles pensassem o que quisessem. Com certeza era mais fácil do que falar sobre como as memórias de Liz me deixaram desnorteado e como Ravena foi a única capaz de me distrair.

Definitivamente mais fácil.

A aposta foi perdida, mas Aiden não falou nada para Lauren. E, sinceramente, se eu soubesse que o filho da puta se manteria calado, não teria ficado mais de uma semana sofrendo pra caralho e me contendo, tendo que procurar outras formas de aumentar a adrenalina em meu corpo para não acabar enlouquecendo.

Merda, meu pau poderia ter atrofiado.

Abaixo minha cabeça e encaro meu membro precioso coberto pela calça, prometendo silenciosamente nunca mais privá-lo por tanto tempo. Na verdade, já estou compensando o tempo perdido.

Ontem fui na casa de *swing* e o colombiano junto com a brasileira foram uma ótima distração. A garota sequer falava inglês, mas seu namorado o fazia e eu não precisava entender nada além dos seus gemidos enquanto eu preenchia seu cu e seu namorado estocava em sua boceta.

Foi uma boa distração, mas mesmo assim, o maldito cheiro de Ravena ainda parecia impregnado em mim. Para ser sincero, até agora consigo senti-lo.

Mas que porra.

A imagem da sua boceta avermelhada se contraindo e esguichando dentro da minha boca não é algo facilmente esquecível. No entanto, seus gemidos e seu cheiro deveriam ser.

Eu não deveria ficar desejando ouvi-la gritar de prazer outra vez, porém, é exatamente isso que faço.

A forma que ela jogava sua cabeça para trás e rebolava no meu rosto, sem o menor pudor e sabendo exatamente o que queria... A sua expressão de prazer, os peitos balançando com os *piercings* e o seu gosto tão fodidamente doce na minha boca me perseguem.

Droga, eu deveria ter me enfiado dentro dela.

Se eu tivesse feito isso, meu pau estaria saciado e não como um maníaco, esperando por uma outra oportunidade.

Que caralho, hein?

Aperto meu membro por cima da calça e estalo o pescoço, virando o resto do *drink* de uma única vez.

A festa hoje está mais agitada do que o comum e Alex contratou um *buffet* de bebida ou sei lá como se chama essa merda. Tudo o que sei é que hoje temos cinco *bartenders* trabalhando no jardim e eles fazem os *drinks* mais diversificados e inusitados.

Como o meu, que eles chamaram de 69.

E assim como a posição sexual, a bebida é gostosa pra caralho.

Uma das minhas músicas favoritas do *Chase Atlantic* começa a tocar e sorrio, me juntando às outras pessoas dançando. Não sei onde Alex,

Hunter, Nick, Aiden, Kian, Vic, Trent e Morg estão. E nem me importo, nunca venho para as festas na intenção de ficar preocupado.

Esse é o momento em que minha mente se distrai. Onde tudo e todos deixam de existir e meu único foco é me divertir.

Eu aproveito as festas por mim e por Liz.

Eu não dou a mínima para onde estou ou quantas pessoas irei foder.

A única coisa que quero é a diversão e o prazer.

Pego um cigarro e antes que eu tenha a chance de dar o primeiro trago, sinto meu corpo ser empurrado. Olho para trás e uma garota loira pisca inocentemente em minha direção, sua amiga cacheada — ou namorada — faz o mesmo, com um brilho de malícia no olhar.

Sequer preciso falar algo antes da cacheada puxar minha nuca e me beijar. Minha mão vai até sua cintura e deslizo minha língua contra a sua, sentindo o gosto de hortelã em sua boca.

A loira se aproxima e levo meu braço livre até ela, puxando-a para perto de nós. A música fala sobre estar chapado e mesmo que eu tenha fumado dois cigarros de maconha antes de descer, mesmo que o pó da cocaína esteja em meu bolso e mesmo que a língua da cacheada cause uma sensação inebriante, ainda não me sinto assim.

Chapado.

Meu corpo precisa de mais estímulos para ficar dessa forma. Me afasto de uma, atacando a boca da outra, que parece tão frágil que tenho medo de que possa se quebrar em meus braços.

Nenhuma das duas deixa o beijo bruto e o aprofunda a ponto do gosto de sangue se misturar com nossas salivas. Mas não acho isso ruim, só é diferente do que quero nesse momento. *Droga.*

A música toca de fundo, suas línguas duelam com a minha e sinto os toques em meu corpo. Uma arranha minha nuca, enquanto a outra esfrega meu pau por cima da calça. Nunca sei quem faz o quê, as duas parecem iguais na minha cabeça e me preocupo apenas em beijá-las, avaliando se as quero na minha cama ou se procuro algo mais selvagem.

Sinto alguém se juntar a nós por trás e olho por cima do ombro, encontrando um moreno desconhecido com sua mão em meu quadril. Ele me encara com as pupilas dilatadas e o pó branco está sujo em seu nariz. Sorrio.

— Você não vai cheirar hoje? — questiona como se me conhecesse e, bom, se eu o conheço, não consigo lembrar.

Uma mão aperta meu pau e unhas arranham meu abdômen sem blusa. Minha atenção se torna dele por alguns minutos e ao invés de responder que ainda não decidi, apenas o beijo.

Sua língua invade minha boca com desejo e seu pau roça em minha bunda. Não sou passivo, mas a sensação é prazerosa.

Porém, ainda falta algo.

A loira reivindica minha atenção para si, agarrando minha boca outra vez. Não me importo se sirvo de espetáculo, até porque tudo o que falam sobre mim não é em vão.

No entanto, mesmo que as pessoas sempre comentem, normalmente não gera tantos burburinhos quanto agora. E o fato de estarem falando mais do que o comum me faz abrir os olhos, sabendo que tem algo de errado.

E realmente estou certo.

O erro tem nome e sobrenome.

Minha atenção é imediatamente atraída para onde ela está e meus olhos se arregalam levemente ao vê-la em cima da mesa, onde algumas pessoas faziam *ping-pong* de bebida.

Dou um passo para trás, me desvencilhando de todos os três. Minhas íris ficam fixas na garota rebolando sobre a mesa.

Que porra Ravena está fazendo?

Ela desliza a mão em seu próprio corpo, dançando na batida da música. Engulo em seco, absolutamente todos os olhares estão sobre ela. Todos admiram o longo cabelo preto, que está suado, e alguns fios colam em sua testa. Todos desejam ver por baixo do *cropped* branco e anseiam por

estar naquela mesa, onde ela se agacha rebolando e pega dois copos de cerveja, virando de uma única vez.

Mais gritos ecoam e travo o meu maxilar irritado. O pensamento de que eu deveria tirá-la dali passa em minha cabeça, mas me obrigo a afastá-lo.

Você está louco, Nolan.

Ravena não é da sua conta. Se ela quiser ficar pelada ou estiver disposta a ser estrela de um vídeo pornô, essa merda não lhe interessa.

Não importa se os olhos desejosos estão sobre ela e muito menos se ela fica fodidamente sensual apenas deslizando sua mão em seu corpo, seguindo o ritmo.

"*Come Get Her*" toca a todo vigor e a maldita faz exatamente como na letra, dançando como uma *stripper*. Seus dedos brincam com a barra da sua camiseta, ameaçando erguê-la. Isso deixa as pessoas agitadas.

Porra, Ravena.

Não precisa de tanto, você ainda pode ser sexy *pra cacete com a roupa intacta em seu corpo.*

— Ela é boa — Morg comenta ao meu lado e seus olhos brilham, ela parece se divertir.

— Por que você não acaba com essa merda? — rosno no automático. Ela ergue seus lábios, me olhando de esguelha.

— Por que eu faria isso? — a ruiva questiona, aproveitando o espetáculo tanto quanto os outros.

Por que eles aparentam gostar tanto? Nunca viram uma mulher dançando? Por que fazem dela a atração principal?

Rav quase escorrega na mesa molhada de bebida e ri, passando a mão em seus cabelos de forma hipnotizante. Um cara ameaça subir junto com ela e aperto meus punhos.

Caralho.

— Alex não irá gostar dessa porra — ladro, e só então me dou conta que Trent e Aiden me encaram com estranheza.

— Acho que ela vai ficar peladona — Vic observa, e Nick concorda ao seu lado.

Estou tão focado em Ravena que sequer sei em que momento eles se aproximaram. Assim como não sei por que diabos ninguém faz nada para impedi-la.

— Ela está bêbada pra caralho — Kian fala no exato momento que Ravena para de apenas ameaçar tirar sua blusa e realmente a puxa por cima de sua cabeça, ficando só com o sutiã rendado.

O abdômen tatuado brilha de suor e lembro de quando ela derramou a bebida na sua pele para que eu lambesse. Saber que todos os desgraçados que a encaram desejam fazer a mesma coisa é a gota d'água para que meus pés se movam involuntariamente.

Droga.

Nenhum deles tenta me impedir.

Ravena ri com o público ovacionando seu espetáculo e me aproximo dela, empurrando as pessoas que se acomodaram em volta da mesa. Ela roda o *cropped* com o seu indicador e o arremessa para a "plateia", o tecido cai bem em cima de mim, como se debochasse da minha atitude.

Um filho da puta do caralho ameaça tomá-lo da minha mão, mas basta identificar que sou um Víbora para desistir da ideia. Dou um sorriso cruel em sua direção, voltando a focar nela.

Seus olhos encontram os meus e seus lábios se curvam de modo zombeteiro. A diversão enfeita seu rosto quando subo na mesa com ela.

— Quantas você tomou? — pergunto para que somente ela escute, e Ravena coloca suas mãos sobre meus ombros, ficando na ponta dos pés para falar em meu ouvido.

— O suficiente para esquecer como vim parar aqui — admite com uma risada estrondosa. O som faz meu estômago se embrulhar.

Suas íris estão nubladas e o cheiro de maconha, misturado com o álcool, invade minhas narinas. *O que diabos você bebeu para ficar nesse estado?*

Coloco a mão em sua cintura para tirá-la de cima da mesa, mas Ravena aproveita o momento, usando o meu toque em seu corpo para deslizar contra mim de um jeito fodidamente sensual. As pessoas gritam.

Rav ri.

Pisco sem reação, assistindo quando ela se abaixa para pegar um dos únicos copos que sobraram cheios e ela ainda não chutou. Sua bunda fica contra o meu pau e sinto a atenção dos Víboras sobre mim. Mais especificamente o olhar cinzento de Alex, que está curioso, focado diretamente em nós.

Não me importo.

— Você está chamando atenção demais, porra — murmuro, virando-a de frente para mim.

— Eu sei, mas eu não sou a única, *huh?* Você estava quase em uma orgia pública, por que não posso dançar? — Sua fala sai arrastada e não sei dizer se ela está chapada ou apenas bêbada.

Bêbada para caralho.

— Você pode dançar — confirmo.

Claro que ela pode dançar, mas não em uma mesa onde pode cair e muito menos tirando a roupa, fazendo todos olharem para seu corpo.

Caralho.

Travo o maxilar.

— Mas se você dançar lá embaixo, posso lhe oferecer um Orgasmo Selvagem. O que acha? — tento e isso atrai sua atenção de imediato.

— Você promete? — pergunta, animada, e seus olhos brilham com desejo.

Ela parece tentada e só então me dou conta do duplo sentido da frase.

Rio.

— A bebida, Crawford. A bebida se chama Orgasmo Selvagem, não seja tão pretensiosa.

Ravena estala a língua.

— Então não tenho interesse — descarta com facilidade, e meus olhos se arregalam quando eu a vejo desabotoar o sutiã.

Nem fodendo.

— O que você está fazendo, caralho? — ladro, colando seu corpo no meu e segurando sua mão para que ela não faça mais nenhum movimento absurdamente perigoso.

— O quê? Você acha que é o único que pode ver os meus peitos? — ela resmunga e tenta se afastar.

Olho para os lados, desesperado, e minha mente rapidamente pensa em uma saída.

Piscina.

Eu posso abotoar seu sutiã e colocar sua blusa na piscina.

— Você gosta de nadar? — pergunto, ganhando tempo.

Que se foda se hoje a piscina está proibida, eu tenho passe livre.

Ninguém viria atrás de nós.

Os olhos felinos da morena se iluminam outra vez e ela acena repetidamente com euforia.

— Então vamos lá — murmuro, segurando firmemente a parte de trás do seu sutiã enquanto ela desce.

Ravena ri e sopra beijos no ar, como se fosse uma famosa se despedindo dos seus fãs. Seu modo de andar ainda é arrogante, mas seu jeito de agir muda por completo e toda a rudeza e acidez se transformam em bom humor e taradice.

Penso em desviar o caminho e fazê-la entrar em casa, na intenção de afastá-la de todos, contudo, a maldita se joga na piscina sem hesitar e me

obrigo a pular atrás dela.

Incontrolável.

Essa seria uma boa palavra para defini-la nesse momento.

A água fria contra meu corpo quente causa uma sensação de choque, e por mais que ela fique apenas cinco segundos sozinha, é o bastante para que desça as alças do sutiã.

— O que você tem contra manter seus peitos cobertos? — rosno, tentando manter o tecido no lugar. E embora eu concorde que aquilo que é bonito deve ser mostrado, não quero que Ravena fique se exibindo dessa forma.

Não na frente de todos.

Droga.

Por que me incomodo? Eu não deveria me importar se Ravena fica pelada ou não.

Isso não é da minha conta.

O cabelo preto está molhado e nem mesmo assim ela fica menos atraente.

— Quero dar pra você — resmunga.

— Seus peitos?

— O meu sutiã!

— Por quê?

Ela sorri.

— Para retribuir o Orgasmo Selvagem, dã — cantarola e rio da sua expressão.

Se ela estivesse sóbria, jamais falaria dessa forma ou me olharia com tanto brilho nas íris azuladas.

— Acho que você já causou demais por uma noite — murmuro, abotoando o tecido no lugar. — E você pode me dar o seu sutiã quando estivermos sozinhos.

Ela faz um biquinho que definitivamente não deveria deixá-la fofa, não quando sua postura no dia a dia é completamente indiferente e marrenta.

— Mas se eu não posso ficar pelada, nem dançar na mesa, o que eu posso fazer? — pergunta, se apoiando em meus braços.

— Ir para casa? — sugiro, e mesmo sem precisar olhar, sei que os Víboras ainda nos encaram, embora a maioria das outras pessoas não faça o mesmo e já tenha encontrado outro foco.

— Dirigir é uma boa — comenta, com a animação retornando.

— Eu dirijo.

— Até parece — zomba. — Você não pode dirigir meu carro. Só eu dirijo minha *Lamborghini*.

— Aham — murmuro, como se eu fosse deixá-la dirigir embriagada dessa forma para sofrer um fodido acidente e morrer.

Como se eu fosse louco e tivesse alguma estrutura para lidar com mais uma perda.

Ravena fala sobre os carros que ela tem na sua garagem enquanto coloco seu *cropped* de volta em seu corpo e a ajudo a sair da água.

Quando saímos da piscina, Nick e Victoria se aproximam com toalhas.

— Alex pediu para entregá-las — Vic avisa com um sorriso acolhedor, Nick me analisa e seus olhos fazem a mesma escrutinação com a morena ao meu lado.

— Diz que mandei um beijo — Ravena cantarola em deboche, puxando uma toalha para si.

Olho à procura da loira com íris cinzentas, mas ela e Morg não estão à vista. E tudo o que encontro é o olhar de Trent, Kian, Aiden e Hunter, todos carregam o mesmo sorriso malicioso nos lábios.

Droga.

Claro que eles vão entender essa porra errada.

Ravena treme, se enrolando no tecido macio, e aviso que vou deixá-la em segurança, saindo da festa sem nenhuma outra palavra.

E somente quando estou no carro, ouvindo os comandos errados de Ravena sobre o melhor caminho até sua casa, me dou conta de que, pela primeira vez, larguei uma festa sem estar bêbado, chapado ou com uma pessoa para levar para o quarto.

Porra.

Desse jeito é claro que eles vão mesmo entender errado essa merda, Jones.

Qual é o meu problema? Por que não a deixei ficar chapada e pelada? Certamente não seria a primeira vez, e ela poderia chamar Jake para vir ajudá-la. Por que me envolvi?

Não sei e o fato de não ter uma resposta concreta para essa pergunta me incomoda.

OceanofPDF.com

Capitulo 16

Você tem um fetiche pelo meu amor
Eu te afasto e você volta
Não vejo motivo para culpá-lo
Se eu fosse você, eu também me pegaria
Fetish _ Selena Gomez (feat. Gucci Mane)

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Minha cabeça dói e antes mesmo de abrir os olhos, praguejo mentalmente por ter bebido tanto.

Não sei quantas doses tomei ou que caralhos fiz, mas se minha cabeça está latejando dessa forma, certamente exagerei.

Droga, por que faço isso comigo mesma?

Na hora é divertido, é um bom passatempo e me dá uma ótima desculpa para não ficar em casa. Mas depois a dor é absurda e não compensa nem um pouco.

Então, por que mesmo quando prometo não passar dos limites, acabo fazendo exatamente isso?

Que patético.

Tateio a mão pelo colchão macio, procurando pelo celular. Às vezes, chego em casa sozinha e o largo em qualquer lugar, mas há outros momentos em que Jake está comigo e me traz. Nesses, o aparelho sempre é posto perto do travesseiro. E tateio justamente para descobrir se vim sozinha ou com ele.

E para descobrir as horas, claro.

Não que vá fazer diferença.

Meus dedos acariciam a colcha da cama e estou para desistir quando sinto um tecido rendado na ponta dos dedos. *Quê?*

Entreabro os olhos, me incomodando com a claridade imediata. Mas no instante que minhas íris se acostumam com a iluminação, puxo a calcinha vermelha, me perguntando o que diabos ela está fazendo aqui.

Olho para baixo, mas estou com a mesma roupa que saí ontem. A calça preta e o *cropped* branco seguem em meu corpo.

Meus mamilos duros saltam na blusa semitransparente. Ela parece úmida e isso deixa meus seios ainda mais visíveis.

Eu não estava de sutiã? Tenho quase certeza de que sim.

Que merda é essa?

Observo ao redor, procurando por alguma pista. Meus olhos se arregalam quando vejo o caminho de *lingeries* feito da cama até a porta.

O que caralhos fiz dessa vez?

Levanto rapidamente e mesmo que o movimento brusco me deixe com vontade de vomitar, mesmo que minha cabeça doa para um caralho e a claridade quase me cegue, meus passos são curiosos.

Passo pelo corredor e vejo uma toalha jogada no sofá. Um *flash* de Victoria e Nicolly estendendo-a em minha direção brilha na minha mente.

Os Víboras? Eu fui para a festa deles?

Sigo caminhando pelos cômodos, registrando algo diferente em cada um. Como, por exemplo, o pote de *Nutella* aberto no meu balcão de mármore.

O que diabos eu fiz?

Minha cabeça lateja e um outro *flash* me atinge, nesse Nolan me carrega para dentro de casa, resmungando algo incompreensível.

Nolan Jones esteve aqui?

A porta que leva ao meu closet está aberta e estou para entrar nele, quando escuto um barulho vindo de dentro do banheiro de visitas.

Vou atrás do som e não me surpreendo com a porta entreaberta. Não, a única coisa que me deixa surpresa é o fato dele estar aqui, usando nada além de uma toalha em seu quadril.

— Você finalmente acordou. — Seu tom é aliviado e levo meus dedos até a cabeça, sentindo o latejar em minhas têmporas.

Droga.

— Por que você está falando tão alto? E o que está fazendo aqui?

Sua expressão se fecha.

— Depois daquele show, você nem mesmo se lembra? — zomba.

— Eu deveria? — a pergunta escapa por meus lábios de forma automática.

Meus olhos desviam pelo seu corpo, procurando alguma pista. No entanto, o abdômen definido com as duas cobras tatuadas ali acaba capturando minha atenção e não consigo focar em nenhuma outra coisa.

Ou melhor, tem sim outra coisa que atrai o meu olhar e o atrai por completo. Nolan pigarreia, mas sigo encarando o nó da toalha enrolada em seu quadril. Me questiono o que ele faria se eu simplesmente desatasse.

Seria interessante.

Droga.

Pisco para afastar o pensamento, sem entender por que diabos ele me acomete.

— Não me olhe assim. Meu pau não será seu café da manhã, Rav — avisa, e meus olhos encontram os seus.

— Está bem, não gosto de tomar leite tão cedo. — Um leve sorriso debochado enfeita meus lábios e dou um passo para frente, aproximando nossos corpos.

Nolan não se afasta, mas seu semblante ainda é diferente do habitual.

— Por que você está tão estranho?

Ele entreabre seus lábios para falar algo, porém, balança a cabeça como se não valesse a pena e o canto da sua boca se ergue de forma pretensiosa.

— Porque você fodeu com a minha noite e sequer foi no bom sentido. — Seu tom é sarcástico e as íris esverdeadas passeiam pelo meu

corpo, se detendo por alguns segundos nos mamilos duros, antes de focar em meus lábios.

Estalo a língua.

— Não pedi para você me trazer — desdenho.

— Claro, eu certamente deveria ter deixado você dirigir para ouvir a notícia de que seu carro acabou sendo encontrado em uma vala. — A possibilidade parece incomodá-lo.

Bufo.

— Tanto faz. — Meu tom é indiferente. — Você deveria ter ido embora depois disso. Na verdade, se eu estivesse disposta, chamaria a polícia por invasão de privacidade — provoco, e ele ri.

— Faça isso, garanto que irei acusá-la de sequestro.

— Sequestro? — Uno as sobrancelhas, confusa.

Nolan dá um sorriso indecifrável, sem explicar o que quer dizer com isso.

— Que se foda, apenas saiba que não devolverei o sutiã — diz, e no instante que as palavras escapam de sua boca, a memória da noite passada me atinge em cheio.

Pisco várias e várias vezes, mas tudo continua preto.

— Nolan, eu acho que estou cega. — Me apoio em seu braço, ouvindo a porta bater atrás de nós.

Juro que posso ouvir sua risada.

Bom, ao menos não estou surda também.

— As luzes estão apagadas, você não está cega — explica, e dou um passo para frente, esperando que o sensor identifique nosso movimento e acenda as luzes da sala.

Como se eu fosse mágica, ele faz exatamente o que pensei.

A claridade inesperada me obriga a fechar os olhos e me jogo sobre o sofá, resmungando. Estico meu pescoço para procurá-lo e sorrio largamente em sua direção.

— Oi. — Pisco de modo inocente.

— Você precisa de alguma coisa? — Soa solícito, e talvez eu esteja muito bêbada, mas ele parece quase cuidadoso.

— Por quê? Você acha que vai para onde?

— Pra casa, é claro — afirma, como se fosse o óbvio, e sua determinação me faz gargalhar.

— Quem disse que você pode ir? — bufo, me levantando rapidamente.

Nolan me encara com confusão e acho que ele não espera minha próxima ação, porque seus olhos se arregalam em completo choque ao me ver arremessar a chave da porta pelo imenso janelão de vidro.

— Que porra…? — ladra, coçando sua cabeça com desespero.

O gesto me faz rir.

Eu podia dizer que tem uma chave reserva no jarro de entrada, não é? Mas se eu fizer isso, ele vai embora e a casa é grande demais para que eu fique mais uma noite sozinha.

— Você não pode ir, tenho que mostrar uma coisa — murmuro, puxando sua mão para que ele me acompanhe.

Ele parece estar tão em choque que não hesita.

— Eu não me surpreenderia se você estivesse me levando para um calabouço.

— Exagerado — cantarolo, sem lhe dar atenção.

— Estou falando sério, isso é a porra de um sequestro.

Bufo, olhando por cima do ombro.

— Estou querendo lhe dar um presente, não seja mal-agradecido! — resmungo, me irritando com suas reclamações.

Nolan com a boca costurada seria um poeta.

— Um presente não muda o fato de que você é louca — ralha, e rio.

— Podemos viver um daqueles romances de Estocolmo.

— Por que você quer viver um romance de uma cidade da Suécia?

Estalo a língua.

— Eu posso até estar bêbada, mas você que continua sendo o burro — bufo, e Nolan segura meu pulso, me fazendo encará-lo.

— Não me provoque, Rav — sussurra. — Eu posso acabar punindo você por tanta ousadia.

Escondo o sorriso e fico na ponta dos pés, resvalando meus lábios contra os seus.

— Está bem, da próxima vez, garanta que serei punida por isso.

Rio quando ele trava seu maxilar e volto a caminhar em direção ao closet. *Nolan para na porta e sinto seu olhar me escrutinar.*

— E então, qual é o meu presente? — pergunta, e encaro o nada por alguns segundos, sem lembrar do que ele está falando.

Pisco algumas vezes.

Ah, sim. O seu presente.

Levo minha mão até o fecho do sutiã e o desabotoo, retirando por baixo da blusa.

Nolan pisca.

— Você realmente insiste nisso — comenta, e aproximo o tecido rendado do seu rosto, encarando fixamente seus olhos.

— É para que você se lembre do quão gostosa eu sou. — Rio e nesse ponto, sequer sei dizer por que realmente quero lhe dar a peça.

Será que eu já pretendia me desfazer dela e estou usando-o de desculpa? Não me surpreenderia.

Dou de ombros sozinha, sem me importar com o motivo, e me afasto no instante em que ele aceita seu belo prêmio.

Meus pés tropeçam até mesmo com o vento — se é que isso é possível — e caminho cambaleante para perto das minhas lingeries.

— O que você está fazendo agora? — Nolan pergunta, e o ignoro, enchendo meus braços com inúmeras calcinhas e sutiãs.

Ele vem atrás de mim e começo a jogar no chão aquelas que não quero usar hoje.

— Ravena? — pergunta.

— Sabia que eu tenho um vibrador? — falo, pensativa. — Ele é grande, fica na gaveta com as lingeries *e… — interrompo minha fala no meio com um bocejo.*

Meus passos se detêm na porta do quarto e minhas costas batem contra o peitoral de Nolan. Fito-o por cima dos ombros e suas pupilas estão dilatadas.

— Acho que não quero trocar de roupa — confesso, reparando em como minha cama parece confortável.

— Mas elas estão encharcadas, você pode adoecer — avisa e embora sua fala pareça sensata, no instante que ele ameaça subir minha blusa, rosno.

— Faça isso que acordarei a vizinhança inteira gritando socorro — ladro com uma ameaça violenta e volto a jogar as peças de calcinha no chão, praticamente saltando até meu adorável colchão.

Uma última calcinha fica em minha mão e a largo contra a colcha com indiferença. Minhas costas são recebidas com puro conforto e enrolo meu corpo no edredom macio, sem me importar se os tecidos que me cobrem estão molhados ou não.

Tenho quase certeza de que Nolan tenta mais uma vez e o ameaço de novo, antes de simplesmente apagar.

— Eu… — Pisco algumas vezes, sentindo minha garganta coçar com a memória maldita.

Eu poderia ter lembrado ao menos quando estivesse sozinha.

— Tem uma chave reserva dentro do jarro da entrada — murmuro a contragosto.

Nolan me encara e gargalha. O desgraçado realmente gargalha em alto e bom som.

— Então você lembrou — diz, rindo.

Seus olhos não abandonam os meus, como se ele quisesse registrar cada reação minha.

— Não lembro de tudo — minto. — Por que você não me acordou mais cedo?

Ele dá de ombros.

— Você estava roncando alto o bastante para que eu não quisesse ficar perto.

Estalo a língua, sabendo que não ronco.

— Isso só seria mais um motivo para você me chamar.

Nolan bufa.

— Para quê? Você gritar pedindo socorro? — debocha, e desvio o olhar. — Eu estava com medo até de respirar um pouco mais fundo e você acabar fazendo isso — dramatiza.

Droga, Ravena.

Dentre todas as pessoas, por que diabos ele quem me trouxe?

Massageio minhas têmporas com a dor incômoda.

— Esquentei a água na banheira e coloquei alguns sais relaxantes.

— Não vou tomar banho em uma água que você usou.

Nolan pisca.

— Não a fiz para mim — diz com indiferença. — Não consegui encontrar nenhum remédio e até comi sua *Nutella* enquanto procurava, mas foi em vão. Então preparei a água e deixei um copo de suco no lado da sua cama. Acho que irá ajudar, ao menos comigo funciona. Agora se me der licença, preciso voltar para a fraternidade.

Nolan passa por mim, mas seguro seu pulso, mantendo-o no lugar. O *déjà vu* das vezes que foi ele quem fez isso comigo me atinge.

— Espera — sussurro e ele franze o cenho.

— O quê?

— Você vai assim? — A toalha é a única coisa que o cobre e aponto para o seu peitoral exposto.

Exposto até demais para que os outros vejam.

Ele ri.

— O que é bonito deve ser mostrado e precisa ser apreciado — fala de forma convencida e ameaça se afastar de novo.

Dessa vez, chamo seu nome.

— Nolan?

— Hum?

— Onde você dormiu? — O questionamento só agora surge em minha mente.

Nolan dá um sorriso psicótico, seus lábios se curvam tanto que ele parece um protagonista do filme de terror *“Sorria”*.

— Onde você acha que dormi, Ravzinha? — zomba. — Você foi uma ótima conchinha menor — cantarola, e sem que eu possa dizer nada, sai quase em uma corrida. E mesmo distante, consigo ouvir sua risada.

Louco.

Nolan parece andar de mãos dadas com a loucura e isso é estranhamente atraente.

Solto o ar que estava prendendo ao ser deixada sozinha e enquanto procuro pela aspirina, meus pensamentos vão até ele, me questionando se realmente dormimos de conchinha.

Bufo, me amaldiçoando por ter bebido tanto. E, quando volto para o quarto, vejo o copo de suco na cabeceira. Dou um meio sorriso.

Não o agradeci por ter largado a festa e ter vindo me deixar. Não o agradeci por ter me tratado bem, mesmo eu tendo o trancado aqui a noite inteira. Não o agradeci pelo banho ou pelo suco. Para ser sincera, não o agradeci por absolutamente nada.

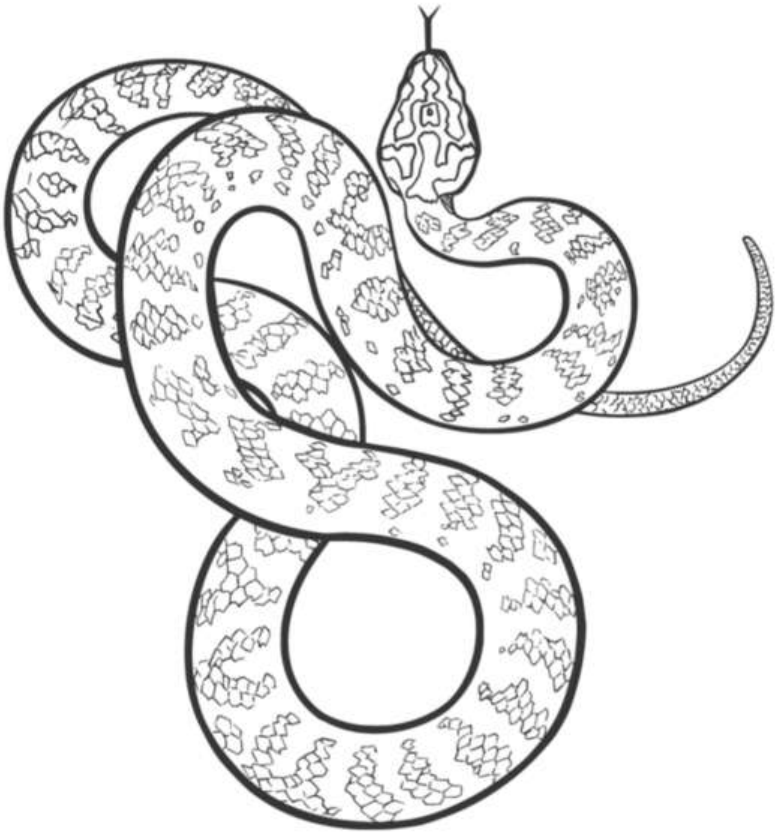
E mesmo eu sendo horrível com essas coisas, gostaria que ele soubesse o quanto sou grata.

Droga.

Obrigada por ter cuidado de mim, Nolan Jones. Prometo que em algum momento farei o mesmo por você.

OceanofPDF.com

Capitulo 17



É agora, agora mesmo
Eu não tenho tempo pra brincar agora
Todo mundo me disse pra eu me acalmar, mas
É agora, agora mesmo
Now _ Chase Atlantic

OceanofPDF.com

No exato instante que termino de me trocar dentro do quarto, ouço meu celular vibrando na cama. Meu estômago ronca em sincronia com o som e pego o aparelho, descendo as escadas para comer algo na cozinha.

Enquanto abro a geladeira, destravo a tela e dou um sorriso de lado ao ver de quem é a mensagem.

Mãe Gothel[1]**:** *Foto de visualização única*.

Eu: Mal saí e você já está me mandando nudes com saudades de mim?

Digito rapidamente, pegando um sanduíche pronto que sequer sei quem deixou ali. Se fosse chutar, diria que Aiden ou Kian são os responsáveis por isso.

Mãe Gothel: Vou queimá-las.

Abro a foto e sorrio ao ver minhas roupas molhadas. Pisco ao me dar conta de que as coitadas estão largadas no chão como se não valessem nada.

Eu: Você é bem mal-agradecida, *huh*?

Eu: Depois de todo o meu esforço e de você ter me sequestrado, tudo o que ganho é esse tipo de tratamento?

Mando para provocá-la e dou uma mordida no sanduíche com queijo, esperando para ver o que ela dirá. Algumas notificações chegam, mas nenhuma desperta o meu interesse e assisto o “digitando” sumir várias vezes, como se ela quisesse dizer algo e acabasse mudando de ideia.

Desde quando Ravena é do tipo que pensa antes de falar?

Mãe Gothel: Achei que você tivesse dito que levaria o sutiã.

Rio.

Eu: Terei outra oportunidade de pegá-lo.

Eu: *Figurinha da princesa Ariel sorrindo de uma forma duvidosa*

Mãe Gothel: *Foto de visualização única*.

Visualizo a mensagem e engulo em seco ao ver que é uma foto sua. Ela está com os cabelos molhados, e um roupão branco contrasta com os longos fios pretos. Seus olhos estão revirados na imagem e tenho certeza, que assim como na noite da sinuca, ela não se preparou para tirá-la. Ravena certamente apenas abriu a câmera e tirou a foto exatamente como estava.

Ela não se esforçou, mas ainda assim ficou bonita pra caralho.

Droga.

Eu: Se quer tanto mandar foto, ao menos mande de algo interessante.

Eu: O seu vibrador seria uma boa.

Ravena não responde com nenhuma réplica ácida, como achei que faria, mas visualiza. Digito outra coisa, apenas para não sair como um tarado do caralho.

Não que eu não seja.

Eu: Gostou do banho que preparei? Sou muito bom nisso, *huh*?

Me afasto para pegar um suco enquanto espero por sua resposta, e o celular vibra no balcão.

Mãe Gothel: *Foto de visualização única*.

Clico em cima, esperando que seja outra foto sua. No entanto, arregalo os olhos quando o grande pau ocupa a tela.

Seus dedos com unhas pintadas de preto seguram a base do brinquedo, que é ultrarrealístico e tem até mesmo as fodidas veias em sua extensão. O pequeno controle está entre seus dedos.

Pisco. Pisco. Pisco.

Meus pensamentos se dividem entre incredulidade por ela realmente ter mandado e desejo, com a súbita vontade de usá-lo nela.

Caralho.

Meu próprio pau incha.

— Por que você está olhando a foto de um vibrador? — A voz de Alex é zombeteira e curiosa.

Largo o aparelho no balcão, assustado com sua aproximação repentina.

— Vibrador? — Hunter pergunta e Morg estica seu pescoço, tentando ver.

— É bonito? E útil? — a ruiva questiona, e levanto o olhar para encará-la.

— Por que você quer um vibrador, Ocean? Meu pau é o único que pode entrar em todos os seus buracos — Trent resmunga, descendo as escadas acompanhado de Kian e Vic.

Morg ri, se aproximando do seu namorado para beijá-lo.

— Se for bom, eu quero o *link* — Vic cantarola, quase saltitando em minha direção para pegar o celular.

— Como se você precisasse disso, *Sunshine* — Kian fala e a loira o ignora, embora seu rosto fique levemente vermelho.

Pisco, sem entender em que momento esses malditos se aproximaram.

Isso é um complô ou o quê?

Sinto um tapa em minha cabeça e viro meu rosto, encontrando Aiden atrás de mim. Nick passa pela porta dos fundos, vindo em seu encalço.

— Que porra — rosno.

— Esfomeado do caralho — ladra, e uno as sobrancelhas sem entender. Ele indica o sanduíche que agora não restou nada além de migalhas. — Era da Nick.

Ergo meus lábios na direção da morena e ela sorri.

— Olha que pau bonitão — Vic murmura, enfiando o celular na cara de Nick, que segura o aparelho com um brilho no olhar.

Ela indica a tela para Aiden.

— Quero um igual — Nick provoca e Aiden rosna, puxando a cintura da garota para si.

Ele parece ter ciúmes até mesmo de um vibrador.

— Por que diabos você quer um vibrador? Ninguém quer foder sua bunda branca? — Aiden me pergunta, curioso, e Nick dá um tapa em seu braço.

— A bunda dele é bonita, tem até uma tatuagem — ela defende e dou um sorriso provocativo.

— Por que caralhos você está falando da bunda dele?

Rio.

— Nick tem razão, é bonita mesmo — Morg concorda e Vic me olha com brilho no olhar.

— Posso ver? — questiona animadamente.

— *Sunshine!* — Kian ralha e ela faz biquinho.

— É injusto eu ter sido a única que não viu — resmunga.

Alex meneia a cabeça.

— Ver a bunda de Nolan é quase uma iniciação aqui, tanto quanto tatuar a cobra — a loira com olhos cinzentos opina, e Vic aumenta sua cara pidona.

— Fica tranquila, Viczinha. Mostro quando estivermos sozinhos. — Pisco em sua direção, provocando, e ela acena animadamente.

— O caralho que você vai mostrar sua bunda para minha garota sozinho. Se quer fazer isso, faça agora. — Kian trava o maxilar e rio.

Por que todos parecem brutamontes ciumentos?

Realmente cogito mostrar minha bunda, no entanto, vejo Nick dar *zoom* na tela do celular e o desespero de que ela descubra a quem o vibrador realmente pertence me atinge.

Puxo o aparelho de suas mãos.

— Mandarei o *link* de compra para vocês. — Pisco em direção às quatro meninas e mentalmente me amaldiçoo por agora ter que procurar um vibrador igual esse na internet. — E também farei a felicidade de todos emoldurando uma foto da minha bunda perto da lareira — prometo, e acho essa parte mais fácil do que a primeira.

Alex ergue o canto da sua boca de modo indecifrável. A loira não pergunta nada, nem que horas cheguei, nem onde dormi, nem porque fui ajudar Ravena. Ela apenas me encara com a mesma indiferença de sempre, que secretamente esconde pura afeição.

Às vezes, me questiono se Alex está cansada de nós e prefere fingir que não sabe de nada para evitar o estresse antecipado. Ou se, talvez, ela mesma não está com algum problema.

Não sei e mesmo se tentasse descobrir, seria uma tarefa em vão.

Alex é boa em esconder o que sente e pensa.

— E então? Onde você passou a noite? — Hunter pergunta e o amaldiçoo por não se manter calado como sua namorada.

Claro que ele fala quando não precisa.

— Em uma casa de *swing*. — Dou de ombros, bloqueando o celular.

Vic encara Kian animadamente, e ele trava o maxilar, quase sorrio.

— E Ravena? — Aiden instiga, seu tom é provocativo.

— O que tem ela? — Soo desinteressado.

— Por que o carro da garota ainda está com você? — Nick questiona.

Pigarreio.

Porque eu saí muito cedo e nenhum carro aceitaria me trazer sem as roupas.

— Eu estava sem o celular, precisava de um meio de transporte. — Faço um gesto de indiferença. — Depois devolvo, considerarei isso meu pagamento por ela ter me feito largar a festa. Droga, eu realmente estava gostando dos *drinks* — resmungo.

— Você não parece estar de ressaca — Kian observa.

Porque sequer tive a chance de beber direito. Dormi cedo como uma criança e foi bom pra cacete descansar na cama macia da garota.

Isso até ela rolar para o meu lado e passar seu braço em cima da minha cintura, se aninhando no meu corpo. Depois disso, só consegui ficar estático.

Eu nunca dormi dessa forma com ninguém e a maldita estava bêbada como um gambá, me abraçando sem sequer se dar conta.

— Passei mais tempo transando do que bebendo, tive que compensar os dias na seca. — As mentiras escapam com facilidade e eles trocam um olhar.

— Ocean, um dos itens da sua lista não envolvia um *ménage* com uma mulher? — Trent pergunta, e por uma fração de segundo, Morg franze o cenho como se não fizesse a menor ideia do que ele está falando.

Mas então, seus olhos brilham.

— Sim! — Morg soa animada. — Devíamos chamar a Rav, ela é gostosa. Acho que até mesmo sonhei com seu *striptease* naquela mesa.

— É, Nolanzinho. Você deveria ter deixado ela tirar o sutiã — Nick acrescenta.

Não deveria porra nenhuma.

Assim todos veriam os mamilos com piercings.

Mamilos esse que eu chupei até ela se contorcer de prazer.

— Ravena parece ser do tipo que topa tudo, vocês deveriam ir em frente com a ideia — Alex apoia Trent e Morg.

Olho para a loira horrorizado, a possibilidade deles foderem com Rav me irrita.

— Não era você que odiava a Ravena?

Alex faz um gesto de indiferença.

— Odeio que vocês percam para ela. Mas a garota até que tem uma ou outra proposta tentadora. — Alex dá um meio sorriso e Hunter a encara de esguelha, sua expressão é de surpresa, mas ele parece saber exatamente o que esperar da sua mulher.

— Ela é tão bonita que me faz duvidar da minha sexualidade — Vic comenta, pensativa, e Kian puxa seu braço. — O quê? As tatuagens são *sexy*.

— Então você me acha *sexy*, Viczinha? — zombo, tentando tirar o foco da Ravena, no entanto, não adianta e eles seguem falando da garota.

Parece uma fodida vingança em forma de provocação arquitetada, mas ainda assim me tira do sério.

Por que me importo se eles foderem a Ravena ou não? A garota transa com todo mundo, não faz diferença nenhuma.

Porra.

Por que diabos eles a querem? Por que estão falando dela? Por que essa merda me faz travar o maxilar?

— Quer saber? Marquem logo uma orgia e transem com ela. — Tento soar provocativo, mas o tom sai errado até aos meus próprios ouvidos. — Agora tenho mais o que fazer — aviso, passando por eles.

Estou quase na escada quando escuto Morg cantarolar que é final de semana. Ignoro sua fala e tenho certeza de que ouço uma risada.

Droga.

O que diabos estou fazendo?

Eu não me importo com nada relacionado à Ravena Crawford.

Ou melhor, eu não deveria me importar.

Largo o celular na cama, determinado a ignorá-la. Pego um cigarro e a máquina de tatuagem na intenção de desestressar, retocando a tinta na minha pele. No entanto, o aparelho vibrando parece zombar de mim, e a

forma como inconscientemente paro o que estou fazendo para responder só mostra o quão patético sou.

Muito bem, Nolan Jones.

Talvez você esteja fodendo com tudo.

OceanofPDF.com

Capitulo 18

Você não sabe como eu sou quando estou sozinha
Você nem sabe o jeito que eu me importo do jeito que eu cresci
Você não sabe do jeito que eu amo tão profundamente até meus ossos
Você nem me conhece

You Don't Even Know Me _ Faouzia

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

É engraçado pensar que pessoas matariam para morar aqui. Minha casa é uma mansão e não exagero quando digo isso. Aqui são três andares, tenho dez quartos, dois *closets*, cinco banheiros, duas cozinhas, uma sala de cinema, uma garagem enorme, inúmeros corredores e diversos outros cômodos livres.

Ganhei-a de presente quando completei dezoito anos. No início, tentei vendê-la, afinal, é um lugar grande demais para apenas uma pessoa. Mas acabei tendo que ficar com ela por um único motivo.

Eu precisava da autorização dos donos para dar continuidade na venda e os donos em questão, meus pais, não quiseram. Eles me convenceram de que era uma boa casa e que era perfeita para quando viessem me visitar.

E eles realmente tinham razão, nas duas vezes que vieram a mansão foi tão perfeita que quase não nos vimos.

Não os odeio por essa ausência, não preciso deles. Mas no começo os odiei por me fazerem morar aqui. Eu me sentia tão sozinha que, às vezes, ficava semanas hospedada em um hotel, assim ao menos via alguém além de mim.

Eu poderia ter me mudado, não havia nada que me obrigasse a ficar na casa. Mas os meus carros não caberiam em qualquer garagem e eu não sabia se encontraria um outro lugar com uma vista tão bonita.

A única que se assemelha à minha é a do prédio de Nolan. Lá em cima, quando estou naquele parapeito encarando as estrelas ou grafitando as paredes, a sensação não é tão solitária.

Assim como agora, enquanto fito o céu estrelado acima de mim.

Meio que me acostumei com a mansão ao passar dos anos. Praticamente vivo no primeiro andar e não bagunço os outros, embora Charlie venha uma vez por semana e arrume os três andares para não acumular poeira.

De acordo com ela, sem sua presença a minha casa viraria uma mansão abandonada e o meu terraço se tornaria um cinzeiro gigante.

Não discordo.

Pego um outro cigarro e acendo, trazendo-o até meus lábios. Esse já é o terceiro da noite e me pergunto se devo fumar um para cada ano de vida.

Seria uma forma irônica de comemorar meu aniversário.

Sopro a fumaça no ar e encaro a tela do celular, vendo o vídeo que eles gravaram para mim. Dessa vez, nenhum dos dois esqueceu. Isso é um feito e tanto, com a agenda que eles têm, me surpreende que tenham tempo de respirar e que a indústria ainda não tenha os destruído.

Ainda bem que escolhi me afastar enquanto ainda era cedo, eu não saberia lidar com todos os olhares sobre mim, controlando cada passo dado.

Antigamente, houve um período que me perguntei se deveria retornar. O sentimento de solidão pode ser angustiante e voltar para essa imensa casa, sem nunca ter ninguém esperando por mim, era desesperador.

Eu encarava as paredes vazias e ouvia o eco da minha própria respiração. Foi nessa época que percebi que poderia morrer e ninguém sentiria minha falta. Eles sentiriam minha perda, claro, mas depois de alguns dias, eu provavelmente seria esquecida como um evento que já passou.

Me perguntei se era esse o propósito da vida e fiquei bêbada para cacete. Meu corpo ainda não tinha quase nenhuma tatuagem e decidi fazer uma frase nas costas.

“Life doesn't matter.”

Não me arrependo de tê-la feito, para ser sincera, até hoje é uma das minhas favoritas. E, sinceramente, ainda concordo com o que está escrito. A vida não importa e por isso comecei a fazer tudo o que eu tinha vontade com a minha, sem me importar com os riscos ou consequências.

A velocidade e os carros já eram um *hobby* meu desde os dezesseis, mas se tornaram algo mais sério quando as corridas começaram. As festas, drogas, bebidas e sexo descontrolado preenchiam o vazio da solidão e me deixavam estimulada.

Por isso me sinto melhor em lugares como esse do que em casa. Por esse motivo evito tanto voltar para cá e aproveito toda oportunidade de sair.

Mas a esse ponto, acho que eu me sentiria assim mesmo se me mudasse para uma casa minúscula. Então antes continuar morando na minha mansão com todo o conforto.

Trago o cigarro uma outra vez e o gosto mentolado preenche minha boca. A sensação da nicotina se espalhando e me deixando relaxada é definitivamente boa.

O celular apita com uma mensagem de Jake perguntando se quero sair essa noite. Ele não sabe que é o meu aniversário, eu nunca falo porque não vejo sentido de comemorar.

Quanta chatice festejar por ter vivido durante mais um ano inútil.

Sempre que vejo alguém fazer um grande estardalhaço em cima disso, só consigo pensar em como o ser humano é mesmo fútil.

Bufo, soprando anéis de fumaça no ar.

O som de notificação corta meus pensamentos outra vez e olho de esguelha a mensagem, esperando que seja Jake de novo. Entretanto, me surpreendo ao ver o contato de Nolan.

Princesa de Chernobyl: Você está em casa? Se eu não devolver a *Lamborghini* logo, acabarei ficando com ela para mim.

Dou um sorriso de lado, me esticando para pegar o aparelho.

Eu: Isso é uma ameaça ou um pré-aviso de roubo?

Princesa de Chernobyl: *Figurinha não identificável*.

Princesa de Chernobyl: Quer fazer o teste e descobrir?

Bufo e é estranho que eu consiga ler a mensagem com a sua exata entonação.

Eu: Se ela não estiver na minha garagem até meia-noite, acionarei o seguro, alegando roubo.

Princesa de Chernobyl: Você é cruel, Crawford.

Princesa de Chernobyl: E sinto que está tentando me levar para a cadeia há algum tempo. Isso é tara com criminoso ou o quê?

O canto dos meus lábios se ergue.

Eu: Com algemas, na verdade.

Princesa de Chernobyl: Me chama de policial e me deixa algemar você.

Princesa de Chernobyl: Traga as algemas que estou pronto para o crime.

Princesa de Chernobyl: Se a beleza fosse crime, você pegaria prisão perpétua.

Princesa de Chernobyl: O crime não compensa, mas eu sim.

Princesa de Chernobyl: Me chama de criminoso e vem me prender.

Nolan digita rapidamente e a risada que escapa dos meus lábios com as cantadas terríveis é inevitável. Porém, só percebo que estou sorrindo quando me assusto com o meu reflexo na tela.

Não costumo ser tão bem-humorada e me fazer rir dessa maneira não é uma tarefa fácil. Mas Nolan consegue.

Com sua idiotice, claro.

Ainda estou sorrindo suavemente quando digito:

Eu: Você é muito ruim nisso.

Princesa de Chernobyl: Posso ser ruim com as palavras, mas garanto ser bom com as algemas.

Eu: Seu tempo está passando.

Princesa de Chernobyl: Já estou a caminho.

Princesa de Chernobyl: *Figurinha do Flynn Ryder montado no Max*.

Largo o celular, voltando a encarar a vista. O cigarro entre meus dedos apagou sozinho e pisco, me dando conta de que, por alguns segundos, o esqueci por completo.

Que estranho.

Procuro pelo isqueiro e o acendo de novo, tragando com tranquilidade. Meus olhos se perdem na grandiosidade acima de mim, as estrelas iluminam a noite e a lua crescente se junta a elas como se fossem uma pintura perfeita.

Meu cigarro acaba e não sinto vontade de acender outro. Na verdade, não sei quanto tempo fico assim, perdida na beleza do céu. Meus olhos só desviam da imensidão lá em cima quando o celular começa a chamar com uma ligação dele.

— Hum? — murmuro, atendendo.

— *Achei que você viria pelo menos me receber* — resmunga do outro lado da linha. — *Devo deixar a chave jogada no chão? Sabe como é, você tem uma fama com isso.*

Sorrio.

— Estou saindo — aviso e desligo na sua cara. A velocidade com que levanto é surpreendente e inexplicável.

Por que diabos caminho até ele como se estivesse ansiosa?

Talvez seja a maldita solidão agindo outra vez.

Me agarro nisso.

Quando saio de casa, dou de cara com Nolan escorado na *Lamborghini*. Seu corpo está apoiado na lateral do carro de modo despojado e seus olhos fixos no celular se erguem até mim, como se sentisse minha presença.

Ele me analisa dos pés à cabeça, se demorando na saia de couro em minhas pernas.

— O que está esperando? — pergunto, estendendo a mão para que ele me dê a chave. Nolan sorri, com suas íris esverdeadas fixas nas minhas.

Ele dá um passo à frente e ameaça me entregar o chaveiro, porém, assim que tento pegá-lo, Nolan ergue seu braço.

— Acho que ainda não me despedi dela — murmura, e me aproximo, deixando nossos rostos a centímetros de distância.

— Me dê a chave. — Meu tom sai baixo e soa como uma ordem.

Nolan desvia o olhar até minha boca, engolindo em seco. Suas pupilas dilatam.

— Não fale dessa maneira, me deixa excitado — reclama.

Viro o rosto, sem conseguir segurar o sorriso.

— Estou falando sério, até mesmo arrepiei — ele continua, e volto a encará-lo.

— Então você gosta de receber ordens?

— Não — responde prontamente. — Mas as suas talvez sejam uma exceção.

— Ótimo. — Fico na ponta dos pés, mas ao invés de tentar alcançar o objeto como uma idiota, resvalo meus lábios no seu. — Então devolva a chave.

— Isso é golpe baixo.

— Golpe baixo será se eu der um chute no seu pau, então devolva a chave antes que eu perca a paciência.

Nolan pisca, me olhando horrorizado.

— Como você saiu de deusa da sedução para aprendiz de Satanás em questão de segundos? — dramatiza, e rio.

Nolan me encara por alguns instantes e engole em seco de novo. Mas, dessa vez, não entendo o motivo.

— Se quer tanto se despedir dela, aproveite para colocá-la na garagem — aviso e já me afasto para destravar o portão, sem esperar por

uma concordância.

Não escuto nenhuma objeção e quando volto a olhar, Nolan já está dentro do carro.

Fico de braços cruzados enquanto ele desce até o cômodo subterrâneo e quando estaciona lá dentro, vou atrás dele para colocar a chave junto com as outras, na falha tentativa de não perdê-la dessa vez.

Nolan abre a porta do carro e seu olhar desvia em direção aos que estão estacionados aqui. Ele assobia, impressionado.

— Isso é uma coleção e tanto — assume, admirando o *Porsche* que sempre uso para correr.

— Eu sei. — Travo a *Lamborghini*, guardando a chave no lugar.

Nolan entreabre os lábios para falar algo, mas engasga no meio do processo, e isso me faz encará-lo, assustada.

— O quê? — questiono, mas seu olhar está fixo no *Rolls-Royce* vermelho.

— Cacete. Esse é mesmo o *La Rose Noire Droptail*[2]? — A admiração transborda em seu semblante.

— Aham — falo com indiferença, foram poucas as vezes que cheguei a usá-lo. Ganhei de presente dos meus pais ano passado. Eles esqueceram o dia, então tentaram compensar com algo grandioso, uma vez que sabem o quanto gosto de correr.

Nolan me analisa.

— Levando em conta onde você mora e essa garagem, eu diria que ou você aplicou um Golpe de Estado e agora é fugitiva, o que faria sentido na tara com as algemas — provoca.

— Ou?

— É filha de alguém muito rico e influente — murmura. — Pensando bem, ninguém sabe quem são seus pais, *huh*?

Reviro os olhos.

— Se for ficar fazendo teoria da conspiração, pode ir embora agora mesmo.

Suas íris verdes encontram as minhas quando ele dá um passo para frente.

— E se eu me mantiver calado, o que acontece?

Mordo o canto da minha boca, sem entender por que sinto tanta vontade de chamá-lo para ficar comigo no terraço.

Droga.

Por que preciso transformar isso em uma grande coisa? Não é nada.

— *Quersubircomigo?* — pergunto rápido demais e em um tom baixo também, forçando indiferença.

Ele franze o cenho e aproxima seu rosto do meu.

— O que você disse?

Bufo.

— Nada, pode ir embora — falo, virando de costas.

Seus passos correm atrás de mim e ele entrelaça seu braço no meu.

— Subiremos juntos, você tem que aprender aulas de etiqueta. Não vai nem mesmo me oferecer um café?

— Não gosto de café — respondo secamente, embora queira sorrir.

— Está bem, então me ofereça uma água — rebate, e me mantenho calada.

Isso eu posso fazer.

Nós entramos na minha casa em silêncio e ele realmente aceita o maldito copo com água. Seus olhos observam tudo com curiosidade, até pousarem nas peças masculinas perto do sofá.

Ele ri.

— Você não as queimou?

Dou de ombros.

— Coloquei na lixeira, mas Charlie achou que tinha sido um engano e botou para lavar. — A indiferença escorre em cada palavra.

— Você jogou minhas roupas fora? — Soa indignado, e meneio a cabeça.

— Sim — minto.

Na verdade, eu pedi para Charlie lavá-las e dobrá-las. Embora eu não tivesse certeza se as devolveria.

— Você é assustadora, Ravena Crawford.

Meus lábios se erguem levemente.

— Levarei isso como um elogio — cantarolo, caminhando em direção ao terraço, onde eu estava. Sinto sua presença vindo atrás de mim.

Não falo absolutamente nada, mas Nolan o faz.

— Isso tudo era só pra você ou estava esperando alguém? — pergunta, vendo os três maços de cigarro largados e as três garrafas de bebida.

Estalo a língua.

— Faz diferença?

— Para mim, sim.

Bufo.

Que seja.

— É tudo meu.

— Você parece mesmo disposta a se matar. — Ele umedece os lábios, algo na sua postura aparenta desconforto.

— Digamos que é por conta da data especial.

Ele franze o cenho.

— Que data?

— Meu aniversário, oras. Não é todo dia que se faz vinte e três anos — comento com desdém.

A intenção é que ele faça alguma piada com a minha idade ou ofereça sexo de presente. No entanto, suas íris esverdeadas me encaram com intensidade.

— Hoje é mesmo seu aniversário? — questiona, segurando meu pulso com cuidado.

A forma que ele me olha nesse segundo me deixa inquieta.

— Sim, mas não importa. — Me desvencilho do seu toque. — É só mais um dia comum — falo, indiferente.

Mas Nolan aparentemente discorda de mim. Algo que não sou capaz de identificar brilha em seu olhar e ele rosna um palavrão, se afastando sem dizer nenhuma outra palavra.

Pisco, sem entender o que acabou de acontecer.

Eu falei algo de errado? Despertei algum tipo de gatilho? Fiz alguma idiotice?

Provavelmente sim, não seria surpresa eu estragar tudo sem sequer me dar conta. Isso já se tornou quase uma especialidade minha, ou melhor, um superpoder.

Escuto a porta principal ser batida com força e suspiro quando sou deixada sozinha outra vez. Detesto o sentimento amargo de frustração que invade minha boca.

Não seja dramática, Ravena.

A culpa foi sua por achar que ele teria algum motivo para ver as estrelas com você.

Nolan não é seu, ele não lhe pertence e não tem razão alguma para distraí-la no seu aniversário. Ninguém tem obrigação de ficar ao seu lado enquanto você bebe pateticamente e sem companhia.

Faça isso sozinha e passe mais um aniversário assim, como sempre foi.

Por que diabos você quis que dessa vez fosse diferente? Você sequer se importa com essas merdas.

Suspiro, voltando para o lugar de onde nunca deveria ter saído.

Maldito seja Nolan Jones por abalar minha autoconfiança.

Droga.

Eu sequer me importo com o dia de hoje, por que então estou agindo como se ligasse?

Eu não me importo com nada.

Pego o *whisky* e viro o gargalo direto na minha boca, tomando um grande gole da bebida quente. Ela desce queimando minha garganta e acendo outro cigarro com indiferença.

Que se foda.

Sopro a fumaça no ar e fico encarando o céu outra vez, me perdendo na sua imensidão. Não sei por quanto tempo mais fico assim, porém em algum momento a solidão se torna incômoda e ameaço me levantar, encarando as bebidas praticamente intocadas.

Se eu tivesse bebido mais, talvez não me sentisse assim.

Que saco.

Viro, na intenção de entrar. Porém, levo um susto ao vê-lo se aproximar.

— Me desculpa por ter demorado tanto — diz, segurando duas sacolas com uma mão enquanto exibe um bolo com a outra.

Pisco. Pisco. Pisco.

Com certeza é uma alucinação devido ao álcool. No entanto, o único gole de *whisky* não seria capaz de fazer isso.

Pisco. Pisco. Pisco.

O bolo parece zombar da minha cara, assim como sua presença inesperada.

Pisco. Pisco. Pisco.

Meus olhos pinicam com a vontade de chorar e me obrigo a segurá-la. Mas é só que… essa é a primeira vez que alguém faz isso por mim.

Acho que estou tão acostumada a ser sozinha que esqueci quão bom poderia ser ter alguém que se importe.

Eu não lembro da última vez que comemorei meu aniversário, sequer sei se já o comemorei.

Droga.

Me recuso a chorar.

Mordo o interior da minha boca, causando dor. Nolan dá um passo à frente.

— Você está bem? — Sua pergunta parece genuína e um leve brilho preocupado cintila em seu olhar.

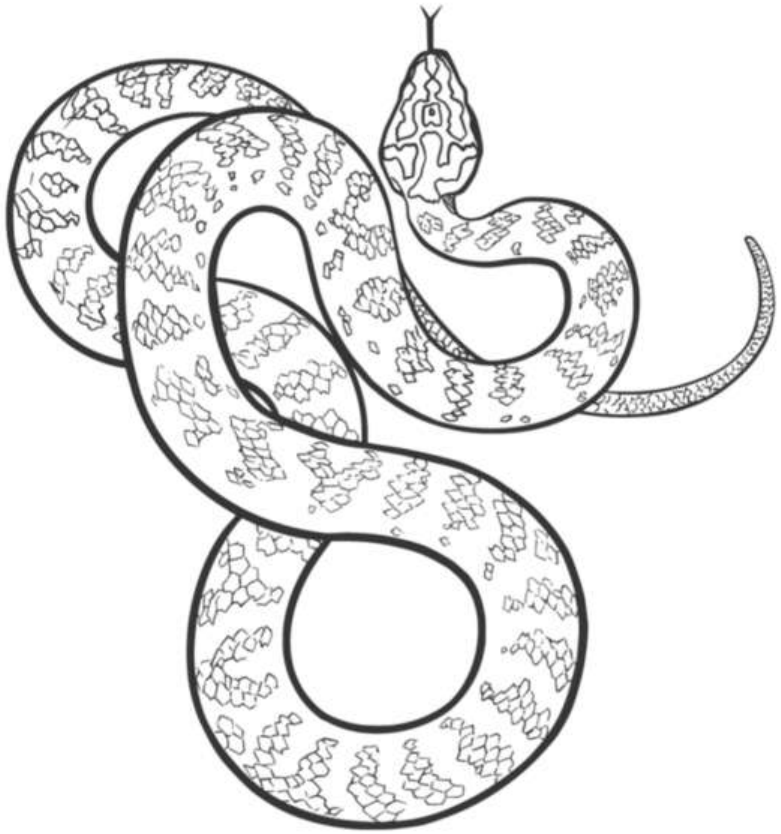
— *E-eu*… — gaguejo, sem conseguir falar nada.

Porque Nolan Jones não apenas foi a primeira pessoa a me deixar sem palavras, como foi o único que viu através da máscara indiferente e fez algo por mim que nem mesmo eu sabia que precisava.

Porque ele se importou, quando eu mesma deixei de fazer isso há tanto tempo.

OceanofPDF.com

Capitulo 19



Eu quero arranhar sua superfície, eu quero sentir seu ritmo
Eu quero ser sua agulha, eu quero lamber suas feridas
Você quer brincar com fogo, tatuagem colada e espetada
Você quer brincar, minha garota nova
Eu quero brincar com você

New Girl _ Finneas

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Quando a ouvi dizer que era o seu aniversário e me dei conta de que ela estava completamente sozinha, agi por instinto. Virei, peguei a chave da sua casa para poder voltar e chamei um carro de aplicativo para ir na confeitaria mais perto e no shopping.

No entanto, agora quando a vejo com seus olhos lacrimejando, me pergunto se fiz o certo.

Ravena poderia estar sozinha simplesmente porque tem algum motivo para não comemorar e eu posso ter fodido com tudo nesse exato instante.

Porra, Jones.

Pergunto se ela está bem e Ravena gagueja, essa provavelmente é a primeira vez que vejo a inabalável Crawford esboçar algum tipo de vulnerabilidade.

Isso me incomoda.

— Eu posso jogar tudo fora e podemos fingir que nunca fiz nada enquanto bebemos — ofereço, já escondendo o bolo.

Ravena balança a cabeça.

— Não ouse fazer isso — ralha, com uma expressão dengosa que sequer sei se ela se dá conta de que a faz.

— Então você gostou? — pergunto, confuso, e ela acena, tirando o bolo das minhas mãos como uma criança animada.

Sua expressão é tão pura e a surpresa em segurar o bolo é tão genuína que parece nunca ter ganhado um.

Droga.

Sua reação embrulha meu estômago e o brilho de felicidade em suas íris azuis definitivamente é mais perigoso que as respostas ácidas.

— Você pode ir buscar uma faca? — pergunta. — O suporte delas fica bem em cima do armário branco.

— Sou a visita — murmuro para provocá-la. — Então por que eu?

Ela bufa.

— Porque é meu aniversário — afirma, e embora seu semblante seja sério e ela tente manter essa fachada indiferente, seus olhos cintilam com euforia somente em dizer essas palavras.

Me afasto a contragosto, porque não queria perder nem mesmo um segundo da sua reação. Meus passos são rápidos e pego a primeira faca que vejo, voltando em questão de segundos.

Ela está sentada no chão, as bebidas e os cigarros foram esquecidos e todo seu foco está no bolo. Perco algum tempo encarando-a, sem me mexer, e assisto quando ela desliza o indicador no chantilly, levando-o até sua boca.

Rav suspira e fecha os olhos como se o sabor fosse o melhor que já experimentou no mundo inteiro. Não consigo esconder o sorriso em meu rosto.

— É bom? — pergunto, me sentando ao seu lado.

O bolo é de chocolate e eu não quis arriscar outro sabor, além do básico. Então, por isso escolhi esse. Quer dizer, por isso e porque ele era o único que tinha o desenho das princesas no topo. Dentre os outros, era o mais bonito.

Certeza que a confeiteira deve ter achado que eu estava comprando para uma criança… Encaro Ravena nesse momento e sua animação realmente pode ser assemelhada a de uma.

— Muito. — Acena em confirmação e lhe entrego a faca, deixando as outras duas sacolas com presente perto dela.

Sem que eu espere, Ravena desliza seu dedo no bolo outra vez e enfia seu indicador na minha boca.

— Prova — pede, e mesmo se eu quisesse dizer não, ela claramente não me deixa com outra escolha.

O doce do chantilly atinge meu paladar e gemo, com seu indicador ainda em meus lábios. Seus olhos me encaram e o azul se torna um pouco mais escuro.

Ela pigarreia, engolindo em seco. Suas íris desviam do meu rosto para focar no bolo e ela leva mais um pouco de chantilly à própria boca, lambendo o indicador com a minha saliva, sem se incomodar.

Merda.

Esse não é o foco, Jones.

— O bolo é de chocolate — falo a primeira coisa que vem na minha cabeça e ela me encara com um sorriso irônico.

— Eu sei. — Indica a etiqueta na embalagem que identifica o sabor.

Bufo.

— Até mesmo sendo mimada você é rude — dramatizo, e ela ri, piscando inocentemente em minha direção.

Me surpreendo quando seu corpo se inclina e seus lábios tocam minha bochecha, me pegando totalmente desprevenido.

Pisco sem reação.

— Obrigada por isso — diz e volta o foco para o bolo, cortando um pedaço sem se abalar.

Olho para o nada, paralisado.

Ravena beijou minha bochecha? A mesma Ravena ácida e rude disse "obrigada"?

Sua atitude minimamente carinhosa me atinge bem mais do que suas grosserias.

— Por que você gosta tanto de princesas? Tem algum motivo específico? — ela pergunta despretensiosamente, e o questionamento me faz engolir em seco, lembrando de Liz na mesma hora.

Abro e fecho a boca algumas vezes, mas nenhum som escapa por elas.

Quando foi a última vez que falei seu nome em voz alta? Não sei, não lembro.

Eu seria digno de pronunciá-lo, se conseguisse? Provavelmente não.

Droga.

Liz está morta. Ela morreu e eu mesmo vi seu corpo sem vida na maca do hospital e depois dentro do caixão.

Liz morreu e acompanhei seu sofrimento dia após dia.

Acompanhei os sangramentos, a perda de peso e o seu choro de desespero, implorando para que a dor passasse.

Eu não pude fazer porra nenhuma enquanto via sua vida se dissipar.

Eu chorava de soluçar, querendo ser levado no seu lugar. Eu até tentei fazer um fodido pacto para trocarmos nossas vidas. Eu rezei por um milagre e apelei, indo o mais longe que podia.

Fui tão longe que me perdi.

Porém, nada adiantou. Liz está morta e só segue viva em minhas lembranças.

A culpa é minha.

Eu sou culpado de respirar quando ela não pode.

Eu era o mais velho, deveria ter sido eu.

— Meu filme favorito é *"A princesa e o Sapo"*, quando eu era mais nova e assistia com a governanta, vivia dizendo que queria ser a Charlotte — Ravena quebra o silêncio, usando um tom suave.

Não sei o que ela identifica em minha expressão, mas seus olhos são cuidadosos, quase preocupados.

— A Charlotte? Por que não a Tiana? Afinal, é ela quem fica com o príncipe.

Ela apoia o rosto em suas mãos e me fita com atenção. Encaro-a de esguelha, com um sorriso. Tendo ciência do esforço que ela está fazendo para me distrair.

— Eu sei, mas a Tiana trabalhava muito, e naquela época isso parecia tão chato. Eu gostava mais da ideia de ser a pegadora riquinha e leal à sua amiga.

Rio, não lembro da Charlotte ser pegadora, mas não discordo dela.

— O meu favorito é…

— *Enrolados* — ela completa, cortando minha fala.

— Você já sabia?

— Não é como se você tentasse esconder — Rav bufa, cortando mais um pedaço de bolo para si. — Tem algum motivo para esse ser seu favorito?

Travo o maxilar.

— Só é importante para mim. — Dou de ombros, sem entrar em detalhes.

Ela aceita minha resposta.

— Eu ganhei o carro dos meus pais — diz, sem me encarar. Seu foco está no bolo. — Ele é um diretor renomado e ela uma atriz famosa. Eles também me deram a mansão.

Pisco, sem entender por que ela opta por compartilhar.

— Eles não moram aqui?

— Não. — Ela sorri.

— E eles não a visitam nem mesmo no seu aniversário?

Ravena bufa, fazendo um gesto de indiferença.

— A vida em Hollywood é agitada. Por isso me mudei para o Canadá com uma governanta. — Suas íris finalmente encontram as minhas e elas esbanjam uma sinceridade que nunca vi antes. — Depois conheci os prazeres e a liberdade de morar sozinha e tenho me virado bem desde então.

Suspiro, olhando em direção à porta que leva para dentro da imensa casa.

— Parece assustador e solitário, não sei se eu teria aguentado — assumo, e ela pisca algumas vezes seguidas, mordendo o canto da boca.

— Sorte a minha que eu vivo melhor assim, sozinha. — O sorriso que enfeita seus lábios é falso e ela parece inquieta.

Algo claramente a incomoda e, da mesma forma que ela fez comigo, encontro um outro assunto para distraí-la.

— Sabia que é falta de educação não abrir seus presentes? — cantarolo.

Ela franze o cenho e lhe estendo as duas sacolas. Nenhuma propriamente embalada, mas foi o máximo que consegui fazer em tão pouco tempo. Nunca precisei comprar algo tão rápido.

Ravena não faz nenhum movimento para pegá-las.

— Você não vai aceitar? — Arqueio a sobrancelha, ameaçando tirá-las de perto dela.

— Espera. — Sua mão segura a minha. — Você realmente comprou um presente para mim?

— Dã, é claro. É o seu aniversário. — Reviro os olhos. — Só não é nenhuma chave de mansão ou de um carro versão limitada — provoco.

Ela sorri largamente e fica ajoelhada, esperando que eu lhe dê as sacolas. Sua animação e ansiedade são contagiantes.

— Vamos lá, o que você está esperando? — resmunga e dou primeiro uma, assistindo atentamente sua reação ao abri-la.

Ravena entreabre os lábios ao encarar a jaqueta de couro da *Dior*. Ela é parecida com uma que tenho e fui na loja justamente por isso, porque sei que é confortável e é a cara dela.

Inclusive, no dia que comprei a minha, pensei que ela poderia facilmente usar uma igual.

A morena pisca e um sorriso surge em seus lábios lentamente.

— Se você não gostar, pode trocar por alguma outra coisa — aviso, e ela estala a língua, testando a peça em seu corpo.

O couro fica por cima do tecido rendado do seu corpete e o tamanho é perfeito. Ela joga os cabelos para trás e analisa seu próprio corpo.

— Nada mal, Jones. Definitivamente nada mal. — Assobia e seus olhos cintilam tanto que me deixam com falta de ar.

Pare de me olhar dessa forma, Crawford.

É incômodo pra caralho e faz algo dentro de mim formigar.

— Obrigada por isso, verdadeiramente obrigada. — Suas palavras embrulham meu estômago e seu sorriso me atinge, fazendo meu coração acelerar.

Que porra é essa?

Isso é feitiçaria? Será que Ravena me amaldiçoou? Eu não me surpreenderia com nada vindo dela.

Ela estende sua mão em minha direção, esperando que eu lhe entregue a outra sacola. Rio, fazendo exatamente isso.

Meu foco recai sobre sua expressão de novo e, dessa vez, me recuso a piscar. *Não tenho a menor ideia de qual será sua reação ao ver o que tem dentro.*

Seus dedos são ágeis e o brilho de animação se transforma em excitação na mesma hora.

— Você disse que tinha fetiche em algemas, achei coerente — explico, com um sorriso malicioso.

Ravena ergue o canto da sua boca.

— Eu nunca falei nada sobre venda. — Ela ergue a algema e a faixa preta com a ponta dos dedos.

Bufo uma risada.

— Eu não poderia ir em um *sex shop* para comprar apenas uma algema. Você tem sorte de eu não ter encontrado o chicote.

Ravena fica calada, seu olhar passeia pelo meu corpo vagarosamente. Um sorriso diabólico enfeita seu rosto.

— Você tem razão, não pode mesmo ir em um *sex shop* para comprar tão pouco — ela comenta, andando até mim. Não sei em que momento o azul de suas íris se tornou tão escuro. — Assim como não pode dar um presente desses e não estrear comigo.

— O quê? — Pisco, surpreso com sua fala. Ravena me estende a algema e a venda.

— Você disse que da próxima vez cravaria seu pau tão fundo dentro de mim que nenhum outro seria bom o bastante. Quão sério você estava falando? — provoca.

Levanto tão rápido que até mesmo o *Flash* sentiria inveja de mim nesse momento.

— Sério o suficiente para deixá-la sem andar direito — rosno, puxando-a para perto de mim.

Ravena geme no instante em que nossos corpos se colam e minha língua invade sua boca. O gosto do chocolate, misturado com o do álcool e a menta do cigarro desperta uma onda de prazer pela minha pele.

Cacete.

Finco meus dedos em seu quadril, trazendo-a para mais perto. Seus lábios contra os meus são brutos e decididos. Beijar Ravena é assim, algo selvagem e primitivo.

Ela sabe exatamente a intensidade que deve colocar para alcançar o prazer que quer em um único beijo.

Meus olhos se fecham e não consigo manter minhas pálpebras abertas nem mesmo para nos guiar para dentro. Ela tropeça e minhas mãos firmes em sua cintura impedem que caia, no entanto, sua boca não me abandona em momento algum.

A língua desliza pela minha com uma provocação sedutora e correspondo o seu beijo com uma promessa silenciosa de que essa vai mesmo ser a melhor noite da sua vida.

Uma de suas mãos segura a algema e a venda, mas a outra puxa meus cabelos com força, me arrancando um grunhido. Ravena não vê problema em misturar dor com prazer e gosto de como isso me dá liberdade.

Podemos realmente nos divertir dessa maneira.

Ela geme quando suas costas se chocam contra uma parede e engulo o som, como um fodido animal. Minha mão sobe pela lateral da sua coxa e Rav ergue a perna, permitindo o toque suave, mas com malícia.

Seus dentes chocam contra os meus com a avidez do beijo, o ar começa a faltar, mas eu preferiria morrer sufocado do que precisar me afastar. Sua respiração ofegante está contra mim e ela morde o canto da minha boca, puxando o lábio inferior entre seus dentes.

Esfrego meu corpo contra o dela e o atrito das roupas arranca um gemido mútuo. *Cacete.* Coloco meu braço apoiado na parede atrás dela para me manter firme. Um sorriso diabólico dança nos seus lábios e embora nenhum de nós esteja drogado nesse momento, a corrente elétrica e euforia que passa por nossos corpos traz quase a mesma sensação.

A fodida e estonteante sensação que causa a elevação sanguínea e o aumento nos batimentos cardíacos.

A fodida sensação de ansiedade e o pico de energia.

Porra.

Claro que foder com Ravena seria comparado a usar uma droga, só que uma com maior risco de vício do que qualquer outra já existente

Seus dedos exploradores desviam até o meu pescoço e as unhas tão afiadas quanto sua língua rasgam minha nuca, causando uma onda de dor e me marcando como dela.

Ravena deixa no meu corpo uma prova de que, por essa noite, eu fui seu.

E, bom, isso é excitante para cacete. Além de ser justo, uma vez que farei ainda pior com ela.

Sugo sua língua e ela se contorce contra mim, tentando assumir o controle. A batalha que começamos é silenciosa, mas fodidamente gostosa. O prazer me deixa zonzo e nossos dentes se chocam de novo, mas nenhum de nós se importa.

Esse é o preço pago pelo desejo ávido e o toque desesperado.

É um preço baixo e gostoso pra cacete.

Ravena nos separa levemente em busca de ar. O ardor em meu pulmão diminui um pouco quando respiro. Meu braço segue apoiado na parede atrás dela e respiramos praticamente um dentro da boca do outro.

O calor entre nós destoa com a brisa fria que estava lá fora.

Seus olhos felinos já são naturalmente intimidadores e provocativos, mas agora, que as pupilas estão tão dilatadas que ocupam quase todo seu globo ocular; agora, que as íris azuis ficam em um tom mais escuro, tamanha luxúria; agora, que seu olhar pertence unicamente a mim, eles estão mais selvagens e perigosos do que nunca.

Ravena poderia me devorar vivo que eu provavelmente ainda agradeceria.

Porra.

Sua boca está vermelha e inchada, a respiração ofegante escapa por entre seus lábios e o cheiro doce, mas alcoólico, me deixa realmente inebriado.

Por que diabos até mesmo seu cheiro é sexy*?*

Caralho.

— O que você está esperando? — ela sussurra, deslizando a mão com a algema e a venda até meu peitoral.

Seus olhos não abandonam os meus em momento algum e dou um sorriso provocativo, passando minha língua no canto da sua boca antes de afastar nossos rostos.

Rav pisca com a respiração pesada. Uma das minhas mãos cobre a sua no meu peitoral, enquanto a outra desliza pela sua bochecha.

— Por que você é tão apressada? — cantarolo, e ela fita meus lábios.

— Porque minha boceta está latejando de desejo. — A resposta direta envia uma onda de adrenalina até o meu pau. E o modo que minha mão desliza lentamente até o seu pescoço e meus dedos fincam ali é inevitável.

Ravena ergue levemente os lábios ao ser enforcada e sinto o movimento que ela faz ao engolir em seco.

Excitante pra caralho.

Dou um último beijo em sua boca, enquanto meus dedos deslizam até seus ombros, descendo a jaqueta. Ravena não se opõe quando a peça cai no chão.

Meus lábios ainda estão sobre os seus quando começo a guiá-la até o sofá, que fica de frente ao grande janelão de vidro. Não me importo com a exposição, ela também não.

Ravena se apoia no braço do sofá de couro e suas mãos em minha nuca me puxam junto com ela, como se não quisesse se afastar. Porém, faço exatamente isso.

Ela me encara com as pálpebras pesadas de desejo e sem que eu precise dizer nada, ela entende o que irei fazer.

Maldita.

A venda e a algema ficam ao lado e Rav ergue os braços, esperando que eu puxe sua blusa. Os olhos felinos não me abandonam por nem mesmo um segundo e tiro o corpete de forma lenta, com a ponta dos meus dedos raspando em suas costelas propositalmente.

Ela se contorce sobre o toque e arremesso a blusa longe, sentindo meu pau doer com a visão dos seios empinados, apenas esperando receber a devida atenção.

Lembro da sensação dos mamilos duros na ponta da língua e da forma que o *piercing* gelado contrastava com sua pele quente.

Caralho.

Se aquela tiver sido uma experiência divina, eu juro que me converto e viro a porra de um pastor somente para ser merecedor de mais daquela sensação.

Minha mão desliza da costela tatuada até o mamilo duro e dou um beliscão, sem conseguir evitar. Ravena geme, apertando suas pernas com força. O movimento me deixa mais excitado.

Ela será minha morte.

Ravena Crawford com seus olhos felinos, língua afiada, piercings *nos mamilos, pele tatuada, boceta avermelhada e gemidos excitantes serão minha morte.*

Porra.

Pego a algema e ela coloca seus braços para frente, como se fosse uma criminosa. Dou um sorriso provocativo.

— Que obediente, Crawford — cantarolo, fechando o metal contra sua pele. Ela não se opõe.

— Não se engane, Jones. Mesmo estando algemada, ainda sou eu que estou no controle. — Seus olhos são como fogo em combustão completa.

Eles me queimam e me fazem desejar por mais do ardor.

— Tem certeza? — sussurro no seu ouvido, colocando a venda preta em seu rosto.

— Sim, porque quando você enfiar seu pau na minha boceta, será apenas porque eu quis e pedi por isso. Tudo começa e termina com uma palavra minha. — Soa confiante, mesmo vendada.

E, caralho, a imagem de Ravena com os peitos empinados, as algemas no pulso e a venda no rosto é algo que ficará marcado em minha cabeça para sempre.

Porra.

Meu pau dói.

— E se eu pedir para você ficar calada e ajoelhar nesse sofá como uma boa garota, o controle ainda será seu?

— Segue sendo uma escolha minha obedecê-lo, *huh*? — ela provoca.

— *Touché*. — Mordisco o lóbulo da sua orelha e Rav inclina sua cabeça para o lado, deixando seu pescoço livre para eu explorá-lo.

Deslizo minha língua por cima da veia pulsante e deixo uma mordida de leve, chupando a área machucada logo em seguida. Ravena geme.

— Espere um minuto, preciso pegar uma coisa — sussurro, e ela não questiona, apenas meneia sua cabeça lentamente.

Dou uma última olhada em sua direção e saio praticamente correndo até o seu closet, na esperança de que o vibrador esteja ali — na gaveta das *lingeries*, como ela disse que ficava.

E, como se tudo estivesse ao meu favor essa noite, realmente está.

Sou mesmo sortudo para caralho.

Quando volto, Ravena está na mesma posição sentada e a imagem dela dessa maneira é quase perfeita, com exceção da saia de couro, que me impede de ver a boceta vermelha.

Ela escuta meus passos se aproximando e vira sua cabeça procurando por mim. Imagino a sensação que deve estar sentindo nesse momento, a escuridão é tudo o que ela enxerga, seus pulsos estão amarrados e ela confia totalmente em mim ao se colocar nessa posição tão vulnerável.

Quero dizer, qualquer outra pessoa poderia estar se aproximando e ela não poderia fazer porra nenhuma. Ela sequer saberia se eu quisesse compartilhá-la.

A ideia de outra pessoa em meu lugar, a possibilidade de outras mãos tocando seu corpo e outro pau enfiado em sua boceta me parece perturbadora. Porém, desde quando sou tão individualista?

Porra, não faz diferença.

A única coisa que importa agora é o fato de que a tenho e que não irei dividi-la.

Farei valer a pena sua maldita confiança.

Paro em sua frente, com o pau de borracha na minha mão. Ele é grande, mas um pouco menor que o meu, então talvez tenha uns vinte centímetros. As veias saltadas são realistas, mas o que me deixa excitado para cacete é pensar na ideia de Ravena enfiando-o dentro de si.

Cacete, deve ser uma vista divina.

— O que você está fazendo? — pergunta, quando deslizo a ponta dos meus dedos por sua clavícula.

Seu corpo se arrepia com o toque, mesmo que ínfimo.

Desço minha mão até seu peitoral e passo por cima do mamilo entumecido, sem me deter nele. Esse não é o meu foco, ainda não.

O abdômen chapado e cheio de tatuagens se contrai quando perpasso meus dedos por ele e ajoelho na sua frente no exato instante que alcanço o zíper lateral da saia de couro.

Ele abre com facilidade e dou um puxão no tecido para arrancá-lo. Ravena ergue seu quadril levemente e a saia cai no chão em questão de segundos.

O único obstáculo se torna sua calcinha e brinco com sua boceta por cima dela, resvalando meus dedos com uma mistura de força e suavidade.

Suave para que a sensação de arrepio continue se espalhando pelo seu corpo. Forte para que ela gema e anseie por mais.

— Nolan? — Ela arfa.

— Hum? — murmuro, me divertindo com o quanto ela se contorce e a forma que sua calcinha está ensopada.

O cheiro da sua excitação me embriaga e a ideia de tê-la esguichando na minha boca outra vez é tentadora.

Porra, eu poderia morrer afogado e ainda assim seria uma morte feliz.

— Tire logo minha maldita calcinha — ordena, e rio.

Como, mesmo na posição em que está, Ravena consegue ter uma presença tão dominante?

— Como quiser. — Dou um tapa forte na sua boceta, fazendo com que ela arqueje um grito de prazer e puxo o tecido da calcinha para cima, roçando a renda em cima do seu clitóris.

Ela tenta se afastar e encaixo minhas mãos na lateral da peça, mantendo-a no lugar ao puxar o tecido para baixo.

Ravena abre suas pernas em minha direção, a boceta encharcada brilha de forma convidativa e umedeço meus lábios em reflexo.

Cacete.

Agradeço por já estar ajoelhado, caso contrário, acabaria caindo aos seus pés só para fazer da sua boceta o meu banquete particular.

Enfio meu rosto entre suas pernas e esfrego meu nariz em seu clitóris para ficar com o seu cheiro, antes de sugá-lo para dentro da minha boca.

Suas pernas cedem sobre meus ombros e finco meus dedos nas coxas macias, afundando minha cabeça ainda mais.

Ela geme, praticamente grita.

Eu não pretendia chupá-la, na verdade, eu estava ansioso para enfiar o pau de borracha em sua boceta e ver a forma como ela cede para encaixá-lo. No entanto, comê-la como se fosse uma refeição completa é inevitável.

Meus dentes raspam em seu clitóris e deslizo minha língua por sua umidade, engolindo tudo o que Ravena está disposta a me oferecer.

Ela tenta capturar os fios do meu cabelo, mas as algemas dificultam seu trabalho e quando levanto o olhar para encará-la, vejo seu peito subindo e descendo pesadamente. A venda continua intacta e seus lábios se entreabrem de prazer, gemendo baixinho.

O som da respiração ofegante misturada com os gemidos facilmente poderia se tornar uma música.

Eu escutaria em um *looping* eterno, sempre lembrando do gosto doce da sua boceta invadindo minhas papilas gustativas. Da sua umidade se esfregando por toda minha face, como um creme hidratante que apenas eu tenho o direito de usar.

Quase uma edição limitada.

Afasto meu rosto para puxar um pouco de ar e deixo algumas mordidas no interior da sua coxa. Quero que ela veja os roxos e as marcas, quero que ela lembre exatamente quem foi que as deixou ali.

Volto minha cabeça para o meio das suas pernas e enfio minha língua em sua abertura. As paredes internas, quentes e fodidamente molhadas, me dão boas-vindas, se contraindo contra mim.

Sorrio.

Isso é bom pra cacete.

Eu deveria ser o único com direito de me enfiar aqui.

Estoco minha língua dentro dela algumas vezes, antes de deslizá-la até o seu cu apertado, que dou um beijo molhado e chupo com a mesma vontade que faço em sua boceta.

Preparo o buraco ainda mais apertado para também me receber, porque eu sei que não me contentarei com apenas um.

Porque não darei um fodido presente incompleto e parabenizo sua bunda gostosa e sua boceta quente.

Minha língua brinca com seu cu, que lateja esperando para ser invadido. *Até a porra da sua bunda é gulosa para um caralho.*

Ravena grita com suas pernas tremendo, ela tenta se afastar, mas logo em seguida se esfrega na minha cara outra vez, como se fosse incapaz de decidir o que realmente quer.

Vejo como sua boceta parece se contrair e a forma que sua respiração fica ainda mais descompensada. Sei que ela está perto de gozar

pela maneira que rebola contra minha cara, desesperada pelo momento do ápice.

Ela não é a única ansiando por isso.

Rav tenta se afastar, desesperada, e seguro sua boceta contra meu rosto, com o esguicho indo diretamente para minha boca. No entanto, o jato é forte demais e preciso me afastar enquanto ela treme inteira, com a boceta ejaculando.

Assisto a fodida obra de arte na minha frente e vejo quando ela tenta levar a mão algemada até seu clitóris, querendo que o prazer perdure. Faço isso em seu lugar e a masturbo até que ela pare de gozar.

Pela primeira vez, é claro.

Seu peito sobe e desce de forma descontrolada e tiro a camisa encharcada, jogando-a no chão. A vontade de tê-la se esfregando em meu abdômen me atinge, no entanto, deixo o pensamento para depois.

Meu foco agora se torna o vibrador e enquanto Ravena tenta normalizar sua respiração, cuspo na cabeça do pau, espalhando minha saliva na borracha em uma masturbação.

— Você está bem? — pergunto, e ela meneia a cabeça.

— Esse é o seu melhor? — ofega, provocativa, e rio, enfiando o pau na minha boca para deixá-lo o mais babado possível e deslizar com facilidade.

Não que isso vá ser um problema.

Olho para a boceta pingando, minha saliva misturada com sua própria excitação a deixa brilhando.

Definitivamente não será um problema.

Cuspo em minha mão e levo até seus mamilos, apenas para não deixá-los sem atenção. Ravena mexe sua cabeça, tentando enxergar alguma coisa e sorrio, pegando o pau de borracha e o controle.

Ligo a vibração no mais forte e Ravena franze o cenho no exato instante que encosto o pau na ponta do seu *piercing*. Ela se remexe.

— Você o achou — murmura, arfando.

— Espero que você não se incomode por eu ter mexido nas suas coisas — sussurro e só agora percebo que suas unhas fincam contra o pedaço de sofá entre suas pernas com tanta força que rasga o couro.

Porra.

Por isso minha pele arde tanto a cada vez que essas unhas assassinas tocam em mim.

— Não me importo — assume em um tom baixo, com o pau deslizando em seu abdômen.

A vibração perpassa suas coxas até finalmente atingir o clitóris. Ela joga a cabeça para trás com um gemido quando isso acontece.

Rio e aproximo meu rosto, cuspindo bem em cima da boceta excitada. Uso o pau para espalhar a saliva e dou algumas batidinhas com ele, vendo a baba sendo repuxada pela borracha e escorrendo até seu cu.

Cacete.

Ela geme a cada vez que o vibrador bate contra seu clitóris e sorrio maliciosamente, descendo o brinquedo até sua abertura.

Ravena entreabre seus lábios para falar algo, mas se cala e grita quando enfio o pau de borracha dentro da sua boceta de uma única vez.

Porra.

A visão do vibrador atolado dentro dela enquanto todo seu corpo treme e ela abre a boca com o prazer é surreal.

Nesse momento, eu daria de tudo para ter uma maldita memória fotográfica.

Começo a estocar o pau para dentro e para fora, Ravena se contorce cada vez mais e os seus gemidos aumentam. Sua boceta se estica por completo antes de engoli-lo e a borracha volta cada vez mais úmida com sua excitação.

— Você vai mesmo deixar um vibrador me foder? Será que o problema com impotência sexual continua? — provoca tão ofegante que

não consigo me conter.

Rio.

— Quer descobrir? — questiono e meu membro implora para que a resposta seja “sim”.

Tenho tentado ignorá-lo nos últimos minutos, mas ele ameaça rasgar minha calça e está tão duro que a dor chega a ser incômoda.

Além da vontade absurda de estar no lugar do maldito brinquedo, cravando dentro dela com tanta força a ponto de sentir seu útero.

— Não tenho certeza se você tem algo realmente bom a oferecer — debocha, e deixo o pau parado dentro dela, apenas vibrando em castigo pela provocação barata.

Levanto, desabotoando a calça, e assisto sua boceta latejar. Ela está tão excitada que o vibrador escorrega e cai. Sorrio, desligando o brinquedo por alguns instantes enquanto desço a calça com a cueca.

O tecido se acumula no chão, assim como sua excitação, que pinga no couro do sofá preto.

Coloco o vibrador sobre o estofado e dou um passo para perto dela, deixando meu pau na altura das suas mãos algemadas. Ela se empertiga, sentindo o calor.

— Vá em frente e veja tudo o que tenho a oferecer.

Seus dedos curiosos tentam segurá-lo e conseguem, mesmo com dificuldade. As unhas deslizam com cuidado por todo o meu comprimento e o seu polegar se detém em minha glande, na verdade, ela brinca com o *piercing* ali.

A sensação de ter sua mão sobre mim me deixa zonzo e minhas pálpebras pesam.

Eu poderia facilmente gozar só com essa porra.

— Gosto disso — ronrona.

— Do meu *piercing*?

— Também, mas estava falando do seu pau — ela provoca e aumenta o aperto ao meu redor.

Engasgo.

Gostaria de ver os olhos felinos com as pupilas dilatadas e essa expressão faminta sobre mim, mas seria demais.

Eu não aguentaria.

Porra, até mesmo seu toque agora me deixa desnorteado. Se Ravena me colocasse em sua boca ou me fitasse com as íris azuladas cheias de luxúria, eu provavelmente gozaria tão forte que cairia duro no chão e ela acharia que morri.

E por mais que eu deseje o calor da sua boca me engolindo e anseie pelo momento que minha glande baterá contra sua garganta, a coisa que mais quero nesse momento é me enfiar dentro dela.

Sua boca não vai ser o suficiente quando na verdade eu preciso da sua boceta.

Dou um passo para trás e Ravena resmunga, sem entender. Seguro seu braço com delicadeza e faço com que ela fique de pé, no entanto, suas pernas estão fracas e por pouco ela não cai.

Sorrio, virando seu corpo. Suas costas ficam de frente para mim e uma das minhas mãos sobe até o seu pescoço, apertando-o. Faço isso para ajudá-la a manter o equilíbrio, achando essa uma região bem mais interessante para segurar do que sua cintura. Porém, ela considera uma provocação e a retribui, empinando sua bunda para mim.

Olho para baixo, engolindo em seco ao ver como meu pau fica perfeitamente encaixado bem entre as nádegas.

Porra.

Meu cacete pulsa com vontade de se enfiar nos seus buracos e uma gota pré-ejaculatória escorre na glande. Esfrego o líquido em sua bunda e ela rebola contra mim.

Engulo em seco e empurro seu corpo para frente, fazendo com que ela se curve contra o sofá. As tatuagens em suas costas são excitantes e

distribuo algumas mordidas por elas, ignorando a fodida frase que me incomoda.

Life doesn't matter é o caralho.

Travo o maxilar e separo suas nádegas, esfregando meu pau em seu cu algumas vezes, antes de me enfiar em sua boceta com uma única arremetida, irritado.

Ela grita ao mesmo tempo que grunho um palavrão. Seu corpo é impulsionado para frente e finco meus dedos em sua cintura com força para evitar que ela caia sobre o sofá.

Se eu estava irritado por algo, neste momento não consigo me lembrar.

Minha cabeça pesa e meu abdômen tensiona. Sua boceta me aperta e suas paredes internas parecem mastigar meu pau. A sensação é tão prazerosa que preciso de alguns minutos parado, antes de conseguir me movimentar.

— *N-Nolan* — ela choraminga, e é tão difícil ouvi-la usar esse tom, que meus dedos tremem, apertando sua cintura com ainda mais força.

— Sim, Ravena? — pergunto entredentes, saindo apenas um pouco de dentro dela para logo em seguida estocar tudo outra vez.

Sua boceta lateja contra mim de uma forma angustiante e dou um forte tapa em sua bunda como punição. Porém, Ravena sequer sabe pelo que está sendo punida.

Ela geme, perdendo o ar.

A fodida me contrai com mais força, fazendo sua boceta me comprimir dessa maneira propositalmente. Acerto outro tapa em sua bunda com ainda mais força. A pele branca fica imediatamente vermelha e ela arfa.

— A *f-foda* com o vibrador estava mais interessante — provoca, engasgando enquanto fala.

Rio.

Mentirosa do caralho.

Tiro meu pau quase por completo e enfio até o talo outra vez, agora iniciando os movimentos de uma forma constante.

Ravena não consegue fazer nada além de gemer e gritar. Seu corpo se curva completamente contra o braço do sofá e sua bunda fica ainda mais empinada. As mãos algemadas se torcem contra o metal e ela rasga o estofado, gemendo o tempo inteiro.

Cravo meu pau dentro dela com tanta força que talvez Ravena realmente fique com dificuldades de andar. Porém, quando cogito diminuir a brutalidade das investidas, ela resmunga, gritando por mais.

E se for para ser sincero, eu posso até tentar diminuir o ritmo das estocadas, mas o instinto dentro de mim é tão animalesco que não consigo controlar.

Caralho.

Assisto meu pau se perder e ser engolido pela sua boceta mágica, a sensação das paredes me mastigando é angustiante de tão prazerosa.

Eu faria isso pelo resto da vida.

Durante a manhã, tomaria sua boceta de café, como um bom banquete matinal. À tarde, desfrutaria da sensação do meu pau cravado dentro dela e faria um lanche completo. Já à noite… porra, eu afundaria minha língua em seu cu e depois me perderia dentro dele, tendo um jantar farto.

Minhas estocadas são brutas e rápidas. Mas, quando quero provocá-la e diminuo a velocidade, cravando meu pau de forma lenta e suave, Rav empina contra mim e rebola, criando seu próprio ritmo.

Aperto sua cintura, trazendo seu quadril para mais perto, o barulho dos nossos corpos se chocando ecoa na sua sala e, sinceramente, nesse momento não me importo com porra nenhuma além dela e do prazer que corre pelas minhas veias mais rápido do que nossos carros jamais serão capazes.

Porra. Porra. Porra.

A marca da minha mão delineada em sua bunda me deixa ainda mais excitado e acerto um outro tapa.

Um tapa para marcá-la como minha.

Ravena grita.

Um tapa como punição pela maldita tatuagem.

Estoco mais fundo.

Um tapa por ter uma boceta tão apertada.

Ela me comprime, seu corpo sendo jogado para frente.

Um tapa por ser tão gostosa.

Seu cu pisca, querendo atenção.

Um tapa por estar fodendo com a minha cabeça.

Levo meu dedo até a boca e lambo, antes de enfiar no buraco apertado. Seu cu é mais difícil de aceitar a invasão e cuspo, esfregando mais saliva antes de voltar a estimulá-lo com os dedos.

As estocadas continuam firmes e quando sinto meu indicador e meu dedo médio entrarem por completo, saio de dentro dela.

Ravena vira o pescoço para me encarar por cima do ombro, embora não consiga ver nada. As sobrancelhas estão unidas e ela não entende o que estou fazendo.

Meu pau duro pra caralho e pesado, que não está interessado em nada além do prazer, também não parece entender.

Caminho até ela e seguro seu braço, fazendo com que ela fique de pé.

— O que você está fazendo? — questiona e sua voz está rouca de tanto que já gritou.

Os fios suados dos seus cabelos estão bagunçados e suor escorre em direção ao mamilo.

— Apenas confie em mim — murmuro, guiando-a até o estofado.

Me sento e puxo seu corpo para cima do meu, Ravena cai sentada nas minhas coxas e meu pau se anima com a proximidade da sua boceta.

Ela percebe onde está e se posiciona melhor, deixando uma perna de cada lado do meu corpo. A boceta quente se esfrega contra minha coxa e rosno, puxando sua cintura para mais perto.

— Vamos descobrir quão gulosa sua bunda é, Rav — sussurro, encaixando a cabeça do meu pau no buraco do seu cu.

Dessa vez, deixo-a por cima para que guie o quanto aguenta e quão rápido quer ir. E é claro que Ravena, sendo bruta e apressada pra caralho, começa a descer sem esperar nem mesmo um segundo.

Sua bunda rebola contra mim e ela se apoia em meu abdômen, usando-o como apoio. Sinto centímetro por centímetro do meu pau sendo engolido pelo seu cu apertado e travo o maxilar com tanta força que me surpreende não quebrar algum dente.

Ela geme e eu grunho inúmeros palavrões.

Caralho. Caralho. Caralho.

Se eu achei que a porra da sua boceta era apertada foi apenas porque ainda não tinha sentido seu cu. *Porra.* Ravena está asfixiando meu membro, sequer sei se ele sairá intacto depois disso.

Suas unhas fincam em meu abdômen, rasgando a pele. Enquanto meus dedos apertam sua cintura, ajudando-a descer.

O suor escorre por nossos corpos e ver os peitos tão perto, mas sem conseguir colocá-los dentro da minha boca, é uma tortura quase tão grande quanto a pressão do seu cu ao meu redor.

Cacete.

Ravena dá uma quicada forte e o restante do meu pau penetra sua bunda. Minha respiração engata e ela grita, jogando seu corpo para frente.

Minha cabeça tomba para trás, sem forças, com a onda de prazer estonteante me atingindo. Enquanto a dela fica apoiada em meu ombro, respirando com dificuldade.

Por alguns minutos, apenas aproveitamos do prazer mútuo. Ela com o cu preenchido e eu com o pau fodidamente comprimido.

— *E-eu* consigo sentir o *piercing* dentro de mim — ela sussurra entredentes e começa a rebolar.

Seu cu é apertado demais, então a sensação do metal deve ser maior e digo isso porque a de estar em sua bunda definitivamente é diferente.

Igualmente boa, só que quinze vezes mais sufocante.

Caralho.

Finco meus dedos nas suas nádegas, separando-as na tentativa de facilitar a penetração. Rav começa a quicar em um ritmo constante e agradeço mentalmente por estar sentado.

O prazer é tão intenso que, do contrário, eu não conseguiria me manter de pé.

A sua boceta brilha bem na minha frente e é um desperdício que esse seu buraco esteja tão vazio.

É quase injusto.

Levo minha mão até seu rosto e puxo a venda dos seus olhos. Ravena para de quicar e aperta suas pálpebras, se acostumando com a claridade. Seus olhos procuram os meus e as íris me encaram com confusão.

— Por que você tirou a venda? — indaga, apoiando suas mãos na base da minha barriga.

Dou um meio sorriso, capturando seus lábios em um beijo faminto, enquanto tateio minha mão no estofado, trazendo o vibrador para perto de mim.

Mordo o canto da sua boca e nos afasto.

— Tirei a venda porque quero ver.

— Ver o quê?

— A expressão em todo seu rosto enquanto tem dois paus atolados dentro de si — murmuro e Ravena engasga, finalmente vendo o brinquedo na minha outra mão.

Ela apenas acena várias vezes, sem dizer nada. O brilho de safadeza em seus olhos deixa claro o quanto ela gosta da ideia da dupla penetração.

Sorrio.

Você não é a única, Rav.

Esfrego o pau de borracha em seu clitóris algumas vezes, arrancando gemidos de prazer dela e meus também, tão excitado com a vista que poderia entrar em combustão.

Porra.

Ela definitivamente será minha morte.

Cuspo no vibrador, esfregando a saliva e chupando a cabeça para facilitar. Seus olhos sequer piscam e Rav engole em seco, entreabrindo os lábios em um pedido silencioso para que eu coloque o pau de borracha em sua boca.

Faço isso, mas me arrependo no exato segundo que a vejo abocanhar o maldito brinquedo, me olhando da forma mais sensual do mundo inteiro.

Caralho.

— Você está ganhando tempo — rosno, levando o pau de novo até sua boceta.

Ela sorri maliciosamente e inclina seu corpo levemente para trás, se apoiando em minha coxa, para que eu consiga deslizar o vibrador dentro dela, sem tirar o meu pau do seu cu.

— Me faça gozar — ordena, e como um pupilo submisso, a obedeço com imenso prazer.

A boceta ainda está encharcada quando começo a deslizar o pau para dentro dela, Ravena se contorce e suas pálpebras fecham de tal forma que, por um instante, acho que ela desmaiou.

No entanto, quando ameaço tirar o vibrador de dentro dela, os olhos felinos se abrem cheios de luxúria e ela assume o controle, se endireitando.

Puta que pariu.

Cacete.

Caralho.

No instante em que ela faz isso, juro que sinto o pau de borracha pressionar contra mim, deixando meu espaço ainda menor.

Porra.

Seu cu me pune e me leva ao céu a cada quicada. Seguro a base do pau de borracha rente ao meu e Ravena começa a rebolar contra os dois ao mesmo tempo.

Gulosa do caralho.

Porra.

Minha cabeça fica zonza, as mãos algemadas ficam apoiadas no meu abdômen, os peitos saltam e a boceta engole o vibrador ao mesmo tempo que o cu devora meu pau.

Puta merda.

— E agora? Qual é a sensação, Crawford? Como você se sente tendo dois paus atolados dentro de você? — rosno, lutando por um pouco de ar.

Ela geme, não parando nem mesmo por um segundo.

— Preenchida… *e-eu* nunca estive tão preenchida — choraminga, alternando as quicadas vigorosas com rebolados que me fazem delirar.

A sensação de dividir um de seus buracos é boa, mas se eu pudesse, eu mesmo estaria em todos eles.

Queria que meu pau pudesse ficar em sua boca, em sua boceta e em seu cu. Dessa forma, ela jamais precisaria de outra pessoa. Ela estaria completa e inteiramente preenchida.

Porra.

Se fosse possível, seria um fodido sonho.

Uma das minhas mãos segura a base do pau, enquanto a outra tateia em busca do controle que também joguei ali. Ravena me olha curiosa e seus

lábios se erguem maliciosamente quando alcanço o objeto.

Os olhos cheios de tesão enviam ondas de prazer por todo meu corpo e o modo que seu cu me engole também. No entanto, é no momento que ligo a fodida vibração que o limite é cruzado.

Ravena treme seu corpo inteiro, seus lábios se apertam com força, como se ela tentasse se conter, porém, ela explode em um grito, caindo por cima de mim sem força alguma para continuar quicando.

Meu abdômen se retesa e sinto o prazer acumulando na base da minha coluna. A vibração continua incessantemente e, caralho, eu consigo sentir meu pau vibrando também.

A testa suada apoiada contra o meu membro, o cu se contraindo, a vibração e os seus gemidos no meu ouvido são demais.

Cacete.

É demais.

Minha vista escurece e, por uma fração de segundo, não enxergo nada além do prazer.

Não consigo controlar o orgasmo que me atinge, muito menos o fato de que encho seu cu de porra. Ravena arfa, sentindo o líquido quente jorrar dentro dela.

Caralho. Caralho. Caralho.

A morena ergue levemente o seu quadril, só para que eu possa tirar meu pau e o vibrador de dentro dela. E quando faço isso, o gozo escorre por suas coxas, indo para as minhas.

Meu pau está todo melado, assim como seu cu. E como se não bastasse ter ferrado com minha mente em uma única foda, assim que solto sua algema a maldita leva a mão até sua bunda e acumula uma quantidade de porra na ponta dos dedos, trazendo até a própria boca para chupá-los.

Ela geme e fecho os olhos, ouvindo sua risada perto do meu ouvido.

— Nada mal, Nolan Jones — sussurra, ofegante.

— Você diz isso com frequência, Ravena Crawford. Estou começando a achar que essa é a sua opinião sobre mim.

Ela sorri, com seus olhos brilhosos me encarando. As pálpebras estão baixas, o cheiro de sexo preenche o ambiente, seu corpo está quente por cima do meu e o suor escorre por nossas peles.

Mas ainda assim, nenhum de nós se afasta.

E isso é surpreendente para pessoas como nós, onde o único propósito é gozar e sair assim que aquilo que queria for conseguido.

— Obrigada pelo presente, você é um ótimo fodedor — ela diz, sorrindo, e deslizo meu polegar por seu cóccix em uma carícia suave. — Melhorou assim?

— Um pouco, mas ainda acho que você poderia me intitular como a melhor foda da sua vida.

Ela bufa.

— Está bem, eu mesmo estou me autointitulando assim. — Soo confiante. — E de nada pelo presente, em recompensa por ele, você me deixará dormir aqui.

Ravena pisca.

— Por que eu faria isso? — Seus lábios se erguem de forma provocativa.

— Porque eu não vim de carro e porque estou tão cansado que provavelmente desmaiaria na estrada.

— Eu não me importaria com isso — cantarola.

— Você é realmente impiedosa, Crawford. Depois de todos os presentes e orgasmos, ainda me trata dessa maneira? — dramatizo e estalo a língua em descontentamento.

Ela sorri e quando sua respiração fica um pouco mais controlada e as pernas diminuem o tremor, ela estende a mão para que eu a acompanhe.

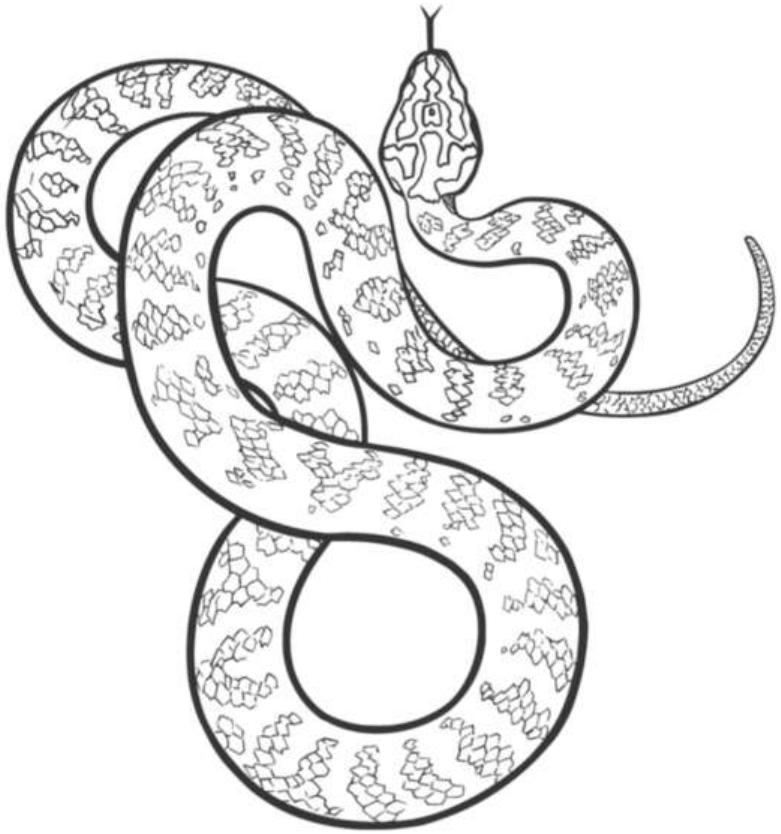
O que isso significa? Não sei.

Minha mente se convence de que gozei com força demais e que preciso dormir. Mas por que diabos ela não está em sincronia com aquele órgão rídiculo que bombeia o sangue e não tem nenhuma utilidade além disso?

E pior, por que caralhos ele acelera quando Ravena olha em minha direção?

OceanofPDF.com

Capitulo 20



Tire-me do escuro, do escuro
Eu não vou fazer isso sozinho
Coloque seus braços em volta de mim
Deixe seu amor me cercar
Eu estou perdido

Can You Hold Me _ NF (feat. Britt Nicole)

OceanofPDF.com

Nolan Jones

— Eu não quero, Nunu. Por favor, não seja mau comigo também — Liz choraminga na maca do hospital, ela vira o seu rosto para o lado e recusa a comida.

Meu coração se parte ao vê-la tão fraca e tão magra nesse maldito ambiente.

Por que isso está acontecendo conosco?

Por que diabos ela não está melhorando com a quimioterapia?

Por que caralhos precisaram interná-la?

Eu li inúmeros casos sobre a Leucemia Linfoide Aguda, eu vi os resultados e a taxa de porcentagem. Porra, noventa por cento das crianças se recuperam e voltam a viver suas vidas normalmente. Então por que Liz não está melhorando? Por que a cada dia ela parece mais frágil e pálida?

Por que seus sintomas só pioram? Por que seu corpo está cheio de pequenos pontos vermelhos e ela tem febre tão constantemente?

Merda, por que isso está acontecendo com ela e não comigo?

Mordo o interior da minha boca para evitar que as lágrimas escorram por minha bochecha. Liz não precisa disso também, não quando ela está passando por tanta coisa e sendo tão forte.

Deixo a comida de lado e seguro sua mão carinhosamente, fazendo-a me encarar. O gosto de sangue preenche minha boca.

— Quem está sendo mau com você? Vamos lá, pode me falar que eu juro acabar com a raça da pessoa — brinco, deslizando meu polegar em sua pele suavemente.

Liz vira seu pescoço e volta a me encarar, um pequeno sorriso enfeita seu rosto e tem sido tão difícil vê-la fazendo isso ultimamente que não consigo evitar a lágrima que cai do meu olho.

Ela une as sobrancelhas.

— Por que você está chorando, Nunu? É por causa do que eu falei? — pergunta, fazendo um biquinho assustado. — Se for, eu tava brincando. Ninguém é malvado comigo, eu juro.

Droga, Liz.

Não faça isso.

Sorrio, com outra lágrima molhando meu rosto. Não consigo evitá-la.

— Não é por isso — garanto, beijando sua mão tão pequena em comparação à minha. — Estou chorando porque você é tão bonita que faz meus olhos arderem.

Ela ri.

— Você não é bom mentindo, tá? Não tente fazer isso com ninguém.

Resmungo, fingindo ultraje.

— Estou falando sério, você é a pessoa mais bonita de todo esse hospital.

Ela nega.

— Mas eu tô careca, isso não é bonito!

— Você está me chamando de feio? — Levo minha mão livre até os poucos fios que estão crescendo em minha cabeça.

No momento em que Liz precisou cortar os seus cabelos, no instante em que vi suas lágrimas caindo com a mesma velocidade dos fios, também cortei os meus. Eu sequer precisei pensar, eu sempre fiz tudo junto com ela. Obviamente eu não a deixaria sozinha justo quando ela mais precisava.

Mas, diferente dos seus, os meus cabelos já estão crescendo. Esperarei ficarem um pouco maiores, antes de raspá-los outra vez.

— Você é lindo, Nunu. O príncipe mais lindo da Disney *inteira!*

Sorrio.

— Sou mesmo, não é? — zombo, convencido, e ela cerra seus olhos em minha direção. — E se até a Rapunzel cortou o cabelo, por que a gente não pode?

— Ela não ficou careca!

— Mas ela tinha muito mais cabelo que nós dois. Se não fosse por isso, ela tinha ficado careca igual a gente — afirmo, e ela faz uma careta pensativa.

— Verdade, né? — murmura, analisando os fatos, e sorrio com sua inocência.

A Rapunzel precisou cortar devido aos poderes mágicos e não porque tinha câncer no sangue, porra.

Que mundo malditamente injusto.

— Com certeza é verdade, eu nunca minto para você — falo, balançando a cabeça em uma confirmação.

Liz me encara atentamente e sorrio, ainda sem soltar sua mão.

— Por que você não está querendo comer? Sabia que isso é importante para você ficar boa mais rápido? — pergunto suavemente, voltando para o assunto da comida.

Os médicos disseram que Liz está recusando todo tipo de alimento e que seria mais fácil se tentássemos convencê-la, porque senão terão que forçá-la ou botá-la na sonda para o seu próprio bem.

Por esse motivo, estou sentado ao lado da sua maca, desesperado para que ela aceite. Não quero que ela seja submetida a isso.

Minha mãe desaba sempre que a vê na cama hospitalar e meu pai não consegue lidar com o estado de Liz. Suas mãos tremem quando olha para sua garotinha internada e ele não consegue fingir que está tudo bem.

Então, eu tenho tentado controlar a situação, eu tenho me esforçado e fico aqui todos os dias e noites, assim como eles. A diferença é que

enquanto minha mãe chora de soluçar e reza a todo segundo, eu me obrigo a vir ficar com ela e engulo as lágrimas, só deixando que elas caiam quando estou sozinho, trancado dentro do maldito banheiro.

— Eu não tenho fome — confessa, e eu sei disso, sei que a perda de apetite é um dos sintomas, sei que é horrível comer sem vontade, mas o que posso fazer?

Por favor, Deus.

Por favor, me diga o que fazer.

Por favor, alguém me diz o que fazer.

Imploro por isso todos os segundos de cada dia amaldiçoado.

— Posso contar um segredo? — murmuro, e ela acena. — Eu também não tinha fome antes, mas aí a mamãe me obrigava a comer porque quando eu ficava de barriga vazia, um homem igualzinho ao Doutor Facilier[3] aparecia no meu quarto e dizia que ia me levar. Que adorava crianças magrinhas que não gostam de comer. Eu morria de medo dele me levar mesmo, então comia tudinho — murmuro em um tom baixo, como se não quisesse que ninguém além dela escutasse.

Seus olhos brilham assustados e uso o vilão que ela mais tem medo de modo proposital. Liz faz um biquinho.

— Eu posso comer só um pouquinho? — pergunta, bocejando.

Concordo com um meneio de cabeça e ela se endireita na maca, ficando sentada.

Sorrio orgulhoso da minha conquista e viro para pegar a comida.

— Nunu… — ela choraminga, e quando volto a fitá-la, vejo o sangue escorrendo do seu nariz.

Porra.

Meu estômago embrulha com a visão do líquido vermelho e a cada vez que isso acontece, me desespero.

Por que seu nariz tem sangrado com tanta frequência, caralho? Eu não gosto da visão, é angustiante.

Merda. Merda. Merda.

— Está tudo bem, é só um pouquinho de sangue. — Tento sorrir para tranquilizá-la e faço como os médicos disseram para fazer caso ela tivesse um sangramento nasal na nossa frente.

Meus dedos tremem enquanto ela mantém sua cabeça inclinada para frente e limpo seu nariz.

— Eu queria morrer logo para que parasse de doer — Liz resmunga, e levanto o olhar em uma velocidade absurda.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha ao ouvi-la dizer que queria morrer. Tudo em mim paralisa e respirar é impossível.

Não diga isso, Liz.

Não acabe comigo dessa maneira.

— D-do *que você está falando? — gaguejo, e ela me olha de uma forma desoladora.*

Se eu não estivesse sentado, cairia ajoelhado e imploraria para que ela nunca mais me olhasse dessa maneira. Sinto como se algo dentro de mim fosse rasgado.

— Você disse que nunca mente, Nunu, então me diz a verdade. Eu vou ficar viva? — Seu tom é uma mistura de medo e ansiedade pela resposta.

Meu coração dói e o amaldiçoo por se comprimir de uma maneira tão insuportável quando não posso gritar o quanto está machucando.

— Claro que você vai viver — afirmo, convicto.

Do contrário, eu mesmo não sobreviveria.

Eu não conseguiria aguentar sua perda.

Eu não saberia lidar com a sua morte.

A dor seria insuportável demais.

— Mas e se eu não viver? — ela questiona. — E se eu não viver, Nunu? — ela soluça e lágrimas rolam pela sua bochecha.

Liz está assustada. Seu corpo pequeno treme e ela está tão frágil que temo que até mesmo esse simples movimento a parta ao meio.

Passo meu braço por cima dela e sinto como se meu coração estivesse sendo cruelmente dilacerado em inúmeros pedaços.

— Você vai viver, eu prometo — garanto, beijando o topo da sua cabeça.

Liz chora e seu corpo apenas treme contra o meu. Sua cabeça balança em uma negativa e ela soluça, puxando um pouco de ar.

— M-mas *se eu morrer, a mamãe e o papai vão chorar muito. Você precisa ficar com eles e precisa ficar bem, Nunu. Você precisa rir e assistir* Enrolados *igual fazia comigo. Você precisa contar piada ruim igual sempre, ser convencido e achar sua Rapunzel. Você precisa viver no meu lugar, tá bom?*

— Está bem, farei isso — soluço da mesma forma que ela.

— Você promete? — Seus olhos procuram os meus, como se esperasse essa confirmação.

— Prometo. — Aquiesço. — Eu prometo, Liz.

Mas isso não importa, porque ela não vai morrer.

Liz não vai morrer.

— Nolan, é só um pesadelo — a voz feminina sussurra e sinto uma carícia suave no meu braço. — Nolan, acorda por favor.

Meu corpo treme violentamente e sinto as lágrimas escorrerem em minhas bochechas.

Eu prometi que ela não iria morrer.

Porra.

Eu prometi viver no seu lugar, mesmo quando eu não queria estar vivo.

Porra. Porra.

Lembro da dor em meu coração e do barulho do seu choro.

Não consigo respirar.

As lágrimas caem dos meus olhos de modo involuntário e me sinto preso em minha própria mente.

— Você está me assustando. Por favor, acorda. — A voz continua e tenho certeza de que a conheço, mas neste momento só consigo pensar em Liz.

Ela é a única em minha mente.

A falta de ar deixa meus pulmões queimando e tateio em busca da bombinha. No entanto, minhas mãos acertam a perna de alguém.

Sinto meu corpo sendo puxado e braços firmes, mas cuidadosos, me rodeiam.

— Respire. Foque na minha voz e respire — sussurra.

Minha cabeça descansa em seu peitoral e me agarro a ela como se minha vida dependesse disso. Porque, nesse momento, sua voz melodiosa e seu toque são as únicas coisas que me prendem à realidade.

Os dedos finos acariciam meu couro cabeludo em um cafuné constante e me sinto como uma criança.

— Está tudo bem, foi apenas um pesadelo — ela continua, e abro os olhos, com a escuridão perpétua me dando boas-vindas.

O cheiro do perfume feminino atinge minhas narinas. É o mesmo que senti no *Porsche 911* e na *Lamborghini*. É o cheiro predominante nos lençóis e que vi apenas uma pessoa usar até hoje.

Ravena Crawford.

Lembro da noite passada, do presente de aniversário e de como acabei dormindo aqui.

Droga.

— Está tudo bem, Nolan. Siga respirando. — Sua voz é preocupada, verdadeiramente cuidadosa. Acho que nunca vi Ravena utilizando esse tom antes.

Ela não faz nenhuma pergunta, seus dedos acariciam minha cabeça e seu corpo quente é tão acolhedor que não consigo impedir as lágrimas de continuarem rolando.

Essa é a primeira vez, desde a morte de Liz, que choro com pura dor e angústia na frente de outra pessoa. Eu nunca permiti que ninguém soubesse o quanto tê-la perdido me machucou. Nunca nem mesmo falei sobre ela para os outros.

Me desculpa, Liz.

Me desculpa.

Todos deveriam saber sobre você.

— Ela morreu — soluço e sinto quando o corpo de Ravena retesa por um nanossegundo. A escuridão e o seu toque firme me estimulam a continuar. — Ela morreu e eu tive que continuar vivo. Minha irmã morreu e precisei aguentar a dor e o castigo de viver em seu lugar. — Meus ombros tremem e ela me aperta com mais força.

Sua respiração engata, mas meu coração fica infimamente mais leve. Como se fosse um alívio conseguir admitir isso em voz alta.

Me desculpe por usar você para isso, Rav.

Me desculpe por nunca ter falado sobre você, Liz.

Me desculpe por ser incapaz de viver de forma segura e feliz como você queria.

— Chore. — A sua voz é baixa e carinhosa, ela funga e encosta minha cabeça bem em cima do seu peito. Ouço as batidas ritmadas do coração dela e isso me tranquiliza. — Apenas chore o quanto você precisar, eu estou aqui para você, então me use à vontade e chore.

Ravena me aperta como se temesse que eu quebrasse caso me soltasse. A sensação de estar em seus braços é tranquilizadora e me permito chorar.

Choro pelo luto.

Choro por ter ficado sozinho.

Choro pela sua ausência.

Choro por meus pais e a forma que eles se sentiram.

Choro por ter tido que mentir sobre estar bem todo esse tempo.

Choro por todas as vezes que engoli as lágrimas.

Choro por cada lembrança e pesadelo que me acomete.

Choro por ter ficado vivo quando quis morrer tantas vezes.

Choro. Choro. Choro.

E Ravena não me solta em momento algum. Ela me mantém preso na realidade e seguro. Ela não me deixa caído, sofrendo em silêncio. E pela primeira vez, vejo uma luz no fim do túnel.

O irônico nisso é que a pessoa o iluminando tenha um sorriso tão debochado, olhos perigosamente felinos e uma língua absurdamente afiada.

OceanofPDF.com

Capitulo 21

Você me faz brilhar
Mas eu disfarço, não vou demonstrar
Então estou armando minhas defesas
Porque não quero me apaixonar
Heart Attack _ Demi Lovato

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Arrumo a mesa pela sétima vez, inquieta. Nunca fiz isso antes, nunca tentei agradar uma pessoa e jamais fui do tipo acolhedora. Não sei fazer essa merda. Mas, ainda assim, tiro tudo do lugar e reorganizo em uma nova posição.

Estou segurando a sacola preta com peças de roupa quando ouço seus passos se aproximando. Largo o saco com indiferença, como se não tivesse perdido mais de uma hora tentando posicioná-lo.

— Você acordou — comento, abraçando meu próprio corpo quando não sei o que fazer com minhas mãos.

Nolan dá um sorriso, seus olhos estão inchados e sua postura está curvada, como se ele não tivesse certeza do que deve falar ou fazer agora. Espero por ele.

Imitarei exatamente seu comportamento.

Se ele quiser falar algo, então falaremos. No entanto, se sua escolha for agir como se nada tivesse acontecido e ele optar por colocar sua máscara outra vez, então fingirei que ele não chorou em meus braços até adormecer. Não direi uma única palavra sobre as lágrimas silenciosas que escorreram por meus olhos enquanto eu tentava não demonstrar nada e a angústia pelo seu estado me atingia em cheio.

Desde quando sou tão empática?

— Obrigado por ontem — murmura um agradecimento baixo e quase acredito que ele optou pela primeira opção. Contudo, as íris se tornam maliciosas e ele ergue o canto dos seus lábios. — Não sabia que eu seria digno de um café da manhã.

Indica a mesa atrás de mim.

— O bolo que você me deu estragou e eu fiquei com vontade de comer doce, por isso pedi algumas coisas. — Dou de ombros.

Mentirosa.

Guardei o bolo porque fiquei sentimental em relação a ele e não quis dividi-lo. E depois fiquei mais de quarenta minutos selecionando cada donut, waffle, *pão e bebida sobre a mesa.*

Ele ri, dando um passo para frente. A postura está mais confiante e me pergunto se realmente se sente melhor.

Talvez sua personalidade não seja uma farsa e apenas haja momentos feios onde ele opta por mascará-la. Faz sentido, afinal, não acredito que alguém consiga fingir tão bem o tempo inteiro.

Suas piadas, deboche, sorriso provocativo e até suas cantadas são reais demais para que sejam mentira.

— E o que são as outras coisas? — Ele franze o cenho quando puxo a sacola e estico em sua direção com desdém. — O quê?

— São roupas para você. Mandei comprá-las mais cedo.

— Por quê? — As íris esverdeadas me analisam.

Bufo.

— Porque suas roupas foram postas na lavanderia junto com as minhas — murmuro, como se outra pessoa tivesse feito isso além de mim. — E eu não sou obrigada a assistir um show de seminudismo o tempo inteiro — ralho e ele ri.

Meu olhar vagueia pelo seu corpo de modo inevitável e praguejo mentalmente por fazer isso, uma vez que até então eu tinha ignorado o abdômen definido, o peitoral gostoso e as coxas delineadas.

— Certeza que não gosta desse show? Não me importo em lhe oferecer um bis — ele provoca, com seu corpo perto do meu.

O calor irradia dele diretamente para mim.

Reviro os olhos, colocando uma mão em seu peitoral para empurrá-lo.

— Apenas se vista logo, assim poderei pedir um favor.

Nolan bufa, abrindo a sacola.

— Claro que você iria querer algo — resmunga, vestindo a calça por cima da cueca.

Pego um *donut* e finjo estar focada nisso, porém, meus olhos desviam até suas mãos, onde ele abotoa a calça.

Dou uma mordida no doce para evitar sorrir e dar um gritinho de felicidade ao ver que acertei o tamanho.

Sou realmente muito boa nisso.

Não que tenha sido muito trabalhoso olhar na etiqueta das suas roupas, mas a forma poderia ter sido pequena ou grande demais. Entretanto, sou boa de vista e acertei em cheio.

Ele veste a regata branca enquanto mastigo o doce lentamente e quando termina, sorrio em sua direção. Erguendo o polegar em uma confirmação de que ficou bom.

Nolan franze o cenho e sua expressão fica estranha por alguns segundos.

— O quê? — pergunto.

— Seu dente está sujo de chocolate — murmura, mas parece uma desculpa que ele usa para me distrair.

Estalo a língua, sem saber o que fiz de errado.

Droga, achei que estava me saindo bem.

Seu choro e as palavras sussurradas falando que teve que aguentar o castigo de viver voltam para me assombrar. E se isso me incomoda, sequer consigo imaginar como deve ser para ele.

Nolan deve se sentir culpado e desnorteado.

Deve sempre ser assombrado pelas memórias, mesmo quando não quer.

A sensação com certeza é angustiante.

Pego a outra sacola, dessa vez a dourada, e a entrego.

— Mais roupa? — questiona, arqueando a sobrancelha.

— Não — bufo. — Você está achando o quê? Que vou renovar seu guarda-roupa? — Meu tom é rude e ele ri.

— Então o que é?

— Abra e descubra — ralho, e Nolan faz exatamente isso.

Assisto sua reação, sem até mesmo ousar piscar.

— Você… — Ele franze o cenho, confuso. — Por que você comprou uma máquina de tatuagem?

Porque eu sei que você gosta de tatuar.

Porque eu queria distraí-lo por algumas horas e essa foi a única maneira que consegui pensar de fazer isso.

Porque eu queria ver o sorriso no seu rosto ao invés das lágrimas caindo por ele.

Dou de ombros.

— Quero uma tatuagem. — Meu tom é indiferente.

— E então mandou comprar uma máquina só para isso ao invés de ir em um estúdio? — zomba.

— Você disse que era o melhor, *huh*? — debocho. — Me prove se é mesmo tão bom quanto diz ser.

Nolan ri.

— Achei que você já tivesse aprendido a não me provocar. — Seus olhos recaem sobre o meu corpo e ele fica a centímetros de distância, me analisando. — E acho que você sequer tem espaço em seu corpo para mais tatuagem — debocha e dou um meio sorriso.

— Tatue minha bunda.

— *O-o* quê? — Suas íris se arregalam.

— Tatue minha bunda, Jones — repito seriamente, e quando ele percebe que não estou brincando, engole em seco, acenando.

— Você tem certeza disso?

— Alguma vez eu disse algo e voltei atrás? — Meu tom é sarcástico e ele nega suavemente.

— Está bem, então tatuarei sua bunda — afirma, e sorrio satisfeita, me afastando para trocar de roupa.

Perco alguns minutos no *closet* e quando volto, a mesa preta está vazia. Todas as coisas que estavam sobre ela foram organizadas no balcão de mármore e Nolan tirou todos os itens de dentro da sacola, organizando a maioria sobre um banco.

Encaro a tinta, o papel toalha, o decalque, as agulhas e a máquina. Sua mão está com as luvas pretas, mas o restante da caixa fica apoiado no chão.

Nolan está sentado na cadeira e vira seu pescoço para me encarar, sentindo minha presença.

Seus olhos passeiam pela minha blusa cinza de mangas compridas e descem até a calcinha preta, que é fio-dental e a única coisa que cobre minha boceta nesse momento.

Caminho até ele lentamente.

— Você já mudou de ideia? — provoca, com uma expressão zombeteira.

Faço um gesto de indiferença com as mãos.

— Estou apenas decidindo o que vou escolher.

— Você quer uma tatuagem na bunda e sequer sabe como ela será?

— Eu disse que não tinha escolhido, não que não sabia — resmungo, parando na sua frente. — Mas quer saber? Acho que acabei de decidir.

Ele acena, esperando.

— E então?

— Quero uma cobra — falo, e Nolan pisca algumas vezes.

— Uma cobra?

— Aham.

— O animal peçonhento que se rasteja?

— Sim.

— O símbolo da nossa fraternidade? — insiste, e reviro os olhos.

— Quantas vezes terei que repetir? Acho que já estou arrependida de não ir em um estúdio, lá eles não me fariam tantas perguntas.

Nolan bufa.

— Só fiquei surpreso — admite, preparando tudo o que precisa para começar.

Fico calada, escorada na mesa de braços cruzados enquanto o assisto. Ele leva no máximo cinco minutos para fazer tudo, higienizar a pele, colocar o decalque, me pedir para virar e aproximar a máquina da minha bunda.

— Posso começar? — pergunta, e já escuto o barulho da máquina.

— Vá em frente — murmuro, apoiando meus braços sobre a mesa em uma posição fixa.

Ele perguntou se eu queria me deitar, afinal, seria mais confortável. No entanto, neguei. Escolhi ficar em pé, com o corpo sobre a mesa e a bunda empinada contra ele.

Assim que as agulhas atingem minha pele e ele começa o processo, sorrio. A sensação do choque inicial é sempre a mesma, mas é uma questão de segundos para que a dor costumeira se torne insignificante e eu sinta quase cócegas na região.

— Por que uma cobra? — Nolan pergunta, quebrando o silêncio.

Sua voz sobressai o barulho da máquina.

— Por que não uma? — zombo. — Tenho tantas tatuagens, mas nunca fiz nenhuma com cobras. Acho que é um bom momento.

Ele estala a língua, considerando minha resposta boa o bastante.

— Achei que você estava me provocando — assume.

Em partes foi por esse motivo mesmo.

Porque você é um Víbora e é irônico que esteja tatuando uma cobra em mim, quando provavelmente é quem faz isso no corpo dos integrantes da sua fraternidade.

— Não se considere tão especial — zombo com desdém.

— Você é tão rude, Crawford — provoca, como sempre faz. — Mas mesmo sendo dessa maneira, me deixou chorar em seu colo e não fez nenhuma pergunta, como qualquer outra pessoa faria.

Engulo em seco.

Então ele tocará no assunto?

— Eu… — Pigarreio, olhando para um ponto fixo. Agradeço mentalmente por estar de costas e não ver o seu semblante nesse exato momento. — Não menti quando falei que você poderia me usar para chorar. Você já sabe onde me encontrar.

Ele segue focado na tatuagem e as agulhas não deixam de perfurar minha pele por nem mesmo um segundo.

— Obrigado por isso e por ontem — murmura, e apenas meneio a cabeça.

Minhas unhas batucam inquietantemente na mesa e me questiono se devo me manter calada ou não.

— Pergunte — ele sussurra, seu tom é tranquilo.

— O quê? — Olho por cima do ombro, suas íris esverdeadas encontram as minhas.

— Pergunte o que quer saber — insiste, e dá um sorriso. — Eu estou bem, vá em frente.

Aceno, mas volto a fitar o ponto fixo na parede.

— Qual era o nome dela? — Minha voz é suave, e ele responde de modo automático.

— Liz. — Há uma pontada de carinho no tom e jamais o ouvi falar assim.

— Liz — repito. — É um nome bonito, aposto que ela era linda.

A ponta da máquina se detém, afastando-se da minha pele.

— É, ela era. — O pesar que transborda por essas três míseras palavras me parte ao meio.

— Quantos anos ela tinha? — insisto, porque talvez seja bom falar sobre.

Acho que Nolan *precisa* falar sobre.

— Seis.

Mordo o canto da minha boca.

Caralho.

Ela só tinha seis anos? Seis fucking *anos?*

Ela era uma criança.

— Como ela… — A pergunta feita em minha mente ameaça escapar pelos meus lábios, no entanto, me detenho.

Contudo, mesmo assim, Nolan entende.

— Leucemia — é tudo o que diz, e olho para o teto, não permitindo que lágrimas se acumulem em meus olhos.

Ela era apenas uma criança.

— Sinto muito, Nolan — murmuro, controlando a emoção para que ele não perceba.

— É, eu também — comenta, cansado, e o silêncio recai sobre nós.

Não falamos nada, mas o clima não fica tenso.

Nem desconfortável.

Minha mente pensa nela e meus dedos batucam na mesa. Quando minhas pernas ameaçam cansar e vacilar, escuto-o dizendo que está finalizando.

Olho de esguelha, uma de suas mãos apoia minha bunda enquanto a outra segura a máquina contra minha pele. A forma que ele me encara é intensa e concentrada.

— E então? Fiquei ainda mais gostosa? — provoco, e ele ri.

— Como se fosse possível a resposta para isso ser uma negativa — zomba, e viro para encará-lo.

Nolan me analisa, seus olhos percorrem minhas coxas.

— Então você ficou mesmo marcada. — Encara as manchas roxas dos chupões e mordidas.

— Não finja surpresa quando essa era sua intenção desde o começo — bufo e o sorriso no canto da sua boca é convencido.

Se ele soubesse que até agora sinto como se seu pau e o vibrador estivessem dentro de mim, me rasgando ao meio. Se soubesse que estou fingindo naturalidade enquanto meu corpo implora para que eu descanse. Se soubesse que passei a manhã inteira mancando, mas que fingi andar normalmente para que ele não notasse. Se soubesse que botei blusa de manga para esconder todas as marcas que deixou em meu peitoral e clavícula. Se soubesse que foi o melhor sexo da minha vida. Se soubesse todas essas coisas e o fato de que foi o primeiro a se importar comigo, o primeiro que também me importei, seu convencimento seria insuportável.

Por isso, me mantenho calada.

Abro a câmera do celular e encaro a pele avermelhada, mas com a cobra perfeita delineada nela. Assobio.

— Você tem razão, é mesmo o melhor. — Olho em sua direção, sorrindo.

— Achei que você fosse dizer que não estava nada mau — provoca, parando a alguns centímetros de mim.

Rio.

— Não se acostume, não sou boa admitindo o que realmente sinto — murmuro e coloco minhas mãos em suas bochechas, dando um beijo rápido em sua boca.

Nolan pisca algumas vezes, confuso.

— O que foi isso?

— Um agradecimento.

Ele bufa.

— Por tudo o que fiz mereci um selinho? Que mão de vaca, meu trabalho é mais caro que isso — resmunga, e me afasto, sem lhe dar atenção.

Nolan vem atrás de mim.

— Estou falando sério, Rav. Mereço um beijo de no mínimo cinco horas.

Olho por cima do ombro, horrorizada.

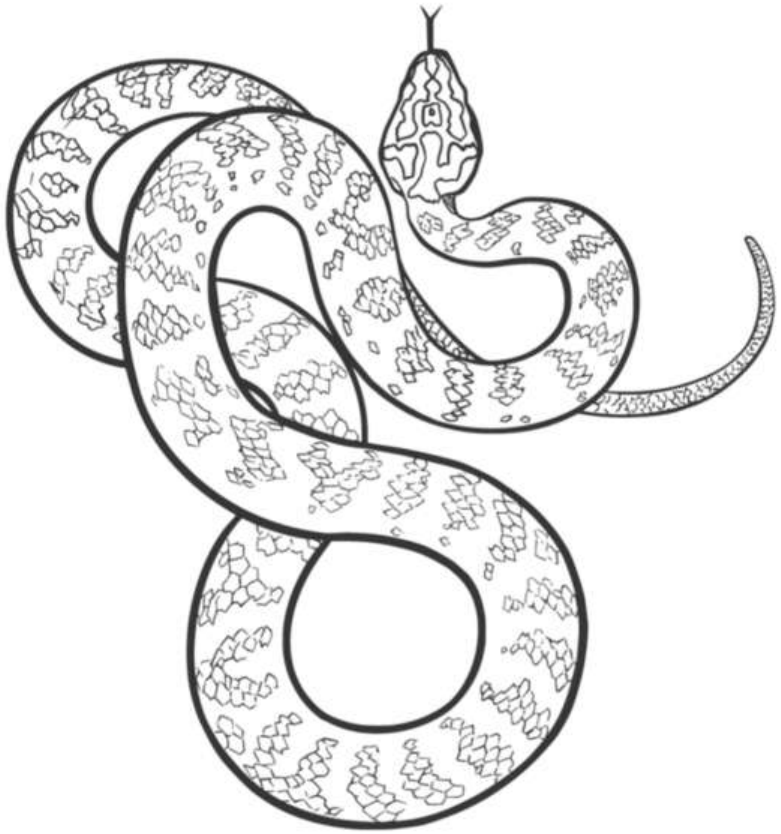
— Você é louco.

— E você, avarenta. Sabia que isso é um dos sete pecados capitais? — ele rosna, vindo atrás de mim de modo determinado, como se não fosse sossegar até ser bem pago pelo seu serviço.

Rio e saio quase em uma corrida até o meu quarto, ele me persegue como um maníaco, arrancando uma gargalhada minha. E a sensação de estar em casa pela primeira vez não me causa solidão. Na verdade, mentalmente, eu desejo que o tempo passe o mais devagar possível, para que assim eu consiga desfrutar apenas mais um pouco disso.

OceanofPDF.com

Capitulo 22



Eu quero te ver antes que essa noite acabe
Quero que você me ame, vamos fingir
Porque ultimamente estou viciado em seu amor
Eu preciso do seu amor

Tonight _ Daniel Di Angelo

OceanofPDF.com

— Você tem certeza de que isso não é um ácido corrosivo? — resmungo, sentindo minha pele queimar.

Vic com certeza está mentindo ao dizer que é só ácido hialurônico[4].

— Por que ela colocaria um ácido corrosivo na sua cara? — Kian sai em defesa da sua namorada e ela ri, sentada no colo dele.

Aperto os olhos em sua direção.

— Então por que diabos em você ela está colocando argila e em mim um ácido?

— Você está reclamando muito para quem deu a ideia — Alex opina, olhando algo em seu celular.

A loira aceitou vir depois de muita insistência. Mas, diferente de nós, ela apenas sentou em uma cadeira com sua postura inabalável e botou uma máscara de ouro contra sua pele, ignorando todos nós.

Hunter não está aqui, ele teve que ir em alguma reunião com seu pai. No entanto, Alex não foi junto. E não é como se eles fossem inseparáveis, cada um tem sua individualidade e há noites onde saem separados, mas não sei… é como se algo estivesse diferente entre eles.

Eles brigaram? Acho que nunca descobrirei. Não quando Hunter nunca fala mais do que o necessário e Alex jamais compartilha o que sente ou pensa.

— Aidenzinho? Seu rosto não está queimando também? — pergunto, e ele entreabre os olhos, desviando sua atenção para mim.

Seu rosto também está com o ácido hialurônico e foi Nick quem espalhou o produto na sua pele.

— Não — ele diz por fim, e bufo, encarando Morgana com a faixa nos cabelos e a máscara cor-de-rosa na face.

— A culpa é sua — acuso a ruiva, e ela leva a mão ao peito, ofendida.

— O que eu fiz?

— Esfregou meu rosto com muita violência, agora minha pobre pele está esfolada e ultrassensível.

Ela bufa.

— Trent? — chama, e o moreno deitado como um morto, usando a mesmíssima máscara que sua namorada, se senta para encará-la.

— Sim, Ocean?

— Meus dedos são violentos? — Ela pisca inocentemente. — Eu até faço massagem quando passo o produto.

— Sua mão é mais leve que uma pena, Ocean — garante, e a ruiva me olha com um semblante convencido.

— Viu só? Não tive nada a ver com isso. — Indica minha pobre face queimando.

Desvio o olhar para Nick, apertando meus olhos em sua direção.

— Então foi você — acuso.

A morena está com os cabelos ondulados presos em um coque bagunçado. Ela ri e ergue suas mãos, alegando inocência.

— Vic quem fez a esfoliação, eu literalmente só coloquei a faixa na sua cabeça e espalhei o sabonete — afirma.

Bufo e volto a encarar a loira nada inocente. Ela ergue seus lábios em um sorriso amarelado e faz um biquinho. A argila na sua face, os olhos suaves e a presilha rosa — combinando com aquela que ela colocou nos cabelos de Kian — me fazem desistir da ideia de resmungar mais um pouco.

Ver a forma que Kian parece tranquilo enquanto deixa sua namorada fazer o que quer em seu rosto é bom. Ver a maneira que Trent relaxa com Morg batucando os dedos em sua bochecha, como se massageasse a região, me faz abrir um sorriso. Ver o modo que Aiden ri ao ter Nick falando algo em seu ouvido me deixa verdadeiramente feliz.

Eles merecem isso, merecem esse amor transbordante que até mesmo quem está fora consegue sentir.

Merecem a calmaria depois de anos debaixo da tempestade. Merecem a pura felicidade, após tempos sofridos.

No entanto, por que mesmo estando feliz por eles, mesmo tendo feito apostas sobre quanto tempo demoraria para ficarem juntos, mesmo apoiando desde o início e amando vê-los assim, o sentimento amargo e incômodo preenche minha boca?

Que droga.

Se existisse TPM masculina, eu definitivamente diria que estou com isso.

Levanto da cadeira e isso chama atenção de alguns.

— Para onde você vai? — Aiden pergunta, curioso, seu olhar sobre mim sempre contém uma pontada extra de preocupação, mesmo quando não há necessidade.

— Ao banheiro. — Sorrio maliciosamente. — Você quer vir junto, Aidenzinho?

Ele bufa, fazendo um gesto de indiferença.

Saio do quarto de ouro e caminho até o quarto para o usar meu próprio banheiro. Está quase na hora dos medicamentos e aproveito para deixar toda aquela melação irritante para trás.

Às vezes, eles são tão fofos que até parece que vivo em um dos doramas de Vic. Isso, é claro, quando não estão transando. Nesses momentos, nem as pobres paredes são capazes de abafar os gemidos e palavrões.

E por incrível que pareça, esses são os únicos momentos que me identifico.

Afinal, o sexo é a única coisa que realmente importa.

Pego os comprimidos e tomo um de cada, engolindo-os com a água da pia. O celular em meu bolso vibra.

Mãe Gothel: *Foto de visualização única*.

Abro a foto e sorrio ao vê-la com a jaqueta preta que dei. Depois daquela noite, continuamos conversando. O clima não ficou estranho por termos transado, na verdade, seguiu exatamente o mesmo. E eu não me arrependo de ter falado sobre Liz, o que é significativo, uma vez que eu não conseguia falar dela nem mesmo para a psiquiatra.

Mas… não sei explicar, com Ravena é diferente.

Ela não me pressionou, ela não atrelou um novo significado por trás das minhas palavras e não tentou me diagnosticar com estresse pós-traumático. Ravena apenas se ofereceu para me ouvir, ela se ofereceu de bom grado como meu porto seguro.

E embora os Víboras tenham se tornado um desde o primeiro momento que Alex me recrutou, embora eu tenha conseguido respirar por conta deles e embora o amor e lealdade que eu sinta seja como um bote salva-vidas, durante todos esses anos, eu continuei perdido na escuridão.

Quando eles se aproximam, a luz que eles trazem me deixa respirar com facilidade. Eu posso ver tudo com clareza, posso rir e me divertir, mesmo que vez ou outra use uma máscara. Mas quando eles se afastam, sou deixado sozinho e todos os pensamentos dolorosos voltam, mais uma vez me vejo perdido no escuro.

Porém, essa é a diferença de Ravena. Ela não é como uma luz brilhante, não, ela é como uma sombra que suga para si a escuridão antes que ela se aproxime.

Ravena não tenta me iluminar, ela, na verdade, protege o brilho que já pertence a mim.

Não sei explicar.

É como se ela conhecesse minha personalidade, me considerasse uma luz brilhante como a da Rapunzel e se aproximasse como uma sombra minha, impedindo que a minha própria luz apagasse.

Bufo, me encarando no espelho.

Meu pensamento parece tão confuso que qualquer um acreditaria que estou chapado se eu os proferisse em voz alta. Volto o foco ao celular, sem saber o que diabos essas coisas rodeando em minha mente significam.

Eu: Nada mal, Crawford.

Roubo sua fala para provocá-la e quase consigo visualizar o sorriso do outro lado da linha.

Mãe Gothel: Isso é tudo o que você tem a oferecer de elogio?

Mãe Gothel: Que mão de vaca.

Mãe Gothel: Achei que eu e minha aparência fôssemos dignos de uma poesia ou uma música.

Mãe Gothel: Estou um tanto quanto decepcionada.

Rio, percebendo na mesma hora que ela está me imitando, assim como eu fiz.

Eu: Você não combina como Nolan.

Eu: Só existe um como eu.

Eu: Sou único, sabe? Uma preciosidade rara.

Mãe Gothel: Claro, você é extremamente especial.

Quase escuto o deboche em seu tom, sorrio.

Viro a câmera em direção ao meu rosto e faço um bico, tirando uma foto do lacinho no meu cabelo.

Eu: *Foto de visualização única*

Mãe Gothel: Se você passar um batom, mudo seu contato de “princesa de Chernobyl” para “princesa da *Disney*”.

Solto uma risada inevitável e praguejo por não ter nenhum em meu quarto.

Droga.

Eu facilmente passaria.

Eu: No dia que você fizer isso, também mudarei o seu de “Mãe Gothel” para “Rapunzel”.

Mãe Gothel: Combinado.

Ela responde na mesma hora e só quando encaro a tela, me dou conta do que falei.

Eu não posso nunca chamá-la de Rapunzel.

Por que falei essa merda quando prometi que só faria isso quando eu amasse alguém tanto quanto amo Liz e Lauren?

O que estou fazendo, merda?

Bloqueio o celular, guardando no bolso outra vez ao sair do quarto. Porém, no instante que abro a porta, dou de cara com Alex parecendo uma maldita assombração.

O grito que escapa pelos meus lábios é inevitável e levo a mão ao peito, assustado.

— Porra, o que você veio fazer aqui?

Ela ergue o canto da boca, sem se abalar comigo. Seus olhos me inspecionam com cuidado.

— Vim checar se você estava bem — confessa. — Algo parecia errado há alguns minutos, mas agora você está até sorrindo. — Seu tom é nitidamente observador.

Levo minhas mãos aos seus ombros e encaro os olhos dela fixamente.

— Acho que você está vendo coisa, Alexzinha. Mas se estiver usando isso de desculpa para entrar no meu quarto, eu… — calo minha boca no instante que percebo seu olhar assassino sobre mim. — Você me

assusta — assumo e sua expressão segue a mesma, sem ter nenhuma mínima alteração.

É bizarro.

— Vamos lá? O escuro e você me dão medo — cantarolo, virando seu corpo para frente.

Alex sai, voltando para o quarto de ouro, e como um bom filho obediente, vou atrás da “mãe/líder” mandona e aterrorizante.

OceanofPDF.com

Capitulo 23

Me leve lá, me leve lá e
Me ame como uma rosa do deserto
Me segure como se você não pudesse soltar
Mantenha-me segura quando voltar para casa

Desert Rose _ Lolo Zouaï

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Balanço o *spray* algumas vezes antes de erguê-lo em direção à parede. Dessa vez não estou no terraço do prédio de Nolan, optei pelo primeiro andar.

Lá em cima está muito frio e eu não estou com nenhuma vestimenta adequada para aguentar o vento cortante soprando contra minhas pernas, com nada além de uma saia e uma bota preta que alcança meus joelhos.

Maldita hora que escolhi essa roupa para sair de tarde.

E embora aqui embaixo também seja frio, não venta. Então é bem mais suportável.

Grafito outra linha perto das que já fiz, todas parecem exatamente iguais e sem nenhum formato ou lógica. Eu vi algo parecido no museu que visitamos hoje pela manhã. A aula foi externa e desde que fui transferida, foi uma das minhas favoritas.

— O que isso deveria ser? — A voz de Nolan me assusta, me tirando dos meus pensamentos.

Porém, estou tão acostumada com sua presença que viro tranquilamente, dando um meio sorriso em sua direção.

— Não sei, também estou tentando descobrir. — Bufo e olho para a parede mais uma vez, de longe elas formam a silhueta de um homem, mas não há definição nenhuma de expressão ou forma.

É como se fosse uma pessoa, só que completamente bagunçada.

— Eu disse que denunciaria você se começasse a marcar minhas paredes com artes feias.

Cerro os olhos em sua direção.

— Feia vai ficar sua cara se disser isso mais uma vez — ralho, e ele ri, dando um passo para perto de mim.

— Não seja tão bruta, você pode acabar machucando a florzinha — murmura, e por instinto, olho para o chão, vendo se pisei em alguma planta, mesmo que sequer faça sentido, porque aqui não há nenhuma.

— Do que diabos você está falando? Que flor?

— Eu. — Ele pisca inocentemente e consegue falar isso com uma expressão tão séria que me arranca uma risada.

— Você é um idiota — afirmo, dando um tapa em seu ombro para voltar a grafitar.

No entanto, Nolan segura meu pulso e impede que eu me afaste. Olho para o ponto onde seus dedos me tocam e apenas o encaro, sem me afastar bruscamente como costumo fazer.

— O quê?

— Aqui está frio, por que você não está usando um casaco?

Dou de ombros.

— Só esqueci. — Meu tom é indiferente e ele trava o maxilar, como se isso fosse um aborrecimento.

— Você não deveria ser tão desatenta, vai acabar adoecendo — ralha.

— Que diferença faz? Me virei bem todos esses anos — zombo, me soltando para voltar a grafitar. — Se bem que com a vida que levo, é surpreendente que eu ainda esteja viva — acrescento, com o pensamento escapando em voz alta.

Sinto o couro quente da jaqueta que estava em seus ombros sendo posta sobre os meus. Nolan me abraça por trás, aquecendo meu corpo.

Por um segundo, paraliso.

O *spray* em minha mão cai e o contato me pega desprevenida, mas esse não é o motivo pelo qual fico parada, completamente sem reação. Não,

o que faz meus pés fincarem no chão é a forma que meu coração dispara.

Por que o desgraçado faz isso diante de uma mínima demonstração de afeto? Eu sou carente ou o quê?

Travo o maxilar e mesmo ficando irritada, não me movo.

— Não faça isso, não aja como se sua vida não importasse — sussurra contra o meu ouvido.

— E ela importa?

— Mais do que a minha — murmura, e o tom parece tão sincero que me faz piscar em resposta. — Porque se você morresse, eu não suportaria.

Ele não suportaria perder mais uma pessoa na sua vida.

É apenas sobre isso, Ravena.

Ele já perdeu alguém importante, é óbvio que não quer que ninguém à sua volta se machuque.

Ele falaria isso para qualquer um que tem uma pontada ínfima de relevância. Não se ache tão especial quando sabe que você não significa nada.

Talvez em seu enterro sequer haja alguém que chore por você.

Não acho que há alguém que choraria por você, Rav.

— Você entende? Não seja tão imprudente e não saia em uma noite fria sem casaco — continua, e apenas meneio a cabeça.

Ter uma pessoa se preocupando comigo é… estranho.

Mas por que me faz desejar mais? Por que também é igualmente reconfortante?

— Não seja exagerado, eu não morreria por um pouquinho de frio — resmungo sem encará-lo.

Nolan bufa.

— Claro que não, você é imbatível. — O sarcasmo preenche seu tom e o fito por cima do ombro, erguendo minha sobrancelha.

No entanto, ele ainda está perto demais.

Droga.

— Eu…

— Você está com fome? — pergunta, cortando minha fala.

— Sim — assumo para mudar o assunto, ansiosa para que as íris esverdeadas saiam de cima de mim.

— Ótimo, vamos lá — diz, segurando meu braço para acompanhá-lo.

— Para onde? — Detenho meus pés, impedindo que eles acompanhem Nolan.

O platinado me olha profundamente, a mão em meu braço vai até o meu rosto e os dedos frios tocam em minha bochecha. Acho que é a primeira vez que alguém me toca dessa forma, sem ter uma conotação sexual ou um objetivo final em mente.

A carícia que ele faz é suave.

— Você disse que eu poderia usá-la à vontade e eu estou entediado — diz com um sorriso de lado. Seus olhos não abandonam os meus em momento algum. — Então, venha comigo.

— Está bem — confirmo e não faço nenhuma outra pergunta.

Eu apenas aceito ser guiada por ele sem questionar nada.

Eu não esperava que Nolan me trouxesse para um restaurante, muito menos que o lugar estivesse fechado, funcionando exclusivamente para nós.

Batuco minhas unhas contra a mesa enquanto a mulher coloca os cardápios sobre ela. A garçonete sorri em direção a Nolan, ao passo que sequer designa seu olhar para mim.

O platinado não se incomoda, provavelmente tão acostumado a receber todos os olhares que se tornou alheio a eles.

No entanto, não estou aqui para assistir o maldito flertar. E estou pouco me fodendo se ele não olha em direção a ela e seus olhos estão unicamente no cardápio, ainda assim começa a me incomodar.

Por quê? Não sei.

Assim como não sei o motivo pelo qual ela continua parada como um carrapato infernal.

— Eu normalmente demoro a decidir — falo, chamando a atenção dos dois.

Mentirosa, eu costumo escolher a primeira comida que vejo, mas Nolan não sabe disso.

A garçonete literalmente ignora minha presença e minha indireta, mas Nolan a dispensa, dizendo que quando eu decidir, vamos pedir.

Bufo quando ela se afasta e fico verdadeiramente incomodada com a sua presença. Pego o maldito cardápio como se me importasse, e no momento que meus olhos pousam sobre as opções, escolho hambúrguer com fritas, optando por isso no lugar de todos os outros pratos sofisticados.

— Sabe, por que você continua fazendo isso? — pergunto, enquanto finjo ainda estar escolhendo.

— Isso o quê? — Ele parece confuso e levanta o olhar para me encarar.

— Por que alugar um restaurante somente para comer? Não sabia que você era do tipo que esbanja dinheiro, mas essa já é a segunda vez.

Ele sorri.

— Estou tentando causar uma boa impressão — afirma com convicção.

Reviro os olhos.

— Até parece.

Nolan ri.

— Está bem, só queria um pouco de tranquilidade. Mas se fosse a primeira opção, estaria dando certo? — pergunta, curioso.

— Não, uma vez que tenho tanto dinheiro quanto você — digo com indiferença. Seus olhos me encaram de uma forma fixa demais. — Quero o hambúrguer. — Aponto o meu dedo para a opção, desejando que sua atenção vá para outro lugar que não seja o meu rosto.

Ele acena.

— Está bem — afirma, chamando a garçonete que volta praticamente desfilando.

Que irritante.

Nolan faz o nosso pedido e fico de pé, levando minha cadeira para o seu lado ao invés de deixá-la na sua frente. Ele me encara como se não entendesse minha atitude, a mulher oferecida faz o mesmo.

— Ali estava frio. — Dou de ombros com indiferença, com a primeira desculpa que se passa pela minha cabeça.

Não preciso esclarecer nada a ninguém.

Pego meu celular preso na barra da saia e finjo olhar alguma coisa na tela, embora nada verdadeiramente chame minha atenção.

Nolan termina de pedir e a mulher se afasta.

— Você está agindo estranho — observa. — Por acaso é a ansiedade por esse ser nosso primeiro encontro? — provoca, e deixo escapar uma risada.

— Não seja convencido, Jones. Isso não é um encontro.

Nolan puxa seu celular sem me responder e franzo o cenho.

— Siri, definição de encontro — pede, e o encaro, incrédula.

O maldito celular começa a falar a definição exata, alto o bastante para qualquer um dentro do ambiente escutar:

Encontro: ato de encontrar(-se), de chegar um diante do outro ou uns diante de outros. "o e. dos amigos".

Travo o maxilar.

— Você é irritante.

Seu sorriso é convencido.

— E você está convencida demais, Rav. Por que foi pensar logo no sentido romântico da coisa? — Ele pisca como se não tivesse feito nada e acabo soltando uma risada.

— Isso costuma funcionar com as outras?

Ele dá de ombros.

— Nunca jantei com ninguém além dos meus pais, Liz e dos Víboras.

Pisco, com a informação me pegando de surpresa. Estico minha mão até a taça com água e tomo um gole, olhando ao redor do ambiente quando não consigo pensar em nada além de “ah” para responder.

A maior parte das paredes é de vidro e as mesas são de mármore polido, contudo, o lugar parece acolhedor por conta da decoração do bar, com algumas plantas sintéticas na adega.

Por estar observando tudo ao redor, percebo quando a mulher se aproxima com as batatinhas fritas.

Porque ela obviamente era incapaz de esperar até tudo estar pronto para trazer de uma só vez.

Ela sorri mais uma vez e juro como nunca vi uma pessoa tão sorridente assim. Seus dedos são ágeis ao organizar parte da comida sobre a mesa, porém, os meus são mais ao colocar a mão de Nolan em minha coxa.

A garçonete observa o gesto e Nolan não se opõe ao contato. Subo sua mão ainda mais, até que ela entre por dentro da saia e se perca ali, a mulher desvia o olhar.

No começo, faço apenas porque sua presença me irrita, mas no instante que seus dedos alcançam minha boceta por cima da calcinha, engulo em seco.

A mulher se afasta e Nolan leva uma batata à boca, com seu indicador e dedo médio me esfregando, abro mais as pernas e seu olhar procura o meu.

— É isso que você quer? — pergunta, brincando com o elástico da calcinha. A vontade de que ele apenas enterre logos seus dedos dentro de mim me consome.

— Aham — confirmo, ansiosa.

— Quão molhada você está? — murmura em um tom provocativo e me esfrego contra sua mão, impaciente.

Nolan ri, mas meu abdômen já embrulha com o tesão se acumulando. Desço minha própria mão até o meio das pernas e empurro a calcinha para o lado, colocando seus dedos sobre mim.

— Por que você é sempre tão apressada, Crawford? — questiona, pressionando seu polegar em cima do meu clitóris.

— Por que você gosta tanto de me provocar lentamente? — devolvo na mesma hora, mordendo a boca com o prazer que seu ato me traz.

Ele ri em um tom baixo, quase rouco.

Seu dedo massageia meu clitóris por algum tempo, me deixando cada segundo mais excitada. A pressão é perfeita e o ritmo também.

— Eu me divirto com sua expressão sempre gulosa, sempre querendo mais e mais. É prazeroso assistir.

Bufo, me remexendo.

Seu indicador desliza pela minha abertura, sentindo toda minha umidade, que aumenta a cada segundo. Porém, ao invés de enfiá-lo dentro de mim, Nolan apenas ameaça fazer isso.

— Se você continuar me provocando, irei chamar alguma outra pessoa para fazer o serviço mais rápido.

As íris infladas me encaram e seus dois dedos, grossos e longos, se enfiam dentro de mim em uma única arremetida, obrigando minhas paredes internas a se esticarem para acomodá-los.

Gemo em alto e bom som e isso atrai olhares para nós.

Apoio meu braço na mesa e dou um meio sorriso, meneando a cabeça em direção a um dos garçons que eu sequer tinha visto. Os dedos de Nolan brincam dentro de mim.

O homem intrometido para caralho se aproxima e demoro alguns nanossegundos para perceber que ele está com a bandeja em mãos, trazendo os sanduíches consigo.

Ele os deixa sobre a mesa, perto das batatas intocadas.

— Obrigado — Nolan murmura com um semblante provocativo.

— Vocês precisam de mais alguma coisa? — Soa solícito, e Nolan me olha, esperando uma resposta minha.

— Você precisa, Rav? — questiona, enfiando um terceiro dedo em mim.

Arquejo, negando.

Os olhos do homem desviam até o ponto onde a mesa cobre. Ele não consegue ver os dedos de Nolan atolados em minha boceta, me masturbando descaradamente, mas não é preciso ver para saber.

— Tem certeza? — ele insiste, dessa vez com malícia.

— Ela já disse que não, porra — Nolan rosna com irritação visível. Sua postura é defensiva, e até consigo sentir a tensão em seus dedos.

O homem apenas acena e se afasta, nos deixando sozinhos. Aproximo minha boca do seu ouvido.

— Por que você se irritou?

— Porque ele era inconveniente. — Dá a resposta mais patética possível e rio, mordiscando o lóbulo da sua orelha.

— Que ganancioso, não acha que eu estou excitada o suficiente para que você possa me dividir? — falo apenas para provocá-lo, mas, na

verdade, não quero ser dividida.

Nesse momento, quero só Nolan.

Quero que apenas sua mão tenha o direito de me tocar.

— Porra, Ravena — rosna. — Não me provoque, não quando sequer posso sentir o gosto da sua boceta nesse momento.

Pego uma batatinha da mesa e Nolan me encara, confuso. No entanto, suas íris duplicam de tamanho quando levo-a até o meio das minhas pernas e melo em minha boceta.

Ele engole em seco, se dando conta do que estou fazendo.

Não preciso esfregar, nem fazer nada do tipo. Minha boceta está encharcada o bastante para que o mero ato de passar a batata por cima dela seja o suficiente.

Nolan me encara quando levo a comida até sua boca e não hesita em abri-la, muito menos em comê-la, como se estivesse completamente faminto.

— Gostosa? — pergunto, segurando seu olhar intenso.

Nolan acena.

— A melhor que já comi em toda minha vida — afirma, e solto uma risada, que é cortada pela minha respiração ofegante.

Seus olhos passeiam pelo meu corpo e se prendem no meio das minhas pernas, como se desejasse conseguir ver enquanto seus dedos me fodem.

Droga.

Essa merda é excitante para um cacete.

Suas íris desejosas, pupilas dilatadas, voz rouca, dedos rápidos e o cenário todo da coisa aumentam ainda mais a sensação.

— Você sabia que tem uma câmera na nossa frente? — sussurra, me fazendo fitá-lo, antes de olhar em direção ao local indicado.

A câmera branca não é nem um pouco discreta, mas embora consiga ver nossas feições e onde seu braço está, o ângulo e a mesa não permite ver muita coisa.

— Sei — murmuro com indiferença.

Sinceramente, não me importo.

Não quando os arrepios que me acometem nublam todos os meus pensamentos.

— Tem pelo menos dois garçons e um *bartender* nos fitando nesse momento, você consegue sentir os olhos deles sobre nós? — Nolan questiona, cochichando no meu ouvido lentamente.

Ergo o meu olhar e encontro o *bartender* olhando com fixação, o garçom que acabou de nos servir e um que eu ainda não tinha visto encaram nossa mesa com fascínio.

— *S-sim* — gaguejo e seus dedos estocam dentro de mim com ainda mais força.

Ele faz de propósito.

Suas palavras, o tom e até a velocidade com que me masturba é calculada para aumentar meu prazer.

Nolan me guia ao ápice, decidindo o momento que me deixará senti-lo.

— Todos eles sabem o que estamos fazendo, sabem que meus dedos estão atolados na sua boceta, sabem que você é uma gulosa e que não se importa em ser vista. Sabem que a expressão em seu rosto é de prazer, sabem que você gozará em minha mão porque é minha.

Rio com sua última fala, mas engasgo com o prazer me deixando com falta de ar.

— *N-não* sou sua — rosno quando consigo um pouco de oxigênio, porém, o tom não é tão convicto quanto eu gostaria.

Nolan ri baixinho contra o meu ouvido e a língua desliza em meu lóbulo, me causando arrepios.

— Eles não sabem disso, sua boceta também não. A única coisa que todos aqui têm certeza é que você abriu suas pernas no meio de um restaurante e permitiu que eu a fodesse na frente deles.

— Hum — é tudo que consigo dizer, minha cabeça pesa pra caralho.

— Você gosta? Gosta que eles olhem para você? — A pergunta é retórica. — Porque eu não gosto, não gosto que eles desejem estar no meu lugar, não gosto que imaginem o sabor da sua boceta e sequer suporto a mera ideia de que eles pensem em sua expressão de prazer quando forem se masturbar no final da noite. — Seu tom é rouco, estranhamente possessivo e… excitante. — Eu não gosto de nada nessa merda, exceto o fato de que, nesse momento, sua boceta mastiga meus dedos.

Arquejo, tentando engolir meus próprios gemidos.

Não funciona muito bem, então mordo o canto da minha boca, quase desesperada.

— Disso eu gosto. Gosto de como suas paredes internas me apertam e de como você lateja por mim. Gosto de como toda minha mão está encharcada, do seu gosto na ponta da minha língua, do seu cheiro se infiltrando em minhas narinas e da forma como seu cu deve estar piscando, desesperado por atenção. Gosto da ideia dos seus mamilos excitados por baixo dessa blusa e gosto que seja eu masturbando você no meio de um restaurante. Gosto que eles saibam que *sou eu* que fodo essa boceta e que apenas eu, neste momento, tenho poder sobre ela.

— Por que ela lhe pertence? — insisto, usando o último fôlego que me resta.

Nolan acena, me encarando. Minhas pernas tremem, e ele estoca cada vez mais forte dentro de mim.

— Sim, ela é apenas minha e do seu vibrador, é claro — ele debocha, e lembrar da sensação dos dois paus dentro de mim me rasgando e me preenchendo, lembrar daquela noite, misturado com o prazer que sinto agora, é tudo o que preciso para explodir.

Minha cabeça cai sobre ele e dou uma mordida forte em seu ombro para abafar o meu grito quando o prazer me atinge em cheio.

Minhas pernas tremem e minhas pálpebras pesam de modo tão absurdo que fecho os olhos por alguns instantes. Nolan não tira seus dedos de mim e quando o encaro, percebo o seu maxilar travado.

Engulo em seco.

— Desculpa — murmuro, me desculpando pela mordida.

Com certeza ficará roxo e deixará marcas. Nolan ri, estocando duas últimas vezes antes de tirar seus dedos de mim.

— Não se desculpe por gozar em meus dedos, muito menos por marcar o meu corpo como se fosse seu. É excitante ver cada arranhão, chupão e mordida que você deixa em mim. — Ele leva seus dedos melados para cacete até sua boca, chupando-os.

Aperto minhas coxas uma contra a outra, excitada somente com a visão. Suas íris esverdeadas recaem as minhas.

— E é ainda mais excitante ver o quanto você me deseja — provoca, e praguejo mentalmente por deixar isso tão óbvio para que até mesmo ele perceba.

Bufo, sem lhe dar uma resposta, visto que eu seria incapaz de negar o óbvio.

Droga, Ravena.

— Vou ao banheiro — aviso, me levantando da cadeira.

Nolan dá um meio sorriso e ajeita minha saia quando fico de pé, piscando em minha direção antes de eu me afastar.

Sinto o olhar do *bartender* correr pelo meu corpo, no entanto, Nolan o chama. E embora eu ache estranho que faça isso, sigo até o toalete para me limpar.

Não demoro muito para voltar, talvez uns seis minutos no máximo. Mas isso parece ser tempo o bastante para a maldita garçonete, que se olha na câmera do celular, retocando seu batom, tentar dar em cima dele.

Onde ela estava enquanto ele me fodia com os dedos?

Que droga, por que ela também não assistiu quão dedicado ele estava em me fazer gozar?

Por que diabos não viu a forma que seus olhos ficaram sobre mim?

Droga.

Ela sorri para o seu próprio reflexo, como se treinasse a expressão que irá usar.

Não se importe, Rav.

Não é da sua conta.

Não sinta ciúmes ou seja possessiva com algo que sequer lhe pertence.

Não faça nada.

Não se aproxime.

Não…

Ela guarda o telefone e anota o seu próprio número em um papel. Bufo, esquecendo a sensatez.

Faça-me o favor.

Ela passa de todos os limites.

O ato de puxar o papel de sua mão é automático.

— O que você está fazendo? — ladra.

Dou um meio sorriso.

— Não vamos mais comer — atesto o óbvio, cansada dela. — Então vou pagar.

— Nolan que deveria fazer isso, afinal, o preço do aluguel está incluso — fala em um tom de zombaria, como se esse mero detalhe fosse motivo o bastante para me impedir.

Reviro os olhos.

— Você é cega ou apenas descarada? — rosno, e ela entreabre os lábios com minha súbita irritação.

— O quê?

— Se você vê que uma pessoa está acompanhada, se coloque em seu lugar e não ouse se aproximar. Ainda mais se a pessoa em questão for Nolan, que para você deveria ser apenas “senhor Jones”.

— Você namora com ele? — A desgraçada tem a ousadia de questionar.

— Você pergunta o estado civil de todos os clientes? — Meu tom é extremamente rude e rio de modo debochado. Isso parece incomodá-la o bastante para desviar o olhar. — *Touché*, como eu pensei.

Ela não fala nada e estalo a língua, tirando o cartão preto de trás da capa do meu celular. Estendo-o em sua direção.

— Não se coloque em meu caminho outra vez e, de preferência, não fique onde meus olhos podem vê-la. Garanto não ser tão cordial se isso acontecer de novo. — Aperto meu punho com a ideia de Nolan vindo aqui sem mim e as unhas afiadas se enterram na minha pele a ponto de rasgá-la. Ignoro a pontada de dor.

Eu posso fazer isso com ela.

Na verdade, eu posso acabar fazendo isso em sua cara se ela continuar me irritando.

— Agora podemos seguir com o pagamento ou você é incapaz de fazer o seu trabalho? — rosno.

Ela engole em seco.

— Claro. Por aqui, senhorita…

— Crawford. — Sorrio ironicamente, meus olhos são furiosos e vou atrás dela sem dizer nada.

Estou finalizando o pagamento quando Nolan se aproxima.

— O que você está fazendo? — ele questiona, com o cenho franzido em confusão. — Achei que tivesse dito que ia ao banheiro. E o jantar?

Ergo meus lábios em um sorriso exageradamente carinhoso.

— Queria ir logo embora, acho que você tinha razão quando disse que a friagem poderia fazer com que eu adoecesse — minto, me escorando em seu braço. — Me sinto um pouco cansada. — Pisco algumas vezes para ele, fingindo inocência.

Nolan me encara com preocupação e preciso controlar o sorriso vitorioso.

— Você quer ir ao…

— Vamos para casa — murmuro, pegando meu cartão e o puxando para vir atrás de mim.

Ele não hesita, embora me olhe com estranheza.

Quando entramos no estacionamento, endireito minha postura.

— O que você quis dizer com “vamos para casa”? — ele indaga, e faço um gesto de indiferença.

— Que cada um vai para sua casa, isso não ficou claro? — Meu tom é rude e Nolan me fita dos pés à cabeça.

— Você parece ótima para quem estava tão cansada há alguns segundos.

Estalo a língua.

— Acho que eu precisava respirar um pouco de ar fresco — falo e inspiro fundo, gostando bem mais do clima aqui do que lá dentro.

Nolan ainda me encara com estranheza, mas um leve sorriso enfeita seus lábios. Olho para cima, com minhas mãos enfiadas no bolso da sua jaqueta, o seu cheiro fica em meu corpo e o sentimento de pura tranquilidade me acerta.

Uma brisa suave sopra contra meus cabelos enquanto fito o céu.

— A lua está linda hoje — comento, admirando-a.

— E as estrelas também — Nolan responde, me fazendo unir as sobrancelhas, uma vez que elas quase não estão visíveis.

Quando o encaro, o próprio tem sobrancelhas unidas, como se também não entendesse sua fala.

— Está tudo bem? — pergunto, e Nolan assente.

— Obrigado por ter vindo comigo hoje, você foi ótima tirando meu tédio. Espero que dá próxima vez realmente jantemos ao invés de só pedir.

Rio.

— Ao seu dispor. — Faço uma reverência zombeteira e caminho até meu carro. Porém, antes de entrar, olho em sua direção. — Obrigada por me emprestar a jaqueta e por ter me convidado. Prometo devolvê-la.

Ele pisca maliciosamente.

— Vá para casa em segurança.

Aceno.

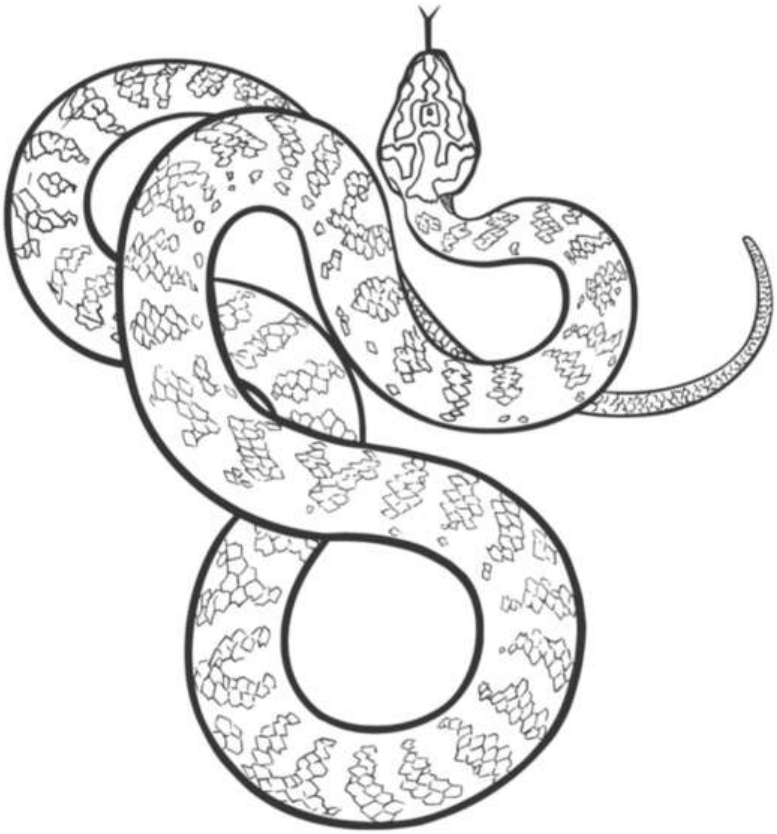
— Farei o possível — debocho e entro no carro, dando partida e cantando os pneus em seguida.

Vejo Nolan pelo retrovisor, ele continua parado. E embora eu tenha falado que faria o possível em um tom de indiferença, acabo fazendo exatamente isso.

E essa deve ser a primeira vez que dirijo tão cuidadosamente desde o dia que aprendi.

OceanofPDF.com

Capitulo 24



Não me deixe dirigir para casa
Pegue minha alma, eu preciso de controle
Agora que estamos sozinhos
Eu posso sentir seus batimentos
Heartbeat _ Isabel LaRosa

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Algo me incomoda profundamente na corrida de hoje, ou melhor, alguém.

Desde o momento que meus olhos pousaram sobre ela, ficou claro que tinha algo errado. A postura arrogante ainda era a mesma, o sorriso convencido ainda enfeitava seus lábios e a pretensão ameaçadora emanava dela mesmo à distância.

Mas o problema foram os olhos.

Os malditos olhos felinos que têm capturado completamente minha atenção estavam turvos.

Achei que ela estivesse drogada ou bêbada, porém, ainda assim tentei me aproximar. E, de fato, teria conseguido, se o meu nome não tivesse sido anunciado como o primeiro corredor da noite. Não tive escolha a não ser competir.

Mas agora que já venci e as pessoas comemoram à minha volta, meus olhos vagueiam à sua procura. Aiden fala alguma coisa, a próxima corrida é dele, da Rav e do David. Alex também comenta algo, no entanto, não os escuto.

Minha curiosidade e uma pontada de preocupação em saber o que há de errado com ela são o suficiente para que todos se tornem momentaneamente irrelevantes.

Meus olhos encontram o *Porsche 911* rapidamente, mas a única coisa que me importa é a sua dona sentada sobre o capô dele. Ravena normalmente começa a se preparar assim que a corrida anterior à sua termina, então por que ela ainda está sentada?

Por que sua cabeça está baixa e o corpo curvado? Por que ela balança sua perna e aperta sua coxa quase como se sentisse dor?

Que merda é essa, Rav?

Só me dou conta que estou caminhando em sua direção quando sinto meu braço sendo puxado.

— O que você está fazendo? — Aiden pergunta, confuso, Alex só me encara.

— Preciso checar uma coisa — murmuro, me soltando. Nenhum deles tenta me impedir.

Meus passos até ela são rápidos e a morena, sempre atenta, sequer se dá conta da minha aproximação.

— Ravena? — chamo e ela levanta sua cabeça lentamente, os lábios se curvam em um sorriso de lado.

— Jones. — Cumprimenta com um menear, percebo que ela endireita sua coluna e pisca algumas vezes, como se tentasse focar. — Bela corrida — elogia de forma provocativa.

Coloco minha mão sobre sua coxa e ela encara o gesto.

— Você bebeu? — pergunto, mas não sinto o cheiro de álcool vindo dela. Assim como suas pupilas não parecem dilatadas e ela não aparenta estar chapada.

E se estivesse, eu provavelmente saberia identificar.

— Claro que não bebi — ela bufa, me dando um leve empurrão. — Não sou idiota — ladra e desce do carro, ficando de pé ao ver que os outros se preparam para começar.

Ravena quase cai e se apoia em meu braço para se manter firme.

— Qual é o problema, então? — insisto e seguro sua mão com força, permitindo que ela se apoie em mim.

A morena dá um sorriso zombeteiro e mesmo algo estando visivelmente errado, sua forma de agir ainda é arrogante.

— Você está fazendo uma cena na frente dos outros, esse é o problema — debocha com desdém.

— Não me importo de chamar a atenção — ralho, incomodado com o fato de não saber o que está acontecendo.

Seus olhos percorrem meu rosto e ela aparenta julgar quão séria minhas palavras são. O estalo da sua língua é indiferente e absurdamente característico seu.

— Não, *huh*? — provoca, me analisando. — Então está bem, será você mesmo — diz, e antes que eu tenha tempo de raciocinar, Ravena segura meu rosto e me puxa para um beijo.

Seus lábios colam contra os meus e sua língua invade minha boca, sem esperar por um consentimento. Não que ela precise esperar por um, de todo modo.

Minha mão segura sua cintura e por um momento esqueço onde estamos, esqueço que aqui ela é minha rival, esqueço que todos os Víboras estão vendo minha boca engolir a sua, esqueço que ela irá correr contra Aiden e é difícil lembrar até o meu próprio nome, uma vez que o único que ecoa em minha mente nesse momento é o dela.

Ravena. Ravena. Ravena.

Ela tem gosto de algo doce, como se tivesse acabado de mascar um chiclete ou uma bala. Não há nada de errado na forma que sua língua disputa pela minha por controle, nem no modo que ela desliza as unhas na minha nuca e puxa meu lábio inferior com os dentes ao se afastar.

Não há gosto de álcool e nem mesmo de cigarro.

Não há nada de errado, exceto o fato de que ela parece quente, mais do que deveria ser normal.

Levo o dorso da minha mão até sua testa e faço o mesmo com a minha, a diferença de temperatura é absurda. Sinto os olhares sobre nós e escuto os burburinhos, mas não foco em nada além de Ravena, me encarando com a respiração ofegante.

— Você está doente? — pergunto, mas soa mais como uma acusação.

Ela ri.

— Achei que você fosse falar algo a respeito do beijo. — Faz um gesto de indiferença com as mãos. — Não se sente especial por ter sido o meu beijo da sorte? — provoca.

— Sinto — afirmo, e em um outro momento, eu até poderia focar nisso. Porém, não agora. Não quando há uma prioridade e ela ignora isso completamente. — Você está doente, droga. Por que vai competir essa noite se não se sente bem? — rosno, e ela abraça seu próprio corpo, como se sentisse frio.

Só então percebo que ela está com a jaqueta que dei e que coincidentemente também estou usando a minha, que Ravena me devolveu na quarta, antes da sua aula.

Estamos com a mesma peça de roupa.

— Não seja dramático, só estou um pouco enjoada e levemente quente. Quando eu vencer, posso ir pra casa descansar — fala, indiferente.

Droga.

— Por que você não pode ir descansar agora, porra? — ralho, aumentando meu tom. Isso parece irritá-la.

— Porque esse é meu acordo com a Alpha, está bem? Eu sou membro deles, mas tenho que correr todas as vezes. Não importa se eu estou com dor, se irei desmaiar no meio da pista ou se sofrerei um acidente. Eu fiz um acordo e escolhi que fosse assim, então fique fora disso — resmunga, passando por mim para entrar no *Porsche*.

Saio correndo em direção aos organizadores e faço uma pergunta, voltando com a mesma velocidade depois de conseguir a resposta.

Resposta essa que foi dada por Alex.

Ela sabe o que farei e não tentou me impedir.

A loira me fitou com os olhos cinzentos inexpressivos e ergueu o canto da sua boca em algo ínfimo que apenas ela é capaz de considerar um sorriso.

Quando me aproximo da pista, os carros já estão posicionados para darem a largada e a garota já caminha com as bandeiras para perto deles. Bato no vidro de Ravena, sentindo a atenção e a confusão de todos pairando sobre mim.

Ela desce a janela e me encara, seu rosto está pálido e sua cabeça escorada contra o volante. As íris azuis claramente não entendem minha aproximação.

— O que você está fazendo? — O tom é baixo e perdido.

— Abra a porta — peço, embora pareça uma ordem.

— Por quê? — Ela arqueia a sobrancelha.

— Eu não posso correr no seu lugar, mas posso estar no carro durante a corrida. Então faremos essa merda juntos, não deixarei você sofrer um acidente na pista ou desmaiar segurando o volante — garanto, e Ravena apenas entreabre os lábios.

Ela pisca várias vezes e fica parada por incontáveis segundos. A atmosfera entre nós parece mudar e juro que se não fosse o brilho cintilante em suas íris, diria que ela fica irritada.

Ravena ameaça falar algo, mas nada escapa por seus lábios e a única resposta que tenho dela é o barulho da porta sendo destravada.

Sorrio.

A adrenalina começa a se espalhar pelo meu corpo outra vez, sendo que sequer se recuperou da última disputa.

Entro no carro rapidamente e olho para o lado, onde o *Audi R8* está igualmente posicionado. Os vidros da janela de Ravena são fumê, então quando elas os fecha, aposto que Aiden não me enxerga. Mas isso não me impede de ver o sorriso no canto da sua boca.

Ele não está irritado, na verdade, parece quase se divertir.

Suspiro aliviado, não queria que minha relação fosse abalada por eu escolher o lado rival essa noite. Não queria que minha lealdade fosse questionada por eu optar por ela.

Olho para o lado, Ravena voltou a escorar sua cabeça contra o volante.

— Quão ruim a situação está?

Ela dá um meio sorriso.

— É só um enjoo — insiste. — Devo ter comido algo que não me fez bem, só isso.

— Certeza? Você aguenta até a linha de chegada?

— Você vai me ajudar? — pergunta, e existe uma vulnerabilidade tanto em seu tom quanto em seu semblante.

— Enquanto você não me empurrar para fora desse carro, não sairei do seu lado.

Ela engole em seco, acenando, e respira fundo algumas vezes.

A mulher pergunta se estamos prontos depois de checar se eu posso mesmo estar dentro do carro. Concordamos com um aceno.

Ela faz a mesma coisa com os outros e me aproximo completamente de Ravena, quase ficando fora do meu banco ao fazer isso. A morena me olha com confusão, mas não questiona quando coloco minha mão no volante.

Se ela vai mesmo competir, garantirei que vença.

Não olhamos para a pista, suas íris estão focadas em mim da mesma forma que as minhas recaem apenas sobre ela. Entretanto, estamos tão acostumados com isso, tão adaptados ao ambiente, que acenamos um para o outro no segundo que a largada é dada.

O ronco do carro ao sair em disparada é alto, poderoso. A velocidade que o *Porsche* alcança em questão de segundos é impressionante e reparei isso desde a primeira vez que sentei no banco de couro e senti o motor poderoso sobre meus pés.

Ravena sorri largamente, como se fosse uma maníaca. E por mais estranho que isso seja, acho o gesto extremamente atraente.

Por quê?

Por que diabos acho atraente?

Eu deveria estar pensando em quão irresponsável ela é ou em quanto parece disposta a bater na traseira do Aiden.

Cacete.

— A estrada de hoje é uma linha reta, é apenas sobre velocidade — explica, e quando reparo no capô a centímetros da traseira do *Audi*, jogo o volante para a direita, obrigando-a desviar.

— Que merda, achei que você estava me ajudando — ladra, mas até mesmo esse som é mais fraco que o comum.

— E estou, porra. Ou você quer bater? — rosno, e Rav apenas dá de ombros, apertando o pé mais fundo contra o acelerador.

Encaro o velocímetro subindo rápido demais.

Duzentos e noventa.

Trezentos.

Trezentos e dez.

Trezentos e vinte.

Ela o ultrapassa, jogando o carro na frente do *Audi* em uma manobra perigosa. Os pneus chiam e meu corpo é jogado para o lado.

Olho em sua direção para ladrar alguma coisa, mas seus olhos estão vidrados na pista.

Completamente concentrados.

Ou não tanto, porque a cada vez que Ravena pisca, seus olhos demoram um segundo extra para abrir.

Porra. Porra. Porra.

— Fale comigo — ordeno no exato instante que Aiden acerta a frente do *Audi* contra nós e ela deixa sua cabeça ir para frente, apertando a buzina. — Cacete, Rav. Fale comigo — rosno, e seus olhos se arregalam, assustada.

Tanto com a buzina quanto com meu tom.

— Falar o quê? — Sua voz sai arrastada, e ela tenta sorrir.

Não faça isso se você não está bem, droga.

Assumo o controle do volante e ela não se opõe, seus dedos — que estavam brancos com a força que usava contra o material revestido em couro — praticamente se soltam.

Porém, seu pé segue firme contra o acelerador.

A mistura de adrenalina, medo e preocupação me atinge, fazendo com que eu fique desesperado. Aiden tenta passar por nós e bloqueio cada uma das tentativas.

— Nada mal, Jones. Nada mal — cantarola, provocativa, suas pálpebras estão cada vez mais baixas e sinto vontade de empurrar os outros carros para fora da pista, somente para que eu possa fazê-la acordar.

Droga.

Trezentos e quarenta.

A velocidade que estamos é absurda, seu corpo é jogado para todo lado junto com o carro e fico angustiado ao saber que o retorno se aproxima. Se não diminuirmos, não terá como passar.

— Tire o pé do acelerador — murmuro, nenhuma resposta vem dela. — Ravena? — Olho para o lado, permitindo que meus olhos saiam da pista por alguns míseros segundos.

— Hum? — geme, abrindo uma pequena fresta dos seus olhos.

O desespero faz minha cabeça doer.

O medo deixa meus dedos tremerem.

Meu coração acelera e enquanto o carro está em trezentos e quarenta quilômetros por hora, ele deve bater em cento e trinta por minuto.

Porra. Porra. Porra.

Lembro da sua determinação dizendo que esse era o seu acordo com a Alpha e que ela tinha escolhido isso. De fato, essa é uma escolha apenas dela.

Mas quer saber? Estou pouco me fodendo, porque Ravena disse que precisava participar, não ganhar.

Ela não precisa ganhar todas.

Giro o volante para o lado esquerdo, onde nenhum dos dois carros tenta nos fechar, e puxo o freio do *Porsche*. Nosso corpo é jogado para o lado, a poeira sobe e os pneus giram da maneira exata que calculei.

Respire, Nolan.

Aiden, que estava na nossa cola, e David, que ficou bem para trás, saem em disparada na nossa frente. A disputa agora é somente entre os dois, mas não me importo.

A vitória é irrelevante, a corrida é uma idiotice, os carros são fúteis e a velocidade é insignificante. Tudo se torna banal quando comparado ao desespero de ver seus olhos se fecharem.

Nada importa além do desespero que sinto ao ver Ravena apagar.

OceanofPDF.com

Capitulo 25

Onde quer que eu esteja
O final sempre será você
Porque estou me apaixonando lentamente por você
Por tanto tempo esperei
Spring Snow _ 10CM

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Eu não desmaiei e muito menos perdi a consciência em momento algum.

Meu corpo inteiro estava pesado desde o instante que acordei, eu senti meu estômago doendo e vomitei pelo menos três vezes no decorrer do dia. Eu verdadeiramente não queria fazer nada, mas isso não parecia uma opção.

Hoje era dia de corrida.

Eu não podia simplesmente dizer que não participaria, como Jake fez.

Então, assim como já aconteceu outras vezes, obriguei meu corpo a se mexer. Obriguei meu cérebro a funcionar e obriguei minhas pernas a caminharem.

Achei que seria fácil.

Eu já tinha feito isso antes e ninguém sequer havia reparado que eu estava mal, afinal, sou muito boa fingindo.

Mas essa noite foi diferente e embora eu tenha me esforçado da mesma maneira, embora eu tenha calculado a arrogância perfeita e até tenha treinado o sorriso falso, Nolan percebeu.

Ele realmente notou, mesmo à distância.

Me pergunto como ele fez isso. Talvez eu não seja tão boa quanto penso ou talvez ele tenha percebido no instante que meu estômago doeu com tanta força que me curvei de dor.

Droga, somente lembrar a sensação me causa arrepios. Achei mesmo que iria chorar na frente de todos.

O que, para minha sorte, não foi o caso.

Nolan acabou me distraindo e o beijei na tentativa de que ele esquecesse que havia algo de errado. Mas é claro que isso não deu certo. É claro que ele veio atrás de mim e entrou no meu carro junto comigo.

Fiquei tão surpresa que não consegui reagir.

Não acreditei que Nolan estava mesmo disposto a correr contra sua própria fraternidade. Se for para ser sincera, até agora não acredito.

Rio.

Será que eu já tinha bebido mais cedo e não lembro?

A vontade de vomitar retorna, mesmo comigo já tendo tomado pelo menos dez comprimidos para isso. Então, viro outro gole de *whisky* na minha boca.

Se eu estiver bêbada, ao menos não sentirei nada.

Esse foi o pensamento que tive dentro do carro enquanto minha cabeça pesava tanto que precisei fechar os olhos, porque mantê-los abertos exigia muito esforço. E esse também foi o pensamento que executei desde que cheguei, há uns quarenta minutos.

Ao menos eu acho que foram quarenta.

Não sei, para ser sincera, estou confusa em relação à ordem dos eventos. Sei que eu estava no carro, que fechei os olhos porque era impossível mantê-los abertos, que Nolan freou com tudo e que perdi a corrida. Sei que o provoquei, dizendo que tinha sido um cochilo, que ele me pediu para esperar enquanto falava algo com Alex e que garantiu me trazer em casa. Sei que acenei, mas chamei um carro de aplicativo e vim sozinha, deixando o *Porsche* com a chave e tudo para trás. E sei que não aceitei sua ajuda porque não achei justo.

Nolan ganhou a primeira corrida, ele ainda tinha que competir na final. Então como diabos largaria tudo por uma idiotice dessas? Seria patético.

Além de que, sempre sobrevivi sozinha. Já tive infecção, gripe, febre, virose, intoxicação alimentar e até já me virei bem com um gesso no braço. Logo, sou mais do que capaz de ficar só.

De novo e de novo.

Quase rio, é sempre assim. Será que entrei em um ciclo vicioso onde todos os acontecimentos da minha vida são iguais? *Ou… não sei.*

Acho que talvez eu já esteja bêbada.

Será que é por isso que o meu corpo não dói mais? Talvez.

Tremo com uma brisa suave vinda da janela e me abraço, tentando gerar calor humano.

Porra, por que diabos o whisky *não está esquentando meu corpo também? Que irritante.*

Quase tão irritante quanto a campainha tocando há uns dois minutos seguidos.

Que falta de educação. Se a pessoa não abriu durante esse tempo, ou ela quer ignorá-la, ou não está. Então por que a maldita pessoa não desiste?

Bufo com a dor na minha cabeça iniciando devido ao barulho constante e me levanto, praguejando todos os palavrões que conheço.

E olha que eles são os mais diversificados possíveis.

— Que merda? Não está claro que não quero visitas? — rosno, abrindo a porta sem olhar pelo olho mágico.

Normalmente, se batem na minha casa por engano, minha grosseria sempre faz a pessoa se afastar pedindo desculpas.

Mas hoje só faz o invasor passar por mim como um trator.

Ameaço cair no chão com o esbarrão, mas sua mão segura minha cintura e impede de me machucar.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, confusa, olhando para as íris verdes.

Ele me endireita.

— Você bebeu — acusa, seus olhos flamejam.

— E daí? — Dou de ombros. — O que você está fazendo na minha casa? — insisto.

— Você sumiu. Procurei por você na Alpha, achei que tivesse ido falar sobre minha participação na corrida com o seu líder.

Rio.

— Você acha mesmo que eu me importo com o que os outros pensam? — zombo.

— Não, não acho. Mas eu estava preocupado e agi por instinto. Eu deveria ter vindo primeiro para cá, eu sei. Só que quando eu procurei por você e vi apenas a chave, enlouqueci. Pensei que pudesse ter se machucado, que poderia estar com Jake ou que teria desmaiado no meio da maldita pista e fosse ser atropelada. — Ele leva à mão até suas têmporas.

— Mas e a sua corrida?

Nolan bufa uma risada.

— Você acha mesmo que eu iria correr sem saber o seu paradeiro? — Seu tom é puramente sarcástico. — Eu já tinha desistido da vitória no instante em que percebi que tinha algo de errado com você.

Pisco.

— Você desistiu — absorvo a informação.

— Sim e você bebeu — ladra.

— Sim — afirmo. — Por que você desistiu?

— Eu já disse, você não estava lá.

— Mas que diferença faz?

— Eu não sei, está bem? Mas quando você não está, as corridas perdem a graça. E se você não estiver bem, eu fico irritado. E essa sua mania ridícula de não se importar com sua própria vida está me fazendo perder a cabeça todos os dias e o sono todas as noites. — Ele trava o maxilar, dando um passo para perto de mim. Sua expressão é absurdamente séria.

Acho que nunca o vi tão furioso. Seus dedos vão até minha testa, mas sua mão está tão fria que um calafrio me atinge.

— Porra, Ravena — ralha, e faço um biquinho, sem entender por que sinto uma súbita vontade de chorar.

Não seja carinhoso ou preocupado, Nolan. Sua versão engraçadinha e convencida já é perigosa o bastante.

Meu corpo treme e sinto vontade de me jogar em seus braços, apenas aceitando qualquer migalha de afeto. Eu aceitaria tudo nesse momento.

E talvez amanhã eu me arrependa desse pensamento, talvez quando o álcool sair da minha corrente sanguínea e o meu cérebro voltar ao normal, eu perceba o quão errada e patética fui.

Mas agora tudo o que eu queria era deixar as lágrimas rolarem em minha bochecha, enquanto assumo que fugi porque não sei ser cuidada. Fugi porque não consigo demonstrar nenhum tipo de afeição, muito menos recebê-la. Fugi porque não queria preocupá-lo e prefiro ficar sozinha como sempre do que correr o risco de experimentar algo que nunca irá me pertencer. Fugi porque tudo o que tenho a oferecer é sexo e respostas ácidas. Fugi porque eu o julgava como fútil e sem conteúdo, quando na verdade essas características pertencem unicamente a mim e eu não queria assumir. Fugi porque meu coração bateu de uma forma que não deveria ao vê-lo entrar no carro.

De um modo perigoso o bastante para me deixar apavorada.

— Você já tomou algum remédio? — ele pergunta, e tudo que faço é encará-lo, mordendo o canto da minha boca para não chorar.

Que droga, Ravena.

Por que você quer chorar?

Aceno e indico as cartelas de comprimido no chão, Nolan arregala os olhos.

— Que porra, você está tentando ter uma overdose ou o quê? — rosna, e travo o maxilar.

Não vou chorar.

Não sou o ser humano patético que chora quando adoece.

Faça-me o favor.

— Se for isso, não é da sua conta — ladro com a voz embolada.

— Droga, Ravena. Se você está tentado se matar, apenas me avise para que eu possa ir junto.

— O que você está achando? Que somos Romeu e Julieta? — zombo.

— Não, mas se você parece tão determinada a acabar com sua vida, faça esse favor para mim e acabe com a minha também. Ao menos assim poderei usar uma desculpa para não me sentir tão culpado por descumprir minha promessa e o fardo acabará.

Mordo minha língua com força.

Não fale assim.

Não fale dessa maneira porque inexplicavelmente dói.

Não aja como se vivesse apenas porque é obrigado, não quando você brilha tanto e consegue iluminar todos à sua volta.

Não quando sua morte seria a destruição de tantos.

— Não fale tanta merda, eu não estava tentando me matar. Eu apenas me virei com o que eu tinha, está bem? Foi assim que fiz a vida inteira e até hoje sigo bem.

Ele parece quase… aliviado?

Mas esse alívio é por mim ou por si mesmo? Nolan encontrou algum motivo para querer viver além da sua promessa?

— Por que tantos remédios? — pergunta cuidadosamente, e meus ombros cedem, cansada de sempre esconder tudo.

Os sentimentos, pensamentos e até mesmo o real motivo por trás de cada atitude.

— Porque eu estava com dor, muita dor. Mas eu mal tomava um e corria para o banheiro com a vontade de vomitar.

— Por que não chamou um médico?

Reviro os olhos.

— Porque isso é exagerar. Deve ser apenas uma intoxicação ou sei lá. Não é nada sério, eu sei que ficarei bem quando descansar — afirmo, meu corpo tremendo bem na sua frente com o frio. — Agora se me der licença, farei exatamente isso.

Ouço quando ele suspira fortemente, seus dedos seguram meu pulso com gentileza.

— Você precisa primeiro diminuir a febre. Depois que fizer isso, prometo ir embora e deixá-la descansar, está bem? — Suas íris são tão intensas que apenas aceno.

Nolan segura minha mão e me guia em direção ao banheiro. Seu pedido é para que eu tire as roupas enquanto ele enche a banheira.

Ele fica de costas e provavelmente espera que eu fique com a calcinha e com o sutiã, mas caminho em sua direção completamente pelada. Vejo seu maxilar travar quando ele desvia o olhar.

Nolan ainda está sério demais e isso me incomoda.

Não gosto dessa expressão em seu rosto.

Gosto do Nolan provocativo, que sempre zomba de tudo e me faz rir das coisas mais idiotas.

— Pode entrar — avisa, indicando a banheira.

— Sei disso — bufo.

— Então por que ainda não entrou?

— Porque está fria, é óbvio — resmungo. — Sabe, você deveria tirar a camisa. É injusto que eu seja a única com tanta pele à mostra.

— Se eu fizer isso, você entra na banheira?

— Sim — assinto firmemente e quando o vejo puxar a blusa por cima da cabeça, jogando-a no chão com indiferença, percebo que Nolan está agindo como eu.

E por uma fração de segundo, me pergunto se temos passado tanto tempo juntos a ponto de nossas personalidades começarem a se moldar uma na outra, se adaptando a uma nova abordagem quando preciso.

Encaro a água transparente com pesar e me enfio na maldita banheira de uma única vez, preferindo sempre uma dor imediata no lugar de uma repartida.

Todo meu corpo questiona minha decisão idiota e solto um suspiro pesaroso, sentindo meu queixo tremer. A sensação é terrível.

Nolan se aproxima da banheira e se senta em frente a ela, com suas costas escoradas na parede.

— Por quanto tempo preciso ficar aqui? — indago, com o frio me fazendo tremer de dentro para fora.

— Só por alguns minutos — afirma, e o encaro, seu olhar não segura o meu como costuma fazer.

— Por que você está me olhando assim? — resmungo, me apoiando na borda da banheira para fitá-lo. Meus braços ficam do lado de fora.

— Assim como? — Sinto seu olhar de esguelha recair sobre mim.

— Como se estivesse irritado.

— E eu realmente estou. Você não deveria ficar sozinha — reclama.

Mas nós não temos nada, eu deveria tê-lo chamado?

O que eu deveria ter feito, Nolan?

Entreabro meus lábios para falar o que se passa em minha mente, no entanto, me contenho e desisto da ideia.

— Ainda assim, mesmo irritado, não me olhe dessa forma — peço.

Ele bufa.

— E como eu devo olhá-la? — pergunta seriamente, e penso na resposta.

— Depende do momento. Se for na hora do sexo, olhe como se eu fosse a deusa da luxúria, me encare como se fosse me devorar e nada além do meu corpo importasse. Se for na hora das corridas, me olhe como se eu fosse um desafio, me encare como se eu fosse uma oponente assustadora. E se for quando estivermos sozinhos, me olhe como se eu fosse única, me encare como se você se importasse.

Bebida do caralho.

Ele trava o maxilar, me encarando. Nolan não parece fazer nenhum esforço para me fitar como se eu fosse única, da exata forma que pedi para que ele fizesse.

— Assim está bom? — questiona.

— Sim — confirmo, e ele ri. — Isso também é bom, sorria de novo, você combina com essa expressão — peço e levo minha mão até seu rosto, batendo meu indicador na ponta do seu nariz.

Nolan me olha com o semblante sério.

— Por que você está tentando me fazer sorrir?

Porque eu não suporto vê-lo dessa maneira tão séria. Eu gosto do brilho nos seus olhos, das provocações e do seu sorriso.

Eu gosto muito dele, então sorria para mim.

Ignore todas as coisas que eu disse antes, ignore minhas falas e atitudes mesquinhas, ignore cada idiotice que escapou pelos meus lábios e apenas sorria para mim.

— Porque eu não aguento mais ter que fingir ser a bem-humorada dessa relação — falo com desdém, e ele ri.

— Relação, *huh*? — zomba com um sorriso provocativo no canto dos seus lábios.

Meu coração faz aquela coisa irritante de novo.

Que saco.

— Até mesmo um morto e um necrotério possuem uma espécie de relação, não se sinta especial — desdenho.

Embora, de alguma forma, você esteja se tornando exatamente isso e sequer sei definir quando essa mudança começou.

— Você é sempre tão cruel, Ravzinha — cantarola, dramatizando ao levar a sua mão ao peito.

Sorrio e sinto o frio começar a me abandonar, o que significa que minha febre está mais baixa e logo Nolan irá embora.

Droga.

Olho ao redor, pensando em uma justificativa para fazê-lo ficar alguns minutos extras. A prateleira com os produtos de higiene parece me chamar.

— Meu cabelo está suado e pesado, mas não tenho força para lavá-los. — Mostro minha mão e deixo-a propositalmente relaxada para que Nolan acredite.

Lavei o cabelo ontem, mas minto porque quero perdurar esse momento por um pouco mais de tempo.

Eu não quero que ele vá.

— Lava para mim? — peço, piscando inocentemente. Nolan me analisa e acena de forma lenta.

Sorrio, me controlando para não deixar que ele note minha felicidade em conseguir o que desejo.

— Quero aquele shampoo preto ali. — Indico o frasco escuro e ele se levanta para pegá-lo.

Quando volta, sorrio largamente para ele e me ajeito na banheira, permitindo que ele se ajoelhe perto de mim para lavar meus cabelos.

Seus dedos e o toque são suaves. A tensão em meus ombros, que eu sequer havia reparado, se desfaz.

Apoio minha cabeça na borda da banheira, ajudando seu serviço. Passamos alguns bons minutos em um silêncio confortável, onde apenas

estar em sua companhia é o suficiente.

O polegar desliza pelo meu couro cabeludo e suspiro, sentindo a delicadeza com que ele faz isso.

— Nolan? — chamo-o, quebrando o silêncio.

— Hum?

— Obrigada por hoje, Flynn Ryder — murmuro somente porque o fato dele gostar do filme fica voltando ao meu subconsciente. Mas ouço sua engolida em seco.

Ele se incomodou de ser chamado assim? Não sei.

Nolan demora vários minutos para responder algo, na verdade, ele leva tanto tempo que até desisto de esperar sua resposta.

Porém, ela vem em um sussurro abafado:

— Ao seu dispor, Rapunzel. — O tom é afetuoso e suspiro, totalmente tranquila com seus dedos massageando meu couro cabeludo.

Fico mais relaxada a cada segundo.

Não sei em que momento adormeço, quando minha febre passa e nem quando ele me tira da banheira. Não sei de nada, mas tenho certeza de que sinto a presença de Nolan ao meu lado durante cada segundo da noite.

OceanofPDF.com

Capitulo 26

Agora ela está aqui brilhando à luz das estrelas
Agora ela está aqui, de repente, eu sei
Se ela está aqui, é claro que
Eu estou onde eu deveria estar

I See The Light _ Mandy Moore

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

— Você está parecendo um psicopata, não sorria dessa forma — rosno, caminhando na sua frente.

— Você disse que eu combinava com essa expressão — Nolan cantarola, acelerando seu passo para ficar bem ao meu lado.

Bufo.

— Isso foi há uma semana, eu estava bêbada e com febre. Sequer lembro de alguma coisa — minto descaradamente.

Ele me faz fitá-lo, com um sorriso malicioso nos lábios.

— Então como sabe que foi nesse dia que disse isso? Afinal, essa não foi a primeira vez que você ficou bêbada perto de mim — provoca, e entreabro os lábios.

Realmente não foi a primeira vez.

Droga.

— Só supus — murmuro com indiferença e agradeço por Nolan não ter tempo de replicar algo, uma vez que paramos em frente ao atendente do cinema.

O homem não pede nossos bilhetes porque me reconhece da última vez que estive aqui. Ele ergue seus lábios e meneia a cabeça, liberando nossa passagem.

Nolan expande ainda mais o seu sorriso e me pergunto se suas bochechas não doem ao fazer isso.

— Se continuar sorrindo dessa forma, o colocarei em uma sessão de terror. Talvez alguém lá queira lhe escalar como personagem principal de uma segunda trama — resmungo, embora ver o brilho cintilante em seus olhos e perceber o quão feliz ele está, sem sequer saber o que vamos assistir, me faça querer sorrir junto com ele.

— Não seja tão amarga, faz mal para o coração — argumenta seriamente e leva a mão ao peito para ilustrar sua fala.

Faço um gesto de indiferença.

— Gosto de ser amarga.

— Está bem, então serei sua dose de açúcar. — Ele entrelaça seu braço no meu e sorrio.

— E se, na verdade, eu quiser espaço? — Indico o ponto onde nossos corpos se tocam e Nolan estala sua língua.

— Posso ser um astronauta.

Rio.

— E se eu quiser um tempo?

— Serei um relógio — afirma seriamente, e meu sorriso espelha o seu.

— Você é um idiota.

— E você também combina com essa expressão. — Seus olhos se concentram em meu rosto e o polegar desliza suavemente no canto dos meus lábios, erguidos em um sorriso. — Você combina com a felicidade, ela lhe cai bem.

— Realça minha beleza, *huh*? — provoco, somente porque não consigo pensar em algo bom o bastante para lhe responder.

— Infelizmente, sim — assume, e me arrependo de não ter ficado calada. — Chega a ser até injusto com as outras pessoas.

Engulo em seco.

— Vamos perder o início do filme — aviso, ignorando sua fala. — Vamos lá. — Puxo sua mão para que ele me acompanhe e Nolan não hesita.

Ele nunca hesita.

Meu estômago embrulha de uma maneira incômoda e travo o maxilar, me dando conta que isso é pura ansiedade.

Por que estou ansiosa? Por que me importo se Nolan gostará ou não do que planejei? Por que meus pés desejam dar meia-volta e o arrependimento já me atinge?

Droga.

Desde quando faço planejamentos para outras pessoas? Qual é a porra do meu problema? O que eu tinha na cabeça quando decidi fazer isso?

— Por que você está tensa? — pergunta quando me detenho nas escadas que levam à sala luxuosa. Nolan está tão atento a mim que não percebe de imediato que estamos completamente sozinhos.

— Não estou tensa — respondo, fingindo indiferença.

Volto a descer as escadas e ele entreabre seus lábios para falar algo, no entanto, se detém.

Você percebeu?

— Rav? — murmura.

— Sim?

— Acho que entramos na sala errada — avisa, e faço um gesto indiferente com as mãos.

Continuo descendo até entrar em uma fileira aleatória e sentar na cama que substitui a poltrona, ele me acompanha.

— Não entramos — afirmo, e Nolan se senta ao meu lado.

— Mas não tem nenhuma outra pessoa além da gente — expõe o óbvio.

— Eu sei, essa é uma sala VIP e o acesso é restrito.

— A nós? — Ele franze o cenho.

Não.

— Algo assim — falo com indiferença. — Não gosto de ter outras pessoas falando e enchendo meu saco enquanto assisto um filme.

— Mas se você não veio até aqui aproveitar a experiência em conjunto, por que nós não fomos apenas assistir algo na sua sala de cinema?

Exato, Ravena.

Por que fez isso, você é idiota ou o quê?

Porra.

— Eu queria vir ao cinema, só isso — desdenho, querendo que ele pare de fazer tantas perguntas que eu sou incapaz de oferecer as respostas. — Você deveria aproveitar para pegar algo para comer. — Indico o telão ainda desligado, falando a primeira coisa que se passa na minha cabeça.

Nolan me olha com estranheza, mas faz exatamente isso. Ele se afasta, dizendo que volta antes do filme começar, e pego o meu celular para mandar uma mensagem.

No entanto, antes que eu tenha tempo de fazer isso, ouço os passos se aproximando e vejo Janet trazendo a caixinha preta.

— Tivemos um problema técnico na hora de preparar a exibição de *Enrolados*, mas já resolvemos e o filme irá começar no instante que a senhora der o sinal — avisa, antes mesmo que eu tenha tempo de perguntar algo.

— Está bem. — Aceno, ficando de pé quando ela se aproxima ainda mais.

— Aqui está o cartão de acesso restrito. — Ela me estende o pedaço de plástico preto e o aceito. — Como você comprou a sala VIP, ela ficará constantemente vazia e pronta para recebê-lo. E sempre que o dono, o senhor Jones, quiser assistir algum filme, basta mostrar esse cartão.

Concordo com um meneio de cabeça.

— Mas todos os filmes que selecionei estão como prioridade? — questiono. — É de extrema importância que ele sempre possa vir aqui para assisti-los e que não precise perder tempo enquanto vocês organizam a exibição do filme escolhido.

A mulher lança um sorriso nervoso em minha direção.

— Não se preocupe, senhorita Crawford. Recebemos a lista com todos os filmes da *Disney* e essa pré-seleção feita pela senhora deixa mais fácil a exibição imediata.

— Certo, espero não ter nenhum problema em relação a isso — murmuro, e a mulher sorri outra vez, agora me estendendo a caixinha preta.

— Os dois colares de *Enrolados* ficaram prontos e… — Ela fica calada, olhando para algo atrás de mim.

Rio com a ironia.

Não preciso virar para saber que se trata de Nolan, posso sentir sua presença e ouvir sua respiração.

Droga, suas íris queimam minhas costas.

Pego a caixinha e dispenso a mulher com um aceno, sem esperar que ela termine de falar o que pretendia. Viro para encará-lo.

— Você foi rápido. — Meu tom é propositalmente frio, na intenção de não dar muita importância para isso.

E daí se comprei uma sala de cinema para que ele sempre possa ver Enrolados*? Eu tenho dinheiro mais do que o suficiente para comprar o maldito cinema inteiro.*

Não foi nada demais.

Mas se não é nada demais, por que Nolan está me olhando dessa forma? Porra, por que seus olhos estão brilhando dessa maneira e por que meu coração está irritantemente acelerado?

— Eu vinha perguntar se você queria pipoca doce também — murmura. — Mas… — Seus olhos desviam até a caixinha e o cartão na minha mão.

Claro que ele seria incapaz de fingir que não ouviu.

Maldito.

Me aproximo dele a contragosto e lhe estendo os dois objetos de qualquer jeito, praticamente jogando-os em sua direção.

— Quanta gentileza — provoca, com um sorriso de lado. Ele parece nervoso e quase rio, aliviada por essa reação. Suas íris esverdeadas procuram as minhas. — Por que você me deu uma sala de cinema, Crawford?

Queria que você tivesse um porto seguro.

E por mais que eu, inconscientemente, queira ser isso para você, eu ainda queria que você tivesse um lugar além das pistas e festas para recorrer.

— Eu já disse que não gosto de ficar devendo nada a ninguém, digamos que é um pagamento por você ter abandonado sua corrida para verificar se eu estava bem.

Nolan ri.

— Você é bem generosa recompensando os outros, *huh*? — debocha.

— Dizem que essa é uma das minhas maiores qualidades — zombo, e ele ri outra vez.

— Se eu não a conhecesse, poderia acreditar que você e a generosidade são capazes de andar juntas na mesma frase.

Rosno, encarando-o com desdém de cima a baixo.

Ele dá um passo para frente.

— E os cordões? Também fizeram parte do pacote “Ravena e generosidade”? — Sua voz está baixa e balanço a cabeça em confirmação.

— Claro, ele é bem grande — afirmo prontamente, e Nolan me encara por alguns segundos, antes de abrir a pequena caixa e fitar os cordões ali dentro.

Mandei fazer um para ele e um para Liz, eu queria que a garota estivesse viva para poder usá-lo. Verdadeiramente queria ter tido o prazer de conhecê-la.

Eu teria gostado dela simplesmente pelo fato dele amá-la tão intensamente.

Eu teria gostado dela porque ele não carregaria tanta culpa.

Droga, eu teria gostado muito dela somente por ser irmã de Nolan Jones.

Ele não fala nada, seu olhar fica preso na caixa e acabo fazendo o mesmo. O dele tem uma corrente maior e tem um sol de *Enrolados*, com uma pedrinha roxa no meio. Ao passo que o dela é um coração roxo com a coroa da Rapunzel em cima.

Os dois combinam um com o outro e mesmo sem nunca ter visto uma foto dela, acho que ambos gostariam de usar isso juntos.

Sorrio, pensando na hipótese impossível e ergo o olhar para encará-lo, já encontrando-o com as íris cintilantes sobre mim.

Engulo em seco.

A atmosfera parece mudar, o ar fica completamente rarefeito e respirar se torna algo levemente mais difícil. Ele entreabre a boca como se quisesse falar algo, mas então volta a fechá-la.

— Não me olhe assim. — *Por favor, não desvie e não pare.* — Não transforme isso em algo grandioso.

Nolan ergue seus lábios.

— Você encomendou um colar e comprou uma sala de cinema especificamente para mim. Acredite, isso é algo grandioso.

Reviro os olhos.

— Eu teria feito a mesma coisa por qualquer pessoa que eu estivesse devendo algo. Não significa nada — tento, porque eu verdadeiramente gostaria que não significasse nada.

— Claro. Sua generosidade é, de fato, inquestionável — ele diz de modo sarcástico. Um meio sorriso enfeita seus lábios e faço o mesmo.

Nolan nunca se abala se minhas palavras são rudes, nunca se incomoda com minhas atitudes e sempre corresponde à altura a cada provocação.

Droga.

Por que você precisa ser tão bom nisso? Em ser você mesmo?

Por que você precisa me entender melhor do que eu? Por que você ainda não fugiu?

Assisto Nolan colocar o cordão em seu pescoço e cruzo os braços, rindo com a dificuldade em prender o fecho.

— Sabe, qualquer ser humano teria se oferecido para ajudar nesse momento de angústia, mas enquanto isso você ri — resmunga.

— Será que isso significa que sou um extraterrestre? — cogito em voz alta, e ele me olha horrorizado.

— Não fale essas merdas nem brincando, isso significa que eu teria fodido um *alien*. — Ele finge um arrepio.

— Você tem medo ou nojo? — Rio.

— Os dois! Você já viu quão horrenda essas coisas são descritas? Sempre verde, com cabeção e muita baba.

— Se você não tivesse dito a parte da cor, acharia que estava descrevendo seu pau — opino, e ele ergue seus lábios com malícia.

— Você tem pensado nele, *huh*? — zomba. — Mas eu nunca ousaria descrever meu valioso pau deixando de fora suas duas maiores qualidades.

— Que seriam? — Arqueio as sobrancelhas

— Tamanho e grossura.

— Que bom que você não disse funcionalidade — debocho, e ele ri.

— A funcionalidade é um puta bônus que você já experimentou, Ravzinha — diz, ainda lutando para prender o colar.

Encaro-o.

— Você quer ajuda? — ofereço, e Nolan me encara com horror.

— Agora? Você me viu sofrer por uns cinco minutos e oferece ajuda assim que termino? — desdenha. — Você não é um *alien*, é um aprendiz do diabo, isso sim.

Rio do exagero e admiro o colar contrastando na blusa.

— Ficou bonito — elogio, e ele sorri.

— É, Crawford. Até que você sabe escolher um presente — fala, e franzo o cenho quando o vejo tirar o outro colar da caixa, ameaçando trazê-lo para perto de mim.

Perto demais, quase como se fosse colocá-lo em mim.

Dou um passo para trás.

— O que você está fazendo? Esse colar não é para mim, é para Liz — murmuro em um tom suave.

Nolan paralisa, sua mão fica estática no mesmo movimento e ele encara a peça. Seus olhos brilham e mordo o canto da boca, praticamente implorando para que ele não desabe.

Da última vez você não viu minhas lágrimas na escuridão, mas agora você as veria. Veria que chorei pela sua dor. Veria que eu me importo mais do que imagina.

Não chore, Nolan.

Não chore, por favor.

— Liz costumava dizer que era o Pascal. — Ele pigarreia com um sorriso saudoso brincando em seus lábios. — Ela ria do pequeno animal e o achava fofo. Um dia até me pediu para encontrar uma Rapunzel que a vestisse com roupas bonitas e a levasse para todo lado, assim como a princesa faz.

Não chore, Ravena.

Não chore, por favor.

— Eu teria comprado roupas bonitas e a levaria para todo lado — afirmo, na falha tentativa de consolá-lo.

Nolan me encara e sorrio para ele, que pisca várias vezes seguidas, visivelmente afastando a vontade de chorar. Porém, ainda assim, uma lágrima solitária escorre em sua bochecha.

Meu peito dói como se eu quem tivesse perdido alguém.

— Liz teria gostado de você, ela acharia você parecida com uma princesa e iria querer imitá-la em tudo. Eu enlouqueceria. — Ele dá um sorriso, como se pensasse no cenário. — E ela também lhe daria o cordão, diria que isso parece algo de casal e que você quem deveria usar. Então, por favor, aceite.

— Eu…

— Por Liz, aceite — sussurra o pedido em um tom baixo e sou incapaz de negar.

— Está bem — concordo com um meneio de cabeça e viro de costas, permitindo que Nolan afaste os meus cabelos para colocá-lo.

A corrente dourada é fria contra o meu corpo quente.

— Você disse que faria isso por qualquer um, mas isso soa como uma mentira. Quase todas as suas respostas soaram assim, então fale a verdade ao menos agora. Por que você realmente comprou esses colares? — murmura perto do meu ouvido, prendendo o fecho do cordão em meu pescoço.

Droga.

Desde quando você identifica minhas mentiras?

Ele termina de prender o colar e algo inexplicável me atinge quando seus dedos abandonam minha pele. *O toque poderia ter durado um pouco mais.* Puxo o ar antes de voltar a encará-lo.

Suas íris imploram para que eu fale a verdade e, dessa vez, realmente o faço. Seguro seu olhar.

— Eu não sou exatamente a melhor pessoa usando palavras, eu não sei como confortá-lo, sequer sei como fazer isso comigo mesma. Então eu queria lhe dar algo para que você olhasse e lembrasse todas as vezes que não é sua culpa — confesso.

— O quê?

Dou um passo para mais perto dele, tocando em sua bochecha.

— Liz morreu e isso não é sua culpa. Você está vivo e isso não é um castigo. Esse colar é seu e sempre que você olhar para ele, lembre-se do

quão preciosa sua existência é para outra pessoa.

Lembre-se do quão precioso você é para os seus pais.

Para os Víboras.

Para mim.

Nolan engole em seco, suas íris encaram as minhas de forma tão intensa que não consigo nem mesmo piscar.

— Está bem, Rapunzel. Sempre que eu usar esse cordão, lembrarei disso. No entanto, enquanto você usar o mesmo que eu, não irá se afastar.

— O que isso quer dizer?

— Ouvi histórias sobre como você enjoa das pessoas, mas enquanto estiver usando esse cordão, isso quer dizer que você não irá fugir, nem mesmo quando enjoar de mim — diz seriamente.

Seus olhos não me abandonam nem mesmo por um instante. O filme começa sem que eu dê o sinal e escuto a voz do Flynn Ryder narrando, no entanto, nenhum de nós olha para a tela.

— Você pode prometer isso? Pode prometer ficar, Rav?

Engulo em seco.

— Sim — garanto, e Nolan sorri, acreditando nas minhas palavras.

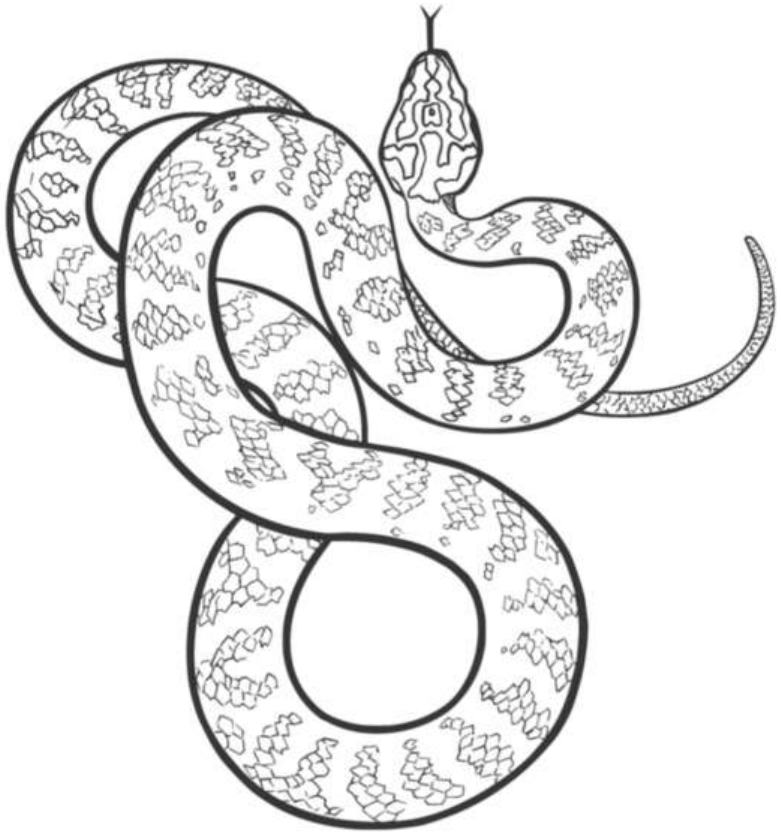
E, para ser sincera, eu também acredito nelas.

Eu sempre enjoei das pessoas porque me acostumei com elas sendo passageiras. Então, se todas vão embora, eu mesma prefiro enjoar delas e sair antes de ser abandonada. Mas dessa vez é diferente, dessa vez eu não quero ir para lugar nenhum, dessa vez anseio por fincar raízes.

E dessa vez eu não irei soltá-lo, a menos que Nolan me peça fazer isso.

OceanofPDF.com

Capitulo 27



Estava morrendo, garotinha, eu não sentia amor
Estava cansado, então você veio e me pegou
Estou cego, cego por todo o seu amor
Não se importe, nunca quero que você desista
Night Terrors _ Desire The Unknown

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Paro no vão da porta, encarando-a. Não ouso me aproximar porque Ravena parece tão concentrada e tão perdida em seus próprios pensamentos que não quero atrapalhá-la.

Na verdade, também uso isso como uma desculpa para admirá-la mais um pouco.

Ravena está bonita pra caralho.

Não que isso seja algo raro, mas gosto de como noventa por cento das suas tatuagens ficam expostas. A saia curta e o *cropped* de alça fina deixam suas coxas, braços e abdômen expostos. Então é óbvio que as tatuagens se destacam, embora minha favorita ainda seja a da sua bunda.

Para ser sincero, uma pequena parte minha se irrita que as outras não tenham sido feitas por mim, me irrita que outra mão tenha tocado seu corpo para marcá-la de forma tão definitiva.

Me irrita não ter sido o primeiro.

E não que as situações sejam parecidas, mas agora entendo por que caralhos Trent aprendeu a tatuar somente por Morgana. Entendo por que Kian teve uma crise de ciúmes quando tatuei a virilha de Vic e entendo por que Aiden ficou quase em cima de mim enquanto eu tatuava Nick.

Claro que elas eram suas namoradas, é totalmente diferente do que Ravena significa para mim, mesmo assim, agora compreendo.

Uma voz irritante sussurra na minha cabeça, perguntando o que ela significa então. Não sei responder.

Eu não soube responder a nenhuma pergunta feita nos últimos dias.

Por que você entrou no carro dela e abandonou a corrida final? Não sei.

Por que você tem passado tanto tempo fora? Não sei.

Por que você não tem aproveitado as festas? Não sei.

Por que você tem usado o colar como se fosse um amuleto? Não sei.

O que Ravena significa para você? Não sei.

Droga, realmente não sei porra nenhuma.

Minha mãe tem dito que sou um filho ingrato e que sequer fui visitá-la nas últimas semanas. Ela acredita que fiquei um mês inteiro sem transar e já me obrigou a fazer outra leva de exames.

Preciso ir até lá, mas tenho medo de que ela perceba. Se Lauren ao menos imaginar que tenho passado tanto tempo com Ravena, seria questão de segundos até ela tentar um casamento. Eu não me surpreenderia. Acho que na sua cabeça faz sentido eu me envolver com alguém e mudar meu estilo de vida perigoso.

E, por isso, talvez ela infartasse se soubesse que Ravena é mais insana do que eu.

Alex tem andado na sua, ela fez uma reunião no quarto de ouro falando sobre a corrida, mas mesmo sabendo que tenho me envolvido com Ravena, ela não apresentou nenhuma objeção. Ela apenas finge que sequer está vendo o que tem acontecido.

Por quê? Por que logo Alex está calada?

Morgana, Vic e Nick estão insuportáveis. Desde que entrei no carro com Ravena, as provocações se tornaram absurdas. A ruiva já chegou a falar que viraria lésbica por Ravena e tenho pagado *todos os meus pecados* nas últimas semanas.

Mas eu não sou o único, os idiotas possessivos — Trent, Aiden e Kian — tentam me provocar, mas elas jogam mais baixo e é tão baixo que os deixam *fora de controle.* O ciúme que sentem é absurdo e embora eu me irrite com tudo envolvendo Ravena, também me divirto com os maxilares travados.

Hunter tem passado mais tempo fora, o prefeito tem solicitado sua presença com frequência e ele tem ido sem questionar. Isso fez com que apostássemos se eles brigaram. Trent apostou que sim, mas Aiden disse que devia ser algo mais sério do que apenas uma briga. Algo como um segredo. Na hora apostei em gravidez, mas agora me pergunto se Aiden não estava certo. O fim deles poderia ser descrito como *"o segredo que nos destruiu"*.

Meio macabro, mas algo igualmente curioso. E embora Morg já tenha perguntado para sua irmã, Alex insiste que não é nada.

Não questiono. Eu também dou essa resposta quando me perguntam o que Ravena significa.

"Não é nada."

Mas então por que diabos não fui na festa da semana passada? E por que na da semana retrasada só fiquei chapado e fui dançar com as meninas?

Não sei.

Ravena está sentada no balcão de mármore preto, suas pernas balançam no ar e ela fita as botas em seus pés. Sorrio, no entanto, acho que devo deixar escapar algum som — ou ela sente minha presença. Independentemente do motivo, ela ergue sua cabeça para me encarar.

— Você já não deveria estar pronto? — pergunta, curiosa.

Preciso chegar em casa cedo, hoje Trent e Kian vão lutar e temos que resolver um problema com o galpão. Porém, ainda não consegui sair daqui.

— E estou.

Ela olha para minha camisa aberta e para o meu abdômen exposto, como se zombasse de mim.

— Você não parece pronto — desdenha.

— Depende do contexto, assim é bem mais fácil tirar minha blusa. — Sorrio maliciosamente, caminhando até ela.

Ravena revira os olhos.

— Alex não irá gostar se você estiver atrasado — comenta com indiferença, pegando o cigarro que estava preso na sua orelha.

Seus olhos vagueiam à procura de um isqueiro.

— Desde quando você se importa com Alex? — questiono, parando na sua frente.

— Não me importo, mas acho a loira impressionante — admite, e concordo com um menear.

Rav bufa quando não encontra o que quer e puxo o isqueiro preto de dentro da minha calça, contudo, antes de lhe estender o objeto, me dou conta da sua fala.

“Acho a loira impressionante”.

Quê?

— Você sabe a identidade de Alex?

Ela dá de ombros.

— Não tinha certeza, era mais um palpite. Mas com essa sua reação, eu diria que estou certa.

Engulo em seco, momentaneamente preocupado com Alex. Se ela não quer revelar sua identidade, farei tudo o que posso para protegê-la.

Ela é minha líder, mas também é minha amiga, e se quer continuar no controle fingindo ser homem, nós fazemos de tudo para que ela consiga com êxito.

Nós espalhamos boatos, contratamos pessoas e até inventamos provas nos últimos anos para que não fosse revelado, então como Rav descobriu?

— Por que você não está agindo como se isso fosse uma grande revelação?

— Porque verdadeiramente não me importo, não faz diferença na minha vida. — Ela dá de ombros. — Na verdade, até acho admirável que ela consiga esconder por tanto tempo. Mas sigo sem me importar.

Rio.

— Você não se importa com nada? — questiono, erguendo o meu isqueiro.

— Não — responde de imediato, trazendo o cigarro até mim.

— E não se importa com ninguém? — insisto, acendendo o fogo.

A chama brilha tanto quanto seus olhos.

— Ninguém — admite, encostando a ponta do cigarro no isqueiro para acendê-lo. — Ao menos, não com ninguém além de você.

Minha mão está apoiada atrás dela, meu corpo está entre suas pernas, o isqueiro está acesso e seu cigarro solta fumaça. Porém, nada importa além dos seus olhos azuis sobre mim.

A luz vinda da janela aberta é incômoda e reflete em minhas íris, mas ainda assim não desvio ou pisco.

Ter Ravena Crawford, a mulher mais indiferente, fria e grosseira admitindo se importar comigo não deveria ter tanto poder sobre mim.

Mas tem, porra, como tem.

— É bom você não estar mentindo, Rapunzel. Meu coração fez uma coisa esquisita aqui.

— Devem ser gases — ela diz rudemente, e sorrio, pegando sua mão livre e guiando até meu peito.

— Isso parece com gases? — questiono, e sei que ela sente meu coração martelando contra seus dedos.

— Não sei, não sou médica — fala com indiferença, mas seus olhos brilham e ela não tira a mão do meu peito.

Estar com Ravena é sobre ler as palavras não ditas e ficar fissurado por cada uma delas.

Que droga.

Como acabei envolvido nisso? Quando acabei tão envolvido por ela?

— Também me importo com você, Crawford. Talvez mais do que você mesma — assumo, olhando fixamente para ela.

O azul das íris gélidas derrete um pouco e ela engole em seco, com seus lábios se erguendo levemente.

No entanto, antes que sua postura arrogante se desfaça por completo, ela bufa.

— Não é como se isso fosse muito difícil — murmura e seu olhar foca em meu pescoço. — Você ainda não botou o cordão de volta — fala como se não importasse, embora esteja nítido que é o oposto.

— Você também não está com ele — acuso.

Ambos tiramos ontem de noite com medo de perdê-los quando saímos para participar do globo da morte. Dessa vez, Ravena correu somente comigo na plataforma. Mas os colares estão juntos na cabeceira da sua cama.

— Eu sei, mas mesmo sem usá-lo, eu ainda estou aqui. — Ela sorri.

— E eu não me sinto culpado — confesso, sendo verdadeiramente sincero. Dia após dia o sentimento tem diminuído e é estranho me dar conta disso.

É estranho que na última semana eu não tenha tido um pesadelo.

— Muito bem, Flynn Ryder. Estou orgulhosa de você. — Seus lábios se erguem em um sorriso e suas íris cintilam. — Mas mesmo estando bem sem o colar, o coloque de volta. Eu gosto de como fica em você — avisa e soa como uma ordem.

Ordem essa que obedecerei mais do que satisfeito.

— Está bem, faça o mesmo — peço, porque a ideia de sempre compartilhar algo com ela é boa o bastante para que eu jamais queira perder essa sensação.

Até mesmo ontem, quando estávamos juntos dentro do globo, queria que ela estivesse com ele. *Me sinto seguro, como se aquilo fosse uma garantia que ela não enjoará de mim, como faz com todos.*

Ravena desiste de fumar sem sequer ter dado uma tragada e coloca o cigarro ao seu lado, me puxando para ainda mais perto.

Olho para sua mão inconscientemente e reparo na linha de vida de Ravena. Sei o motivo pelo qual faço isso, sei que tem a ver com o dorama que estou assistindo com a Vic, onde o protagonista risca a palma da sua mulher e aumenta a sua linha de vida porque ela só tem alguns meses antes de morrer. Chorei quando assisti esse episódio e no momento me perguntei se a de Liz era tão curta assim e nunca reparei. E quando olhei para a minha, percebi que estava interrompida na metade.

Fiquei com aquilo na cabeça, me questionando se significava que eu iria morrer logo. Acho que foi a primeira vez que não fiquei feliz com a possibilidade.

Mas agora, quando vejo a sua linha de vida sendo grande o bastante para quase chegar em seu pulso, respiro aliviado.

— O que você está olhando? — ela pergunta, começando a abotoar os botões da minha camisa.

Estalo a língua como ela, demonstrando indiferença.

— Nada, só como suas unhas estão afiadas. Faz sentido que minhas costas estejam mutiladas — murmuro, e ela ri tranquilamente.

É, Rapunzel.

Não me importo de morrer primeiro, sabendo que você irá viver. Afinal, se fosse o contrário, seria insuportável. Eu não aguentaria.

Então, obrigado, Rav, por ter a linha maior que a minha. Obrigado por garantir que irá viver mais do que eu.

OceanofPDF.com

Capitulo 28

Se for um pecado te amar, quem é o culpado?
Você nunca vai saber
Amor, eu te confundo, confundo, confundo
No final, você vai pertencer a mim, a mim
In the morning _ ITZY

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Tiro o cigarro da boca, soprando a fumaça no ar. As palavras de Dylan seguem voltando para minha mente e a irritação me atinge outra vez.

Ele acha que é quem? Sinceramente, que palhaçada.

Minhas mãos tremem e não sei definir o motivo. Quero dizer, sei que eu adoraria ter socado sua fodida cara, mas isso seria o bastante para meus dedos estarem tremendo nesse momento? Não sei.

Que droga.

Não é da conta dele com quem tenho passado meu tempo livre, não é da conta dele se um Víbora marca meu corpo ou monopoliza minha boceta, não é da conta dele se Nolan entra no meu carro no meio de uma corrida. Então, por que mesmo assim ele me fez escolher entre os Alphas e os Víboras?

Porra, eu sequer faço parte da fraternidade de Nolan, por que eu teria que decidir? Eu nem mesmo os vi na última semana. Não tenho ido em nenhuma das suas festas e só os vejo à distância na faculdade.

Morgana, Victoria e Nicolly chegaram a falar comigo uma ou duas vezes nos corredores, mas não é como se tivesse sido algo significativo. Em uma elogiaram meu uniforme e a ruiva disse que queria fazer o mesmo com o seu, enquanto no outro perguntaram se eu sabia onde Nolan estava. E antes de responder seu paradeiro com indiferença, eu deveria ter percebido que aquilo geraria sorrisos provocativos. Deveria ter me tocado que era estranho elas perguntarem onde ele estava justo *para mim*, como se eu fosse sua namorada.

Até agora não sei porque respondi como se eu realmente fosse.

E embora eu tenha recebido acenos dos outros Víboras, embora Hunter meneie sua cabeça em minha direção algumas vezes, embora eu sinta o olhar de Alex em meu corpo, embora Trent, Aiden e Kian já tenham me cumprimentado discretamente e eles agissem quase como se minha presença tivesse se tornado significativa depois que beijei Nolan antes da corrida, ainda não é motivo para que Dylan me obrigue a escolher entre eles e a Alpha.

Esse não é o acordo, eu só teria que vencer as corridas e ele me deixaria em paz. Então por que começou com essa palhaçada? Aposto que os outros membros que fizeram sua cabeça.

Malditos do caralho.

Sopro mais fumaça no ar. Não sei por que me estresso com isso se eu sequer me importava com a Alpha.

Seja sincera consigo mesma, Rav. Você não está estressada por ter saído da Alpha, não faz diferença nenhuma na sua vida, você já criou nome e fama o bastante para sempre ser aceita nas corridas mesmo sem Dylan. Então, não, o que a estressa não é ter saído da sua fraternidade e sim o fato de ter escolhido os Víboras sem ser nada deles.

Que irritante.

Se bem que eu não os escolhi, certo? Eu só disse que não iria ficar dando satisfações para ele e que a vida era minha, logo, eu poderia fazer o que quisesse. Não tenho culpa se ele interpretou dessa maneira.

Meu celular vibra e vejo a mensagem de Jake confirmando o filme na semana que vem.

Ele não estava lá quando saí, mas rapidamente descobriu o que tinha acontecido e me ligou, querendo saber se eu estava bem. Quando confirmei que sim, tentou vir até mim, mas eu já havia chamado outra pessoa. Eu já tinha alguém para me acalmar. Por isso, disse para assistirmos algo na semana que vem e ele aceitou sem questionar.

É bom saber que o tenho ao meu lado.

Meu cigarro acaba e acendo outro, no exato instante que avisto o carro de Nolan se aproximando. O *Nissan GT-R* estaciona em frente à

minha *Ferrari* vermelha e continuo escorada no capô enquanto vejo-o sair do carro, batendo a porta com força.

Seus olhos pousam sobre mim como se ele estivesse preocupado e seus passos são determinados.

Ele veio mesmo.

Eu disse que queria vê-lo e me pergunto se ele conseguiu ler as palavras por trás das que foram faladas, me pergunto se Nolan entendeu que ao invés de apenas querer, eu precisava dele.

Nolan para na minha frente e antes que eu possa forçar um sorriso ou falar algo provocativo, seus braços passam em volta do meu corpo e ele me puxa para um abraço.

Ele não faz nada além de me abraçar.

A surpresa faz com que meu cigarro caia no chão, a sensação de conforto deixa meus olhos pinicando e o modo que minha cabeça fica apoiada em seu peito, ouvindo os batimentos cardíacos, me deixa completamente tranquila.

— Você está bem? Por que não foi para casa? Por que me encontrar em um acostamento vazio? O que aconteceu? — As perguntas escapam uma seguida da outra, e sorrio, sentindo o cheiro de limpeza, como se ele tivesse acabado de sair do banho.

— Não gosto de ficar em casa sozinha, lá é grande demais. Preferi esperar você aqui. — Dou de ombros, sem acrescentar que só me sinto confortável na minha própria casa quando Nolan está.

— E então, o que aconteceu?

— Nada — minto. — Eu só queria vê-lo.

Ele não precisa saber que deixei a Alpha. Afinal, sequer foi por causa deles e não vai mudar nada na vida de ninguém.

— Então você sentiu saudades, *huh*? — provoca, se afastando um pouco.

Reviro os olhos e ele ri. Seu corpo fica entre minhas pernas e ele apoia sua mão na minha coxa.

— Como foi a luta de Kian? Soube que ontem ele foi atingido, por isso mudaram a festa para hoje — questiono.

— Um filho da puta estava com um canivete, mas isso até que acontece com frequência e ele só cortou a mão — fala. — Vic ficou desesperada e Morg se irritou tanto que achei que entraria no ringue de novo.

— Ela já entrou antes?

— Sim, uma vez fizeram a mesma coisa com Trent e ela invadiu para defendê-lo. Depois disso, Trent lhe ensinou a lutar.

Me pergunto quão grande é a adrenalina das lutas.

Será que elas também compensam? Talvez fosse interessante aprender.

— Não faça isso, não me encare com esses olhos brilhando insanidade, como se já ansiasse pela possibilidade de lutar.

— Talvez a adrenalina seja tão boa quanto a das corridas, você não tem curiosidade? — pergunto.

O colar que brilha em seu pescoço reflete o meu. Suas íris encaram as minhas.

— Não e você também não deveria ter.

— Acho que eu seria ótima de briga. Aposto que eu até mesmo superaria Trent e Kian.

Nolan ri.

— Não duvido disso, Rav. Você derrubaria um oponente somente em olhá-lo dessa maneira.

— Mas?

— Só as corridas já não são um atentado à vida o suficiente? — zomba. — Inclusive, por que diabos você sempre beija alguém antes e depois de cada partida? — Nolan pergunta, verdadeiramente curioso.

Estalo a língua.

Ele não sabe?

— Por sua causa — assumo, e ele pisca, confuso.

— O quê? Como eu posso ter algo a ver com isso?

Rio.

— Uma vez vi você disputando, você beijou uma garota antes de ir e quando venceu, beijou outra. Achei que aquilo tivesse trazido sorte, achei que fosse algum tipo de ritual. Eu ainda não conhecia sua fama e quis copiá-lo. Depois, quando você nunca mais fez aquilo, percebi que tinha sido coincidência, mas eu já gostava demais da ideia de sempre beijar alguém antes e depois. Aquilo trazia mais excitação para o momento e eu continuei. Corrida após corrida, até se tornar uma coisa minha.

— Você deve ter beijado mais de trezentas bocas nesses últimos anos e só começou por causa disso? — Nolan está com o maxilar travado.

— Sim — respondo, indiferente. — E, na verdade, devo ter beijado mais de quinhentas. Falei para você não se sentir tão especial.

Ele aproxima sua boca da minha.

— Nem você acredita nisso, Rapunzel — sussurra, aumentando o aperto dos seus dedos contra minha coxa. — Nós dois sabemos que sou especial para um caralho.

— Sabemos? — provoco.

Ele me prensa contra o carro, puxando minha nuca como resposta. Sua língua invade minha boca e o gosto do beijo é mentolado, talvez por conta do meu cigarro.

A mão possessiva aperta minha cintura com força, desejando marcar a pele. Meus dedos vão até seu pescoço e finco minhas unhas ali, sem me importar com o local onde estamos.

Nolan grunhe contra meus lábios, sua nuca tem andado constantemente machucada, assim como suas costas. As marcas de mordida e os chupões também são espalhadas pelo meu corpo com frequência.

Aprecio a mistura entre a dor e o prazer.

Não é que eu seja masoquista ou sadomasoquista. Não é que eu pratique BDSM — embora já tenha tido algumas experiências parecidas. E não é que eu seja exibicionista.

Mas com Nolan gosto, por exemplo, de quando sinto aquele pico de adrenalina com um tapa doloroso, para logo em seguida ser recompensada com uma onda de prazer. Gosto da ideia de foder no meio de um restaurante ou na rua para que qualquer um possa nos ver e saber que aquele pau pertence a mim. Que ele é monopolizado pela minha boceta e que sou eu quem o engulo sempre que quero.

Gosto que saibam que a mão tatuada com dedos longos e grossos aperta o meu corpo e se atola em meus buracos. Que a boca provocativa sorri para mim e a língua com respostas engraçadas se enrosca contra a minha.

Eu, verdadeiramente, gosto disso, embora eu nunca tenha sido tão possessiva em relação a alguém antes.

A adrenalina começa a se espalhar pelas minhas artérias quando Nolan sobe sua mão por dentro da minha blusa. Meu coração martela e meus mamilos ficam duros, ansiando pelo toque bruto e inexplicavelmente suave.

Lembrar da sensação dos seus dentes raspando contra o *piercing*, sugando-o para dentro da sua boca e da sua língua circundando a auréola sensível…

Merda.

Esfrego minha boceta contra ele, tentando causar fricção e diminuir o tesão. Sinto o pau incrivelmente duro, mesmo com o tecido da calça atrapalhando, e minha boca se enche de água.

Cacete.

Literalmente.

Nolan puxa minha cintura, fazendo meu corpo deslizar no capô e o encaixe da minha boceta contra ele ficar maior. Gemo e ele engole o som, fazendo a mesma coisa com minha boca.

Sua língua brinca contra a minha e mesmo quando fico sem fôlego, preciso de mais. Um beijo seu nunca é o suficiente.

Minha mão desliza do seu pescoço, descendo vagarosamente pelo seu peitoral e abdômen, até parar sobre a braguilha da sua calça. Nolan rosna uma imprecação, desgrudando alguns centímetros dos nossos corpos para que eu consiga descer o zíper.

No entanto, ao invés de fazer isso, aperto minha mão por cima do membro inchado, deslizando minhas unhas contra o tecido.

Nolan grunhe, puxando meu lábio inferior com seus dentes.

— O que você acha que está fazendo? — rosna, as íris flamejantes sobre mim.

Suas pupilas estão tão dilatadas que possuem o triplo do tamanho.

— O que você acha? — devolvo, com um sorriso provocador.

Levo minha mão ao seu peitoral e o empurro levemente, obrigando Nolan a dar alguns passos para trás. Ele me observa com atenção e seguro o seu olhar quando me ajoelho na sua frente.

Nolan engole em seco.

O asfalto frio machuca meus joelhos, mas não me importo. Não ligo de ajoelhar por ele e não dou a mínima se isso dói. Sei que o prazer de tê-lo em minha boca será fodidamente maior.

Meu olhar segue preso ao seu enquanto meus dedos descem sua calça, junto com a cueca. Umedeço meus lábios com minhas íris sendo imediatamente atraídas em direção ao pau na minha frente.

Porra.

A glande inchada escorre com uma gota pré-ejaculatória e seguro a base, deslizando minha língua lentamente em cima da sua uretra. Nolan treme e assisto seus olhos se fecharem somente em sentir o calor da minha boca.

Rio.

Gosto de assistir sua reação ao prazer e por isso mantenho os olhos sobre ele quando cuspo na cabeça do seu pau e espalho a saliva no restante do membro. Ele grunhe um palavrão enquanto meus dedos melados deslizam por todo seu comprimento.

As veias saltadas e a cabeça rosada são excitantes para um caralho. Porém, engulo a saliva, me policiando para ainda não chupá-lo.

Quero que Nolan fique desesperado pela minha boca, assim como fico pela sua.

O *piercing* prateado brilha na sua glande e deslizo meu polegar por cima dele. O contraste frio do metal com o calor do seu pau é absurdo. Nolan grunhe e me pergunto se a sensação é a mesma do meu peito, me pergunto se a sensibilidade aumentou, diminuiu ou se permanece igual a de antes. Me questiono se está cem por cento cicatrizado e se ele ainda sente alguma ínfima fisgada de dor que aumenta o seu prazer.

Mas pergunto tudo isso na minha mente, porque meus lábios estão selados e só serão abertos no momento de engoli-lo.

Meus dedos o apertam em uma masturbação lenta, mas Nolan é grosso o suficiente para que eu não consiga abarcá-lo por completo. Então, compenso esse pequeno fato aumentando o aperto ao seu redor.

Ele gosta quando está bem apertado, gosta quando seu pau é espremido pela minha boceta ou sufocado pelo meu cu.

Eu sei disso e ele não tenta esconder.

Por isso, a cada vez que subo e desço minha mão em seu membro, deixo mais e mais apertado. O pau lateja e escorre mais baba na cabeça, aproveito a lubrificação natural e cuspo na glande outra vez.

Ele rosna e sua mão vai até minha cabeça, no entanto, Nolan não ousa tentar me guiar.

Seus gemidos aumentam gradualmente e aproveito minhas mãos o masturbando para descer minha boca até suas bolas, sugando uma.

Ele grunhe um palavrão quando brinco com o seu saco, deslizando minha língua em um dos lados, enquanto perpasso as unhas da minha mão livre no outro.

Minha boceta lateja, também querendo atenção. Desejando que o longo membro sendo agraciado deslize dentro dela, até deixá-la cem por cento preenchida e esticada.

Quase consigo sentir minha umidade melar a calcinha e se eu não estivesse tão entretida com o seu pau e suas bolas, poderia perder algum tempo enfiando dois ou três dedos dentro dela, somente para que pare de ser tão apressada.

Meu cu também parece desesperado, como se piscasse com inveja do meu punho, que nesse momento é fodido e ele não. A ideia de ter seu pau atolado dentro dos meus dois buracos só aumenta minha excitação.

Porra.

Ninguém me fode tão bem como Nolan.

Ninguém me deixa com falta de ar, marcada e dolorida como ele.

Ninguém me dá orgasmos múltiplos, me come de quatro e me faz esguichar quase todas as vezes.

E é por esse e outros motivos que meu corpo reage tão instintivamente quando o assunto o envolve.

Por isso sempre desejo ter suas mãos sobre mim.

Minha boca abandona uma das suas bolas com um som estalado e minha língua desce um pouco mais, até o seu cu. Nolan rosna vários palavrões quando lambo bem em cima do seu buraco.

Seus dedos puxam meu cabelo com força o bastante para uma onda de prazer ser irradiada diretamente para minha boceta e sorrio, desfrutando da sensação.

Porra. Porra. Porra.

Seu pau parece ficar ainda maior e mais grosso enquanto minha língua desliza no seu cu e aumento o aperto dos meus dedos ao seu redor, subindo minha boca até suas bolas outra vez.

— Rav.

— Hum? — Meus olhos encontram os seus e me divirto com o olhar desesperado.

— Por mais quanto tempo você vai me torturar? — Seu tom é quase engasgado.

Rio, dando uma última sugada no seu saco antes de me afastar dele, deixando apenas minhas mãos no seu membro.

— Não sei, você está implorando para ter minha boca?

— É isso que você quer? Que eu implore? — Um leve sorriso dança em seus lábios, embora suas pálpebras estejam pesadas. Quase tanto quanto sua própria respiração.

Meneio a cabeça.

— Então, Crawford, por favor, me foda com a sua maldita boca gulosa antes que eu enlouqueça. — Sua voz é rouca, as íris suplicantes. — Eu imploro.

Sorrio.

— Nada mal, Jones. — Assobio em elogio, segundos antes de lamber da sua base até a glande e finalmente enfiá-lo em minha boca.

Afundo minha cabeça em seu pau de uma única vez, sentindo-o atingir minha garganta. Ele geme, segurando um punhado dos meus cabelos com força.

Não consigo engolir nem mesmo metade dele, mas isso não me impede de tentar.

Abro ainda mais meus lábios, relaxando minha garganta quando começo a chupá-lo. Minha cabeça vai para cima e para baixo e minhas mãos acompanham os movimentos, como se tentasse compensar o fato de não abocanhá-lo por completo.

Meus olhos lacrimejam toda vez que seu pau bate mais fundo na minha garganta e minha boceta fica cada vez mais melada em resposta a isso.

Ele pode estocar dessa forma dentro de mim.

Seus dedos impulsionam minha cabeça e permito que o controle fique com ele, deixando Nolan foder minha boca no meio do maldito acostamento.

A glande fica maior e seu pau pulsa contra minha língua, o calor da minha boca se tornando pequeno comparado a isso. Sinto o maldito *piercing* como um adicional e até mesmo o metal parece esquentar quando Nolan fica perto de gozar.

Seus olhos encontram os meus e eles estão selvagens, quase animalescos. A respiração entra e sai pesadamente, seu pau estoca dentro da minha boca cada vez mais forte e minha boceta lateja.

Até mesmo a porra de um boquete é extremante prazeroso quando é com Nolan.

Ele rosna um palavrão e tenta se afastar quando o jato de porra atinge minha garganta, porém, não deixo que ele acabe com o meu barato. Não permito que Nolan desperdice algo que é somente *meu*.

Sugo seu pau, engolindo o máximo de porra que consigo. Contudo, parte dela escorre da minha boca, caindo no tecido transparente da blusa em minha clavícula.

Ele treme com o orgasmo, mas dá um sorriso possessivo ao ver o líquido branco em meu corpo. O cheiro de sexo está no ar, a lua é a única testemunha, e sorrio, umedecendo meus lábios com o peitoral gozado.

— Você é uma maldita e está fodendo com minha mente ainda mais do que fode com meu corpo.

Rio.

— Eu sei.

— Fique de quatro e se apoie no carro, Rav. Se você vai foder comigo, o justo é que eu faça o mesmo — ladra, com o pau ainda meia-bomba e estou tão acostumada a ouvi-lo que apenas ajo no automático, ficando de pé na mesma hora.

Minhas pernas tremem pela posição e até parece que fui eu quem gozei. O cheiro da sua porra tão perto das minhas narinas é como um

perfume e o gosto agridoce do seu pau na ponta da minha língua é bem melhor do que qualquer cigarro ou bebida.

Ouço a risada de Nolan quando me debruço sobre o capô da *Ferrari* e mordo o canto da boca quando sinto seus dedos deslizarem por dentro da minha saia.

Porra.

Nunca gostei tanto de usar saias.

Seus dedos resvalam pelas minhas coxas, deixando arrepios por cada centímetro de pele que toca.

É quase como uma descarga elétrica.

Separo minhas pernas, deixando minha bunda perfeitamente empinada para ele. Nolan ergue o tecido da saia e não estou preparada para o forte tapa que ele acerta na minha nádega.

Meu corpo é impulsionado para frente e um gemido involuntário escapa dos meus lábios.

Caralho.

— Sempre que eu vejo essa cobra tatuada na sua bunda, lembro que fui eu quem a fiz. Eu quem a marquei de forma permanente pra cacete — rosna em um tom pesado. — Lembro que tudo isso está empinado *para mim* e entregue somente *a mim*, então sinto vontade de desfrutar de todas as formas. Tenho vontade de bater, morder, gozar e me enfiar dentro da sua bunda.

— Faça isso — murmuro, praticamente implorando enquanto o encaro por cima do ombro.

Nolan trava seu maxilar.

— Porra, Rav, tenho vontade de tatuar meu nome no seu cu e na sua boceta somente para que nenhum outro homem se aproxime deles por saber que pertencem a mim.

Rio.

— Tatue seu pau com o meu e cogito a possibilidade.

Ele acerta outro tapa absurdamente forte na minha bunda e tento me segurar na *Ferrari*, mas o gemido prazeroso sempre escapa.

— Não me provoque, Crawford. Talvez eu realmente goste da ideia e o faça.

— E você não duvide de mim, Jones, porque nesse caso eu realmente o faria.

Ouço quando ele rosna alguns palavrões e abaixa sua cabeça, mordendo a cobra na minha bunda, antes de deslizar sua língua sobre o local, acalmando a pele machucada.

Minha boceta lateja.

Nolan apoia sua mão na minha perna, separando minhas nádegas. Sinto seu nariz raspar por cima da calcinha e tremo. A sensação é inebriante.

Sua respiração quente contra minha pele me deixa arrepiada e ofego, apertando meus punhos quando seus dentes puxam o tecido para o lado.

Merda, Nolan.

Droga.

Tudo em mim está arrepiado e o maldito dá uma longa lambida em toda minha extensão, encharcando seus lábios com a minha excitação. Minha boceta se contrai e ele sopra uma risada, reverberando a vibração contra o meu clitóris duro.

— Não irei implorar, mas também não me torture — ladro, arfando.

Seus dois dedos deslizam para dentro de mim, arrancando outro gemido meu.

— Não se preocupe, eu não pretendo — diz isso dando uma chupada no meu cu enquanto estoca dentro de mim.

Meu corpo agradece por estar apoiado em algo, caso contrário, cairia com o prazer.

A saliva da sua língua deixa meu buraco babado e ele desliza os dois dedos para fora, espalhando minha própria umidade no meu cu como

lubrificante.

Sinceramente, estou tão excitada que Nolan sequer precisaria ter me preparado.

Ele se levanta e ergo minha blusa, deixando os seios intumescidos contra o metal gelado do capô do carro. A sensação aumenta o meu prazer.

— É bom você não gemer tão alto, Rav. Talvez alguém passe por aqui e nos denuncie — murmura em um tom de brincadeira e olho para o acostamento completamente vazio.

Já fizemos uma ou outra corrida aqui e quase nunca tem ninguém. Mas mesmo se tivesse, eu não estaria nem aí. Eu faria uma performance perfeita e continuaria de quatro para que Nolan me fodesse na frente de qualquer um.

Ele não espera por uma resposta minha e usa seu pau de pincel, espalhando minha excitação e dando algumas batidinhas contra minha boceta, antes de se atolar dentro de mim em uma única arremetida.

Caralho.

Meu corpo impulsiona para frente e ele geme junto comigo, ambos apreciando a sensação intensa de prazer. Seu pau gostando da forma que minha boceta o recebe e eu adorando a maneira que ela se estica para abrigá-lo.

O calor aumenta e ele parece inchar ainda mais dentro de mim.

Eu juro que posso senti-lo no meu útero.

O pau latejante começa o movimento de entra e sai. Nolan grunhe e leva minhas mãos para minhas costas, segurando meus pulsos.

Meu corpo é empurrado para frente a cada vez que ele crava seu membro dentro de mim e consigo sentir centímetro por centímetro entrando e saindo cada fodida vez.

Meus mamilos raspam contra o capô e a sensação do *piercing* contra a *Ferrari* me faz revirar os olhos, gemendo.

Porra.

Não me importo se alguém nos ver.

Verdadeiramente estou pouco me fodendo.

Nolan sai de dentro de mim e ao invés de voltar com ainda mais força nas arremetidas, ele mira sua glande no outro buraco e penetra meu cu.

Aperto minhas mãos, sem conseguir movimentá-las.

Droga.

Não é tão fácil deslizar para dentro dessa vez e sinto meu cu sendo alargado lentamente para acomodá-lo. A ardência inicial é prazerosa e quando Nolan enfia a metade, começa a estocar, cada vez colocando um pouco mais dentro de mim.

Enquanto uma das suas mãos seguram as minhas em um aperto firme nas minhas costas, a outra vai para a frente do meu corpo e ele masturba minha boceta, intensificando o prazer.

Seu pau entra por completo e as investidas contra minha bunda se tornam rápidas e fortes. Minhas pernas tremem e perco a força.

A glande crava dentro de mim e o meu cu é tão apertado que sinto perfeitamente o *piercing* entrando e saindo.

Nolan cria um ritmo, alternando as investidas entre lentas — completamente tortuosas — e rápidas — perfeitamente intensas.

— Você gosta disso, não gosta, Rav? Sempre que meu pau está atolado no seu cu, você geme mais alto do que nunca e suas pernas tremem tanto que tenho medo que caia — sussurra em um tom baixo, sua respiração está ofegante.

Meu peito sobe e desce enquanto tento respirar.

— Gosto — arfo. — Gosto da sensação de ser plenamente preenchida, gosto do seu pau raspando dentro do meu cu quase como se brincasse com minhas paredes internas e gosto de como você me fode tanto que me sinto incapaz de andar no dia seguinte.

— *Cacete, Ravena* — Nolan rosna e isso parece deixá-lo descontrolado.

Suas investidas me fazem tremer, minha cabeça pesa e mantê-la erguida se torna um trabalho completamente impossível. O prazer se espalha por cada célula minha e fecho os olhos, me rendendo a ele.

Porra. Porra. Porra.

Agradeço por Nolan estar segurando minhas mãos, do contrário acho que eu realmente estaria contra o chão. O orgasmo me atinge com tanta força que minha vista escurece e grito alto o bastante para que alguém a quilômetros de distância possa me ouvir.

Minha boceta e meu cu se comprimem e ele segue me fodendo, até dar uma última estocada que faz todo meu corpo ser jogado para frente de forma quase dolorosa.

Tenho certeza que continuarei sentindo-o dentro de mim amanhã e depois.

Ele grunhe inúmeros palavrões e sinto meu cu ser preenchido com o líquido quente quando ele goza pela segunda vez. *Cacete.* Nolan sai de dentro de mim e sua porra escorre pela minha bunda, melando minhas coxas.

Não me levanto por vários segundos e apenas ficamos parados, tentando regular nossas respirações descompassadas.

Ele solta minhas mãos e me apoio no carro, ainda tentando respirar.

Escuto o barulho de tecido atrás de mim e, segundos depois, sinto sua mão endireitar minha calcinha no lugar, descendo minha saia.

Me viro para encará-lo e dou um meio sorriso em sua direção.

Nolan me fita com estranheza quando me vê descer a calcinha.

— O que você está fazendo?

— Deixando uma recordação — cantarolo, caminhando até o seu carro com a porta destravada e colocando a calcinha presa na marcha.

Suas íris esverdeadas brilham com luxúria quando volto a me aproximar. Um sorriso provocador dança em seus lábios.

— E você ainda diz que não sou especial — zomba, e rio, sem me importar com sua porra secando contra o meu corpo.

— Isso — murmuro, abotoando sua calça e subindo o zíper.

Nolan bufa, sua mão vai até o meu queixo e ele me obriga a fitá-lo.

— Antes de repetir que não sou especial, lembre-se que fui aquele por quem você ajoelhou e chupou. Aquele que fodeu seu cu no meio de um acostamento, que deixou sua bunda toda gozada e que ganhou sua calcinha de presente.

— Você não é o único que já fez isso.

Ele sorri brevemente, embora suas íris brilhem de ciúmes com a minha fala.

— Está bem, então antes de repetir que não sou especial, lembre-se que sou aquele que viria sempre que você chamasse, aquele que perde a cabeça sempre que você sorri, aquele que se arriscaria antes de colocá-la em perigo e aquele que faria absolutamente tudo o que você pedisse, somente porque virei um imbecil incapaz de dizer não. — Suas íris fitam as minhas com tanta intensidade que essa sua única fala me deixa mais sem ar do que o orgasmo. Ele dá um meio sorriso que faz o meu coração acelerar daquela forma esquisita que apenas ele é capaz. — Isso é o bastante para fazer de mim especial?

Engulo em seco.

Você não precisa falar essas coisas, Nolan.

Não precisa me dar mais motivos.

Por favor, não me dê mais motivos.

— Talvez. — Dou de ombros com deboche, e ele estende sua mão em minha direção.

— Vamos para casa, encontrarei outras formas de provar que sou especial — diz, e aceito seu toque, sempre indo com ele sem hesitar.

Nolan me guia até meu carro e coloca o cinto de segurança em mim, fechando a porta com cuidado, antes de caminhar até o seu *Nissan*.

Me pergunto o que ele pensaria se soubesse tudo o que se passa na minha mente, o que ele pensaria se tivesse conhecimento do poder que tem sobre mim, o que pensaria se conseguisse sentir as batidas aceleradas que apenas ele é capaz de causar, o que pensaria se soubesse que é o único que me faz baixar a guarda, o único que afasta minha solidão e o único que me faz sorrir?

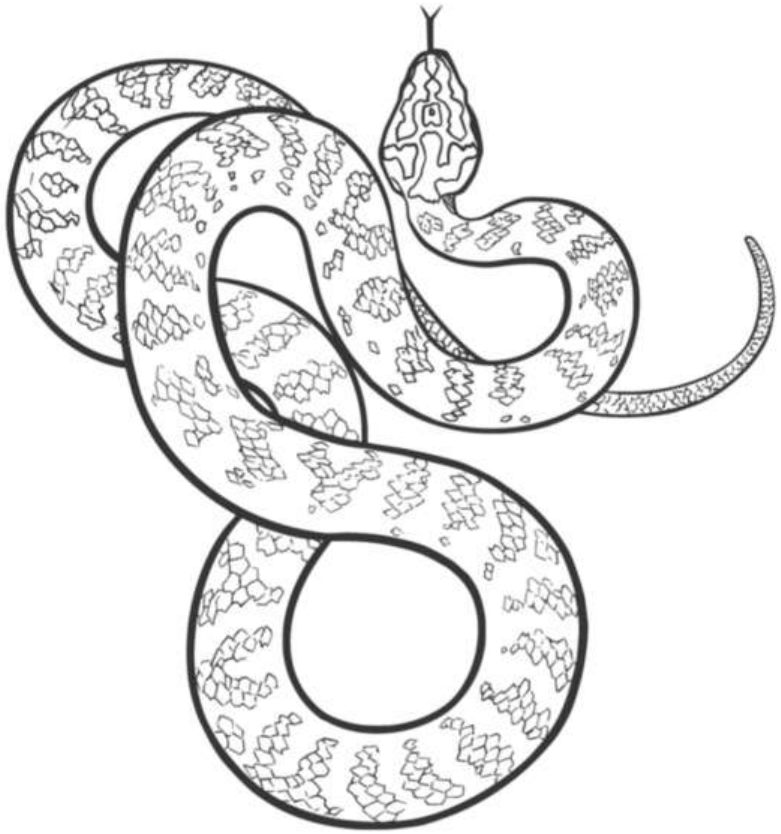
O que Nolan pensaria se descobrisse que, por sua causa, desejo ser menos imprudente? O que pensaria se descobrisse que não importo com o mundo, mas me importo com ele? O que pensaria se descobrisse que acabei indo longe demais, me envolvendo demais, e que talvez agora seja tarde para voltar atrás? *Porque agora não quero mais voltar atrás.*

Droga.

Verdade seja dita, agora eu o quero mais do que qualquer coisa.

OceanofPDF.com

Capitulo 29



Mas como eu deveria amar você
Quando eu não amo quem eu sou?
Como posso te dar tudo de mim
Quando eu sou apenas meio homem?
Porque eu sou um navio naufragado que está queimando
Então, solte minha mão

Half a Man _ Dean Lewis

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Me aproximo da cama trazendo o balde de pipoca comigo. Hoje é feriado e todos os Víboras saíram em casal para fazer alguma coisa. Trent e Morg foram cumprir um novo item da lista que sequer lembro o que era. Kian e Vic foram visitar os pais dela e acho fofo que eles tentem fazer isso ao menos uma vez por mês. Aiden e Nick não disseram para onde iam e apenas saíram com as duas motos. E Alex, bom, ela se arrumou como se fosse para um evento beneficente. O vestido dourado tinha uma longa fenda na perna e os saltos deixavam-na ainda mais alta.

Achei que ela estivesse indo sozinha, até ver Hunter igualmente bem-vestido, há alguns passos de distância dela. Definitivamente, algo aconteceu entre os dois, e mesmo que ambos tentem esconder, é nítido.

— Você demorou — Ravena resmunga quando sento na cama.

Seu corpo automaticamente se apoia no meu e mesmo a posição estando desconfortável, não ouso me mexer.

— Eu não tinha certeza de como fazia — confesso, e Ravena me olha, incrédula.

— É só colocar no micro-ondas. Como poderia dar errado?

Dou de ombros.

— E eu que sei? — resmungo, e ela ri, puxando o balde da minha mão.

Assisto quando ela leva um punhado de pipoca até a boca e o mastiga. Espero pela sua reação.

O cenho se franze levemente.

— Não está ruim, nem queimada — diz com indiferença.

— Isso deveria ser um elogio? — bufo.

Ela revira os olhos.

— Em que momento eu disse que era um elogio? — zomba. — Eu nunca disse que estava boa.

— Mas disse que não estava ruim.

— Isso, logo, está mediano — opina. — Aceitável, eu diria.

Faço um gesto de indiferença.

— Eu disse que você quem deveria ter feito — falo, e ela ri, trazendo uma pipoca até minha boca.

Mastigo, e embora não seja o mesmo gosto daquela que comemos no cinema da última vez, definitivamente está gostosa.

— E então? Bom? — Arqueia a sobrancelha.

— Sim, pra caralho. Igual tudo que eu faço. — Meu tom é convencido. — Você que é exigente demais.

— Se eu fosse, não estaria com você — rebate e pisco, ofendido, levando uma mão ao peito como se tivesse sido chicoteado pela língua maldita.

— O que você está querendo dizer, Rapunzel? — Aperto os olhos em sua direção e ela se inclina, deixando um selinho suave nos meus lábios.

Ainda não me acostumei com isso.

Com o cuidado que um único toque pode causar.

Com o fato de que um leve resvalar de lábios consegue acelerar meu coração bem mais do que todos os beijos que já dei juntos. E que Ravena tem mais poder sobre o meu corpo do que eu mesmo.

— Que você é um grande gostoso, Flynn Ryder — debocha. — Agora podemos começar? — Seus olhos indicam o controle em sua mão e sorrio para ela, acenando.

As íris azuis estão tranquilas e ela parece tão relaxada que tudo o que sou capaz de fazer é espelhar seus sentimentos.

Ravena é a única capaz de me deixar assim, em paz comigo mesmo.

Droga, ao seu lado eu esqueço tudo.

Com ela eu consigo dormir sem ter pesadelos, consigo respirar com facilidade e até mesmo consigo ficar feliz por estar vivo.

Eu desejo viver mais e mais ao invés de apenas estar vivo porque preciso.

Eu gosto de imaginar como será o dia seguinte, qual será a próxima provocação, resposta seca e o motivo pelos lábios repuxados.

Eu gosto de não precisar fingir o tempo inteiro.

Merda, eu realmente gosto disso.

As luzes se apagam com um comando de voz e ela me puxa para baixo, como se fosse um pedido silencioso para que eu me endireite e fique confortável.

Faço exatamente isso e ela se aconchega contra mim. O cheiro do shampoo nos seus cabelos invade minhas narinas e gosto de como sua cabeça pesa contra meu peito.

Respiro fundo, registrando o momento como se ele fosse único. Desde a morte de Liz, aprendi a guardar cada memória e aproveitar cada segundo como se o mundo fosse acabar no dia seguinte.

Se eu já tivesse esse pensamento naquela época, se eu já…

Pisco. Pisco. Pisco.

Naquela época. É a mesma época de agora.

Pisco. Pisco. Pisco.

Hoje é feriado, hoje é dia onze.

Onze. Onze. Onze.

Onze de novembro, o mesmo dia que Liz morreu.

Onze. Onze. Onze.

Hoje é o aniversário da sua morte.

Onze. Onze. Onze.

É por isso que nesses últimos anos eu não tenho nenhuma lembrança desse feriado, eu sempre ficava tão bêbado e drogado que esquecia até meu nome. Eu chorava por ela e pelo seu luto.

Como eu pude esquecer? Como esqueci Liz dessa maneira?

Onze. Onze. Onze.

Qual é o meu maldito problema? Como não lembrei que era hoje? Como eu posso estar aqui, feliz e vivendo minha vida, quando Liz está morta?

Ela está morta. Ela está morta. Ela está morta.

Liz não irá voltar, não importa o que eu faça ou quanto eu reze, ela não irá voltar.

Ela morreu e eu visitei seu túmulo em todos os últimos anos, então como eu fui esquecê-la? Como posso dizer que sinto sua falta se sequer consigo lembrar do aniversário da sua morte? Como diabos eu ouso dizer que sofro sem ela, quando a deixei sozinha e não lembrei do seu dia?

Idiota.

Seu doente do caralho.

A culpa me atinge como um sentimento amargo e doloroso. Meu peito se comprime de uma forma tão angustiante que sinto meus olhos pinicarem.

O que eu estou fazendo? Como eu pude aproveitar o dia de hoje? Como eu pude sorrir e fazer pipoca? Como eu pude deitar para assistir a um filme, quando Liz jamais poderá fazer isso outra vez?

Merda. Merda. Merda.

Como eu pude esquecer?

O sorriso de Liz preenche minha mente e sua risada é tudo que escuto.

“Nunu, a primeira pessoa que você mais ama sempre vai ser eu, né? Promete?”

Porra.

Eu prometi, eu realmente prometi que ela seria sempre a pessoa que mais amo, mas esqueci o maldito dia marcado como o aniversário da sua morte.

Eu esqueci.

Realmente esqueci.

Me perdoe, Liz. Me perdoe por não ter lembrado. Me perdoe por ter sido tão egoísta. Me perdoe por minhas promessas serem tão falhas.

Eu prometi que você viveria e você morreu. Eu prometi que você sempre seria a pessoa que mais amo, mas como isso pode ser verdade se eu esqueci?

Meu Deus, como eu esqueci?

Me perdoe, Liz. Eu imploro, por favor.

Me perdoe. Me perdoe. Me perdoe.

Eu prometo que amo você.

Meus olhos pinicam de uma forma insuportável e a única imagem que se repete constantemente na minha cabeça é a dos seus olhos enormes para o rosto pequeno, escorrendo lágrimas pela bochecha.

Liz queria tanto viver e, no aniversário da sua morte, eu sequer me dei ao trabalho de lembrar dela.

Merda, como eu pude esquecer?

— Nolan, está tudo bem. — Ravena não pergunta o que aconteceu, sua mão alisa meu rosto suavemente e ela tenta me fazer fitá-la.

O colar roxo que ela comprou para Liz brilhando em seu pescoço parece uma zombaria terrível.

Um lembrete de que até mesmo ela homenageia minha irmã e eu não consegui fazer o mesmo em um único dia importante.

Que porra.

Droga.

— Não me toque — rosno, detestando que ela tente me confortar quando eu não mereço conforto.

Ravena tenta afastar a escuridão, assim como tem feito durante essas últimas semanas, mas eu não sou merecedor disso.

Não mereço sua maldita sombra preservando a minha felicidade.

Droga.

Eu não mereço nem mesmo estar vivo. Deveria ser Liz, desde o começo deveria ser Liz.

Ela deveria ter vivido, merda, eu sequer lembrei do seu aniversário de morte.

— Por favor, respire. Apenas respire, eu juro que está tudo bem. — Rav tenta de novo e seu toque é tão suave que me faz querer chorar.

Merda.

Eu sou um filho da puta do caralho.

Ela não faz perguntas, ela nunca faz. Mas ainda assim é capaz de me ajudar e me fazer respirar, quando tudo o que desejo é cortar o ar e ir me encontrar com Liz, para poder pedir desculpas olhando para o rosto tão meigo e carinhoso.

— Nolan. — Ela tenta me fazer fitá-la e sei que se eu encarar seus olhos nesse momento, sei que se eu vir a preocupação nas íris felinas e se tiver o cuidado do seu toque, eu desmontarei.

Eu desmontarei na sua frente e não sou merecedor disso.

Nesse instante, sou como um caco de vidro estilhaçado e não vou deixar Ravena ser aquela que recolhe meus pedaços para reconstruir o que foi quebrado.

— Eu já disse para não me tocar, porra — rosno, irritado, me levantando da cama com tudo.

Meus olhos queimam e me obrigo a morder minha boca, sentindo o gosto de sangue explodir no meu paladar.

— Não faça isso, não me afaste e não se afunde na culpa. — Seu tom parece magoado e vejo seu corpo sair da cama, vindo até mim. — Você prometeu que não se sentiria culpado enquanto usasse o colar.

Não tente me confortar, Rav.

Não me faça querer correr para os seus braços e procurar o mesmo conforto da última vez.

Não me deixe desesperado para chorar, sentindo o carinho suave que apenas seus dedos são capazes de fazer.

Onze. Onze. Onze.

Liz está morta e eu esqueci disso.

Droga.

Engulo em seco, dando um passo para trás. Liz é a única coisa que preenche minha mente e todas as promessas que fiz a ela esmagam o meu peito de uma maneira desoladora.

Me sinto com falta de ar.

Preciso sair daqui antes de sufocar na frente dela.

Antes de Rav enxergar quão podre sou.

Antes de desmoronar e me esconder no refúgio dos seus braços quando não mereço.

Quando esqueci a porra do aniversário de morte da minha irmã e ri no maldito dia, como se sua existência já não significasse mais nada ou não causasse algum tipo de dor.

Porra. Porra. Porra.

Eu preciso mesmo sair daqui.

— É por causa dessa merda? — zombo, indicando o colar no meu pescoço.

— Se é uma merda, então o tire — ela me desafia. Seu olhar está determinado e simplesmente sei que Ravena não me deixará ir se eu não provar que isso não significa nada.

Levo minha mão até o pescoço e meus dedos tremem.

Não faça isso. Não faça isso. Não faça isso.

Tudo em mim repele o movimento, mas minha cabeça está tão ferrada que a única coisa que consigo enxergar é o corpo frágil de Liz na cama do hospital. O corpo pálido que não teve chance de viver.

Ela não pode viver os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, e eu sou incapaz de dedicar um só para homenageá-la e sofrer a sua ausência.

Eu sou um filho da puta do caralho.

Tiro o cordão com os dedos trêmulos, jogando no chão do seu quarto. Me pergunto se Ravena percebe o cuidado com que faço isso, o medo que tenho de quebrá-lo e a pura dor que sinto em devolvê-lo, quando um dos dias mais felizes da minha vida foi justamente naquela tarde que eu o ganhei.

Droga.

— Por que você está agindo como uma namoradinha emocionada por causa de um cordão barato? — Minhas palavras são cruéis porque eu quero e preciso que ela seja igualmente cruel comigo.

Por favor, Rav.

Por favor, me expulse daqui.

Por favor, eu não sei se consigo apenas sair.

Por favor, você merece mais do que isso.

Se eu esqueço o aniversário da pessoa que supostamente mais amo no mundo, o que eu poderia fazer com você? Se eu não cumpro as promessas feitas à minha própria irmã, como eu poderia usar um colar e cumprir uma feita a você?

Droga. Droga. Droga.

Apenas me expulse logo.

Não consigo ver a dor exposta nas íris azuladas e agradeço por Ravena ser tão rápida ocultando-a.

Ela ri.

— Você tem razão, eu não sou sua namorada e você não tem o direito de falar dessa forma comigo. — Ela caminha até a janela e me pergunto o que fará. Porém, basta ver seus dedos se erguerem na altura do seu pescoço para eu ter minha resposta. — Você tem certeza do que está falando? Tem certeza de que isso não significa nada? — Ela me mostra o colar em sua mão e travo o maxilar.

Claro que significa.

É a coisa mais preciosa que eu tenho.

Você é tudo o que eu tenho, Rav.

Mas como ela poderia acreditar nisso se o meu próprio colar está largado no chão e as palavras que escapam da minha boca são tão cruéis?

— Ravena…

— Eu deixei você entrar quando eu estava muito bem me virando sozinha. Eu permiti sua aproximação e prometi a mim mesma que eu não iria embora a menos que você me mandasse fazer isso. Então, irei perguntar de novo, você tem certeza?

Ravena, que é a pessoa mais durona que já conheci, parece ter sido gravemente atingida. Mas ela tenta ocultar isso.

Por favor, não me deixe ver o estrago que sou capaz de causar.

Não quando não suporto estar dentro do meu próprio corpo.

Droga, se eu perceber que eu realmente a machuquei, não sei como viverei com esses dois fardos.

Então, por favor, Rav, siga sendo inabalável.

Como meu último pedido, apenas seja inabalável.

— Responda logo, Nolan, porque eu não sou o tipo de pessoa que pergunta duas vezes. Muito menos irei pedir para você ficar quando claramente quer ir embora.

Olho para cima na tentativa de conter as lágrimas, mas sei que para ela parecerá um revirar de olhos.

— Tenho certeza. E não sei por que você segue agindo como uma namorada irritante quando sabe que o que temos sequer significa algo e não passa de sexo. — Eu nunca fui cruel com alguém, até agora.

A sensação é terrível.

Sinto como se eu fosse incapaz de respirar.

Sinto como se eu estivesse morrendo de dentro para fora.

Não veja por trás da máscara e não chore, Rav.

Apenas não chore.

E, bom, como sempre, minha garota não decepciona. Ela ri.

Ravena realmente ri.

— Ótimo — diz, e assisto, sem poder fazer nada, quando ela abre a janela e joga o colar. Ela abre mão da sua promessa da mesma forma que eu fiz.

Seu olhar é repleto de indiferença e notar a mudança tão brusca no seu comportamento, perder o carinho que era destinado apenas a mim, é como um golpe e tanto.

— Você conhece a porta de saída — ela murmura e ameaça se virar, como se não conseguisse me assistir indo embora.

Não a impeço, mas ela mesma faz isso e me encara uma última vez.

— Nolan? — chama.

— Hum? — Não tenho coragem o bastante para fitá-la, não quando até mesmo sua voz perde aquela brandura e volta à frieza congelante de sempre.

— Não espere que eu seja do tipo que vai atrás de você. Eu nunca vou atrás de ninguém. Se as pessoas querem ir, eu apenas as libero e arrumo substitutos — avisa e então se vira.

Fito suas costas por alguns segundos, mas quando percebo que minha presença não é mais desejada, obrigo meus pés a saírem. Assim como obrigo minhas mãos a não pegarem o colar.

Ravena perceberia que o levei.

Ela talvez viesse atrás de mim, preocupada, e isso não é justo com ela.

Não é justo com Liz.

Me desculpem, por favor.

Quando bato a porta da sua casa, o arrependimento é um sentimento tão amargo quanto o sangue em meus lábios, mas o peso da culpa me obriga a suportá-lo.

Isso foi escolha sua, Nolan.

Você quem esqueceu de Liz mesmo depois de prometer amá-la mais do que tudo.

E você quem abandonou Ravena, quando a fez prometer que não faria o mesmo.

Aceite as consequências.

Tento seguir em frente sem olhar para trás, mas a verdade é que mesmo sem merecê-la, fico na porta da sua casa por mais de duas horas procurando em cada pequeno canto e arbusto pelo seu colar.

Mas não importa o quanto eu procure, eu não encontro nada. Uma parte minha acredita que é assim que deve ser. Afinal, eu não mereço nada.

Nem o ar que respiro, roubado de outra pessoa.

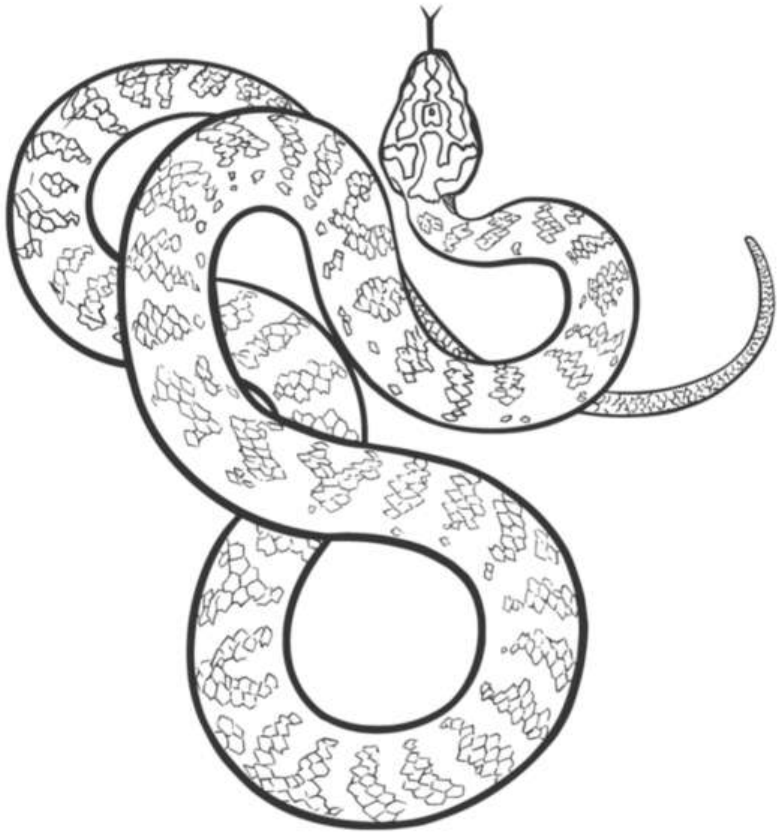
Nem o fato de estar vivo, quando deveria ser Liz.

Nem o sentimento dela, que foi a melhor coisa que já tive nos últimos anos.

E muito menos a verdadeira felicidade que senti no pouco tempo que tive ao seu lado.

OceanofPDF.com

Capitulo 30



Você foi embora e eu preciso ficar chapado o tempo todo
Pra parar de pensar em você, ooh, ooh
Chapado o tempo todo
Pra parar de pensar em você, ooh, ooh

Habits (Stay High) _ Tove Lo

OceanofPDF.com

Nolan Jones

— Que merda você está fazendo, Nolan? — Alex grita no instante que abre minha porta.

Acho que ela foi a primeira a voltar.

Rio em sua direção, soprando a fumaça para cima. O cheiro de maconha preenche o ar e acho que essa é a primeira vez que vejo o semblante de Alex preocupado, na verdade, quase desesperado.

Ou talvez eu esteja vendo coisa.

Talvez eu só esteja chapado pra caralho.

— Você está tentando se matar, porra? — ela rosna e a última palavra parece conter um tremor que nunca ouvi antes.

Seus olhos registram o cenário e me pergunto o que ela pensa. O que Alex pensa ao me ver deitado no chão com as caixas de cigarro, os comprimidos antidepressivos largados, a bebida melando meu corpo e a maconha impregnando seu cheiro?

O que Alex pensa? Não sei.

"Você está tentando se matar?" Eu queria, queria muito. Mas nem mesmo isso eu posso.

Fecho os olhos, porque estou cansado dessa merda, cansado de tudo.

— Nolan? — Soa quase como se ela implorasse e sinto a presença do seu corpo quando se ajoelha ao meu lado.

— Me desculpe por não conseguir fingir hoje, Alexzinha — sussurro e até falar me parece uma tarefa cansativa.

— Está tudo bem. — Ela tenta manter seu tom indiferente, mas deixa a preocupação escapar. — O que aconteceu?

Eu perdi Liz.

Eu perdi Ravena.

Eu me perdi.

Eu realmente me perdi.

Lágrimas escorrem pelos meus olhos e não consigo dizer nada, eu simplesmente não consigo falar.

— Está tudo bem — ela repete, e isso me lembra a Ravena.

Da forma que ela tentou me confortar usando essas mesmíssimas palavras. Lembro de Liz e de como ela sempre garantia que também estava tudo bem.

Droga.

— Nolan? — Escuto a voz feminina e demoro alguns segundos para associá-la à sua dona.

Morg vem correndo até mim.

— O que ele tem? — ela pergunta, preocupada. — O que está acontecendo? Você não ia sair? Por que bebeu tanto? — Morg não controla seus sentimentos tão bem quanto Alex, que vejo voltando do meu banheiro.

Em que momento ela se afastou? O que ela fez?

Olho ao redor, os frascos com antidepressivos e ansiolíticos sumiram.

Alex os escondeu.

Ela já sabia que eu os tomava? Ela sabe sobre Liz?

Hunter entra, mas não esboça nada. Seus olhos procuram Alex de imediato e eles trocam um olhar indecifrável.

— Porra. Que merda, Nolan. — Trent se junta à Morg, ele estende a mão para que eu fique de pé, mas estou confortável no chão.

Volto a fechar meus olhos e solto uma risada.

— Por que vocês estão sendo tão dramáticos? Não é como se fosse a primeira vez que bebo ou fico chapado. — Rio, sendo que uma lágrima desce pela minha bochecha.

Uma maldita lágrima traidora que me acusa de ser um mentiroso.

— Nolan… — O tom é choroso e parece pertencer a Vic.

Ela está aqui também? Todos chegaram ao mesmo tempo?

Eu me tornei uma atração? Eles finalmente conseguem ver por trás da máscara? Eles já descobriram quão patético sou?

A voz da Ravena dizendo que não era minha culpa retorna com força. E, bom, ela até pode estar certa. Pode não ser minha culpa a morte de Liz, mas é minha culpa ter esquecido dela como se ela fosse um nada.

Merda. Merda. Merda.

Meus ombros tremem violentamente quando as lágrimas começam a cair e sinto meu corpo sendo puxado para um abraço.

— Está tudo bem, Liz entenderia — a voz de Aiden sussurra no meu ouvido e são os seus braços que estão ao meu redor.

Não sei em que momento ele chegou.

Abro os olhos, todos os Víboras estão aqui e parecem abalados, como se eles que estivessem sentindo a dor dilacerante que rasga meu peito de dentro para fora.

Choro no ombro de Aiden e ele me segura, como se me trouxesse de volta à realidade.

Nick e Morg estão ajoelhadas atrás dele, ambas choram como se estivessem de luto por alguém que amam. Trent e Kian me encaram como se nunca tivessem me visto antes, os semblantes são desoladores, quase como se assistissem uma luz ser apagada e ficassem cara a cara com a escuridão pela primeira vez. Vic soluça e o rosto, sempre tão iluminado, parece destroçado, as lágrimas rolam em sua bochecha tão livremente quanto as minhas. Hunter trava seu maxilar, ele parece em choque pela minha explosão. E Alex, bom, Alex não esboça nada.

Seu maxilar está travado e ela morde o canto da sua boca, mas não chora.

Ela e Ravena definitivamente são parecidas e é irônico que eu tenha me apaixonado por uma, enquanto tantas vezes disse temer a outra.

Mas mesmo sendo durona, mesmo sem esboçar nada, mesmo sem gostar de toques desnecessários, mesmo com sua frieza e olhar estoico, ela se ajoelha e me abraça junto com Aiden.

Ela está ao nosso lado, todas as vezes. Mesmo se colocarmos um pastor na cadeia, mesmo se formos acusados de homicídio, mesmo se agredirmos um professor e mesmo se não passarmos de uma mentira, escondendo a face podre e suja por trás de uma máscara.

Alex está conosco em cada fodido momento. Ela pode questionar, se opor, ser fria e às vezes cruel. Ela pode ser possessiva, pode brigar ou pode apenas ficar calada com sua indiferença assustadora. Mas não importa o que aconteça, ela estará sempre ao nosso lado.

Ela nunca foge, nem mesmo quando isso ameaça sua reputação, o seu pai ou a sua própria liberdade. Ela é nosso farol quando todos nós ficamos perdidos.

E ter seu apoio silencioso, saber que ela escondeu os remédios para que os outros não vissem e que me abraça nesse momento fazem com que mais lágrimas escorram pelo meu rosto.

Você teria gostado deles, Liz.

Espero que, onde quer que esteja, consiga vê-los. Espero que admire Alex e pense nela como a Elsa, aquela que é fria como a neve, mas que está sempre disposta a oferecer os seus sentimentos vastos para aqueles que ama. Espero que ache Morgana linda e a imagine como a Ariel, aquela que foi contra seu pai e lutou para conseguir ficar com o seu amor. Espero que contemple Nick e a visualize como a Bela, aquela que amou a Fera apesar de todos o considerarem um monstro. Espero que se divirta com a Vic e a enxergue como a Anna, aquela que só foi feliz na segunda tentativa e se apaixonou por alguém completamente fora do padrão. E espero que ame Ravena assim como eu e que consiga enxergá-la

como a Rapunzel, aquela capaz de curar o que se feriu e trazer de volta o que se perdeu.

E, bom, espero que você veja os meninos como os príncipes, um tanto quanto errados, mas ainda minha família. Vivemos um conto de fadas conturbado, Liz. Mas espero que você goste de acompanhar aí de cima.

Por favor, espero muito que você esteja feliz por eu tê-los.

Eu juro que não a substituí.

Você realmente teria gostado deles e seria um Pascal extremamente amado.

Meu corpo treme enquanto as lágrimas seguem rolando livremente pelas minhas bochechas. Um por um se junta ao abraço, até que não passamos de um emaranhado de membros, todos sofrendo como se compartilhássemos da mesma dor.

— Ela está morta, Liz está morta — sussurro, e ninguém fala nada, assim como ninguém me deixa sozinho.

Eles não permitem que eu fique sozinho na escuridão e acho que agora, por enquanto, a luz vinda de todos eles é o bastante para me manter são.

Dia 01

Eu não saio do quarto. Aiden entra, conversa comigo e tenta falar sobre Liz. Ele pergunta se pode contar aos outros sobre minha irmã e afirmo, mas não saio do quarto.

Dia 02

As meninas entram, todas as quatro. Alex fica mais distante, e elas se sentam na cama comigo. Morgana pergunta se eu não vou para aula e quando nego, Nick diz que também não irá.

Nós estamos no último ano, cada aula é importante. Mas ainda assim, elas faltam e passam a tarde comigo, apenas assistindo *Enrolados*. Elas fazem piadas e tentam me distrair, mas me pergunto o que pensam sobre mim agora que sabem sobre Liz.

Hoje também não saio do quarto.

Dia 03

Alex vem sozinha, ela pergunta o que aconteceu entre mim e Ravena. A loira diz que Ravena mandou uma mensagem para ela, avisando que havia algo de errado comigo e pedindo para que Alex voltasse para casa. Ela encaminhou a mensagem para todos e por isso chegaram juntos naquela noite.

O motivo por trás das suas palavras é óbvio, ela quer me fazer reagir, ela quer que eu saia do maldito quarto e volte para a faculdade. Contudo, quando não esboço nada — embora meu coração acelere e o arrependimento me sufoque —, ela fala que Ravena saiu da Alpha.

De acordo com Alex, os sussurros estão se espalhando na Kingly e eles dizem que eu fui o responsável. Dizem que quebrei o coração da megera da Alpha, logo depois dela abandonar sua fraternidade por mim.

A culpa me corrói e deixo o quarto para trás. Chego na garagem e até pego a chave do carro, no entanto, desisto da ideia e volto para o lugar de onde nunca deveria ter saído.

Dia 04

Leio as mensagens de Ravena, em ambas não tem nada escrito além de um pedido.

Rapunzel: Por favor, não morra. Você prometeu para mim que não se sentiria culpado, mas se é incapaz de cumprir essa promessa, ao menos

cumpra aquela feita à Liz e siga vivo.

Rapunzel: Reaja, antes que a morte venha buscá-lo e viva. Por mim e por Liz, viva.

Passo a mão por cima do meu pescoço vazio e a ausência do colar é sufocante, assim como o cartão preto brilhando na cabeceira da cama.

Por ela, pelos meus pais e por Liz, não deixarei a morte me levar.

Dia 05

Meus pais querem me ver, Lauren me ligou ontem de noite e fez um ultimato, deixando claro que se eu não fosse para casa nesse final de semana, eles viriam me ver na semana que vem.

Aceitei o acordo, prometi que iria lá no domingo.

Domingo, bem no aniversário de Liz.

Que destino cruel do caralho que a fez morrer dias antes do seu aniversário.

Que merda injusta.

A vontade de ligar para Ravena tem feito meus dedos tremerem. Não voltei para a faculdade ainda, mas Morgana disse que falou com ela e que a indiferença de sempre ainda a rondava. Vic disse que ela parecia mais sombria do que antes e que ficava tão sozinha que a deixava nervosa. Nick confirmou.

Elas fizeram alguma piada ridícula e isso me fez rir.

Todos os Víboras vieram para o meu quarto e ficaram comigo o restante do dia. Foi divertido, eu me senti quase cem por cento leve outra vez.

Eles não me deixaram sozinho.

Dia 06

Alex fez uma reunião no quarto de ouro. As festas, lutas e corridas estão suspensas até ela reverter a ordem.

Ela não explica o motivo e não precisa, todos sabem que eu sou a causa. Sabem que ficaremos assim enquanto eu não estiver bem e as coisas não voltarem ao normal. Nenhum deles parece ser contra a decisão e Alex não se importa com quanto burburinho isso gera.

Amanhã teríamos uma corrida, será a primeira em anos que nenhum Víbora vai. E depois de amanhã será o aniversário de Liz, mas ela não está viva para comemorá-lo.

Me pergunto se Ravena irá correr e, se sim, o que pensará ao não nos ver?

Espero que ela esteja bem.

Por favor, Rapunzel. Por favor, não morra.

Eu não estou aí para impedir suas imprudências porque sequer consigo impedir as minhas, mas não morra.

Dia 07

Amanhã é aniversário de Liz.

Eu não posso esquecer.

Mas o engraçado nisso é que bebo para fazer exatamente isso.

Bebo. Bebo. Bebo.

Amanhã. Amanhã. Amanhã.

Bebo. Bebo. Bebo.

Eu preciso me lembrar. Eu preciso me lembrar. Eu preciso me lembrar.

Mas a verdade é que eu queria muito conseguir esquecer.

OceanofPDF.com

Capitulo 31

Sem você (não, não, não), sem você (não, não)
Eu não posso acreditar que você me deixaria
Fodam-se todos os seus motivos
Eu perdi minha cabeça, você sabe que eu não quis dizer isso
WITHOUT YOU _ The Kid LAROI

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Jake pisca para mim e se afasta em direção ao seu carro. Ele tem tentado me distrair nesses últimos dias e embora não tenha dado certo, admiro seu esforço.

Ao menos não tenho estado cem por cento sozinha.

Quero dizer, os Víboras também não me deixam fazer isso. Durante essa semana, ao menos um vinha falar comigo diariamente para saber se eu estou bem, como se realmente se importassem.

Alex tem me dado informações sobre Nolan e a maldita preocupação tem me enlouquecido, mesmo que ele tenha sido claro sobre o que significávamos.

Não me importo com o que ele pensa, para mim essa merda era diferente.

Maldito seja ele.

Maldito seja o hotel que estou ficando porque não tenho conseguido dormir na minha cama.

Maldita seja sua presença que preenchia tudo e me fazia bem.

Maldita seja minha casa solitária.

Maldita seja a sensação de vazio.

Encaro o outro lado da pista, onde os Víboras normalmente ficam. A ausência deles é notória.

No começo, ninguém estava dando muita atenção, todos achavam que eles estavam atrasados e apenas isso. Mas agora? Agora que os nomes

da corrida de hoje já foram escolhidos e fui selecionada como a primeira corredora contra um imbecil novo. Agora que irei entrar no carro porque preciso desesperadamente sentir algo além dessa merda sufocante dentro de mim e da preocupação que me deixa tonta. Agora que eles finalmente se deram conta que os Víboras realmente não irão correr essa noite, os burburinhos se tornam insuportáveis aqui também.

Como se já não bastasse na faculdade.

Quase soquei duas garotas por causa das idiotices faladas e derrubei uma no chão, fingindo ter esbarrado em seu corpo, somente por ouvi-la dizer que finalmente deixei de monopolizar o pau de Nolan e que ele voltará a meter em todos de novo.

Merda.

Desgraçadas do caralho.

Levo minha mão até o pescoço, onde os dois colares enfeitam minha clavícula. Eu não consigo tirá-los e confesso que ambos funcionam como um amuleto. Quase como se fosse terapêutico tocar neles.

Nolan jogou o seu como se não significasse nada, mas no momento que tentei fazer o mesmo, no instante que meus dedos ameaçaram jogar a coisa mais preciosa que já tive, eu falhei. Então, fingi. Eu coloquei o colar apoiado no peitoril da janela sem que Nolan percebesse e assim que ele saiu, juntei o seu do chão, colocando ambos em meu pescoço.

Desde então, eu não os tirei.

Minha promessa ainda é válida, Jones. Me chame de volta que prometo não me afastar.

Me chame de volta que estarei ao seu lado, fazendo tudo o que estiver ao meu alcance para ajudá-lo.

Por favor, não se afunde.

Apenas me chame de volta, eu juro que jamais quebrarei minha promessa.

Eu só me afastei porque você pediu por isso.

Suspiro, e enquanto o meu rival da noite posiciona seu carro, me obrigo a fazer o mesmo, entrando no *Porsche*.

Pego o celular somente por costume e arregalo os olhos ao ver a quantidade de chamadas perdidas só nos últimos dez minutos.

Coloco o cinto por puro instinto, focada em abrir as mensagens no grupo fui adicionada.

Aiden: Nolan saiu de casa, ele estava bebendo.

Nicolly: Ele foi encontrá-la?

Alex: Você está com o Nolan?

Hunter: O carro dele não está na garagem.

Morgana: Você está com ele? Nolan sumiu.

Kian: Estamos indo para a pista de corrida, acho que ele foi pra aí.

Vic: Ligamos para os pais dele, Nolan não está lá. Ele está com você?

Pisco. Pisco. Pisco.

Cada um mandou várias mensagens, mas só leio as últimas enviadas.

Onde você está, Nolan?

A garota que irá dar a largada se coloca na frente dos carros, com as bandeiras na mão. Estou para desistir de correr, quando vejo a expressão surpresa em seu rosto e olho pelo retrovisor, notando a comoção causada pelo *Nissan* descontrolado que invade a pista.

Droga.

Nolan.

Merda. Merda. Merda.

Ele passa pela pista inicial como se não existisse ninguém, os gritos são surpresos e seu carro por pouco não bate contra o meu quando ele dispara na largada, correndo como se não tivesse controle.

Me deixando para trás.

Meu coração dispara com um pico de adrenalina inesperado, meu pé afunda no acelerador e estou pouco me fodendo para a corrida.

Nada importa.

Ninguém importa.

Todos poderiam estar morrendo e nem mesmo isso me impediria de ir atrás dele.

Meus dedos apertam contra o volante com força, a pele fica branca.

Ele estava bebendo. Ele estava bebendo. Ele estava bebendo.

O velocímetro indica duzentos e vinte quilômetros por hora, mas o carro dele ainda está muito na frente do meu e me pergunto em que maldita velocidade ele está.

Afundo meu pé no acelerador com mais força.

Vamos lá. Vamos lá. Vamos lá.

Eu nunca precisei tanto da velocidade como agora.

Não consigo respirar, juro que tento puxar o ar, mas ele se recusa a entrar em meus pulmões. Meu coração bate tão rápido que talvez eu pudesse desmaiar.

Por favor, Nolan. Por favor.

Eu disse para você viver, porra.

Por que parece que você está correndo em direção à morte?

O que você está fazendo?

Aperto a buzina várias vezes seguidas, causando um barulho ensurdecedor na pista. Isso deve chamar sua atenção.

Ele olha pelo retrovisor? Ele percebe que estou atrás dele? Ele consegue enxergar o meu carro na cola do seu e nota minha determinação? Ele sabe que não irei parar?

Acho que sim, acho que Nolan finalmente se dá conta de que estou atrás dele, acho que ele percebe o que está fazendo e quão perigosa essa merda é.

Quão rápido estamos.

Ele diminui sua velocidade e eu aumento a minha para passar na sua frente.

Freie o carro. Freie o carro. Freie o carro.

Apenas freie o maldito carro, Nolan.

Quando o ultrapasso, cortando seu caminho, tento fazê-lo parar, mas Nolan não parece disposto a isso. Sua velocidade diminui, mas ainda é absurdamente rápido. *Ele está fora de si.* Não tenho certeza se ele não consegue diminuir a velocidade por algum fodido problema ou se apenas não quer.

Freie o carro, Nolan.

Por favor, freie o maldito carro.

Não sei que merda ele está fazendo. Não sei se está mesmo tentando se matar, se está desesperado pelo sentimento — qualquer um que seja —, não sei se ele se dá conta do que está fazendo e nem mesmo sei se ele percebe que iremos colidir.

Não sei de nada.

Só sei que Nolan precisa parar.

O celular está chamando, escuto a ligação, mas estou dirigindo rápido demais para conseguir focar em algo além da estrada.

Pare, por favor.

Pare.

Você me ensinou a viver e a ter vontade de continuar viva. Me fez ponderar os riscos antes de agir e me mostrou como é ter alguém esperando por você. Alguém pelo qual vale a pena ser cautelosa.

Mas se continuar assim, você também será o motivo da minha morte.

Droga. Droga. Droga.

Eu *preciso* que ele pare, porque se não fizer isso agora, não vai conseguir fazer a curva, seu carro ultrapassará a barreira e ele irá morrer. Sem chances de sobrevivência.

Nolan pare.

Pare. Pare. Pare.

Ele não quer — ou não consegue —, o tempo está acabando e não o desperdiço pensando nas consequências, não, eu apenas ajo. Meu pé afunda no acelerador e trezentos e oitenta quilômetros por hora brilha no velocímetro.

Pego distância e respiro fundo uma última vez, antes de girar o volante bruscamente para o lado, obrigando o carro a obedecer ao meu comando. Os pneus chiam com o *Porsche* derrapando de lado e meu corpo é arremessado com tudo quando puxo o freio e fico parada bem na sua frente.

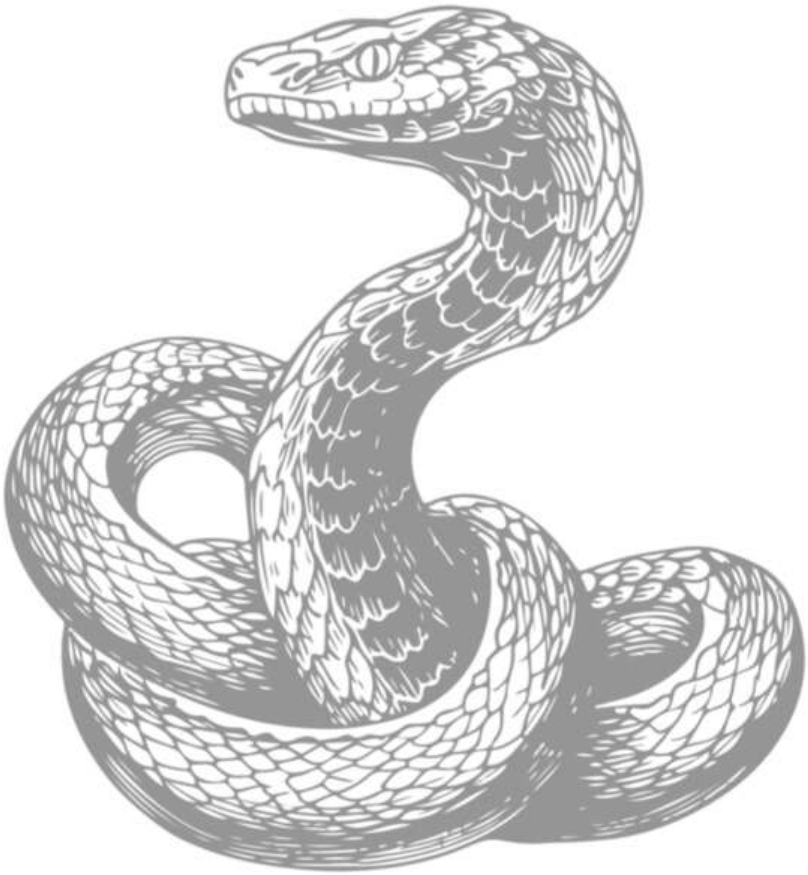
Eu sei que seu carro vai bater no meu, eu sei que iremos colidir, eu sei que para mim pode ser fatal.

Mas a verdade é que não me importo.

Porque você estava errado quando disse que eu gritaria por você, Nolan. Gritar seu nome é muito pouco quando eu escolheria morrer para que você pudesse viver.

OceanofPDF.com

Capitulo 32



Eu consigo fazer isso
Mas eu sou apenas humana
E eu sangro quando caio
Eu sou apenas humana
E eu me despedaço e eu me quebro
Human _ Christina Perri

OceanofPDF.com

— Eu não estou conseguindo frear, eu não consigo frear, Alex — Nolan fala desesperadamente do outro lado da linha, sua voz ainda está embriagada, mas com certeza ele está lúcido e minha mente imediatamente pensa em opções de como ajudá-lo. *— Ravena está na minha frente, os carros vão bater —* ele soluça e o som é tão angustiado que travo o maxilar.

Detesto quando os vejo abalados, mas dentre todos, aquele que mais me deixa desestruturada é Nolan.

Não importa quem é o meu favorito ou se tenho mesmo um, Nolan sempre será aquele que me destroçará todas as vezes em que for machucado.

E nesse momento, ele está destruído. Por isso, me sinto tão sem reação.

Nolan Jones, aquele que sempre finge estar bem desde o dia que o encontrei pela primeira vez. Nolan Jones, aquele que nunca deixa ninguém ver o quanto sofre ou permite que escutemos o barulho do seu choro quando acorda de um pesadelo. Nolan Jones, aquele que carrega fardos demais para alguém tão novo. Nolan Jones, aquele que nesse momento teme mais o fato de machucar sua ex-rival do que a possibilidade da morte.

Não morra, Nolan. Eu jamais me perdoaria.

Eu jamais conseguiria olhar meu reflexo no espelho, sabendo que fingi ignorância ao seu sofrimento. Sabendo que você precisava tomar antidepressivos e que deveria fazer um tratamento psiquiátrico por nunca ter conseguido superar a culpa que sente por estar vivo no lugar da sua irmã. Eu nunca irei me perdoar por não ter feito nada e por ter respeitado seu espaço.

Então, não morra.

— Jogue o carro para o lado, ele irá derrapar, mas não sairá da pista, talvez você consiga frear e ela saia da sua frente — Aiden fala, tomando o celular da minha mão.

Ele está dentro do carro comigo e Hunter, que dirige rapidamente até o fim da estrada onde eles estão. Estamos indo por um outro caminho, então provavelmente o alcançaremos antes deles fazerem a curva para retornar à linha de chegada.

Eu ao menos conto com isso.

Aperto meus punhos com força, a pele na palma da minha mão — constantemente ferida — rasga mais uma vez. Não sinto a dor e não esboço nada além de tranquilidade.

Minha mente também não pensa em nada e meus batimentos são estáveis, mas ainda assim, o desespero se espalha dentro de mim de uma maneira angustiante.

Hunter cobre minha mão com a sua, não precisando me olhar para saber como eu me sinto e o que faço.

Olho pelo retrovisor, os carros de Trent e Kian estão na nossa cola. Aiden desistiu de dirigir porque estava nervoso e preocupado demais com o seu melhor amigo. Nick ficou com minha irmã e Kian com a Vic.

— Merda, merda, merda. — Nolan soa desesperado. — Ela colocou o carro na minha frente, nós vamos colidir, porra.

— Desvie — Aiden rosna, mas tudo acontece muito rápido.

Hunter freia, avistando o carro de Nolan indo em alta velocidade contra o de Ravena, parado na frente do dele.

É impossível desviar.

Está rápido demais e perto demais.

O *Nissan* está com algum problema e Nolan não consegue frear, ele acabaria batendo contra alguma coisa e Ravena escolhe seu carro como vítima.

Pisco sem reação e assisto, sem poder fazer nada, quando os carros dos dois se chocam.

O *Porsche* de Ravena é arremessado para longe e capota uma, duas e três vezes antes de cair de pé, totalmente destroçado.

Vidro estilhaça para todo lado.

Aiden grita e desce do carro, Hunter faz o mesmo e todos os Víboras estacionados atrás de nós descem, mas eu não consigo.

O choque me deixa paralisada.

Nolan desce do *Nissan*, que finalmente parou com o impacto. Ele sai com pernas cambaleantes e sangue escorrendo em sua testa, não sei quanto ele se machucou e, mesmo sentada, mesmo à distância, mesmo sem ouvi-lo, consigo sentir sua dor.

O grito que ele dá, chamando o nome da Ravena, é tão alto que até mesmo de onde estamos, conseguimos ouvir.

Ela está morta?

Não esteja morta, Ravena.

Não esteja morta, porque Nolan nunca irá se perdoar.

Não esteja morta, porque se isso acontecer, você não será a única a morrer. Nolan não aguentaria.

Não morra, Ravena.

Escuto Hunter chamando a ambulância, ele grita que é uma urgência. Ele sempre se recupera mais rápido quando sabe que eu não consigo.

Todos os Víboras continuam em choque, ninguém se mexe e não tenho certeza se respiro.

Nolan se esforça muito para tirar o corpo dela para fora do carro destroçado, provavelmente com medo de que exploda, e eles caem no chão. Os ombros dele tremem violentamente ao chorar enquanto o de Ravena sequer parece fazer o movimento básico que todo corpo faz ao respirar.

Não morra, Ravena.

Não morra.

— Nolan odeia sangue — Aiden murmura, como se falasse somente para si.

Lágrimas escorrem dos seus olhos e os meus desejam fazer o mesmo. O sofrimento de Nolan me atinge de forma tão intensa que parece pertencer a mim.

Mas eu não choro.

Eu nunca choro.

Desço do carro com indiferença, todos me olham como se esperassem que eu desse alguma solução. Todos procuram desesperados por alguma muleta onde se apoiar.

— Ela vai sobreviver — falo e isso é tudo. A fria confirmação de que Ravena não morrerá é a única coisa que posso oferecer.

Ela não vai morrer, porque não pode morrer.

Ela não vai morrer, porque eu não vou permitir.

Mantenho a parcialidade, mas quando vejo Nolan, o mesmo Nolan que tem pavor de sangue, se banhar no dela como se estivesse disposto a fazer um pacto com o diabo para que ela viva, eu vacilo.

Minhas emoções fraquejam na frente deles, mas assim como acontece todas as vezes, Hunter se aproxima silenciosamente e oculta esse detalhe.

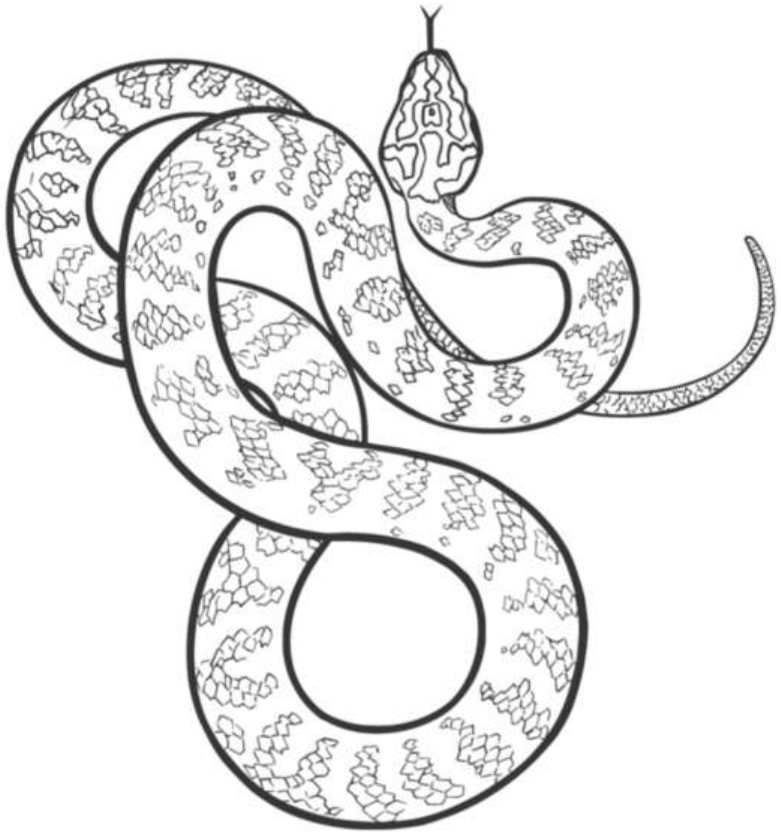
A mão discretamente apoiada na base da minha coluna é o bastante para me manter sã. O bastante para me lembrar que eu sou Alex Watson e que eu tenho tudo o que quero.

E se eu quero que Ravena viva. Se eu quero que ela siga com sua arrogância e provocações, se eu preciso que ela seja a felicidade que Nolan nunca teve, é isso o que acontecerá.

Nem que para isso eu tenha que vender minha própria alma.

OceanofPDF.com

Capitulo 33



Eles te pegam para sentir seus batimentos
Você pode me ouvir gritando: Por favor, não me deixe?
Espere, eu ainda te quero
Volte, eu ainda preciso de você
Me deixe pegar a sua mão, eu vou consertar tudo
Hold On _ Chord Overstreet

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Minha mente se torna uma bagunça, o barulho da ambulância se mistura com a voz dos médicos murmurando alguma merda sobre a pressão sanguínea na cabeça e estancar os ferimentos.

Eles dizem algo sobre um corte profundo no braço e falam alguma coisa sobre sua coxa precisar de pontos.

Meus olhos lutam para se manterem abertos e meus pensamentos se tornam uma bagunça completa.

O dia de hoje se mistura com o dia da morte de Liz. O seu sangue espalhado no meu corpo e o cheiro de ferro me levam de volta para aquele momento.

Ela morreu.

Mas Ravena ainda está viva.

Sua respiração é rasa e sua pulsação extremamente fraca, mas ela ainda está viva.

Ravena está viva e precisa continuar assim.

Minhas mãos tremem e minha falta de ar fica tão aparente que uma das socorristas me dá uma máscara de oxigênio.

Aceito e a coloco sobre meu rosto, me obrigando a respirar. A atenção de todos recai sobre Ravena, e as lágrimas que escorrem pelo meu rosto são tão dolorosas que parecem ácido queimando a pele.

Eu preferiria ser queimado.

Eu preferiria ser torturado.

Eu preferiria qualquer coisa no lugar dessa sensação fodidamente angustiante.

Merda. Merda. Merda.

Sei que o carro dos Víboras segue a ambulância, mas não foco nisso. Toda minha atenção está nela e nas palavras misturadas com termos que os médicos falam e não tenho capacidade de entender.

Digam que ela está bem.

Salvem, Ravena.

Por favor, não deixem que eu tenha matado-a.

Por favor. Por favor. Por favor.

Foi isso que eu implorei quando a ambulância chegou, não me importei comigo e sequer sinto alguma dor nesse momento.

Nada além dela importa.

Olho para o corpo fraco, o vermelho manchando a pele clara é como um golpe certeiro. Meus dedos ensanguentados marcaram seu rosto e seu pescoço, mas a testa sangra com um corte causado pelo acidente.

Um dos socorristas coloca a máscara de oxigênio contra a sua face e estanca os ferimentos, enquanto o outro faz uma massagem cardíaca em seu peito. Presto atenção no gesto e me arrependo na mesma hora.

Me arrependo, porque se eu não estivesse olhando tão atentamente, não teria reparado nos dois cordões brilhando mesmo contra o sangue.

Ela está usando.

Ravena está usando os cordões mesmo depois do que falei.

Ravena está usando os cordões mesmo depois que a deixei e a tratei como se não fosse nada.

Ravena está usando os cordões, mesmo depois de tudo.

Porra, Rapunzel.

Meu peito se comprime e fecho os olhos. As últimas palavras que eu disse para ela se repetem como um *looping* em minha cabeça.

“Não sei por que você segue agindo como uma namorada irritante quando sabe que o que temos sequer significa algo e não passa de sexo.”

Eu fui um filho da puta insensível.

Eu passei de todos os limites.

Eu errei com ela e me sabotei.

Eu não respondi suas mensagens, mesmo com ela me pedindo para viver.

Eu bebi para caralho e fui longe demais.

Eu saí dirigindo e perdi o controle.

Eu não percebi que ela estava atrás de mim até ser tarde demais. Eu não pensei nas consequências, eu ignorei a dor alheia e só me importei com a minha.

O carro emperrou e eu não consegui evitar o acidente.

Eu não consegui, Rav. Eu juro que eu tentei.

Eu tentei jogar meu carro para fora da pista, eu tentei pisar no freio e tentei manter minha mente focada, mesmo ela estando perdida.

Para ser sincero, eu sequer sei o que fui fazer naquela maldita pista. Eu acho que, inconscientemente, meu corpo procurou pelo seu, inconscientemente eu precisava de você, e quando não a encontrei, quando não a vi, eu apenas saí em disparada.

Eu já não tinha mais poder sobre minha mente e inúmeras memórias com Liz me atingiram. Naquele momento, eu fiquei tão perdido na escuridão que só consegui voltar a mim quando você buzinou.

Mas foi tudo tão rápido.

Tão, tão rápido.

Seu carro se jogou na frente do meu e tudo o que eu pude fazer foi assistir enquanto eu a arremessava para longe.

Eu não pude fazer nada, Rav. Mas eu juro que eu queria.

Eu preferia ter morrido do que ver seu corpo minimamente machucado.

Eu preferia ser condenado ao castigo de viver uma vida eterna, sempre lembrando de tudo que vivi, do que ter que segurar seu corpo agora.

Merda.

Eu escolheria qualquer coisa se eu pudesse simplesmente ver seu sorriso e ter suas respostas afiadas outra vez.

Sua mão cai para o lado e seguro seus dedos gélidos. O sangue ainda está fresco, então por que sua mão está fria?

Rapunzel, por favor, não morra.

Eu não vou aguentar se você morrer.

Fecho os olhos e engulo em seco, tentando recuperar o ar.

Oi, Deus. Eu sei que sou um péssimo filho, sei que sou um pecador, sei que vivi errado a vida inteira e que a última vez que realmente pedi algo foi quando descobri que Liz estava morrendo. Eu implorei de todas as formas para que o Senhor trocasse o lugar dela comigo. Eu lhe expliquei que era justo trocar uma vida por uma vida. Mas mesmo dando todos os motivos plausíveis, o Senhor não quis ajudar.

Mesmo eu indo em todas as igrejas que eu conhecia, mesmo deixando oferendas e rezando ajoelhado, o Senhor não fez nada e eu o odiei. Eu o odiei tanto por não salvá-la, que desisti da vida que o Senhor me deu.

Afinal, se Liz não pode viver a vida dela, eu também não queria a minha. Por anos eu sobrevivi no lugar dela pelo bem das outras pessoas. Por anos tive picos induzidos de felicidade e poucos momentos de felicidade real. Mas Ravena… Ravena me mostrou que ainda havia uma parte minha que queria viver. Ravena protegeu o brilho que o Senhor me deu e me mostrou que eu não precisava ficar sozinho na escuridão. Ravena me fez acreditar que o órgão em meu peito era precioso e ela o fez bater mais rápido, me mostrando que ele tinha outra função além do bombeamento de sangue.

Ravena me amou quando eu não conseguia e ela se jogou na frente do meu carro, mesmo quando disse que nunca viria atrás de mim. E eu sei que a culpa é minha, droga, Deus, eu realmente sei. Eu sei que fui eu que bebi, sei que eu fui um filho da puta e imprudente, mas também sou eu que imploro para que o Senhor não a leve de mim.

Por favor, Deus.

Não leve Ravena de mim.

Por favor, eu não suportaria.

Por favor, eu não aguento perdê-la.

Não seja tão cruel comigo, porra.

Por que eu mereço o castigo de sempre perder aqueles que amo? O que eu fiz de tão errado para ser punido? O que eu preciso fazer para que você não a leve?

Eu sei que ela seria um anjo lindo e precioso, que ela e Liz seriam amigas e que minha irmã deve estar se sentindo sozinha, mas, por favor, não a leve.

Por favor, Liz, não queira Ravena para si quando eu mal pude desfrutar da sua presença.

Por favor, Deus, deixe-a ficar comigo. E se não puder fazer isso, então me leve junto.

Eu estou pronto, eu juro que estou.

Não me importo se terei uma morte dolorosa ou se machucarei todos aqueles que amo. Pela primeira vez, desejo ser egoísta, desejo feri-los para não me ferir, porque eu não aguento mais ser machucado.

A longa linha da vida na sua mão está cortada e o sangue mancha a palma, como se zombasse de mim por acreditar que ela teria uma vida longa.

Não ouse morrer, Ravena Crawford.

Não ouse morrer sem que eu possa pedir desculpas.

Não ouse morrer sem gritar comigo e me culpar pelo seu acidente.

Não ouse morrer sem que eu admita o quanto a amo.

Não ouse morrer e me deixar para trás.

Não ouse me abandonar e não me faça visitar seu túmulo.

A culpa é mais dolorosa do que mil adagas perfurando minha pele e durante todo o caminho para o hospital, eu apenas imploro a Deus para que ele me mate, caso não seja capaz de salvá-la.

Eu, na verdade, ameaço o Senhor Todo Poderoso e garanto que se ele a tirar de mim, eu serei miserável. Eu viverei apenas o bastante para ver seu corpo sendo enterrado e cortarei os meus pulsos.

Eu prefiro qualquer tipo de morte do que um mundo vazio sem ela.

Uma semana depois

Ravena está em coma.

Ela levou sete pontos na perna, três no braço e dois na testa.

Os cacos de vidro perfuraram seu corpo de modo superficial e ela tem diversos cortes do acidente, mas os únicos profundos foram esses três. Ela quebrou duas costelas com o impacto e bateu a cabeça com força o bastante para até agora não ter acordado.

"É um traumatismo craniano, o acidente foi grave e não podemos prever quando ela irá acordar. Sinto muito."

Essa é toda a resposta que temos recebido.

Ela reage bem e seu cérebro tem atividade, mas ela não acorda.

Ravena não mexe nem mesmo um dedo.

Li tudo o que pude sobre traumatismo craniano e acidentes que podem levar a um coma. Já houveram pessoas que acordaram depois de seis meses, outras depois de anos e há aquelas que apenas morrem.

Eu todos os dias rezo para que esse não seja o caso de Ravena.

Olho ao redor, Nick e Aiden se aproximam com um café. Eles estão aqui desde o acidente, e todos programaram um rodízio para me fazer companhia. Durante o dia, apenas dois ficam, e pela noite, todos se reúnem na sala de visitas. Por quanto tempo isso vai durar? Não sei, mas tem sido assim nos últimos dias. Eles não me deixam sozinho e eu me recuso a sair daqui.

Minha mãe tentou me fazer ir para casa, me pediu para descansar um pouco, mas quando percebeu que eu não sairia do lado de Ravena, ela decidiu que também não sairia do meu. E foi assim que meus pais alugaram um quarto no hotel aqui em frente ao hospital.

Os pais de Ravena quiseram fazer o mesmo depois que foram notificados do seu estado, eles realmente quiseram vir, mas Alex disse que causaria uma comoção desnecessária. Transformariam o caso de Rav em algo público e já basta tudo o que estão falando na *Kingly* e o escândalo dramático, onde dizem que causei o acidente de propósito.

Não precisamos de mais atenção.

Eles tentaram bancar as despesas médicas, quiseram mandá-la para o melhor hospital, com o tratamento mais avançado. Contudo, eu mesmo já havia providenciado isso e eles não puderam ajudar em nada.

Então, assim como nós, apenas torcem pela sua melhora e esperam ansiosamente por atualizações.

Nick sorri em minha direção e me estende o copo, que aceito com um aceno. Minha expressão segue inalterável.

Eu não me permito sentir nada, porque tudo em mim parece anestesiado. Tem sido assim desde que me entregaram o seu celular depois do acidente, desde que vi a mensagem não enviada. Ela ainda está gravada em minha mente e sou capaz de recriá-la, letra por letra.

“Que droga, Nolan Jones. Por que você fez eu me apaixonar se iria me deixar? Volte, prometo não enjoar de você. Volte, minha casa é vazia demais sem a sua presença. Volte, eu sinto sua falta. Volte, porque eu amo você.”

Desde que li isso, dediquei meu tempo a implorar que ela viva. Eu choro sempre que a vejo e depois volto à indiferença casual, conversando com Deus e pedindo socorro. Ameaçando a divindade enquanto torço para que ele se importe com a dor de um humano falho.

E se não estou fazendo isso, penso em formas que eu poderia morrer. Porque ou Ravena vive, ou eu morro e vou atrás dela.

Então, por favor, Rav, viva.

Eu quero você viva.

Viva por você. Viva pelos Víboras. Viva pelas corridas. Viva pela fraternidade que será sua se quiser. Viva por mim. Viva por nós.

OceanofPDF.com

Capitulo 34

Desfaça as cinzas
Desencadeie as reações
Eu não estou pronto para morrer, ainda não
Me tire desse desastre

Train Wreck _ James Arthur

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Não sei onde estou, quanto tempo se passou ou quem fala comigo agora.

Tenho escutado vozes ultimamente, mas quase nunca consigo reconhecê-las, ao menos não tão rápido.

Sei que Nolan já falou comigo, ele fez ameaças me dizendo que está miserável, que vai se jogar na frente de um carro ou que vai virar se isolar do mundo se eu não acordar. Ele me disse que eu o estava devendo desde aquele dia na sinuca e que não tinha encontrado nada para me pedir até agora. Até o exato momento em que a única coisa pela qual ele implora antes de dormir e ao acordar é justamente para que eu viva. Ele faz piadas idiotas que me deixam com vontade de rir e chora de forma tão desoladora que quero confortá-lo. Mas, embora eu consiga fazer isso na minha mente, meu corpo não me obedece.

Eu escuto sua voz, mas eu não o vejo. Eu quero tocá-lo, mas eu não me mexo.

Onde eu estou? Eu não sei, acho que fico presa em minha própria mente. Acho que meu corpo precisa de mais tempo para começar a obedecer meus comandos.

Escuto termos médicos, escuto as vozes femininas me pedindo para acordar e, ontem, tenho quase certeza de que escutei Alex conversando comigo. Ao menos minha cabeça confusa deduz que tenha sido ela pelas palavras ditas.

“Quando eu percebi que Nolan estava se envolvendo com você, eu fiquei preocupada. Você era como uma versão feminina dele e achei que dois inconsequentes acabariam se destruindo. Mas, ainda assim, optei por

ficar calada. Eu sempre optei por ficar calada com tudo o que envolvia Nolan, ele preferia que fosse assim. Eu sabia que ele jamais se interessaria por uma pessoa que não o desafiasse, ele precisava de alguém insano o bastante para não se importar com a vida, porque só assim ele daria valor à sua, no momento em que quisesse proteger a de outra pessoa. Por isso fiquei calada e não coloquei nenhum empecilho, por isso eu esperei para ver o que aconteceria, mesmo que você fosse irritante a ponto de me provocar. Aos poucos, percebi que Nolan estava mais leve. Ele ria com mais facilidade e parecia constantemente ansioso por algo, como se tivesse parado de apenas aceitar tudo o que vinha e realmente começado a viver. Nolan encontrou um porto seguro em você e conheceu a verdadeira felicidade ao seu lado. Ele deixou de fingir, Crawford, e eu nunca me senti tão aliviada. Mas agora? Merda, ele parece estar sumindo diante dos meus olhos e eu não consigo fazer nada para evitar. E eu sei que é egoísta pedir isso, mas não morra. Não morra, porque ele precisa de você, mais do que é capaz de imaginar. Não morra, porque não quero ter que vender minha alma ao diabo para trazê-la de volta. Não morra, porque todos nós queremos você viva. Acho que somente quando você se juntar a nós que nossa família estará completa, então, deixe de ser uma preguiçosa e acorde logo. Já se passaram duas semanas e você está causando um drama desnecessário ao demorar tanto."

Tenho certeza de que era ela, quase consigo imaginar o semblante inexpressivo, levemente irritado com a minha demora.

Eu queria ter respondido. Eu queria ter acordado.

Mas por que eu não consigo?

Por que tudo o que eu vejo é a claridade insuportável que quase me cega?

Branco. Branco. Branco.

Isso é tudo o que consigo enxergar.

Sinto o toque na minha mão e uma voz desconhecida volta a falar comigo. Escuto, com isso sendo a única coisa que sou capaz de fazer nesse momento.

— Acho que essa é a primeira vez que tenho coragem de falar com você. Até então eu optei por esperar que você acordasse, vi seu rosto de longe e pensei que você era justamente o tipo de garota por quem ele se apaixonaria. Eu gostei de você sem sequer ter escutado sua voz e eu queria muito tê-la conhecido antes, eu realmente queria. — A mulher chora, eu acho. Ao menos ouço seu fungar. Meu peito dói. — Eu queria estar vindo agradecer por você tê-lo amado, mas primeiro terei que agradecer por tê-lo salvado. Obrigada por ter se arriscado pelo meu menino, obrigada por ter se colocado na frente do carro, obrigada por ter assumido os riscos e por tê-lo feito se apaixonar, obrigada por existir. Mas…

Ela soluça.

Eu queria muito confortá-la, na verdade, torço para que alguém se aproxime e faça exatamente isso.

— Acorde logo — ela implora. — Alguns anos atrás, Nolan sobreviveu quando Liz morreu e sabe o sentimento de mãe? Acho que todas criamos um instinto extra no exato instante que nossos filhos nascem. Naquela época, eu sabia que Liz ia morrer, por isso eu chorava todas as noites e implorava tanto por um milagre. E eu nunca tinha tido essa sensação com Nolan, até agora. Até ter plena certeza de que Nolan irá morrer se você não acordar. — O sofrimento em sua voz é angustiante.

Eu queria muito respondê-la.

Merda, por que não consigo falar?

Eu queria dizer que Nolan é mais forte que isso, que mesmo se eu morresse, mesmo se eu nunca mais for capaz de abrir os olhos, ele vai continuar se mantendo firme.

Eu queria dar alguma garantia, nem que fosse a promessa de que acordarei.

Droga, eu queria muito.

— Ele não come praticamente nada, não dorme direito e não sai do seu lado em momento algum. Ele não esboça nenhum sentimento quando está lá fora, mas sempre que entra para vê-la, chora o tempo inteiro. E agora eu verdadeiramente tenho medo de chegar aqui no dia seguinte e ele ter se suicidado. Tenho medo de perdê-lo. Então, por favor, acorde. Por favor,

faça tudo voltar ao normal. Faça meu filho feliz, porque não suporto mais a tristeza que o persegue desde que Liz se foi.

Droga.

Acorde, Ravena, ele precisa de você.

Acorde, antes que seja tarde.

Acorde e o abrace.

Acorde e diga o quanto o ama.

Acorde, antes que ele seja imprudente e nunca mais seja capaz de fazer o mesmo.

Acorde. Acorde. Acorde.

Porém, mais uma vez, não importa o quanto eu queira ou quanto eu tente, eu simplesmente não consigo falar, me mexer e nem mesmo abrir os olhos.

Eu me sinto perdida, a claridade é tudo o que eu enxergo e não aguento mais o tédio de estar presa, sozinha na minha própria cabeça.

Eu só quero que essa merda acabe.

Nolan. Nolan. Nolan.

Seu nome sempre é o único em meus pensamentos e o repito incontáveis vezes, quase como se o invocasse.

Nolan. Nolan. Nolan.

Venha me salvar.

Nolan. Nolan. Nolan.

Me tire daqui.

Nolan. Nolan. Nolan.

Me leve a algum lugar.

Nolan. Nolan. Nolan.

Como se seu nome fosse uma oração poderosa, eu o repito. E como se ele de fato fosse invocado por mim, consigo vê-lo claramente na minha frente.

Ele está todo de branco e quase se perde na claridade infinita dentro da minha cabeça. Seus braços estão descobertos e as tatuagens ficam expostas, mas mesmo com a pele toda marcada, ele parece um anjo.

Nolan verdadeiramente parece um anjo bondoso que veio para me guiar em direção à claridade infinita.

Nolan. Nolan. Nolan.

Sorrio, sentindo meu coração acelerar somente ao vê-lo. Seus pés estão descalços e ele estende sua mão na minha direção, esperando que eu vá com ele.

Sua beleza é imaculada, o sorriso em seu rosto é puro e ele aguarda pacientemente, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

Sua calma é tão grande que sequer lembro porque estava entediada minutos atrás.

Encaro seus dedos suaves, apenas esperando o meu toque, esperando minha decisão de segui-lo. Mas, verdade seja dita, eu nunca precisei pensar antes de ir atrás dele.

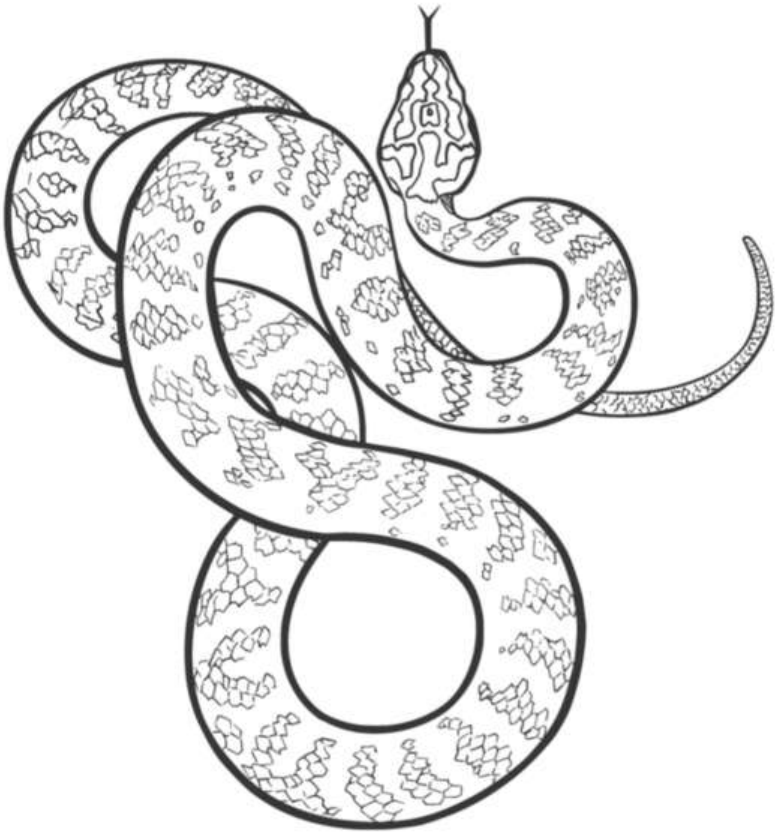
Eu iria atrás dele para qualquer que fosse o lugar.

E é por isso que eu o sigo. Sem me importar com o que pode acontecer, tendo plena consciência de que se eu estiver ao seu lado, ele me guiará e me salvará todas as vezes.

Toda maldita vez.

OceanofPDF.com

Capitulo 35



Eu amei e te amei e te perdi
Eu amei e te amei e te perdi
E isso dói como o inferno
Sim, isso dói como o inferno
Hurts Like Hell _ Fleurie

OceanofPDF.com

Nolan Jones

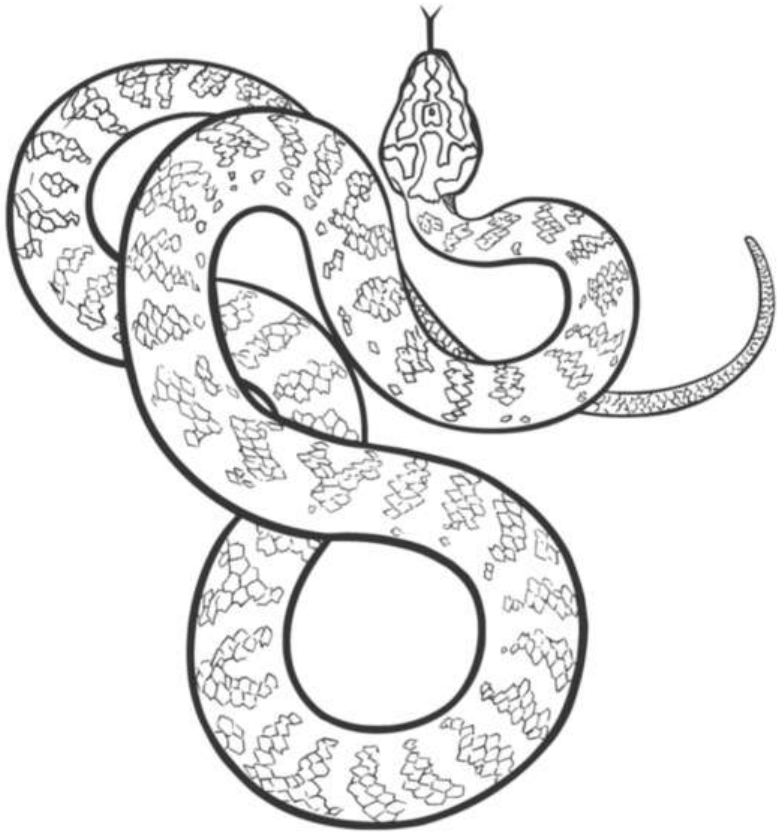
“Sinto muito, senhor Jones. Ela está morta”.

Ela está morta. Ela está morta. Ela está morta.

……
……
……

OceanofPDF.com

Capitulo 36



Neste doce sofrimento
Pelo qual eu paguei todas as ofensas
...
Neste caminho, na sua ausência, eu posso me esforçar
Sem você, minha vida é apenas uma decoração que brilha, sem sentido

Dernière Danse _ Indila

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Encaro a lápide de mármore, ajoelhado em sua frente. Meu corpo inteiro treme e a verdade é que eu ainda não consigo acreditar.

Ela morreu.

Ela está morta.

Eu nunca mais verei seu sorriso e jamais criarei uma nova memória com ela.

Eu nunca mais segurarei sua mão ou passarei um tempo ao seu lado.

Eu serei sempre assombrado pelo pouco tempo que tivemos.

As lágrimas que escorrem pelas minhas bochechas são extremamente silenciosas, assim como a dor que sinto.

É sufocante.

Eu não consigo respirar.

Foi minha culpa, realmente foi minha culpa.

Ela morreu. Ela morreu. Ela morreu.

Os médicos não tentaram explicar e não deram desculpas esfarrapadas para o acontecido.

Ela morreu.

Ela morreu. Ela morreu. Ela morreu.

Era esperado que isso acontecesse, mas merda, por que ela?

Eu quem deveria ter sido levado, isso é minha culpa. Era o meu coração que não deveria estar batendo nesse momento.

Meu rosto está molhado, mas mesmo que a dor seja dilacerante, eu ainda me sinto anestesiado.

Eu não consigo acreditar que ela morreu.

Não consigo acreditar que tudo o que terei é essa fodida lápide.

Não consigo suportar a ideia de continuar vivo nesse maldito mundo.

É demais.

É cruel e injusto demais.

Eu queria que fosse mentira, por favor, alguém me acorda e diz que é um pesadelo. Alguém me acorda e fala que é uma brincadeira. Eu imploro, alguém, por favor, muda essa merda de destino cruel.

O cheiro da grama é forte demais para ser falso e eu consigo sentir a textura do túmulo perfeitamente, porque isso é real.

É real. É real. É real.

Não importa quanto eu deseje que seja falso. Não importa o quanto eu queira acordar. Não importa se essa merda me rasga ao meio. Eu não vou abrir os olhos assustado e ficar aliviado ao ver que é um pesadelo, porque isso é real.

Fodidamente real.

Droga, Deus. Achei que tivéssemos feito um acordo, achei que o Senhor me ajudaria, achei que conseguiria salvá-la. Eu acreditei nisso.

Eu realmente acreditei.

Mas eu estava errado em confiar em você.

Ela morreu. Ela morreu. Ela morreu.

O nome brilhoso de Ravena enfeita a lápide e o meu corpo treme, soluçando compulsivamente com falta de ar.

Ela morreu e eu fiquei sozinho.

Ela morreu e eu quero ir com ela.

Ela morreu e eu fui um idiota em acreditar que seria digno da felicidade. Fui idiota em acreditar em milagres e desejar um mundo ao lado dela.

Idiota. Idiota. Idiota.

Ela morreu.

Ela morreu.

Ela morreu.

— Nolan? — alguém me chama, e acordo assustado.

Me sinto desnorteado.

Minha cabeça martela e a dor em meu peito com o *flashback* tão vívido da primeira vez que visitei o túmulo de Liz me domina.

Pisco algumas vezes, tentando me localizar.

Sinto meu rosto molhado antes mesmo de levantar a cabeça e sei que, mais uma vez, chorei desesperadamente.

Tem sido assim nos últimos dias.

Toda vez que fecho meus olhos, um *flashback* diferente envolvendo a morte de Liz me atinge. E inconscientemente, o nome de Ravena sempre fica atrelado à memória, como se aquilo tivesse acontecido com ela e não com Liz. Seja numa lápide ou no hospital, com os médicos anunciando sua morte, sempre acontece.

E toda maldita vez, acordo com falta de ar. Temendo que aquilo seja real. Com medo de que realmente haja o momento em que virão anunciar

sua morte.

Porra.

Não me deixe, Rav.

Eu preciso de você, Rapunzel.

Não me deixe.

— Nolan? — chama de novo, e paraliso, só agora me dando conta de que reconheço esse tom, mesmo estando baixo e rouco.

Eu reconheço essa voz como se fosse uma fodida extensão da minha.

Meu coração palpita e acelera tão forte que ameaça rasgar minha caixa torácica e se entregar voluntariamente a ela.

Ravena.

Ravena Crawford.

Lágrimas molham meu rosto e não consigo me mexer. Não consigo nem mesmo erguer a cabeça porque temo ser uma alucinação, temo encontrar seus olhos fechados e tenho pavor de pensar na possibilidade deles nunca mais se abrirem.

A verdade é que eu tenho medo.

Merda, tenho tanto medo.

Soluço com o choro, e a mão que seguro há semanas e nunca se mexe, aperta levemente a minha, como se me confortasse.

A sensação é real demais.

Tão real quanto a do túmulo com o seu nome.

Meu Deus.

Por favor, se isso for falso, não me acordem.

Por favor. Por favor. Por favor.

Levanto a cabeça lentamente, desejando vê-la acordada nem que isso seja uma mentira. Precisando desesperadamente ver seus olhos felinos

brilharem mais uma vez na minha direção.

Por favor.

Quando crio coragem e a encaro, acho que meu coração para e temo ser eu aquele que acaba morrendo com uma parada cardíaca.

Lágrimas caem de seus olhos cintilantes e minhas bochechas também ficam encharcadas. Eu não consigo fazer nada, eu não consigo me mexer e nem mesmo falar.

Ela está acordada.

Rav acordou.

Minha Rapunzel mais uma vez me salvou.

— Isso é real? — sussurro, baixo demais. Com medo de que até mesmo minha voz me arranque do paraíso onde estou.

Diga que é real.

Diga que isso é real, eu imploro.

Meu corpo está apoiado na cadeira de visitas, minha mão segura a sua com força e apenas nós dois estamos fechados no seu quarto hospitalar.

Ravena balança sua cabeça lentamente e sorri, mesmo com a máscara de oxigênio em seu rosto ajudando-a a respirar.

Ela parece confusa, como se também não tivesse certeza se é real ou não, mas acena para me tranquilizar.

E estou pouco me fodendo se isso for uma mentira, eu escolho acreditar.

Obrigado. Obrigado. Obrigado.

— Obrigado por estar viva — soluço. — Obrigado por voltar para mim. — Aperto sua mão com ainda mais força e a enfermeira entra, chamando os médicos na mesma hora ao vê-la acordada.

É real. É real. É real.

Porra, realmente é real.

Obrigado por estar viva, obrigado por voltar para mim, obrigado por existir.

Obrigado, Deus. Ela está viva e me sinto digno da felicidade pela primeira vez. Ela está viva e eu estava certo em acreditar em milagres. Ela está viva e agora terei uma eternidade ao seu lado.

Ela está viva. Ela está viva. Ela está viva.

E agora, acima de tudo, eu também desejo ficar vivo somente para ter uma longa vida feliz com ela.

OceanofPDF.com

Capitulo 37

Porque eu não quero perder você agora
Estou olhando bem para a minha outra metade
O vazio que se instalou em meu coração
É um espaço que agora você ocupa
Mirrors _ Justin Timberlake

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

Ele enche uma colher com a comida e assopra antes de aproximá-la da minha boca sem dizer uma única palavra. Tem sido assim desde que acordei ontem de tarde.

Os médicos fizeram uma bateria de exames para saber se eu estava mesmo bem e depois de se certificarem que eu estava conseguindo respirar, falar, me mexer, ouvir e enxergar, liberaram as visitas.

Eu fiquei surpresa, verdadeiramente surpresa, ao ver tantas pessoas contentes por eu ter acordado. Todos os Víboras estavam aqui, os pais de Nolan, Jake e até mesmo meus pais tentaram fazer uma videochamada comigo.

Eles sorriam e pareciam aliviados. Lauren, a mãe dele, até mesmo me abraçou e sussurrou um “obrigada” no meu ouvido. Ela foi cuidadosa ao me tocar, como se tivesse medo de que eu me machucasse, e eu inexplicavelmente fiquei com vontade de chorar.

Eu nunca tinha visto-a antes, mas mesmo assim ela foi carinhosa e preocupada.

Durante a vida inteira, achei que se eu acabasse morrendo em uma das corridas ou apenas desaparecesse deste mundo sem deixar rastros, ninguém se importaria. Pensei inúmeras vezes que, como eu era tão sozinha e não tinha ninguém em casa esperando por mim, sequer repararia a minha ausência. Achei que se eu tivesse um enterro, não haveria ninguém para chorar minha morte.

Eu seria facilmente superada e minha presença esquecida.

Mas então como, do dia para noite, tantas pessoas surgiram na minha vida? Como pessoas que quase não tive vínculo e que devo ter trocado duas palavras no máximo se importam tanto e desejaram que eu continuasse respirando?

Sei que a preocupação comigo é como uma extensão pela preocupação que sentem por Nolan, mas quando os vi reunidos por mim, pensei pela primeira vez que eu não era tão sozinha assim.

Alguém sentiria minha falta.

Nolan principalmente. Até agora consigo lembrar de cada palavra dita enquanto eu estava em coma e cada suplício para que eu acordasse logo.

Ele sofreria se eu morresse, verdadeiramente sofreria, e eu consigo sentir isso. Mas desde ontem, ele tem agido de forma estranha.

Até mesmo agora, enquanto espera que eu abra a boca para colocar mais comida dentro dela, ele evita me encarar. *Por quê?*

— O que você está fazendo? — pergunto, e minha voz ecoa no quarto do hospital.

— Alimentando você? — Seu tom é provocativo, mas o meio sorriso é falso e há uma pontada de incerteza.

— Nolan, olhe para mim — peço, e ele faz isso de imediato, como se obedecesse a um comando.

Suas íris esverdeadas encontram as minhas e a intensidade refletida nelas me deixa com o coração acelerado.

Engulo em seco.

— Estou olhando para você, Rapunzel.

Mordo a boca, seu olhar é tão fixo e há tantos sentimentos cintilando nas íris ao mesmo tempo que quase me arrependo de atrair sua atenção.

— E o que você vê?

— Seu corpo machucado — admite em um tom baixo.

Dou um sorriso.

— A visão é tão ruim assim a ponto de você evitá-la?

Ele revira os olhos.

— Droga, Rav. Você continua bonita toda machucada, usando uma maldita camisola hospitalar. E continuaria bonita mesmo se fosse transformada em um zumbi ou um extraterrestre. Você é a porra da mulher mais bonita que já vi e sua aparência é fatal, seja dormindo, acordada, descabelada e até mesmo em coma — ele resmunga. — Droga, acho até mesmo que tem um enfermeiro apaixonado por você.

Rio com o ciúme evidente em sua expressão, mas fazer isso arranca um gemido de dor vindo dos meus lábios.

— Esse é o problema, não sua aparência.

— A dor é o problema? — Franzo o cenho, confusa.

— Não, mas eu ter sido responsável por causá-la.

— De que merda você está falando agora? — A irritação faz com que eu aumente meu tom, isso também gera uma pontada de dor.

Ele desiste da colher quando percebe que não irei continuar comendo.

— Você quase morreu, Rapunzel. Você ficou em coma por duas fodidas semanas. Você teve uma parada cardíaca, tem pelo menos três cicatrizes no seu corpo e duas costelas quebradas. Você quase morreu porque sou um doente do caralho que dirigiu bêbado e não conseguiu frear antes de atingi-la. — Sua voz falha e as lágrimas voltam a molhar suas bochechas.

Ver Nolan chorando ontem foi como ter mil facas sendo enfiadas no meu peito, mas agora? Ver a culpa em seu semblante e o desespero tão vívido? Merda, isso é como ter a pele sendo lentamente arrancada. A dor é pior do que qualquer uma que já senti na vida e eu preferia reviver o acidente centenas de vezes no lugar dessa merda.

— Eu vi você nos meus braços, vi todo aquele sangue e senti sua respiração fraca. Eu vi seu corpo desmaiado e seus olhos fechados dentro da ambulância e eu a vi em coma durante todos esses dias. Não importava o que eu dissesse e fizesse, você não reagia. Não importava o quanto eu

implorasse ou rezasse, não importava quantas promessas eu fizesse. Você não se mexia! — acusa. — Eu disse que nunca mais tocaria em uma única droga e que jamais tomaria outro gole de álcool. Eu prometi vender meu carro e cuidar da minha vida como se fosse preciosa. Eu prometi ser alguém melhor por você. Eu queria viver por você. Eu queria ser feliz com você. Mas porra, Rav. Não importava o que eu dissesse ou fizesse. Você não se mexia e não reagia. Eu disse que ia me tornar miserável, falei que nunca mais seria capaz de amar outra pessoa, que não aguentaria o peso da morte de outro alguém e prometi a mim mesmo que me mataria se você não acordasse. Eu ia morrer e ia persegui-la até minha existência se tornar um nada. Eu implorei para Deus me transformar em um anjo após minha morte, porque eu iria atrás de você. Eu tentei negociar, fazer acordos para trazê-la de volta. Eu não me importava com o que teria que ser feito, eu só precisava que você acordasse. Os pesadelos me deixavam desesperados e o medo de perdê-la junto com a culpa por ter sido o responsável me faziam querer desistir. Mas o seu coração batendo era tudo aquilo que me mantinha respirando. A possibilidade de vê-la acordar era aquilo que me fazia viver mais um dia. Eu não teria conseguido sobreviver sem você. A sua perda seria fatal.

Então Lauren estava certa.

Nolan não aguentaria.

Mordo a boca, mas a maldita lágrima escorre pela minha bochecha mesmo assim e limpo-a rapidamente.

Nolan está olhando para baixo, sua respiração está eufórica, e ele, agitado. Mas sua postura é quase acuada.

— Você estava dentro do carro comigo? — Soo ríspida, embora meu desejo seja chorar junto com ele e dizer que está tudo bem.

Mas não posso oferecer esse meu lado, não antes dele entender que não teve nada a ver com isso.

— O quê? — Nolan levanta sua cabeça e me encara, as íris esverdeadas carregam culpa e alívio. Arrependimento e amor. Dor e felicidade.

— Você estava no fodido carro comigo, Jones? Você me obrigou a ir atrás do seu carro? Você me mandou jogar o *Porsche* na frente do seu *Nissan* e bancar a super-heroína?

— Eu…

— Responda.

— Não.

Bufo.

— Então não tente transformar isso em algo sobre você. Eu lhe disse uma vez que nunca vou atrás de ninguém e eu não menti. Eu não vou atrás porque nunca tenho interesse o bastante. Eu deixo todos saírem da minha vida porque não me importo o suficiente. Eu não me esforço para fazer ninguém ficar, acho isso idiota e perda de tempo. Eu nunca faço nada somente porque me mandaram e só ajo de acordo com que eu quero. Então, não pense que teve algum peso em cima da minha escolha. Se eu tivesse morrido naquele acidente, teria sido unicamente culpa minha, está bem? — falo, olhando dentro dos seus olhos, sem nem mesmo piscar. — Você foi um idiota por dirigir bêbado? Sim. Você poderia ter machucado alguém além de si mesmo? Sim. Você foi o culpado pelo meu acidente? Não. Eu que escolhi isso, seu carro teria atingido um poste ou saído da pista e você teria sido o único ferido sem minha interferência. Eu me coloquei nessa situação sozinha, então pare de assumir responsabilidades que não lhe cabem.

Ele engole em seco.

— Rav...

— Apenas cale a boca e me escute, Flynn Ryder. — Dou um sorriso em sua direção. — Você quer tanto se culpar por algo? Está bem, se culpe por não ter acompanhamento psiquiátrico. Se culpe por se importar tão pouco consigo mesmo. Se culpe por apenas *sobreviver* quando Liz queria que você *vivesse*. Se culpe por usar uma máscara e não deixar ninguém lhe ajudar quando é quem mais precisa e quando sempre ajuda a todos. Se culpe por ter me afastado. Se culpe por ter sido um idiota. Se culpe por ter quebrado sua promessa. Se culpe por ter colocado sua vida em risco ao dirigir daquela maneira. Se culpe apenas por esse tipo de coisa e não pelo meu acidente ou pela morte de Liz. Você pode até ter a aparência de um

deus, mas não é um. A vida das pessoas à sua volta não está sob o seu controle, então pare de se responsabilizar por elas.

Lágrimas silenciosas escorrem em seu rosto e sorrio suavemente, me esticando na cama ao estender meu braço e secá-las. Meu polegar desliza na pele macia.

— Você é mesmo a Rapunzel, *huh*? — brinca. — Da próxima vez, pode até mesmo cantar a música.

Reviro os olhos.

— Sei mais uma coisa pela qual você pode se culpar.

— Pelo quê? — questiona.

— Por ainda não ter devolvido meu colar. — Indico os dois cordões em seu pescoço, sei que eles estavam no meu antes de tudo acontecer.

Ele ri.

— A sua promessa ainda é válida? — pergunta, e bufo.

— Ela sempre foi — confesso, e Nolan se levanta, vindo para perto de mim.

Viro meu pescoço para o lado, ainda sentada na maca. Seus dedos são suaves ao afastar meus cabelos e mais suaves ainda ao colocar o cordão em mim. A sensação de sentir a corrente fria outra vez é reconfortante.

— Me desculpe e obrigado — ele sussurra, sentando no espaço livre ao meu lado.

— Pelo quê?

— Me desculpe por tê-la afastado e obrigado por tudo. — Dessa vez, é sua mão que vem até minha bochecha. Suas íris seguram as minhas e é impossível desviar. A intensidade do seu olhar e o cuidado do seu toque são transbordantes. — Desde o primeiro dia que a vi, você me tirou do sério. Seu andar era confiante demais e sua aparência chamava atenção por onde passava. Corrida após corrida, você foi me enlouquecendo. Aposta após aposta, você me deixava querendo mais. Suas palavras eram sempre afiadas, seu sorriso provocativo e o seu olhar vez ou outra aparecia nos

meus sonhos. Você era a única que me deixava mostrar o meu real lado, sempre me levando ao limite e me fazendo voltar em busca de mais.

Sorrio.

— Então foi por isso que você se apaixonou?

Ele dá de ombros.

— No começo, você foi como o desafio que me conquistou. Eu queria vencê-la e não falo isso me referindo à pista. Eu queria que você me quisesse e eu gostava de instigá-la. Cada provocação me deixava em êxtase, mais do que qualquer droga e bebida eram capazes. Porém, depois, ficou intenso demais. Tudo com você me deixava viciado, precisando de outra dose. Sua companhia despertava adrenalina e espalhava ondas de serotonina pelo meu corpo. Eu não precisava daquelas merdas para me sentir leve e eu sequer me dei conta do quão bem sua presença me fazia, até me ver perdido na escuridão outra vez — ele assume. — Rav, eu estava sozinho esse tempo todo até você aparecer, toda sombria e debochada. Sua frieza de alguma forma é quente para mim e você é como a sombra que afasta toda a escuridão que me rodeia. Você permite que eu seja eu mesmo, você cura onde está ferido e encontra aquilo que está perdido dentro de mim, você achou minha felicidade e despertou minha vontade de viver. Então, obrigado por existir e por ter permitido que eu me apaixonasse por você.

Pisco rapidamente, tentando afastar as lágrimas, no entanto, elas caem mesmo assim.

Nolan ri.

— E você? Como se apaixonou? Sei que a resposta é meio óbvia — diz, apontando para o seu corpo, com um sorriso malicioso dançando em seus lábios —, mas quero ouvir mesmo assim

— Quem disse que eu me apaixonei? — bufo, com um gesto de indiferença.

Ele leva uma mão ao peito, como se tivesse sido gravemente atingido. Mas sua outra mão continua me tocando. Sorrio.

— Se eu curei o que estava ferido, você preencheu o que estava vazio — inspiro, me preparando para admitir. Seus olhos são pacientes e tão

intensos que me sinto tranquila. — Eu vivia sozinha há tanto tempo que verdadeiramente acreditei que estava bem com aquilo. Achei que aquela vida era o que eu precisava, achei que eu tivesse tudo o que queria. Acreditei que aqueles picos de felicidade eram tudo o que eu teria. Mas, então, você apareceu. No começo, sua presença era irritante. Eu gostava das nossas apostas e provocações, mas sempre achei que você fosse apenas aquilo. Eu não suportava sua forma de ser sempre feliz, isso me incomodava porque eu tinha inveja. Eu invejava como você parecia próximo de todos os Víboras, o modo que você nunca estava sozinho, a sua forma de rir com piadas idiotas e achava que você tinha tudo. Eu o considerava fútil, porque era mais fácil vê-lo dessa maneira do que tentar ver uma personalidade em você e invejá-lo ainda mais. Eu era como a princesa trancada na torre, a diferença era que não havia alguém me prendendo nela. Eu era o meu próprio carrasco e joguei minha chave fora, porque acreditava estar feliz naquela masmorra. Eu não queria que ninguém entrasse e visse o quanto eu era patética e solitária. Mas de alguma forma, você entrou. Você invadiu minha torre sem permissão e me mostrou o que a vida poderia ser com outra pessoa. Eu gostei de como eu me sentia livre ao seu lado e de como minha casa parecia cheia somente com a sua presença. Eu gostei de como você me fazia rir e despertava em mim coisas que eu nunca havia sentido. — Engulo em seco, Nolan tem um largo sorriso em seu rosto e gosto até mesmo disso, de como ele sorri igual um maníaco. — Para ser sincera, eu gosto de tudo isso. Mas gosto especialmente do seu cheiro de lar. Droga, até mesmo agora, em um hospital, eu me sinto em casa somente por tê-lo ao meu lado.

Nolan aproxima seu rosto e resvala seus lábios levemente contra os meus.

— Amo você, Rapunzel. Obrigado por ser a princesa rude e fria que me fez ter vontade de viver outra vez.

Rio.

— Amo você, Flynn Ryder. Obrigada por ser o príncipe convencido e engraçadinho que me salvou da minha própria torre e fez com que eu abaixasse minha guarda. — Aproximo minha boca do seu ouvido: — Mas aproveite esse momento, porque não irei repetir isso com frequência.

— Espera, se vai ser assim, então você vai ter que repetir tudo para que eu possa gravar.

— Talvez nos seus sonhos, Jones — cantarolo.

— Droga, Crawford. Eu deveria ter recebido um aviso prévio de que minha mulher bruta não repetiria que me ama.

— Depois de tudo isso, você ainda esperava que eu repetisse?

— Sim — afirma fortemente. — Por favor — implora, e seguro a risada.

— Não.

— Só mais uma vez.

— Não.

— Mas…

Inclino meu corpo e aperto o botão vermelho que chama a enfermeira responsável por mim. Nolan arregala os olhos dramaticamente e parece horrorizado.

— Você é cruel, Ravzinha. Sequer parece que acabou de se declarar.

— Eu não me declarei — finjo ignorância e ele me encara em choque.

Rio e quando a mulher chega, minto sobre estar com dor e peço para descansar. Nolan se afasta como se estivesse com raiva, mas volta cinco minutos depois com um lençol, pedindo para se deitar do meu lado.

Afasto e ele sobe na maca, deixando que eu me aconchegue em cima do seu peitoral. O som dos seus batimentos é como uma música.

— Amo você — repito, e ele beija o topo da minha cabeça.

— Você sabe que eu não gravei ainda e vai ter que repetir de novo, não sabe?

Rio.

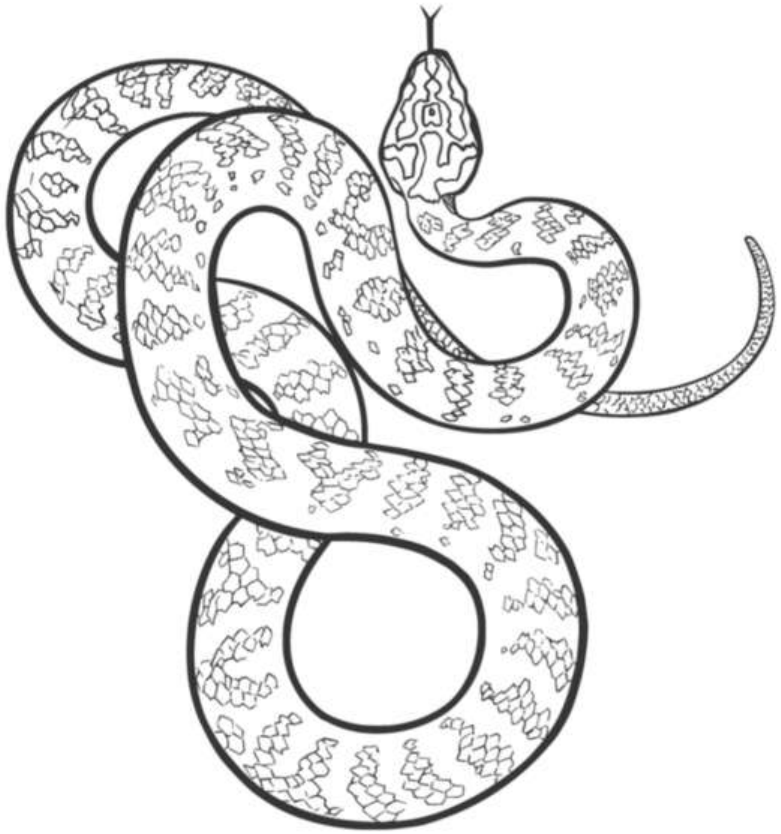
— Pode ir sonhando, não custa nada.

Ele bufa e abraço-o mais forte, mesmo que isso cause uma pontada de dor. Enquanto ele estiver ao meu lado, ficarei bem.

E estou pouco me fodendo se nós dois não vivemos um conto de fadas, porque eu verdadeiramente gosto muito mais da nossa versão.

OceanofPDF.com

Capitulo 38



Amar pode curar
Amar pode consertar a sua alma
E é a única coisa que eu sei, sei
Eu juro que vai ficar mais fácil
Lembre-se disso com cada pedaço seu
E é a única coisa que levamos quando morremos

Photograph _ Ed Sheeran

OceanofPDF.com

Nolan Jones

Algumas semanas depois

Essa é a primeira vez desde a sua morte que não sinto tanta culpa ao vir aqui. Também é a primeira vez que estou acompanhado.

Se for para ser sincero, gosto da sensação.

Olho para Ravena e fico parado exatamente onde estou enquanto ela se abaixa e coloca o buquê sobre o túmulo de Liz. A lápide preta com o seu nome me faz respirar fundo.

— Oi, me desculpa por ter demorado tanto para vir vê-la. Eu não sei se você viu daí de onde está, mas sofri um acidente e fiquei algum tempo presa no hospital. Se quer saber, foi uma chatice completa. — Ela diminui o tom, como se compartilhasse um segredo. — Queria ter sido forte igual você, que ficou tanto tempo lá e não reclamou nenhuma vez. Mas eu não consegui, fui tão insuportável que os médicos me deram alta para se livrarem logo de mim. — Ela ri, e meus olhos pinicam. — Depois, eu tive que decidir entre ir para os Víboras ou continuar naquela mansão sozinha e eu sei que parece uma escolha fácil. Só que, ainda assim, sou meio lenta e demorei cinco dias antes de decidir me juntar a eles. Mas não se preocupe, a mansão ainda é minha e sempre que eu me irritar com o seu irmão, eu fujo para lá. Aliás, sabia que é tão grande que parece um castelo? Eu não usava todos os cômodos, mas acho que você teria gostado de lá. Talvez até dissesse para eu não me mudar.

A primeira lágrima escorre pela minha bochecha.

Liz teria mesmo gostado de lá.

Liz teria se vestido de princesa e sempre me pediria para visitar o "castelo" da minha Rapunzel.

— Depois de me mudar, eu ainda demorei mais cinco dias até conseguir vir aqui. Mas eu juro que tenho uma desculpa boa para explicar isso! Sabia que eu não conseguia pensar em uma flor bonita o bastante? Nolan me mostrou uma foto sua e eu fiquei chocada, sua mãe passou a beleza todinha para você e eu juro que nenhuma flor parecia chegar aos seus pés, então, me desculpa por ter demorado tanto escolhendo. Eu queria que você gostasse de mim de primeira — admite.

Ravena segura o buquê de crochê outra vez. Ele tem o lírio encantado da Rapunzel bordado como flor principal e algumas flores roxas em volta. O Pascal está bordado em cima e olhar para o animal faz com que mais lágrimas rolem livremente pelo meu rosto.

No entanto, não é a culpa que faz isso acontecer. Não, é apenas a saudade.

Ela tira uma corrente, que eu ainda não havia visto, de dentro do seu bolso e coloca enrolada nas flores.

— Eu mandei fazer um buquê especial, as flores morrem rápido demais, porém, o crochê vai durar e você sempre terá algo do seu filme favorito com você. Isso é legal? Será que você gostou? Espero que sim. — Sua própria voz é chorosa. — Eu também mandei fazer um cordão, já que da última vez fiquei com o seu. Sabia que ele é igual ao meu? Agora eu, você e o Nolan usamos algo só nosso. Ninguém pode tirar isso da gente e nenhum de nós nunca mais se sentirá sozinho outra vez. — Rav ri. — Eu me sentia muito sozinha, sabia? Mas o seu Nunu entrou na minha vida e me salvou. Ele é bom, muito bom, e ama muito você. Você sempre será a pessoa que ele mais ama no mundo inteiro e ele sempre será a pessoa que eu mais amo no mundo inteiro. Então, se você não se importar, pode dividi-lo comigo? Eu prometo que nunca vou machucá-lo e que nunca vou abandoná-lo. Eu prometo para você que vou fazê-lo viver um felizes para sempre, Liz. — Ela fica em silêncio por alguns segundos, secando seu rosto.

Não consigo me mexer, as lágrimas molham meu rosto e eu não tento secá-las.

Quando Ravena me pediu para vir, não achei que fosse querer conversar com Liz, muito menos que pediria sua autorização para me dividir.

— Eu também prometo vir sempre aqui para falar com você. Todas as vezes que eu quiser reclamar dele, também virei aqui. E, bom, se você não tiver gostado de mim, eu virei aqui até você gostar da minha presença. Eu sei que eu pareço fria e malvada, mas juro que não sou assim. Ao menos não sempre. — Ela ri. — Eu teria feito você gostar de mim. Acho que nós duas teríamos nos tornado melhores amigas e iríamos enlouquecê-lo quando você crescesse e começasse a namorar, seguindo os meus conselhos. Mas, já que não pudemos fazer isso nessa vida, garanta que irá nos encontrar em uma próxima, está bem? Nessa eu cuidarei dele por você e na próxima faremos isso juntas — garante, puxando o ar para os seus pulmões. — Sinto muito por você ter morrido tão cedo, Liz. E muito obrigada por ter existido. Garanto que sua curta vida jamais será esquecida.

Rav suspira, deixando o buquê com o colar no túmulo antes de se levantar. Seus olhos encontram os meus e ela sorri ao se aproximar, beijando a minha bochecha molhada.

— Vou esperar no carro, está bem? — murmura e sai, me deixando sozinho.

Engulo em seco ao tomar o lugar que Ravena estava.

— Você deve estar achando minha roupa estranha, não é? Eu sempre vim visitá-la usando preto, mas hoje é a primeira vez que venho de branco. Você já sabe o motivo? — pergunto. — Ravena me disse que há uma crença por trás das roupas pretas em funerais. Aparentemente, dizem que o espírito fica vagando sozinho e usam o preto como um disfarce, para não serem perseguidos por aquele ente morto. Mas hoje vim de branco porque se isso for real, se você puder mesmo me ver, quero que venha até mim e se despeça antes de finalmente descansar em paz. — Uma brisa fria sopra contra o meu corpo, mas a sensação não é desconfortante. — Por muito tempo eu me senti culpado, Liz. Na verdade, ainda acho que me sinto. Mas prometo que estou cuidando disso, Rav está ajudando e eu voltei a me tratar com a psiquiatra. Depois de anos, tenho finalmente conseguido falar sobre você, sabia? Eu tenho tomado os remédios direitinho e agora até mesmo os Víboras me ajudam nessa parte. Ontem mesmo Alex apareceu no meu

quarto com um copo de água, me mandando ir tomá-los quando deu o horário. As festas e corridas ainda estão suspensas, embora as lutas já tenham voltado. Eu ainda não consegui entrar em um carro e dirigir sozinho, mas confesso que estou ansioso para isso. Eu realmente gosto de correr, mas dessa vez, prometo que farei com cuidado. Prometo que eu viverei porque eu quero viver e não apenas porque eu te fiz uma promessa.

Seco meu rosto, a sensação de dizer isso é boa.

— Você está orgulhosa de mim? Eu finalmente achei minha Rapunzel e estou feliz, você consegue ver isso de onde está? Sabe, eu nunca parei para pensar em como você se sentia. Eu estava tão focado no medo de perdê-la, que nunca parei para pensar em como era para você nos perder — soluço. — Você foi tão forte, pequena. Você tinha dor, mas não falava. Você sofria e não reclamava. Você estava morrendo, mas ainda assim se preocupava em como nós viveríamos, ainda assim você me pediu para viver. Você era tão nova, mas já sabia que eu ficaria destroçado a ponto de querer morrer, sabia que a mamãe ficaria destruída e que o papai não conseguiria aguentar tudo sozinho. Você me deixou com a missão de respirar em seu lugar e houveram dias onde, no fundo, eu a odiei por isso, a odiei por ter morrido. Então vim pedir desculpas, sei que eu devo tê-la deixado preocupada. Sei que você deve ter chorado e deve ter ficado triste enquanto assistia eu me destruir. Sei que você deve ter ficado zangada por eu ter sido burro e por não ter entendido o seu desejo de me ver feliz por trás da sua promessa. Sei que você deve ter percebido que eu estava me apaixonando antes que eu visse isso, porque você sempre foi mais esperta do que eu. E sei que você deve ter gostado de Ravena, você deve ter amado a Ravena. Nós sempre fomos parecidos, não é? Tudo o que você amava, eu amava por sua causa e você fazia o mesmo. Sempre fomos assim, *huh*? Você amava *Enrolados* como seu filme favorito, então ele se tornou o meu favorito também. E se eu amo Ravena como se o meu coração batesse por ela, tenho certeza de que você a ama como se ela fosse da nossa família.

Fecho os olhos, tocando em cima do nome lapidado. O conforto que sinto a cada palavra dita é inexplicável. É quase como se eu conseguisse respirar depois de muito tempo sufocando.

— Espero que nesse momento você esteja me vendo, Liz. Espero que você esteja sorrindo daquela maneira única e que ainda tenha a mesma

pureza de antes. Espero que mesmo que tenha se irritado comigo nos últimos anos, consiga me entender e me perdoar. Espero que você goste dos Víboras e que também os considere sua família. Espero que você tenha saudades da mamãe e do papai. E eu espero muito que você ainda me ame como se eu fosse sua pessoa preferida, porque você sempre será a minha. Mas, acima de tudo, hoje eu espero que você descanse. Você finalmente pode descansar, Liz. Eu prometo que não darei trabalho, eu tenho uma família bem grande e eu tenho minha Rapunzel para me guiar. Ela não costuma quebrar promessas e se prometeu que cuidaria de mim, ela irá fazer isso. Nem que tenha que jogar seu carro na frente do meu e que arrisque sua própria vida no processo. — Sorrio. — Ela é um pouco intensa demais e não é delicada que nem as princesas, mas eu a amo exatamente assim e irei cuidar dela da mesma forma. Irei proteger todos aqueles que eu amo com a minha vida e serei protegido e amado com a mesma intensidade. Então, por favor, descanse. Apenas siga em paz e faça o que Rav disse. Volte na próxima vida e nos encontre, prometo reconhecê-la de imediato e então assistiremos *Enrolados* juntos, está bem? Eu amo você, Liz e sempre amarei.

Deixo um beijo na lápide fria e antes de me afastar, posso jurar que escuto sua voz responder um: “também amo você, Nunu”. E mesmo sabendo que é coisa da minha cabeça, mesmo sabendo que é impossível, eu sorrio caminhando até o carro.

Liz está em paz.

E eu? Bom, eu encaro Rav abraçando seu próprio corpo e sorrio em direção à minha paz.

OceanofPDF.com

Epílogo

Eu te conheci no escuro, você me iluminou
Você me fez sentir como se eu fosse o suficiente
Nós dançamos a noite toda, nós bebemos demais

...

Eu quero ficar com você até nós ficarmos bem velhinhos
Apenas diga que você não vai embora

Say You Won't Let Go _James Arthur

OceanofPDF.com

Ravena Crawford

— Por que você iria querer ter uma outra tatuagem de cobra, Ocean? — Trent pergunta para Morg, sentada em seu colo.

A garota ruiva o encara, bufando.

— Não é óbvio? Quando eu entrei, não fui tão criativa! Quem faz uma tatuagem no braço? — ela debocha.

— Ei — Trent e Aiden resmungam.

Sorrio.

— Só estou dizendo que Alex tem uma cobra entre os peitos, Nick na costela perto do peito, Vic na virilha e Rav na bunda. A minha é a menos excitante.

— Você já é excitante o bastante — Trent reclama e Nolan aperta minha cintura.

— Eu posso tatuar uma nova cobra para você, Morgzinha — Nolan oferece, solícito, e os olhos da garota brilham interessados.

— Nem fodendo. Já falei que você nunca vai tatuar a minha garota, faça isso com a sua, agora que tem uma.

— Minha garota é egoísta, ela já tatuou a pele inteira com outros homens, que sequer tinham talento, antes de me conhecer — ele ralha, e olho por cima do ombro, revirando os olhos em sua direção.

— Você está querendo dizer que minhas tatuagens são feias? — pergunto, e ele arregala os olhos.

— Quando eu disse isso, Rapunzel? — murmura, horrorizado. — Suas tatuagens são mais bonitas que as minhas, tudo em você é.

Bufo, e Aiden ri.

— Você vivia de zoar conosco por sermos como cachorros que abanam os rabos por suas donas e consegue ser ainda pior — Aiden zomba e Nick ri, escorada nele.

— Sabia que eles fizeram uma aposta que vocês ficariam juntos? — Vic comenta. — Eu sequer quis apostar, mas eles chamaram a aposta de "o amor entre o burro falante e o dragão".

— *Sunshine!* — Kian ralha, fazendo com que ela o encare.

— O quê? — ela pergunta inocentemente.

— Você que deu o nome — acusa.

— Eu não, foi a Nick. — Se defende e a morena cacheada não se exalta.

— Quem deu o nome foi o Aiden, não eu — explica, e Aiden ri, sem tentar se defender.

— Achei própicio, Rav cospe fogo e você é como o burro falante mesmo. — Ele dá de ombros com divertimento e encara Nolan, os dois conversam com o olhar e ambos parecem leves.

Não sei explicar, mas eles possuem uma conexão diferente. Isso é óbvio para qualquer um.

— E você é uma mentirosa, foi a que apostou mais alto — Morg acusa Vic, que pisca inocentemente.

A garota loira é tão engraçada quanto Nolan. Ela é exatamente tudo o que pensei que fosse e sua luz é tão grande que se espalha por onde ela passa. E embora tenha mesmo uma espécie de inocência que a rodeia, ela usa isso a seu favor.

Kian é o seu completo oposto. Ele é calado e sério noventa por cento das vezes, mas sempre que fica ao lado dela, é como se eles se completassem. Algo como *Yin-yang* ou a luz e a escuridão. Eles se olham

como se fossem incapazes de existirem nesse mundo um sem o outro. É bonito.

— Você apostou o mesmo tanto que ela, Ocean — Trent fala e Morg o encara, apertando os olhos em sua direção.

— Você é meu namorado, deveria me defender.

— Você quem começou dizendo que queria uma tatuagem na bunda.

— Eu nunca falei o lugar. — Ela ri maliciosamente, e ele arregala os olhos, arrancando uma risada de todos.

A ruiva parece ser a mais provocativa. Ela é nitidamente curiosa e vive como se tivesse sido proibida de fazer isso a vida inteira, então desfruta o máximo que pode ao lado dele. E Trent parece disposto a acabar com qualquer um que tente tirar isso da sua garota.

Os dois parecem iguais, como se fossem a extensão um do outro. É difícil determinar onde um começa e o outro termina. Eles se olham como se não importasse se o mundo está em chamas ou se está se acabando com uma tempestade, porque desde que estejam juntos, não faz diferença.

— Se Morg fizer uma nova, também irei querer — Nick fala, e Aiden a encara.

— Onde você a faria, Moranguinho? — pergunta, entrelaçando os dedos nos dela.

A garota dá de ombros.

— Não sei, talvez uma nota musical na costela. — Ela sorri e os olhos dele brilham ao fazer o mesmo. Isso parece ter algum significado para os dois.

A Nick é diferente, ela parece possuir um poder sobre Aiden que é inexplicável. Quero dizer, acho que todos ajoelhariam se elas pedissem, mas Aiden faria isso por livre e espontânea vontade por ela.

Eles são os mais tranquilos e a relação dos dois parece ser a mais sólida, é quase como se o amor tivesse amadurecido com o tempo. Ambos se olham como se não importasse a distância, os obstáculos e nem mesmo o mundo ao redor, porque nada será capaz de abalá-los.

É quase relaxante vê-los.

A porta do quarto de ouro é aberta e Hunter é o primeiro a entrar. Ele meneia a cabeça em direção a todos e fica parado, esperando.

Não sei o que pensar dele, dentre todos, acho que ele é o mais distante, ao menos de mim.

Alex entra com a cobra enrolada em seu pescoço. O animal é grande o bastante para que também se enrosque em seu braço. Essa é a segunda vez que vejo o bicho de estimação e ninguém parece surpreso ao vê-la.

— Até quando vocês vão continuar com esse clima terrível? — Nolan resmunga atrás de mim e belisco sua mão em minha cintura. — Ai, Rapunzel. Só fiz uma pergunta.

— Mas você calado é um poeta, Jones — rosno, e ele ri.

— Sempre tão cruel — cantarola, beijando meu pescoço. Sorrio, sem que ele veja. Alguns olhares recaem sobre nós, os sorrisos enfeitam outros lábios além dos meus. Todos parecem contentes por nós dois.

— Nolan tem razão, e então, o que aconteceu? — Kian insiste e não esperamos uma resposta, porque eles não a deram das últimas vezes que perguntamos. Por isso, por não esperarmos, todos se surpreendem quando ela vem:

— Eu a pedi em casamento — Hunter confessa e encara sua namorada, como se o resto de nós não existisse.

— E eu neguei. — Ela dá de ombros com indiferença e não tenta explicar o motivo ou parece culpada por isso.

O silêncio recai sobre a sala e ninguém fala nada, embora eu tenha certeza de que os pensamentos sobre o porquê estejam passando na mente de todos, até mesmo na minha. Os dois sempre me pareceram possuir um tipo de amor inabalável. A confiança entre eles é nítida e a intensidade com que se encaram é o suficiente para deixar o ar do cômodo suspenso.

Eles são como deuses inalcançáveis, mas, aparentemente, os problemas chegam até mesmo no paraíso.

Só que essa não é uma história minha para ser contada e eu sequer saberia explicá-la, nem mesmo se soubesse cada detalhe sobre como o filho do prefeito acabou com a filha do reitor. Ou conhecesse o motivo pelo qual ela negou seu pedido.

Alex fala sobre outra coisa e todos respeitam sua decisão. Acho que essa é uma das minhas coisas favoritas sobre os Víboras. Sobre *nós*.

O espaço do outro sempre é respeitado, mas no instante que for preciso, no momento exato que um precisar de ajuda, todos estarão lá. E não importa se nos formaremos daqui algum tempo, não importa se nos mudarmos e cada um começar a seguir sua vida fora da faculdade, porque no instante que um precisar, o apoio incondicional e a ajuda chegará.

Porque se um cair, todos irão cair juntos até encontrarmos uma forma de se reerguer.

Entrar para os Víboras é mais do que aceitar fazer parte de uma fraternidade, me tornar um deles foi como ter sido aceita em uma família. Foi me sentir amada e acolhida. Foi ver pessoas tão diferentes de mim se encaixando na minha forma de pensar e agir.

Entrar para os Víboras é ter ciência de que formará um laço que nunca poderá ser cortado. É conhecer o significado de lealdade e amor, mesmo em tão pouco tempo.

Olho por cima do ombro para encarar Nolan e ao fazer isso, já encontro seus olhos sobre mim. Ele sorri e meu coração transborda.

Nós não somos como o fogo e a água que encontram uma forma de ficarem juntos, igual Trent e Morg. Não somos a tranquilidade em meio ao caos, igual Aiden e Nick. Não somos a luz e a escuridão formando um belo eclipse, igual Kian e Vic. Não somos imbatíveis como deuses, igual Alex e Hunter.

Não, nós somos como a tristeza e a solidão, que se encontraram e descobriram quão bela a vida pode ser.

Ele me mostrou o que realmente significa um lar, ele abaixou minhas defesas e me provou quão bom pode ser amar. Nolan me fez ficar, quando a vida inteira eu fui embora. Nolan me fez sentir, quando durante

anos eu escolhi ser vazia. Nolan me fez viver livremente, quando eu não me importava se estava viva.

E por ele, porque eu o amo mais do que achei ser possível, e porque ele possui um brilho único que eu tenho medo de que se apague. Por ele e apenas por ele, eu serei sua sombra.

Eu não deixarei que nada de ruim se aproxime, eu afastarei qualquer escuridão que ameaçar tocar em um único fio de cabelo seu e o protegerei com minha própria vida.

Porque, sim, Nolan também foi o desafio que me conquistou, mas agora se tornou o único que já me amou e a única pessoa no mundo pela qual eu escolheria morrer para que pudesse viver.

E quem ousar se colocar no meu caminho, quem ao menos pensar em tocar e machucar o que me pertence, é melhor implorar para ir direto para o inferno. Afinal, antes conhecer o diabo do que descobrir o que sou capaz de fazer para manter Nolan feliz e salvo.

OceanofPDF.com

OceanofPDF.com

AGRADECIMENTOS

Eu ia começar falando que chegamos no fim de uma era, mas vocês já sabem que esse ainda não é o final.

Ao menos, não o definitivo.

Então, ao invés de começar me despedindo, vou começar agradecendo — até porque isso é um agradecimento KSKSK.

Enfim, obrigada.

Obrigada Nolan por ter me mostrado seu lado mais feio e por ter permitido que eu conhecesse a Liz. Obrigada Rav por ter deixado que eu me aproximasse, mesmo estando tão acostumada com a solidão. Obrigada Alex por sempre estar ao lado deles, independentemente do erro que eles cometessem. Obrigada a todos os Víboras por terem me permitido escrever suas respectivas histórias.

Durante o último, vivi experiências incríveis. Eu ri, chorei, participei de festas, lutas e corridas ilegais. Eu me apaixonei junto com eles, me senti dentro de cada momento e fiquei tão imersa nesse universo que não queria nunca sair dele.

Então, muito obrigada por isso, por me fazerem tão imensamente feliz.

Os Víboras foram meu refúgio e essas histórias verdadeiramente me salvaram.

Por isso, deixo aqui meu mais sincero obrigada.

Obrigada. Obrigada. Obrigada.

Obrigada também a todas as pessoas que estiveram por trás desse lançamento.

Obrigada Dessa por sempre estar ao meu lado, por sempre ser a primeira a ler toda migalha que coloco no arquivo e por aguentar meus erros absurdos antes de todo mundo. Obrigada Ani por cada metinha e por ter brigado tão fervorosamente pelo Nolan, saiba que ele é todo seu!! Obrigada Dih por suas mensagens incentivadoras que me deixam tranquila quando estou surtando. Obrigada Judy pelos vídeos chorando e por pegar cada uma das minhas referências. Obrigada Mari por nunca me deixar sozinha, mesmo quando eu sumo e sou uma péssima amiga.

Eu amo muito vocês e sou tão feliz por tê-las em minha vida que jamais serei capaz de colocar em palavras toda minha gratidão

Obrigada. Obrigada. Obrigada.

Obrigada Lari por me cobrar quando é preciso e por controlar minha boca de sacola (do contrário, as pessoas saberiam o livro inteiro antes mesmo de eu finalizá-lo). Obrigada Gabi e Amanda, as melhores revisoras da vida, por cada surto, comentário, correção e puxão de orelha.

Obrigada Hanny, minha ilustradora favorita do mundo inteiro, por nunca se opor às minhas ideias loucas, mesmo que constantemente elas venham no meio da madrugada. Obrigada Mi por sempre me apoiar nas loucuras da escrita e no planejamento. Obrigada @fox_design por aturar minhas trezentas mudanças nos posts e minhas alterações quase diárias no cronograma.

Também amo muito vocês e nada desse lançamento teria sido possível se eu não as tivesse ao meu lado.

Obrigada. Obrigada. Obrigada.

Obrigada mãe pelo seu apoio incondicional, por acompanhar tudo o que posto e ser minha maior fã. Obrigada por sempre fazer perguntas sobre o que estou escrevendo — mesmo quando chega cansada e está sem tempo

— e por querer comprar briga com meio mundo cada vez que me vê chorando.

Obrigada Nini por sempre ser a minha cobaia (cof cof...), obrigada por sempre vir ao meu quarto só para não me deixar sozinha, obrigada por ver doraminha comigo e por ser a minha pequena — maior do que eu — irmãzinha.

Obrigada Mainara por sempre me fazer rir, obrigada por demonstrar seu carinho de um jeito torto, obrigada por me aceitar fazendo bagunça na sua cama todas as vezes e por não reclamar — só um pouco — da minha demonstração excessiva de afeto.

Obrigada Marley por nunca sair do meu lado — nem mesmo quando vou ao banheiro KSKS. Obrigada por sempre lamber minhas lágrimas e conseguir me deixar feliz somente em ver abanar seu rabinho para mim.

Obrigada Mari por ter se tornado praticamente um membro da minha família. Meus dias são melhores com seus áudios, amo ser seu querido diário e não consigo mais imaginar minha vida sem tê-la ao meu lado.

Obrigada Deus por ser a minha base. Obrigada por se fazer tão presente diariamente na minha vida e por todas as inúmeras coisas boas que o Senhor já me concedeu. Obrigada por me acalmar quando estou em desespero e por me dar força para aguentar mais um dia mesmo quando eu quero desistir.

Obrigada meus guias por serem meu porto seguro. Obrigada por me ajudarem em qualquer que seja a situação, por me guiarem quando estou perdida e por sempre me receberem quando volto para "casa".

Vocês são meu lar e me permitem respirar, mesmo quando o ar é rarefeito. Então, obrigada por existirem e estarem sempre ao meu lado.

Eu amo vocês mais do que amo a mim mesma.

Gratidão. Gratidão. Gratidão.

Obrigada às minhas parceiras, ter vocês comigo é essencial. E obrigada também às *book influencers*, o trabalho de vocês é incrível e sou grata por darem uma chance para mim, de verdade.

Deixo aqui um agradecimento especial ao meu grupo de leitoras. Sério, vocês não imaginam o bem que me fazem!

Nesse exato instante são 00:00 (aqui em Portugal) e estou fazendo o agradecimento em cima da hora. Vocês estão surtando por um vídeo da @bookwithmari e falando o quão ansiosas estão para o lançamento.

E, sendo sincera, eu confesso que estou com medo, admito que sempre tenho medo. Minhas mãos tremem em ansiedade e meus olhos pinicam com vontade de chorar. Mas, mesmo assim, sei que terei vocês.

Mesmo se o livro não ranquear bem, mesmo se tiver inúmeras avaliações negativas e se alguém vier me criticar, eu tenho vocês. Então, muito obrigada por se tornarem uma parte minha tão primordial.

E, bom, para os meus leitores de modo geral, obrigada por tudo! Obrigada por me permitirem realizar meus sonhos, obrigada por me apoiarem em cada loucura, obrigada por toda mensagem de incentivo e por serem minha segunda família. Enquanto eu os tiver, eu tenho tudo.

E se estou aqui hoje, é graças a vocês.

Então obrigada.

Não sei se você já me conhece ou se essa é a primeira vez que leu algo meu, mas independentemente disso, saiba que sou grata.

Gratidão. Gratidão. Gratidão

Gratidão a todos.

Gratidão por tudo.

E se você chegou até aqui, meus parabéns! Sei que as vezes falo um pouquinho demais KSKSKK (eu ri de desespero).

Enfim, espero muito que vocês tenham amado ler a história deles tanto quando eu amei escrever e que venha surtar comigo no Instagram ou no nosso grupinho. Obrigada mais uma vez e, se possível, avalie o livro aqui na Amazon porque me ajuda muitooo!

Recadinhos da Nininha: Amo vocês, se hidratem sempre, durmam as oito horas por dia que o corpo precisa, não faltem a faculdade/trabalho para ler, não larguem a terapia e não aceitem um amor inferior a esse.

Com amor, Nina.

Dizem por aí *que Cha Eun-Woo*, o homem mais lindo do mundo — na concepção dessa autora que vos fala — será o avatar do próximo livro. Fontes confirmam que ele é um grande gostoso e que inúmeros edits dele já estão prontos. Seu nome será Blake e, não sei se já posso falar sobre isso, mas aparentemente ele já tem mais de seis ilustras prontas e talvez até tenha uma hot no meio dessas...

Ass: Nininha fofoqueira.

OceanofPDF.com

SOBRE A AUTORA

Nina Queiroz tem idade suficiente para ser presa no Brasil enquanto não pode nem mesmo beber nos EUA. Odeia falar de si mesma, mas ama falar sobre qualquer outro assunto.

Vive em um mood eterno de leitora surtada oitenta por cento do tempo e os vinte restantes se dedica a ser uma escritora doidinha. Mora atualmente em Fortaleza, adora animais, ama dançar (mesmo parecendo uma lombriga/ boneco do posto) e detesta palhaços (embora seja seu emoji da vida e se identifique muito com eles).

Se considera romancefóbica (palavra inventada) já que se recusa a ler qualquer coisa que não tenha romance, precisa ter ao menos um casalzinho para aquecer o coração (fontes confirmam que ela já shippou uma abelha e uma humana na falta de um casal decente).

Come quando está ansiosa e fala demais quando está nervosa. Adora surtos e inclusive aguarda eles ❤ .

Onde encontrá-la:

Instagram:@ninaqueirozautora

Gmail: autora.nina.queiroz@gmail.com

[1] Vilã do filme *"Enrolados"*, o favorito do Nolan.

[2] O *La Rose Noire Droptail* é um *roadster* de dois lugares produzido numa edição limitada só para milionários.

[3] Vilão de *A Princesa e o Sapo*.

[4] O Ácido Hialurônico é uma substância que está presente naturalmente em nosso organismo. Ele é muito conhecido por manter a hidratação da pele e também por combater o envelhecimento, dando sustentação.

OceanofPDF.com